

“Quando um gato entra na toca dos ratos, ele não vai embora deixando-os ilesos. Eu sabia como aquela história iria terminar. Ele mataria nós duas.”



Gordon Reece **ratos**



# DADOS DE COPYRIGHT

---

## **SOBRE A OBRA PRESENTE:**

**A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO**

---

## **SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:**

**O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.**

---

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER  
UNIDO NA BUSCA DO  
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS  
LUTANDO POR DINHEIRO E  
PODER, ENTÃO NOSSA  
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM  
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**

---



GORDON REECE

# ratos

TRADUÇÃO DE  
Carolina Caires Coelho



Copyright © 2010 Gordon Reece  
TÍTULO ORIGINAL Mice

PREPARAÇÃO  
Elisa Nogueira

REVISÃO  
Fatima Amendoeira Maciel  
Umberto Figueiredo Pinto

REVISÃO DE EPUB  
Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE EPUB  
Simplíssimo

E-ISBN  
978-85-8057-139-4

Edição digital: 2013

*Todos os direitos desta edição reservados à*  
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar  
22451-041 – Gávea  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)

*Para Joanna*

MINHA MÃE E EU vivíamos em um chalé a cerca de meia hora da cidade.

Não foi fácil encontrar uma casa que satisfizesse todas as nossas exigências: no campo, sem vizinhos, três quartos, jardins na frente e atrás. Uma propriedade que fosse antiga (ela precisava ter “personalidade”), mas que ao mesmo tempo tivesse todas as comodidades — um sistema moderno de aquecimento central era essencial, pois detestávamos sentir frio. Deveria ser silenciosa. Deveria oferecer privacidade. Afinal, éramos ratos. Não procurávamos um lar. Procurávamos um lugar onde pudéssemos nos esconder.

Visitamos um grande número de imóveis com o corretor, mas, quando podíamos ver o telhado de uma casa vizinha por entre as árvores ou ouvir o barulho do trânsito à distância, trocávamos um olhar sutil que descartava aquela possibilidade. Seguíamos com a visita, é claro, escutando pacientemente enquanto o óbvio era explicado: *Esse é o quarto principal; esse é outro quarto; esse é o banheiro.* Acreditávamos que seria rude interromper a visita quando o corretor nos levara tão longe da cidade, e as chances de minha mãe se impor diante do convencido jovem com cabelos cheios de gel e um telefone celular que não parava de tocar (*Já vimos o suficiente, obrigada, Darren. Não estamos interessadas.*) eram as mesmas de ir até a lua. Ratos nunca são mal-educados. Ratos nunca são assertivos. E, assim, passamos muitos sábados visitando casas nas quais não tínhamos qualquer interesse.

Finalmente, porém, fomos levadas ao Chalé Madressilva.

Não era a casa mais bonita que tínhamos visitado — com uma fachada de tijolinhos marrons, janelas pequenas, telhas de ardósia cinza e chaminés com manchas de fuligem, a residência tinha mais jeito de “cidade” que de “campo”. Mas *era* perfeitamente afastada. Cercada por todos os lados por hectares de terra, o vizinho mais próximo ficava a quase um quilômetro. Só era possível chegar até o chalé por uma estrada tortuosa e estreita, que permitia a passagem de apenas um carro por vez e

serpenteava até o enorme jardim. Com curvas fechadas e margeado por uma vegetação alta que obstruía a visão, o caminho mais parecia um labirinto que uma estrada pública. Pela primeira vez, não foi difícil acreditar em Darren quando ele disse que poucos motoristas se aventuravam por ali, temendo ficar presos atrás das lentas máquinas agrícolas. A estrada comprida e ladeada por árvores que vencemos para chegar à casa, com seus buracos e ondulações, apenas aumentava a impressão de que o Chalé Madressilva ficava longe demais da rodovia principal para que as duras realidades do mundo nos encontrassem.

Era também maravilhosamente silencioso. Quando saímos do 4x4 de Darren em um dia úmido do início de janeiro, o silêncio foi a primeira coisa que notei. Estava ali quando os pássaros nas árvores acima de nós pararam de gorjear e Darren cessou momentaneamente seu incansável discurso de vendas (*Adoro essa casa. É verdade! Eu me mudaria para cá amanhã, se pudesse*); estava ali, o som mais maravilhoso que existe: a total *ausência* de som.

Os proprietários, Sr. e Sra. Jenkins, eram um casal de idosos. Eles nos receberam à porta, com seus cabelos grisalhos e bochechas vermelhas, segurando suas canecas de chá encostadas aos grossos casacos de lã e rindo sem que ninguém houvesse dito nada particularmente engraçado. O Sr. Jenkins explicou que eles voltariam a morar na cidade em decorrência da saúde da Sra. Jenkins — “coração fraco”, como disse ele —, pois não queriam estar ali, “no meio do mato”, se algo errado acontecesse. Estavam muito tristes por precisarem partir, segundo ele afirmou, e nos garantiram que passaram ali trinta e cinco anos maravilhosos. *Sim, trinta e cinco anos maravilhosos*, repetiu a Sra. Jenkins, como uma mulher acostumada a ser pouco mais que um obediente eco do marido.

Eles nos acompanharam na típica e desconfortável visita a uma nova casa: gente demais tentando se espremer para caber nos corredores estreitos e nos cômodos, além da confusão diante de todas as portas (*primeiro você; não, primeiro você*). Enquanto passávamos de um cômodo a outro, eu sentia o olhar do Sr. Jenkins voltar a mim repetidas vezes, tentando entender

como uma tímida garota de classe média poderia ter aquelas cicatrizes horríveis no rosto. Fiquei aliviada quando eles nos levaram pela cozinha até o jardim dos fundos, pois pude me manter um pouco mais para trás e evitar aqueles curiosos olhos azuis.

O Sr. Jenkins era um excelente jardineiro e estava determinado a garantir que soubéssemos disso. Caminhamos atrás dele pelo jardim enquanto ele exibia as árvores frutíferas, a horta e os dois celeiros, que eram os mais limpos e organizados que eu já havia visto — cada ferramenta estava em seu gancho, e até mesmo as luvas de jardinagem tinham seus próprios pregos, marcados com os nomes *Jerry* e *Sue*. Ele nos mostrou o adubo fedido que produzia, exclamando vaidoso: “Aqui está: meu orgulho e minha alegria!”, e nos levou até a fileira de ciprestes que plantou quando eles chegaram ali. As árvores tinham mais de dez metros de altura e, enquanto ele falava sobre a beleza dos troncos, olhei atentamente através da vasta folhagem. Além dela, havia somente a terra marrom das fazendas vizinhas, estendendo-se por uma grande distância.

O Sr. Jenkins era especialmente vaidoso de seu jardim da frente. O amplo gramado, perfeitamente aparado, era cercado por diversas espécies de plantas e arbustos que ainda mostravam cores vivas aqui e ali, apesar de ser inverno.

— É importante ter plantas que florescem no clima frio e muitas sempre-vivas — disse ele à minha mãe. — Caso contrário, perde-se toda a cor durante o inverno.

Mamãe, tentando mudar de assunto, disse não entender muito sobre jardinagem, mas o Sr. Jenkins viu o comentário como uma oportunidade para reparar essa falha, e deu início a uma longa palestra sobre os diferentes tipos de solo.

— Esse — disse ele — é um solo arenoso. É um pouco seco, um pouco *faminto*. Precisa de muito adubo, fertilizante, turfa...

Afastei-me, incapaz de continuar escutando-o tagarelar sem parar.

— Folhas... fertilizante artificial... extrato de pedra calcária.

Pensei tê-lo ouvido dizer “sangue seco” em determinado momento, mas decidi que ouvira mal.

Continuei caminhando, enquanto a voz irritante se tornava um fraco murmúrio atrás de mim, até que meu trajeto foi bloqueado por um canteiro de rosas grande e oval no centro do gramado. As flores haviam sido arrancadas sem delicadeza, e as roseiras pareciam erguer seus caules amputados para o céu em protesto. O canteiro tinha aspecto de abandonado. Boa parte da terra estava remexida, e aquilo me lembrou uma cova recém-aberta.

Observando os outros arbustos e plantas no jardim, percebi que não sabia o nome de quase nada. Se eu quisesse mesmo ser uma escritora, certamente precisaria resolver aquilo. Escritores sempre sabem os nomes das flores e das árvores; isso faz com que pareçam mais confiáveis, mais oniscientes. Decidi que a primeira coisa que faria quando nos mudássemos (pelo olhar sonhador no rosto de mamãe, soube que aquela seria nossa nova casa) seria aprender os nomes de todas as flores e árvores do jardim — seus nomes comuns e em latim.

Quando voltei para perto de mamãe, o Sr. Jenkins não pôde mais controlar sua curiosidade:

— E o que aconteceu com você, minha querida? — perguntou ele, indicando, com um movimento vago das mãos, minhas cicatrizes.

Mamãe instintivamente me puxou para perto dela e respondeu por mim:

— Shelley sofreu um acidente. Um acidente na escola.

MINHA MÃE COMPROU o Chalé Madressilva com o dinheiro que recebeu após o divórcio. Uma mixaria. Meu pai — um advogado de família, acredite se quiser — trocou minha mãe e eu, há um ano e meio, por sua secretária, uma mulher com inacreditáveis trinta anos a menos, jeito de boneca sexy e decote sempre profundo. (Ela era só dez anos mais velha que eu! E eu ainda deveria vê-la como minha “nova mãe”?) Os aspectos do divórcio relativos às finanças e à minha custódia se arrastaram por quase um ano. Meu pai disputava com minha mãe como se ela sempre tivesse sido sua pior inimiga, e não sua esposa por dezoito anos, e tentou tirar tudo que ela possuía — inclusive eu.

Mamãe engoliu muitas coisas — ela abriu mão de seu direito a uma parte dos rendimentos de meu pai e de uma pensão, e até devolveu alguns dos presentes que ele lhe dera durante o casamento, como ele exigiu tão petulantemente —, mas se recusou a se separar de mim. O juiz declarou que, por ser uma garota de catorze anos “excepcionalmente inteligente”, eu tinha capacidade de decidir sozinha com quem preferia morar. Como eu desejava desesperadamente viver com minha mãe, o pedido de guarda de papai foi finalmente recusado. Quando ele percebeu que não poderia punir minha mãe pelos anos de dedicação afastando-me dela, mudou-se para a Espanha com “Zoe”. Apesar de, aparentemente, me amar tanto a ponto de exigir que eu morasse com ele, meu pai partiu sem sequer dizer adeus e eu nunca mais tive notícias.

• • •

TODA A PAPELADA PARA A COMPRA da casa foi resolvida com uma rapidez incomum, e nos mudamos para o Chalé Madressilva em menos de um mês, no final de janeiro. Era um daqueles estranhos dias de inverno no hemisfério norte, em que o céu fica cheio de nuvens escuras e carregadas em um momento e, no outro, o sol brilha firmemente, como se a primavera chegasse mais cedo, apenas para ser afastada novamente por mais nuvens macabras, que trazem um vento terrível e gotas de chuva gelada.

Os homens que fizeram a mudança, mascarando chiclete e exalando um forte odor corporal, caminhavam para dentro e para fora da casa com botas cheias de lama, sugerindo em alto e bom som que o trabalho os deixava com muita sede e que seriam capazes “de matar por uma xícara de chá”. Minha mãe, obedientemente, levou para eles xícaras de chá com leite, em uma bandeja, e adicionou três ou quatro torrões de açúcar em cada uma, conforme instruíram, e então eles se sentaram na calçada, bebendo e fumando, recostados nas caixas que deveriam estar carregando. Um deles viu minha mãe reparar num feio arranhão que surgiu na lateral do piano e explicou-se grosseiramente:

— Não fizemos isso, querida. Já estava assim.

Ela voltou rapidamente para dentro de casa (*ratos têm pavor de confrontos*), e todos riram.

Eles a pressionaram para que pagasse em dinheiro — incluindo a meia hora que gastaram bebendo chá e imitando o sotaque “chique” dela — e, finalmente, foram embora, deixando pontas de cigarro jogadas entre as flores.

• • •

NÃO ME ARREPENDEI de trocar a luxuosa casa na cidade, onde morei por quase toda a minha vida, pelo modesto conforto do Chalé Madressilva. A casa na cidade deixara de ser meu lar quando as negociações relativas ao divórcio começaram; então, ela se tornou a *propriedade matrimonial* — uma peça valiosa, capaz de fazer os advogados tramarem como se fossem dois habilidosos jogadores de xadrez. Uma *propriedade matrimonial* nunca pode ser um lar feliz.

Havia muitas lembranças ali — boas e ruins. Eu não saberia dizer quais eram mais dolorosas: meu pai fantasiado de Papai Noel quando eu tinha sete anos, entregando-me um pequeno hamster de pelos dourados, que tremia em suas mãos, cuidadosamente unidas em concha; meu pai, perigosamente bêbado, chutando a porta da frente, sete anos depois, porque era sua vez de “ficar” comigo no final de semana e eu me recusava a ir com ele; a festa de quinze anos de casados de meus pais, quando eles dançaram de rosto colado, na sala, diante de todos

os amigos ao som de “Wonderful Tonight”, de Eric Clapton; três anos depois, meu pai empurrando minha mãe com tamanha ira que fez com que ela caísse no chão e quebrasse um dos dedos. *Tudo naquela mesma sala...*

Havia outro motivo pelo qual eu estava aliviada de deixar a *propriedade matrimonial*, uma razão que eu relutava em admitir até para mim mesma. Era a tentação de continuar amando meu pai. Apesar da forma desprezível como ele nos tratou e de meus esforços para pensar nele como a pior pessoa possível, ainda era difícil romper o laço de sangue. Em todos os lugares havia lembranças de seu outro lado, da gentileza da qual ele era capaz e do quanto nos divertíamos juntos. Havia a casinha na árvore que ele construiu para mim quando eu tinha seis ou sete anos, as belas prateleiras que instalou em meu quarto antes do ensino médio, e a coleção de clássicos infantis encadernados em couro que comprou para mim em Londres (foi meu pai quem me incentivou a ser uma escritora, foi *e/ele* quem plantou essa semente). Na garagem, onde ele costumava se exercitar — e onde ainda podia sentir um fraco cheiro de seu suor —, havia um velho alvo no qual brincávamos de acertar dardos, rindo histericamente.

Porém, a lembrança mais forte de meu pai talvez viesse sempre que eu me olhava no espelho e via seus olhos castanhos me encararem. Nunca fui tão próxima de meu pai quanto de minha mãe, mas, quando vivíamos momentos felizes, quando eu era pequena e ele me levantava contra os raios de sol como se tentasse ver através de mim, esses momentos com ele eram, de certa forma, *muito melhores*.

Guardei esse segredo de minha mãe, é claro, pois isso a deixaria magoada. Contudo, enquanto permanecemos na *propriedade matrimonial*, a terrível tentação persistiu e, se minha mãe e eu discutíssemos por qualquer motivo, esse sentimento subitamente crescia. Com a mudança, eu esperava que essa emoção invasora como um cavalo de Troia perdesse a força e, por fim, sumisse completamente.

• • •

O CHALÉ MADRESSILVA significou um recomeço. Eu adorava a cozinha, com os armários antigos, o piso terracota e a mesa de pinho escovado — o cômodo estava sempre quente e confortável, independentemente de quanto o clima fosse ruim; fazíamos então todas as refeições ali. Eu adorava a maneira como a sala de estar se unia à sala de jantar, sem uma parede para dividi-las, de forma que, mesmo em atividades diferentes, eu sempre sentia que minha mãe estava por perto. Eu adorava a lareira com acabamento de pedra calcária, a prateleira de carvalho polido acima dela e os pequenos losangos das janelas em estilo Tudor. Eu adorava a desgastada escada de madeira, cujo quarto degrau fazia sempre um barulho alto, não importava como pisássemos. Eu adorava meu quarto, com as vigas de madeira do teto expostas e um banco construído junto à janela, onde eu podia ler por horas a fio aproveitando a luminosidade mais pura e mais clara que já conheci. Eu adorava abrir as cortinas pela manhã e ver o recorte formado pelos campos arados em vez das idênticas casas de tijolos vermelhos nos bairros mais caros, todas com uma BMW ou uma Mercedes na frente. Principalmente, eu gostava de levar uma cadeira para o jardim dos fundos, sentar-me e observar as nuvens em sua lenta transformação, parecendo cera colorida em uma daquelas luminárias de lava.

Fitando o céu, eu gostava de imaginar que vivia em uma época mais simples e inocente — de preferência antes de surgirem os seres humanos, quando a Terra era um vasto paraíso verde e quando a crueldade de ferir apenas por puro prazer era completamente desconhecida.

MAMÃE FOI UMA JOVEM advogada brilhante, descoberta por uma das melhores firmas de advocacia de Londres enquanto ainda estava na universidade. Aceitou o emprego quando se formou, mas trabalhar na empresa não funcionou para ela. Minha mãe detestou viver em Londres, com as multidões agressivas, os metrô lotados na hora do *rush* e os moradores de rua bêbados com suas caras inchadas (*Londres não é lugar para um rato*), e, após quatro anos, decidiu mudar-se para o campo. Ela conseguiu um emprego na Everson's, a maior firma de advocacia da cidade, onde conheceu meu pai, que era oito anos mais velho e sócio da empresa. Após namorarem por pouco mais de seis meses, ele a pediu em casamento.

Sempre me perguntei, sendo eles tão diferentes e dada a maneira como o casamento terminou, por que meu pai escolheu minha mãe e por que ela se deixou escolher por ele. Não tenho dúvidas de que ele se sentia atraído — as fotos do casamento mostram como ela era linda, com traços fortes e sorriso arrebatador. Contudo, tenho certeza de que ele também viu um desafio em conquistar o coração daquela moça tímida e diferente, graduada com louvor e dona de reconhecido talento para a advocacia. Talvez, após suas experiências em Londres (seu apartamento foi invadido, sua bolsa foi roubada em plena luz do dia), minha mãe quisesse alguém forte como papai a seu lado para protegê-la. Talvez tenha imaginado que a força dele seria magicamente transferida para ela. Ou talvez tenha apenas sido conquistada por sua aparência e seu charme: papai sempre foi galante — mesmo quando criança, eu percebia, com ciúmes, o efeito que seu sorriso fácil exercia sobre outras mulheres.

Quatro anos depois que nasci meu pai insistiu para que mamãe largasse o emprego e ficasse em casa, cuidando de mim em tempo integral. Disse que não queria que sua filha passasse de babá em babá, como se fosse um pacote; disse que não queria que sua filha voltasse da escola para uma casa vazia, pois os pais estavam ocupados trabalhando; disse que o salário dele era mais que suficiente para manter a família e que não havia necessidade de ambos trabalharem. Sua insistência em nada

estava relacionada (*obviamente*) ao fato de mamãe estar prestes a ser promovida a sócia. Nem estava relacionada (*obviamente*) a ela ser considerada uma das melhores advogadas da firma ou à realidade de que sua mente perspicaz fazia meu pai se sentir, em muitos momentos, inadequado e estúpido.

Mamãe fez o que ele queria, obedientemente. Afinal, ele sabia o que era melhor; era mais velho, era sócio na empresa, era *homem*. Como ela poderia resistir, ainda que quisesse? Como um rato resiste a um gato? Por isso, ela abriu mão do emprego que amava e, durante catorze anos, dedicou-se a cuidar de mim e da casa — cozinhar, fazer compras, lavar, passar —, enquanto meu pai se tornava um dos principais sócios da Everson's.

Quando ele a abandonou, ela estava com quarenta e seis anos. Seu conhecimento jurídico estava completamente desatualizado — abandonado como uma fruta que apodrece no pé. Seu registro profissional não era renovado havia catorze anos.

O único emprego que conseguiu foi como “assistente jurídica” na firma de advocacia Davis, Goodridge & Blakely, em uma das ruas mais decadentes da cidade, atrás da linha do trem. Os sócios da empresa aproveitaram sua longa ausência do mercado como desculpa para lhe oferecer um salário risível. “É pegar ou largar”, disseram, e, é claro, ela pegou. Foi colocada em uma pequena sala, que dividia com duas secretárias, para que ficasse claro que era vista como pouco mais que outra secretária, e não como uma advogada qualificada, como deveria.

Os sócios, porém, logo perceberam quanto ela era competente, e se surpreenderam com a rapidez com que se inteirou de tudo o que havia perdido naqueles anos. Blakely, um fraco advogado da área criminal, descarregou nela um vergonhoso número de clientes, usando-a como assistente pessoal e faz-tudo; Davis, diretor do departamento de danos pessoais, passava a ela uma quantidade cada vez maior de seus processos mais problemáticos, nos quais ele havia trabalhado de forma tão desorganizada que mal sabia o que fazer em seguida.

Ao final do primeiro ano, mamãe já cuidava de alguns dos casos mais difíceis da empresa e recebia menos que as secretárias.

• • •

BRENDA E SALLY, as secretárias que dividiam a pequena sala com minha mãe, acharam que a mudança para o Chalé Madressilva era um erro, e não hesitavam em dizer isso.

— Shelley tem quase dezesseis anos, Elizabeth — dizia Brenda. — Vai querer encontrar os amigos na cidade, à noite...

— É verdade — continuava Sally. — Ela sairá para dançar todos os finais de semana, se for minimamente parecida com minha filha. E você passará a vida toda levando-a e buscando-a na cidade.

Minha mãe tentava manter sua vida particular *em particular* — ou tanto quanto fosse possível — sem ofender Brenda e Sally, que contavam alegremente, sem o menor embaraço, os segredos mais íntimos de seus casamentos.

Mamãe apenas corou e murmurou algo sobre não se importar e ter certeza de que Shelley não se aproveitaria disso. A resposta foi recebida com exclamações de protesto: *Elizabeth, você é tão ingênua!*

Brenda e Sally sempre diziam coisas desse gênero. *Elizabeth, você é boazinha demais! Elizabeth, por que você aguenta isso? Elizabeth, por que não se impõe?* Elas viram-na aceitar com humildade um aumento salarial verdadeiramente ofensivo, viram Davis e os outros advogados da empresa despejarem seus problemas na mesa dela e mal agradecerem quando eram resolvidos, viram Blakely constantemente pedir a ela, cinco minutos antes do fim do expediente, que trabalhasse até mais tarde ou “que analisasse um processo no final de semana”, porque sabia que ela era fraca demais para dizer não. Raramente se passava um dia sem que ambas lhe dissessem: *Elizabeth, você é tão ingênua!*

Minha mãe não contou a elas a verdade sobre mim, é claro. Não disse que eu não precisaria de carona até a cidade para encontrar meus amigos da escola porque eu *não tinha* amigos na escola. Nenhum. Não contou que eu fui vítima de um bullying tão agressivo que precisei sair do colégio e atualmente

estudava em casa. Minha mãe não contou a elas que, por orientação da polícia, nosso novo endereço não foi informado à escola para que *as garotas envolvidas* não o descobrissem.

*AS GAROTAS ENVOLVIDAS.* As três eram: Teresa Watson, Emma Townley e Jane Ireson.

Eram minhas melhores amigas desde que fomos colocadas na mesma turma, aos nove anos. Brincávamos juntas em todos os intervalos (de pular corda, de bambolê, de amarelinha, de mamãe posso ir) e nos sentávamos sempre juntas no refeitório da escola, para comer nossos almoços empacotados. Frequentemente nos visitávamos nos finais de semana e durante as longas férias escolares. Éramos inseparáveis, como uma patotinha, um clube. E até inventamos um nome — as JETS —, um acrônimo com nossas iniciais.

Analisando nosso passado, percebo que as coisas passaram a ir mal entre mim e as três muito antes de o bullying começar.

Quando tínhamos onze, doze, treze anos, éramos consideradas “boas meninas”. Levávamos nossos deveres a sério — comparávamos as respostas após o teste semanal de soletração, coloríamos todos os mapas como se fossem o teto da Capela Sistina e nos telefonávamos depois da aula para discutir as lições de casa mais difíceis. Eu sempre fui a melhor da turma em inglês e em artes. Emma (apelidada “Pippi Potter”: Pippi por causa de seus cabelos ruivos e Potter por seus óculos de aros redondos) parecia ter dom para a matemática; Jane, a mais séria de nós quatro, tocava violoncelo e fazia parte da banda da escola e de outra orquestra, na qual estudava e se apresentava aos sábados, e Teresa, com seus belos olhos e cabelo louro-avermelhado, queria ser atriz e adorava as aulas de teatro. Nós conversávamos durante a aula, claro, como todos os alunos, mas temíamos os professores; nunca sonharíamos em responder-lhes e eu não me lembro de nenhuma de nós metida em grandes problemas.

Por volta dos catorze anos, porém, elas começaram a mudar. *E eu, não.*

Emma trocou os óculos por lentes de contato e cortou os lindos cabelos em um penteado punk — raspado acima das orelhas e com uma faixa vermelha e espetada no centro. Jane

desistiu da música e parecia não se importar com suas tarefas da escola. Começou a pintar os cabelos de preto e as unhas também, para combinar. Seu corpo se desenvolveu e seus seios aumentaram, e, quando usava maquiagem, parecia ter mais de dezoito anos. Jane sempre arrumava problemas com os professores, mas nada do que eles fizessem — nem advertências ou suspensões — parecia incomodá-la minimamente. Era como se ela rejeitasse tudo relacionado à escola e vivesse como uma detenta numa prisão, contando amargamente os dias até que fosse libertada.

No entanto, foi Teresa Watson quem mais mudou. Ela passou a medir um metro e oitenta quase que do dia para a noite. Em vez de fofa e adorável, tornou-se magra e abatida. Seu corpo ficou seco, ossudo e feio; o rosto era sério e as bochechas pareciam duras como pedras. Teresa começou a usar roupas que desafiavam o código de vestimenta da escola — coturnos Doc Martens verdes, calças de cintura baixa, blusas curtas que deixavam à mostra sua barriga comprida e branca, e um grande piercing prateado na sobrancelha esquerda —, ainda que o diretor a alertasse, diversas vezes, para não ir à escola vestida daquela forma. Ela deixou os cabelos crescerem e usava-os repartidos ao meio e alisados. Conforme seu corpo ganhava essa rigidez, algo severo surgiu também em seus olhos verdes, duro e impiedoso. Algo vagamente ameaçador.

Saber o que aconteceu depois me faz pensar em como a aparência e o comportamento delas em relação a mim mudaram na mesma época. Sempre me perguntei se existia alguma conexão. Nossa aparência afeta nossa personalidade? Ou é nossa personalidade que afeta nossa aparência? A pintura corporal para a guerra transforma um índio covarde em um guerreiro corajoso? Ou um guerreiro corajoso se pinta para mostrar sua crueldade? Um gato sempre parece um gato? Um rato sempre parece um rato?

Independentemente da verdade, o fato é que não mudei. Eu ainda me esforçava nas aulas, ainda estudava para as provas e ainda coloria meus mapas. Ainda era a primeira da turma em inglês e em artes, e passei a ter as melhores notas também em

história, francês e geografia. E ainda me assustava quando um professor gritava. Mantive o penteado que usava desde os nove anos — cabelos lisos até o ombro, com franja. Cresci um pouco, mas não perdi minha forma infantil — ainda tinha dobras na barriga e minhas coxas roçavam uma na outra enquanto eu andava. Não comecei a usar maquiagem para ir à escola, como elas, porque mamãe sempre dizia que aquilo não faria bem à minha pele. Quando tinha espinhas, eu não mexia nelas (mamãe dizia que, se eu as cutucasse, meu rosto ficaria marcado), enquanto outras garotas espremiavam as suas com as unhas pintadas e afiadas e cobriam as pequenas feridas com base. Eu não usava brincos, colares, pulseiras ou anéis como elas, pois tinha alergia a tudo que não fosse de ouro, e também não gostava muito de joias — pareciam só servir para atrapalhar e eu tinha medo de perdê-las. Usava as mesmas blusas, casacos e saias de sempre para ir à escola, e os mesmos sapatos com fivelas laterais (Teresa dizia que eram meus “sapatos ortopédicos”), enquanto as outras se tornavam cada vez mais obcecadas por roupas e pela aparência.

Percebi que elas nunca mais pareceram felizes ao me ver quando eu as procurava no pátio da escola ou no refeitório. Quando estávamos juntas, a atmosfera passou a ser diferente — como se elas se divertissem com uma piada da qual eu não podia participar. Eu tinha a impressão de que me olhavam da cabeça aos pés com um pouco de nojo, e, pela primeira vez, preocupei-me com minha aparência, envergonhada da gordura em minha cintura, marcada pela saia, de minha franja de criança e dos cravos em meu queixo.

Percebendo como elas me olhavam, a expressão em seus rostos, dei-me conta da sensação — na qual eu não estava pronta para acreditar — de que minhas melhores amigas me achavam repulsiva.

Não brincávamos mais nos intervalos, ainda que eu quisesse, porque aquilo era “uma criança”. Em vez disso, elas queriam se esconder atrás de uma das salas de aula, onde os professores não pudessem nos ver, e mexer em seus celulares, desprezando-me cada vez mais por eu não ter um aparelho

(minha mãe não podia comprar nem mesmo para ela, e eu certamente não pediria para mim). Quando não mexiam em seus telefones, conversavam quase exclusivamente sobre assuntos que não me interessavam: música pop, roupas, joias e maquiagem. E, cada vez mais, falavam sobre *garotos*.

Eu era a única que não tinha namorado. Eu tinha catorze anos, prestes a completar quinze, mas ainda não entendia realmente aquela atração. Quase todos os garotos em minha escola eram grosseiros e mal-educados. Eles jogavam futebol como se fossem viciados naquilo e brigavam nos corredores; xingavam incessantemente, em um esforço desesperado para parecerem durões, e tentavam envergonhar as meninas com suas insinuações nojentas sobre sexo. Nós passamos anos detestando os meninos e mantendo distância. Agora, Teresa, Emma e Jane tinham namorados e falavam deles o tempo todo. Conversavam sobre suas tatuagens, os cursos que eles faziam, o *tuning* de seus carros e os machucados resultantes de esportes ou de brigas. Gostavam mais de conversar, porém, sobre o que fariam com os namorados nos fins de semana — a quais filmes assistiriam, em qual boate tentariam entrar, como penteariam os cabelos, qual bolsa comprariam para combinar com a calça jeans que também comprariam. Algumas vezes, eu percebia não ter dito uma única palavra durante toda a hora do almoço.

Hoje, analisando a situação, sei que deveria ter me afastado delas muito tempo antes e buscado novas amizades. Deveria simplesmente ter aceitado o fato de que nos tornáramos pessoas diferentes. Mas isso não era tão claro naquele momento; ainda que eu soubesse que as coisas estavam mudando e que sentisse uma hostilidade cada vez maior em relação a mim, não percebi o quanto aquilo era sério — afinal, tivéramos inúmeras discussões ao longo dos anos, todas rapidamente esquecidas. Além disso, era impossível imaginar a vida na escola sem elas. Eu não tinha outros amigos — nunca *precisei* ter outros amigos. Sempre tive Teresa, Emma e Jane. Nós éramos as melhores amigas desde os nove anos. Nós nos amávamos como irmãs. *Nós éramos as JETS.*

Eu não imaginava o quanto os sentimentos delas por mim se tornaram nocivos. E não imaginava o perigo que corria.

O BULLYING COMEÇOU em torno de março de meu terceiro ano do ensino médio. Ainda vivíamos na *propriedade matrimonial* — meu pai nos abandonara mais de seis meses antes — e a mudança para o Chalé Madressilva ainda demoraria dez meses.

Nunca entendi realmente o que despertou tal comportamento. Sei que venci um concurso de contos na escola mais ou menos nessa época e que fui premiada com uma pequena taça de prata em uma das reuniões matinais que envolviam todos os alunos. Sei que subimos na balança na aula de educação física e que eu era a menina mais pesada da turma. Sei que eu estava muito chorosa naquele mês, pois a audiência sobre a custódia pedida por meu pai ocorreria no dia vinte e quatro, e, ainda que o advogado de mamãe garantisse que não havia qualquer risco, eu estava petrificada de medo de o juiz determinar que eu vivesse com meu pai e com “Zoe”. Nossa antiga professora, a Srta. Briggs, que sabia sobre o divórcio, foi muito atenciosa comigo — quando percebia que eu estava chateada, não hesitava em abraçar-me e levar-me à sua sala, onde me animava e me oferecia uma xícara de chá de hortelã. Talvez elas tivessem ciúmes dessa atenção, talvez tivessem inveja do prêmio importante que recebi, talvez ser oficialmente a menina mais gorda da turma tenha feito com que eu, de repente, perdesse todo o direito de ser tratada como um ser humano... Não sei. Não faço a menor ideia. Talvez a crueldade tenha uma lógica própria.

Tudo começou lentamente, com comentários irônicos e depreciativos que poderiam ser vistos como brincadeiras, mas que logo perderam qualquer vestígio de bom humor e mostraram ser o que realmente eram: palavras hostis e maldosas, ditas para machucar. Eu fiquei em choque. Depois de tantos anos de amizade, o fato de minhas amigas já não gostarem de mim me deixou surpreendida, desnorteada. Eu tentei me afastar, mas havia sido transformada na diversão delas, em uma nova distração diante do tédio que era ir à escola. Elas procuravam por mim nos intervalos e na hora do recreio, e, mesmo que eu

tentasse me esconder desesperadamente, sempre me encontravam. Em uma variação grotesca de nossas antigas brincadeiras, elas dançavam ao meu redor, formando uma roda para que eu não escapasse, e gritavam os piores insultos nos quais conseguiam pensar, até me fazer chorar: *Seu pai abandonou você porque tinha vergonha, sua gorda idiota! É a mãe de Shelley quem coloca o absorvente nela!*

Todavia, os insultos verbais logo perderam a graça. Era preciso aumentar um pouco o nível de ódio para que a brincadeira continuasse interessante.

Elas passaram a vandalizar meus pertences. Todos os dias, quando eu voltava dos intervalos, encontrava uma nova maldade, uma nova violação: todos os meus lápis de cor quebrados ao meio, um trabalho de história que eu passara horas preparando cortado em tirinhas, cola derramada em meu sanduíche de pão integral, o conteúdo da lixeira da sala de aula despejado em minha mochila, uma minhoca tão longa quanto um cadarço de sapato esmagada dentro de meu livro de exercícios de inglês, as palavras CARA DE PIZZA e PORCA GORDA rabiscadas com caneta preta permanente na parte de trás de minha régua de madeira, os cabelos de meus duendes da sorte arrancados e seus rostos riscados, pedaços duros de cocô de cachorro enfiados em meu estojo da Hello Kitty.

Eu não podia contar aos professores, porque tinha certeza de que isso, a longo prazo, apenas pioraria a situação. Não queria dar às minhas perseguidoras motivos para ataques ainda piores — eu não entendia, naquela época, que a crueldade não precisa de motivos para suas atitudes. Além disso, não confiava na capacidade da escola de me proteger. Eu havia percebido como os professores — mesmo a Srta. Briggs — fingiam não notar o comportamento de Teresa, Emma e Jane, ignorando os palavrões e as ofensas: tudo por uma vida mais tranquila.

Eu deveria ter contado à minha mãe — hoje tenho consciência disso —, mas tive vergonha. Senti vergonha de dizer que tinha sido escolhida para receber aquele tipo de tratamento, como se eu carregasse um estigma que me diferenciava de todos os outros. O pior era que mamãe conhecia aquelas

meninas: havia preparado chás para elas, dera carona para elas, e acreditava que fossem minhas melhores amigas. Eu sequer considerava que ela soubesse o quanto me odiavam. E temia as perguntas que ela inevitavelmente faria: *O que aconteceu? Você fez alguma coisa que as chateou?*, porque, no fundo, eu não conseguia afastar a sensação de que aquilo estava acontecendo por minha culpa, a sensação de que, de certa maneira, *eu era a responsável*.

Além disso, contar à minha mãe ou à escola significaria confrontar minhas perseguidoras, e eu era completamente incapaz disso. Simplesmente não tinha essa força. Não tinha essa personalidade. Eu era um rato, não esqueça. Parecia-me mais natural não dizer nada, sofrer em silêncio, manter-me quieta e esperar não ser vista, e esgueirar-me pelos cantos à procura de um lugar seguro onde pudesse me esconder.

A única pessoa a quem pensei seriamente em contar toda a história foi a meu pai. Até Zoe aparecer, ele sempre me protegera. Ele até tentou me “endurecer”, como dizia, para que eu fosse capaz de me defender, incentivando-me a correr com ele e a treinar judô, e tentando compensar ou *supercompensar* o que considerava “a má influência” de minha mãe. Alimentei fantasias de ver meu pai entrar em ação e vir em meu socorro, como um super-herói das histórias em quadrinhos.

Mas eu sabia muito bem que papai não era um super-herói. Eu me lembrava de como ele havia se tornado grosseiro e arrogante. E vulgar (certa vez encontrei uma revista de pornografia escondida em sua pasta de trabalho). Eu tinha certeza de que Zoe o envenenava contra mim (*Shelley é uma garotinha fraca e mimada, estragada pela mãe!*). E por que não o faria? Ela não queria dividir o dinheiro dele *comigo*. Eu duvidava que meu pai fizesse qualquer coisa que irritasse Zoe. Duvidava que ele fizesse qualquer coisa que colocasse em risco seu acesso àquela boca provocativa e àqueles seios de atriz de filme pornô.

Eu tinha um número de telefone dele na Espanha, e quase liguei... Mas a ideia de Zoe atender fez meu estômago se revirar.

Papai já não fazia parte de minha vida.

A SUBMISSÃO SILENCIOSA não me salvou. Com o tempo, minhas “melhores amigas”, em vez de atacarem meus pertences, atacavam a mim, diretamente.

A primeira vez foi após um almoço na escola. Jane me segurou pelos cabelos enquanto Teresa e Emma enfiaram um pão doce na parte da frente de minha blusa. Em seguida, elas me empurraram e me puxaram, tentando amassar o pãozinho, para me sujar e envergonhar ao máximo. Quando tentei retirá-lo, Teresa me deu um forte tapa no rosto. O golpe e o barulho surpreenderam a todos — até mesmo a Teresa —, e eu podia jurar que ela pediria desculpas quando, subitamente, sua expressão se endureceu novamente. Ela segurou minha mão e puxou meus dedos para trás. A dor lancinante sufocou meus gritos.

Após esse episódio, ficou fácil para elas: a violência física se tornou um hábito.

Depois das aulas, eu escrevia em meu diário tudo o que elas faziam, sentada em meu quarto, com uma cadeira prendendo a porta para o caso de minha mãe tentar entrar. Atualmente, esses registros parecem estranhos, e não apenas porque aquilo que aconteceu em meu décimo sexto aniversário — meu próprio onze de setembro — fez com que os ataques anteriores parecessem bobagens. Fico chocada com a ausência de emoções, quase como se eu descrevesse algo ocorrido a *outra pessoa*. No mesmo diário existem páginas e mais páginas de desabafos emocionantes sobre o divórcio de meus pais, mas, assim que o bullying começou, os registros se tornaram mais curtos e reticentes; e conforme o grau de violência aumentava, eles se tornavam mais resumidos, quase simplistas — um mundo de sofrimento reduzido ao mínimo; a história da crucificação escrita no verso de uma caixa de fósforos.

MAIO: *Jane me empurrou contra a mureta a caminho da aula de artes, fazendo-me cair sobre os arbustos espinhentos... Emma me chamou de lésbica e arrancou as presilhas de meus cabelos — levando muitos fios também... Emma acendeu seu isqueiro diante de meu rosto e ameaçou me incendiar...*

JUNHO: *Teresa tentou me dar uma rasteira. Ela não acertava e me prendeu para que eu ficasse parada até que ela conseguisse. Fiquei com um hematoma enorme. Não posso deixar que mamãe veja... Jane e Teresa jogaram um de meus sapatos atrás do prédio do Departamento de Informática. Teresa me deu um chute forte na canela quando percebeu que eu o havia recuperado. Quase desmaiei... Teresa furou minhas costas com um compasso durante a aula de geografia. Fui ao banheiro e havia sangue na parte de trás da minha calcinha...*

Reconheço esse tom sonâmbulo e vazio quando vejo na tevê os sobreviventes de um deslizamento de terra ou as vítimas de uma explosão. *Escutei um estrondo forte. Vi muita fumaça.* Penso que quanto maior o trauma, menos adequadas as palavras se tornam, até enfrentarmos o maior de todos os testes, quando apenas o silêncio parece apropriado.

Porém, naquele junho eu quase consegui falar. Naquele junho, quase abandonei minha paralisia e abri o jogo...

As aulas daquele dia haviam terminado. Eu precisava ir para os ensaios de flauta, mas Teresa, Emma e Jane não me deixaram sair da sala. Elas me encurralaram atrás das carteiras e, quando tentei correr para a porta, puxaram-me até o fundo da sala.

Jane me deu uma gravata e, ajudada pelas outras, tentou bater minha cabeça contra o beiral de metal da janela. Lembro-me de, de repente, conseguir me livrar delas e correr para a porta, quando algo pesado — um dos enormes livros de física — acertou minhas costas com tanta força que mordi a língua.

Naquele momento, a Srta. Briggs entrou na sala, e as meninas rapidamente se afastaram e fingiram estar ocupadas com a estante de livros. A Srta. Briggs pegou os papéis que tinha ido buscar e estava prestes a sair quando me viu: paralisada, tentando conter as lágrimas.

— Está tudo bem, Shelley? — perguntou ela.

E foi então que quase contei. Foi quando a confissão quase saiu em uma onda de soluços e engasgos, mas notei o olhar de Teresa — frio e cruel, como o de um tubarão —, e perdi a coragem.

— Sim, senhorita — falei. — Está tudo bem, senhorita.

• • •

PRECISEI ME ESFORÇAR bastante para que mamãe não descobrisse o que estava acontecendo. Eu usava blusas de mangas compridas o tempo todo, a fim de esconder os hematomas em meus braços, e cachecóis para camuflar os arranhões no pescoço. Tinha de usar pijamas, e não mais a camisola de sempre, para que ela não visse as marcas amareladas e escuras em minhas canelas e coxas, como sintomas de alguma doença terrível e desconhecida.

Também passei a tomar banho antes que minha mãe chegasse do trabalho. Eu me trancava no banheiro do andar de cima e limpava as manchas em meus casacos e saias, nas partes que se sujavam quando eu era empurrada ou pressionada contra uma parede imunda, e até pregava os botões que eram arrancados quando elas me puxavam pela blusa. Em muitas ocasiões, limpei minha mochila com água e sabão, para remover qualquer imundice que elas houvessem colocado nela. Felizmente, sempre fui esquecida e distraída, por isso minha mãe acreditava quando eu dizia ter perdido minha lancheira, as presilhas de cabelo ou os lápis de cor.

Meu maior medo era que elas me enviassem e-mails agressivos e minha mãe descobrisse o que estava acontecendo. Apesar de raramente trocarmos mensagens, eu sabia que elas tinham meu endereço de e-mail e ficava petrificada em pensar que um dia mamãe abriria uma mensagem repleta das piores ofensas. Por isso, eu acordava mais cedo todos os dias e olhava minha caixa de entrada antes que ela descesse do quarto. Mas *as garotas envolvidas* eram espertas demais para me ofenderem pela internet. Sabiam que um e-mail poderia ser visto por minha mãe e, então, rastreado até elas, e estavam se divertindo demais para correrem esse risco.

Elas quebraram o silêncio virtual apenas uma vez. Numa manhã de sábado, abri uma mensagem de um remetente desconhecido, já esperando pelo pior. Era uma imagem pornográfica — um homem fazendo algo nojento com uma mulher —, tão horrível que até hoje não gosto de pensar nela.

Ainda estava na tela quando minha mãe se aproximou, atrás de mim, perguntando se havia novas mensagens. Quase não consegui apertar a tecla delete a tempo. (*Não, mãe, nenhuma mensagem nova.*)

Concluí que aquele e-mail fora consequência de um porre de Bacardi Breezer em uma noite de sexta, o que as deixou bêbadas demais para pensar, e nunca mais aconteceu nada parecido.

Contudo, apesar de meus esforços, minha mãe percebia que algo estava errado. Eu sentia suas antenas ligadas, tentando entrar em minha mente e descobrir o que mudara tão subitamente em mim. Se ela não estivesse tão ocupada naquele verão com o caso Jackson — uma ação envolvendo danos morais que Davis ignorara vergonhosamente e, então, pedira-lhe que preparasse para o julgamento —, tenho certeza de que teria descoberto.

Contei os dias até que o ano escolar terminasse e, finalmente — *finalmente!* —, as férias de verão chegaram para me salvar.

• • •

NO FINAL DE JULHO minha mãe e eu deixamos a obscuridade claustrofóbica da *propriedade matrimonial* e saímos de férias — passamos duas semanas em um chalé alugado em Lake District. Fomos agraciadas com um clima maravilhoso. Caminhamos pelas montanhas, alugamos bicicletas, seguimos trilhas marcadas por tinta vermelha nos troncos das árvores e nas rochas e nadamos nos lagos. Vagamos pelas belas cidadezinhas próximas, visitando antiquários e nos empanturrando de pãezinhos doces recheados com geleia em casas de chá tão silenciosas quanto bibliotecas.

À noitinha preparávamos comidas extravagantes e líamos durante horas. Minha mãe escolhia títulos da coleção de romances populares existente no chalé e lia em voz alta os trechos mais engraçados. Eu li *Macbeth*, um dos livros exigidos para meus exames do ano seguinte, anotando metodicamente todas as palavras que não conhecia em um caderno de exercícios que comprei especialmente para isso. Não pude evitar

imaginar os rostos de Teresa, Emma e Jane nas três bruxas — aquelas três “bruxas anormais” intervinham em minha vida como as outras três faziam na vida de Macbeth. Mas, pensava eu, que futuro essas bruxas reservavam para mim? Conforme lia, fiquei surpresa ao descobrir que fora *lady* Macbeth quem arquitetara o assassinato do rei Duncan, não Macbeth, como eu pensara, e peguei-me a me perguntar, considerando o que minhas “melhores amigas” haviam feito, se as mulheres seriam mesmo o sexo frágil. Seria possível que as mulheres na verdade fossem mais cruéis que os homens?

Em determinados momentos daquelas férias esqueci-me completamente de Teresa, Emma e Jane, de seus golpes e insultos e das dores após seus chutes; nesses momentos, também me esqueci do pai que me abandonou quando eu ainda precisaria tanto dele. Enquanto minha mãe e eu nadávamos em um dos lagos gelados, rindo, gritando e tossindo por causa do frio, ou enquanto eu a seguia pelas trilhas das montanhas, onde vacas amedrontadas se levantavam lentamente quando nos aproximávamos, eu esquecia os detalhes dolorosos de minha vida e era feliz.

Setembro, porém, logo chegou. Conforme o dia de voltar às aulas se aproximava, sentia-me mais cansada, com dores de cabeça e febril. Sempre que pensava na escola, meu estômago ardia acidamente. Eu não tinha fome e, na hora das refeições precisava lutar contra a náusea que sentia e forçar-me a comer o que estava em meu prato, para que minha mãe não desconfiasse. Não conseguia me concentrar em nada. Não conseguia ler duas linhas.

Na noite anterior ao início das aulas não consegui dormir, tentando me fortalecer para o que enfrentaria. Era o ano dos exames finais. Se eu me saísse bem o suficiente, poderia continuar na escola e me preparar para a universidade. Eu tinha certeza de que *as garotas envolvidas* não tinham qualquer intenção de permanecer na escola e sumiriam após as provas. Isso significava que eu precisava sobreviver a apenas um ano de aulas (*mantendo-me quieta, torcendo para não ser vista e esgueirando-me pelos cantos à procura de um lugar seguro onde*

*eu pudesse me esconder)* e, então, tudo terminaria. Eu estava confiante de que sobreviveria a um ano.

Pensei até que o bullying poderia ter acabado quando eu voltasse; que talvez as longas férias de seis semanas tivessem colocado um ponto final naquilo, assim como uma clareira aberta na floresta impede o fogo de prosseguir pela mata. Afinal, elas também fariam os exames e, ainda que não tivessem interesse em ir para a faculdade, precisariam de boas notas se quisessem ter bons empregos. Talvez estivessem preocupadas demais com elas mesmas para gastarem seu tempo comigo. Talvez o bullying diminuísse. Talvez parasse de vez. Talvez...

• • •

EU ESTAVA ERRADA, é claro. A partir do primeiro dia de aula o bullying recomeçou. Parecia que elas haviam sentido falta daquela rotina e tentavam recuperar o tempo perdido.

Os ataques alcançaram outro nível.

Obedientemente, registrei no diário os traumáticos relatos curtos e vazios de minha guerra secreta — o diário que permanecera gloriosamente branco ao longo do verão.

SETEMBRO: *Teresa socou meu rosto no banheiro feminino. Tive um forte sangramento no nariz, que não queria parar. Disse à minha mãe que caíra no corredor... Elas me seguraram no chão, Teresa puxou minha blusa e meu sutiã para cima e fez um vídeo com o celular. Ela disse: "Suas tetas feias vão parar no YouTube"... Elas me empurraram contra a parede do banheiro e se revezaram cuspendo em meu rosto...*

OUTUBRO: *Teresa bateu com sua bolsa em minha cabeça enquanto eu bebia água no bebedouro. Fiquei com um corte profundo no céu da boca... Elas me esperaram após as aulas e me surraram. Teresa sentou-se em cima de mim e soltou um pum na minha cara. Quando voltei para casa, vomitei duas vezes. Consegui limpar tudo antes que mamãe chegasse...*

O que me fez perceber que eu não conseguiria aguentar aquilo um ano inteiro — que eu não sobreviveria sequer ao *primeiro trimestre* — foi um incidente no final de outubro.

Percebi um cheiro estranho perto de minha mesa, certa manhã, depois do intervalo — um cheiro ácido que pareceu

piorar durante o dia. Ainda conseguia senti-lo ao meu redor enquanto caminhava para casa e comecei a suspeitar de que vinha de minha bolsa de ginástica. Assim que cheguei em casa sentei-me no chão da sala e tirei tudo o que havia na bolsa — talvez minha toalha estivesse úmida, eu tivesse esquecido dentro dela uma meia suja ou qualquer coisa parecida. Porém, minhas roupas de ginástica não cheiravam mal. Olhei dentro da bolsa, colocando a mão em todos os bolsos, mas não encontrei nada. Não sabia o que era. E ainda sentia aquele cheiro ácido e enjoativo.

Peguei meus tênis, para checar se alguma das solas estava suja, e algo caiu em cima de minha perna nua. Quando vi os olhos pretos cegos, o bico aberto e a trilha de veias sob a pele enrugada, gritei, histérica, e sacudi as pernas freneticamente, até que a coisa escorregou para o chão. Encostei-me em um canto e sentei-me ali, segurando os joelhos e chorando incontrolavelmente, balançando o corpo para a frente e para trás como uma maluca. Demorou bastante até que eu me acalmasse o suficiente para pegar o pardal morto e levá-lo à lata de lixo do quintal.

Então, soube que elas haviam vencido; foi quando percebi que já não poderia suportar o medo, a dor e a humilhação.

• • •

NUMA NOITE DE QUINTA-FEIRA, sentei-me em meu quarto e pensei em tudo da maneira mais prática possível. Mesmo se, por milagre, eu reunisse a coragem necessária para acusá-las, ainda estava convencida de que minha situação apenas pioraria; o diretor as chamaria na sala dele e elas negariam tudo. Não havia provas (nenhum dos alunos as delataria), por isso seria minha palavra contra a delas. Sem provas, o diretor, que era fraco e incompetente, além de paranoico a respeito de qualquer coisa que pudesse denegrir a imagem da escola, não tomaria nenhuma providência. Se eu as entregasse, elas estariam livres para me perseguir com ainda mais determinação, mais obsessão. Era tarde demais para pedir transferência para outra escola, faltando apenas dois trimestres

para os exames finais. Além disso, mesmo que pedisse transferência, elas sabiam onde eu morava.

As três garotas poderiam facilmente me encurralar ou, pior, poderiam levar sua campanha de ódio para dentro de minha casa — *minha casa!* —, o único lugar onde eu ainda me sentia protegida. Não conseguia suportar a possibilidade de que minha mãe encontrasse alguma obscenidade enfiada em nossa caixa de correio. Qualquer coisa, qualquer coisa menos isso.

Não parecia haver meio de escapar da existência miserável na qual eu me encontrava. Ou, aliás, parecia existir apenas um.

• • •

PLANEJEI TUDO sentada à minha escrivaninha como se estivesse fazendo apenas mais um dever da escola. Decidi que esperaria dois dias, até o sábado, quando minha mãe sairia para fazer as compras da semana em um supermercado em outra cidade. Eu costumava ir com ela, mas, dessa vez, inventaria uma dor de cabeça. Depois de pensar muito descobri a melhor maneira (usando o gancho na garagem, onde meu pai pendurava o saco de pancadas, e a grossa faixa de meu roupão de banho), e arranquei uma folha de meu caderno de exercícios para escrever um bilhete de despedida para minha mãe.

Porém, apesar de ficar à mesa por mais de meia hora, as palavras simplesmente não surgiam. Eu ainda não era capaz de contar a ela sobre o bullying, nem mesmo em um *bilhete* que ela só leria quando eu estivesse morta. Não conseguia entender realmente por que não era capaz de me abrir com ela. Tudo em que pensava era que não importa o quanto somos próximos de alguém, sempre existirão limites — fronteiras que simplesmente não somos capazes de atravessar, questões que nos tocam tão profundamente que não podem ser compartilhadas. *Talvez, pensei, aquilo que não conseguimos compartilhar com os outros seja o que realmente define quem somos.*

Eu rabiscava inconscientemente a folha de papel enquanto revirava frases de despedida em minha mente, e quando olhei para a mesa, não consegui conter um sorriso

amargo ao perceber o que eu havia desenhado. Era um rato. E ao redor de seu pescoço havia uma corda grossa.

Eu sabia que era tímida; sabia que tinha tendência a chorar com facilidade, a tremer e a perder a voz com qualquer reprimenda ou sinal de agressão, mas foram necessários meses de bullying até que eu finalmente compreendesse que eu era aquilo: *um rato, um rato humano*. E, ao mesmo tempo, percebi que aquele desenho era a afirmação mais eloquente que eu poderia deixar. Eu dobrei a folha, escrevi “Mamãe” e deixei-a na primeira gaveta, onde seria facilmente encontrada.

E assim minha existência teria chegado ao fim, como a vida de tantos outros ratinhos fracos antes de mim — enforcada em casa, os pés descrevendo círculos cada vez menores e as mãos mexendo-se em espasmos —, se minhas perseguidoras não tivessem preparado sua armadilha mais cruel no dia seguinte.

Aquele ataque perverso, ironicamente, salvou minha vida.

LEMBRO COM MUITO MENOS clareza do ataque que poderia ter me matado do que da maioria dos anteriores.

Fui ao banheiro feminino em um dos intervalos pois sentira fortes cólicas menstruais durante toda a manhã. Pensei ter escutado a voz de Teresa e de Emma, mas, quando saí do reservado, encontrei apenas algumas meninas mais novas conversando perto do suporte de toalhas de papel. Lavei as mãos. A água estava fria e deixei que ela corresse um pouco, até esquentar. Eu acabara de apertar a saboneteira e tinha um pouco do sabonete líquido turquesa na palma da mão quando, subitamente, fui agarrada pelo pescoço e jogada violentamente para trás.

Vi num relance o rosto corado de Jane e as meninas mais novas correndo do banheiro, assustadas, enquanto eu era lançada com força de volta ao reservado. Bati a testa na esquadria da porta e, completamente tonta, com dores na cabeça e estrelas explodindo diante dos olhos, escorreguei em um pouco de papel higiênico úmido e caí, sentada, no chão molhado.

Percebi Emma e Teresa se ajoelhando ao meu lado e segurando-me, quase como se tentassem me ajudar. Escutei alguns cliques perto do rosto e a voz de Emma dizendo: *É assim que se assa uma porca*. Teresa e Jane caíram na gargalhada. E, então, se foram.

Continuei sentada no chão pelo que pareceu um longo tempo. Levei a mão ao nariz, que começara a sangrar, e tive uma estranha sensação de formigamento no couro cabeludo. Começava a me levantar, com dificuldade, quando uma das alunas mais novas entrou no banheiro e me viu. Ela soltou um grito agudo, como se estivesse em um filme de terror, virou-se e correu.

Consegui me levantar e caminhei lentamente, tremendo, em direção ao espelho, para me ajeitar para a aula seguinte. Porém, quando procurei meu reflexo, *eu não estava ali*. Havia uma menina com meu corpo e minha altura, vestindo a blusa e a saia que eu escolhera pela manhã, mas ela não tinha rosto. No lugar de um rosto havia uma bola de chamas laranja.

Eu ainda não havia entendido o horror refletido no espelho quando o Sr. Morrison entrou. Ele correu em minha direção (*eu vi tudo em câmera lenta*), gritando como um soldado que entra em uma batalha (*mas eu não conseguia escutar*), tirando o casaco (*foi quando eu soube que a garota no espelho era eu*), segurando-o como um cobertor (*gritei por minha mãe*) e jogando-o sobre minha cabeça em chamas (*mas não saía som algum*).

E então tudo ficou preto.

• • •

ENQUANTO EU ESTAVA no hospital, mamãe encontrou meu diário. Ela procurava meu pijama azul-bebê preferido quando o viu. Quebrou o cadeado e leu todos os relatos. Assustada e horrorizada, levou o diário imediatamente à escola e mostrou-o ao diretor.

Minha mãe me contou, mais tarde, que o diretor exigira que as três garotas comparecessem à sua sala, insistindo em que minha mãe permanecesse ali enquanto ele as interrogava (posso imaginar o quanto ela deve ter sofrido, tão relutante em confrontá-las quanto eu). Aparentemente, Teresa, Emma e Jane não se sentiram nada intimidadas pelas acusações; para elas, o diretor era pouco mais que uma piada, um obeso desengonçado saído de um programa de tevê de terceira categoria. Também não se intimidaram quando viram minha mãe. Ela disse que as três sorriam em silêncio, sentadas, encarando-a com desdém e ignorando todas as lembranças de sua hospitalidade e gentileza.

O diretor leu alguns trechos mais reveladores e exigiu:

— E então? O que têm a dizer sobre isso?

Elas tinham muito a dizer, segundo minha mãe. Gritando ao mesmo tempo, raivosamente negaram me perseguir e afirmaram que sequer estavam perto do banheiro feminino no momento do ataque. Eu conseguia escutar as três vozes se juntando em algo como um miado: *“Ela só quer nos prejudicar! É uma maluca esquisita! É tudo mentira!”*

Minha mãe disse que aquele foi o único momento em que falou. Doía-me imaginar como deve ter sido difícil para ela. Como, com o rosto vermelho e os lábios trêmulos, ela conseguira dizer:

— *Shelley não mente.*

Emma imediatamente respondeu:

— Se é tudo verdade, por que ela nunca contou a *você*?

E minha mãe se calou novamente.

Inclinando-se na cadeira, em direção a mamãe, Teresa disse, com um sorrisinho que mal podia disfarçar:

— Talvez Shelley tenha ido ao banheiro fumar e houve um acidente com o isqueiro. Talvez ela tenha ido ao banheiro *acender um*, Sra. Rivers.

Emma e Jane precisaram cruzar as pernas e morder os lábios para não rirem abertamente diante da piada maldosa.

Mais tarde, naquele mesmo dia, elas foram interrogadas pela polícia. Levaram essas perguntas muito mais a sério. Cada uma foi conduzida separadamente a uma sala à prova de som na delegacia local, onde um detetive as questionou sobre o ataque.

Eu conseguia vê-las: as três negando tudo, com medo, a voz assustada, enquanto seus pais seguravam suas mãos e as confortavam, convencidos de que suas preciosas filhas eram incapazes de algo tão bárbaro como atear fogo nos cabelos de outra menina. Eu via as três contando mentiras e mais mentiras, repetindo cuidadosamente a história que combinaram com antecedência, acompanhadas de seus advogados, tensos como aqueles palhaços de brinquedo presos em pequenas caixas, prontos para pular e fazer objeção a qualquer pergunta que considerassem inapropriada às suas vulneráveis clientes adolescentes e exigindo absoluta justiça para meninas que sequer conheciam o sentido dessa palavra.

• • •

ENQUANTO ISSO, eu permanecia na ala Lavanda, uma enfermaria feminina com doze leitos em um hospital da cidade. De acordo com o médico, tive sorte. Ele tentou explicar, mas não compreendi muito bem. Fui salva porque as chamas se direcionaram para o alto, envolvendo meus cabelos. Essa situação foi ajudada, de alguma forma, pela corrente de ar que entrava por uma das janelas do banheiro. Significava que o calor mais intenso ficara acima de minha cabeça, não em meu rosto. Além disso, tudo indicava que o fogo durara pouco tempo, ao

contrário de minha impressão, explicou ele, porque quando se está em choque o tempo se arrasta lentamente, como um caracol.

Por milagre, tive apenas queimaduras de segundo grau no pescoço, na testa, na orelha direita e na mão esquerda — que eu devo ter levado às chamas sem perceber e sem sentir dor. Minha visão e minha audição estavam perfeitas. Nem mesmo meu cabelo tinha sido completamente queimado. Uma visita a um bom cabeleireiro, que o cortasse bem curto, e, a não ser por uma ferida vermelha na nuca, seria como se o ataque nunca tivesse acontecido. Fiquei com cicatrizes, é claro — feias manchas vermelhas e brancas na testa e no pescoço —, mas o médico garantiu que elas desapareceriam em relativamente pouco tempo.

Fui tratada com analgésicos e diversas injeções; as queimaduras foram cobertas com um creme frio com cheiro doce antes de receberem os curativos. Eu poderia ter voltado para casa naquela tarde, mas o médico disse que, por ter entrado em choque e desmaiado, ele preferia me manter internada por alguns dias, apenas como garantia.

Demorei muito para adormecer na primeira noite, com todos os barulhos estranhos e os movimentos ao meu redor. A verdade é que um hospital não dorme à noite, ele apenas descansa um pouco. As enfermeiras do turno noturno andavam de um lado a outro da enfermaria, atendendo aos pacientes que as chamavam usando as campainhas ou com sussurros roucos; doentes iam e voltavam do banheiro em seus chinelos; um novo paciente chegou, em uma maca, às três da manhã; as cortinas foram puxadas ao redor da cama de uma mulher idosa no final da ala, e meu médico apareceu rapidamente, com os olhos vermelhos e a barba por fazer, para atendê-la. Mesmo que a ala estivesse completamente silenciosa, a luz do corredor principal, acesa durante toda a madrugada, tornaria difícil adormecer.

Contudo, estranhamente — apesar do trauma pelo qual tinha passado e da desconfortável sensação congelante em meu rosto, no pescoço e na mão —, eu me sentia mais feliz sob aqueles lençóis bem presos do que me sentira nos últimos

meses. Tudo fora descoberto. Minha mãe sabia. A escola sabia. A polícia sabia. O hospital sabia. Era como se o peso enorme que eu carregava sozinha fosse erguido subitamente por um mar de mãos prestativas. Agora, a preocupação seria de outras pessoas: adultos, profissionais, especialistas naquele tipo de situação. Eu estava livre, finalmente.

• • •

SENTI-ME EXTREMAMENTE EM PAZ na atmosfera especial do hospital. Eu adorava a regularidade da rotina (*uma xícara de chá às três da tarde, visitas às cinco, jantar às sete*); adorava as enfermeiras em seus uniformes brancos e limpos, que sempre paravam para conversar comigo, sabendo que eu era a paciente mais jovem da ala. Adorava até o cheiro de pinho do desinfetante, que penetrava em tudo, e a música ambiente tocada à tarde — notas calmas e doces de outrora, que eram estranhamente reconfortantes. Eu gostava da companhia das outras mulheres, que brincavam e me faziam rir com suas piadas ousadas e palavrões. Elas me mimavam muito, insistindo em que eu comesse os doces e os chocolates que seus familiares lhes traziam, sem aceitar não como resposta.

Havia muitos outros ratos na ala — talvez por isso eu me sentisse tão à vontade. Havia Laura, na cama ao meu lado, uma rata de cinquenta e um anos em quem o marido batera com um taco de beisebol porque ela queimara o jantar. Havia Beatrice, de dezoito anos, na cama em frente, cujo jeito brincalhão era sombriamente contradito pelos grandes curativos em seus pulsos. Todas nós dividíamos um elo secreto, que eu chamava, ironicamente, de *sociedade dos ratos*. Eu gostava de me divertir imaginando o brasão que usaríamos no peito — um rato em uma ratoeira, com o pescoço quebrado — e nosso lema “Nati ad arum” escrito sobre o desenho de um pergaminho desenrolado: *nascidas com o gene de vítima*. Seria aquele o real legado de minha mãe para mim?

Sentada na cama, folheando uma revista ou rabiscando qualquer coisa em meu caderno, eu me sentia relaxada e otimista em relação ao futuro. Em seu desejo sádico de me ferir, Teresa, Emma e Jane feriram a si mesmas. Elas possivelmente

seriam julgadas pelo que haviam feito comigo — poderiam até acabar na prisão. No mínimo, seriam expulsas da escola. De qualquer maneira, desapareceriam de minha vida para sempre. Eu retornaria à escola e tudo voltaria ao normal.

A normalidade! A gloriosa, simples e mundana normalidade! Eu não conseguia pensar em nada mais maravilhoso.

MEU OTIMISMO COMEÇOU a desaparecer quando tive alta e voltei à *propriedade matrimonial*, cercada pelas lembranças melancólicas do casamento falido de meus pais e de minhas amizades fracassadas.

Minha mãe e eu recebemos a visita de um inspetor de polícia, que secamente nos informou que não seria aberto um processo contra as três garotas a quem eu “acusara” (a palavra *acusara* soou como se eu estivesse *mentindo!*). Simplesmente não havia evidências suficientes, explicou ele. Nenhum aluno as vira atear fogo em meus cabelos. Os pais das meninas mais novas — que ao menos as viram jogando-me contra a porta — deixaram claro que suas filhas não se envolveriam em um julgamento. A menos que Teresa, Emma ou Jane confessassem o crime, não haveria base para um processo bem-sucedido, e eu sei que o inferno congelaria antes que isso acontecesse.

Cerca de uma semana depois recebemos uma carta do diretor da escola, que minha mãe e eu lemos juntas, durante o café da manhã. Ele começava desejando melhoras rápidas em nome de todos os funcionários e alunos (*todos os alunos?*) e trazia notícias ruins. Após “uma investigação completa”, escreveu ele, não foram encontradas provas que justificassem as “alegações” que eu havia feito em meu diário. As três alunas “negaram veementemente” realizar uma “campana de perseguição” (*e ainda escreveu errado!*) contra mim e “negaram qualquer conhecimento” a respeito do “triste incidente” do dia vinte e três de outubro. O diretor da escola disse ter recebido “intensas manifestações” dos pais das alunas, “afirmando enfaticamente sua inocência” e apontando a decisão da polícia sobre não abrir um processo como prova de que não havia acusações reais. Em face disso, “o conselho escolar decidira que nenhuma ação disciplinar seria tomada contra Teresa Watson, Emma Townley e Jane Ireson”.

A carta ainda afirmava que a escola tinha uma das políticas de combate ao bullying mais rígidas do país e sentia orgulho de seu trabalho exemplar na prevenção de tal conduta. O diretor esperava que minha mãe não considerasse processar a

escola — mas advertia que, se o fizesse, a instituição se “defenderia firmemente”. No último parágrafo, escreveu:

*Estamos ansiosos pelo retorno de Shelley a nosso convívio, na primeira oportunidade. Não precisamos lembrar a vocês, é claro, que esse é um ano extremamente importante para Shelley, uma vez que seus exames acontecerão no próximo mês de junho e, assim, todos os esforços devem ser feitos para garantir que sua ausência das salas de aula seja tão breve quanto possível.*

Então não apenas não haveria processo criminal como também elas não seriam expulsas pelo que haviam feito comigo. Não sofreriam nenhuma punição por seus atos, de nenhuma espécie!

Algumas pessoas teriam ido à escola e rasgado a carta em pedacinhos na frente do diretor; algumas pessoas teriam telefonado para os jornais e denunciado a escola e o medroso diretor em grandes manchetes; algumas pessoas chamariam uma equipe da emissora de tevê local para filmar as cicatrizes em meu rosto e meu pescoço. Algumas pessoas teriam feito qualquer coisa para garantir que aquelas garotas fossem punidas e que sua maldade fosse divulgada em todos os cantos do país.

Mas não éramos esse tipo de pessoas. Éramos ratos. Docilmente, agradecemos ao policial pelo tempo despendido e aceitamos que não haveria um processo. Docilmente, aceitamos a decisão do diretor de não punir as três garotas. Docilmente, aceitamos, submetemo-nos, calamo-nos, não dissemos nada, não fizemos nada, porque a mansa submissão é tudo o que os ratos conhecem.

Na segunda semana de novembro eu já não sentia dores ou desconforto. Nada me impedia de voltar às aulas. Exceto saber que Teresa, Emma e Jane esperavam por mim. E quando elas me pegassem sozinha mais uma vez... o que aconteceria?

Enquanto mamãe trabalhava, eu vagava desanimada pela *propriedade matrimonial*. Sentava-me diante do espelho de minha penteadeira e tentava, inutilmente, ajeitar os cabelos curtos. Aquele corte não me favorecia: eu parecia um garoto, minha cabeça era grande demais para os ombros e minhas

orelhas salientes ficavam à mostra, algo que sempre detestei. Com um pouco de raiva, analisava minha testa e meu pescoço, onde as queimaduras se estendiam como dedos marrons em minha pele pálida, como uma nojenta membrana alienígena. (*Por que as marcas não ficavam mais claras? Ele disse que ficariam mais claras!*)

E meus pensamentos começavam a voltar ao gancho na garagem, à faixa de meu roupão...

•••

ENTÃO, RECEBI A MELHOR NOTÍCIA que podia imaginar. O diretor, interpretando nosso silêncio patético como algo desafiador e com medo da má publicidade, escreveu-nos outra carta. Dessa vez com uma proposta: se minha mãe concordasse em não processar a escola e não falar sobre “o incidente do dia vinte e três” com os “meios de comunicação (incluindo jornais, televisão, rádio e internet)” eu não precisaria voltar ao colégio. Em vez disso, a escola negociaria com as autoridades locais para que tutores me dessem aulas em casa até os exames, no verão — os quais eu também poderia fazer em casa. Além disso, eles recomendariam veementemente à banca examinadora que “aumentasse” em dez por cento o peso de minhas notas já alcançadas na escola, em razão das “circunstâncias difíceis sob as quais eu me prepararia para os exames (pelos quais, porém, a escola não se responsabiliza)...”

Minha mãe assinou o acordo imediatamente, enquanto eu dançava e girava a seu redor, tomada de alegria, e enviou-o de volta à escola. Eu estava delirantemente feliz. *Não precisaria voltar à escola! Não precisaria enfrentar minhas perseguidoras!* Tendo aulas com os tutores por cinco horas, cinco vezes por semana, tinha certeza de que me sairia mais do que bem nos exames. Eu voltaria à escola livre das “garotas envolvidas” e estudaria para a faculdade. Faria novas amizades. Minha vida recomeçaria...

•••

PARA COMEMORAR minha mãe preparou meu prato favorito no jantar: pato ao molho de laranja, acompanhado de batatas assadas, ervilhas e brócolis, e, como sobremesa, torta de

maçã com sorvete. Para minha surpresa, ela colocou uma garrafa de vinho tinto sobre a mesa da cozinha, com *duas* grandes taças.

— Você sabe que está desrespeitando a lei, mãe? — provoquei, enquanto ela despejava o vinho em minha taça e o líquido se espalhava deliciosamente pelo recipiente. — Só poderei beber legalmente daqui a dois anos. *E* você é advogada!

— Acho que você merece. — Ela sorriu.

Percebi quanto ela estava cansada — as rugas sob seus olhos pareciam um pouco mais profundas e havia mais fios brancos em seus cabelos pretos e frisados — e como aquilo fora difícil. *Essa é a maldição das mães, pensei, estão condenadas a sentir a dor de seus filhos como se fosse sua.*

— Você também merece, mãe. — Eu sorri, e brindamos.

— De qualquer forma — disse ela —, você completará dezesseis anos em... quatro meses? Se aos dezesseis anos uma menina tem idade para se casar, então também tem idade para tomar uma taça de vinho.

• • •

NO MEIO DA REFEIÇÃO o telefone sobre o balcão da copa tocou, e minha mãe se apressou em engolir a comida que mastigava para atendê-lo. Ela fez caretas engraçadas enquanto mastigava, parada em frente ao telefone, virando a cabeça para um lado e para outro, revirando os olhos, mastigando, mastigando e mastigando, mas sem conseguir engolir. Eu ria descontroladamente, sem dúvida influenciada pelo vinho, que subira diretamente para minha cabeça. Finalmente, ela conseguiu atender. Era Henry Lovell, seu advogado. Ele disse que o casal interessado em comprar a *propriedade matrimonial* fizera uma oferta formal, e que a “outra parte” (ou seja, o ex-marido, meu pai) havia aceitado.

— E, então... como está a procura pela casa nova? — perguntou ele.

— Não está — disse minha mãe. — Ainda nem começamos!

— Bem, é melhor que se apressem — disse o advogado. — Parece que essas pessoas estão desesperadas para se

mudar o mais rápido possível.

Bebemos toda a garrafa de vinho tinto, em uma comemoração dupla, e na manhã seguinte acordei com minha primeira ressaca. Mas nem mesmo a dor aguda nas têmporas foi capaz de diminuir minha animação. Nada de escola. Nada de Teresa, Emma e Jane. Nada de humilhação. Nada de sofrer em silêncio. Nada de dor. E, além de tudo, a *propriedade matrimonial* fora vendida. Finalmente sairíamos daquela galeria de horrores, daquele museu dedicado a um casamento fracassado!

Seis semanas depois eu estava no jardim da frente do Chalé Madressilva, contemplando o aspecto fúnebre do canteiro oval de roseiras.

NOSSA VIDA NA NOVA casa logo se ajustou a uma agradável rotina.

Tomávamos o café da manhã juntas todos os dias, sentadas à mesa de pinho da cozinha. Eu preparava a refeição (com muito orgulho de arrumar tudo *cuidadosamente*) enquanto minha mãe se agitava em seu costumeiro pânico matinal, passando rapidamente uma blusa limpa, enviando e-mails de última hora ou procurando, por todos os lados, algo que havia perdido. Tínhamos uma espécie de roteiro — torradas em uma manhã, cereais na manhã seguinte —, que mantínhamos religiosamente, mesmo nos finais de semana.

Mamãe saía para trabalhar aproximadamente às oito e quinze, pois seu trajeto até a empresa se tornara bem mais longo. Nós sempre nos despedíamos da mesma maneira, como um velho casal. Eu beijava seu rosto duas vezes, no corredor, dizia-lhe para dirigir com cuidado e então andava até a porta, para acenar enquanto o velho Ford Escort atravessava lentamente o caminho de pedras da entrada. Ela sempre olhava para trás e acenava uma última vez, com os dedos unidos, como uma marionete fazendo uma reverência. Quando ela partia, eu lavava a louça do café da manhã e da noite anterior enquanto escutava as notícias no rádio. Depois, subia até meu quarto e me vestia.

Exatamente às dez horas meu tutor principal, Roger Clarke, chegava. Roger me ensinava inglês, literatura, história, francês e geografia: — as cinco matérias nas quais eu tinha mais confiança de conseguir um A. Roger e eu trabalhávamos na grande mesa da sala de jantar, sustentados por infinitas xícaras de um chá que Roger dizia ser tão forte “que você poderia apoiar uma colher nele”.

Minha mãe, a princípio, não gostou muito da ideia de um homem ir à nossa casa me dar aulas, mas após ter certeza de que ele fora bem-recomendado e de conhecê-lo pessoalmente ela cedeu. Ela certamente percebeu que Roger não representava qualquer ameaça, porque ele também era um rato. Usava o

brasão dos ratos no peito, como mamãe e eu, e senti-me imediatamente ligada a ele.

Roger tinha apenas vinte e sete anos, mas já havia perdido a maior parte dos cabelos como consequência do excesso de estresse. Restavam somente duas faixas acima das orelhas. Talvez para compensar, ele cultivava um bigode louro e farto. Era anorexicamente magro e usava óculos redondos, de armação de tartaruga, que aumentavam absurdamente seus olhos verdes. Quando falava, seu pomo de adão subia e descia na garganta como um ovo cozido. Apesar da aparência um tanto estranha, em pouco tempo senti-me à vontade com ele e rapidamente percebi que era um professor muito talentoso; com suas explicações calmas, questões que eu tinha dificuldade em acompanhar na escola agora pareciam bastante simples.

Roger e eu nos demos muito bem. Ele era mais um amigo que um professor. Durante nossos “intervalos de concentração”, aos poucos me contou sua trajetória. Ele se formara em história, era o primeiro da classe, e então estudou para se tornar professor. Sua ambição sempre foi lecionar — seus pais foram professores e ele vira quanta satisfação e prazer eles alcançavam em seu trabalho.

Para Roger, no entanto, a realidade foi muito diferente do sonho. Ele se viu em uma escola onde poucos queriam realmente aprender. Por causa de sua aparência, era detestado pelos alunos, que o apelidaram de “O Feto”. Teve problemas terríveis em discipliná-los durante suas aulas. Nos cinco anos em que resistiu, foi atacado por alunos *onze vezes*. Seu carro era arranhado e os pneus furados com tanta frequência que ele decidiu vender o veículo e passou a ir e voltar da escola a pé, percorrendo uma distância diária de mais de sete quilômetros. Não podia pegar o ônibus porque tinha muito medo de encontrar os alunos dentro do veículo.

Por fim, após um aluno acertar-lhe uma cabeçada na boca e quebrar um de seus dentes, Roger sofreu uma crise nervosa e foi obrigado a pedir demissão por motivos de saúde. Quando estava melhor, voltou à universidade para desenvolver uma pesquisa sobre as origens da Primeira Guerra Mundial (*um dos*

*maiores massacres de ratos da história*). Nesse período teve problemas financeiros, pois o valor que recebia como bolsa era muito baixo, e um amigo sugeriu que ele conversasse com as autoridades locais e se oferecesse como tutor para estudantes doentes ou assustados demais para irem à escola. Eu era sua segunda aluna.

Com Roger minha reticência inicial desapareceu, e contei a ele toda a minha história: sobre meu pai, cuja vida sexual era mais importante que a própria filha, e sobre as JETS e como elas me deixaram quase inconsciente e incendiaram meu cabelo.

— É impressionante — falei a ele um dia — o fato de que eu era aluna e você professor, e ambos fomos vítimas de bullying.

Ele franziu a testa como se quisesse marcar uma distinção por causa de nossa idade, mas então sorriu, como se dissesse: *De que adianta negar, se é verdade?*

— Temos muito em comum — completei.

Seus enormes olhos verdes se demoraram em meu rosto.

— Sim, Shelley, temos muito em comum.

À uma da tarde parávamos de estudar e Roger entrava no carro para voltar a seu apartamento na cidade, e não se cansava de fazer a mesma piada:

— Ainda bem que eu trouxe meu novelo de lã, ou nunca encontraria o caminho de volta à civilização!

Então, eu preparava algo leve para o almoço — uma salada, geralmente — e assistia ao noticiário na televisão. Minha mãe tinha tantos casos a resolver que trabalhava durante o horário de almoço, engolindo apressadamente um sanduíche, sentada à sua mesa. Enquanto Blakely, Davis e os outros sócios relaxavam em um bistrô próximo, gabando-se e falando em voz alta, como as pessoas importantes que pensavam ser, minha mãe ficava no escritório vazio, corrigindo eficientemente os erros deles.

Após o almoço, eu mergulhava em qualquer dos romances que estivesse lendo, sentada à janela em meu quarto, junto àquela claridade gloriosa. Quando o dia estava mais quente — e naquele fevereiro houve muitos dias bonitos —, eu me sentava

no jardim e lia, sempre tomando cuidado para manter minhas cicatrizes protegidas do sol.

Às duas e meia chegava a Sra. Harris, uma mulher forte e baixa, na faixa dos cinquenta anos, com cabelos tingidos de laranja. Eu não me dava tão bem com ela quanto com Roger. Aliás, eu pouco me dava com ela — e não apenas porque ela me ensinava matemática e ciências, as matérias das quais eu menos gostava.

A Sra. Harris lecionava ratos como eu havia anos e, com o tempo, sua simpatia por nós foi totalmente destruída. Ela chegara à conclusão de que não éramos mais do que medrosos — crianças mimadas e superprotegidas que não conseguiam encarar a realidade da vida. Certa vez, fiz um comentário a respeito de minhas cicatrizes, e ela me respondeu com escárnio:

— Cicatrizes? Cicatrizes? Você chama isso de *cicatrizes*? Você deveria ir a um hospital e ver como são queimaduras de verdade. Com um pouco de maquiagem, ninguém perceberia suas *cicatrizes*. Esse é o problema com os jovens de hoje em dia: são fúteis demais e pensam apenas neles mesmos.

Mesmo me ressentindo amargamente de sua atitude, eu era fraca demais para me defender. Eu achava que já vira muito da realidade — *até em excesso*, na verdade. E duvidava que a Sra. Harris tivesse visto o mesmo, ou ela seria mais compreensiva.

A Sra. Harris partia às quatro e meia, e eu fazia os deveres do dia até que minha mãe chegasse, por volta das seis e meia. Quando terminava as tarefas, eu praticava flauta, o porta-partituras montado ao lado do piano, de onde, enquanto ainda havia luz, eu tinha uma linda vista do jardim da frente. Se não quisesse tocar flauta, eu lia mais um pouco ou pegava minhas aquarelas e tintas. Como não era muito boa em inventar imagens, eu escolhia um dos grandes livros de arte na estante da sala e copiava um cavalo especialmente bonito ou uma paisagem interessante. Às vezes, tentava pintar um dos objetos da estante da sala de jantar — a tigela de madeira com *pot-pourri*, o vaso de flores secas ou uma das muitas peças de porcelana ou de cristal que minha mãe colecionara ao longo dos anos. A maioria fora

presente de minha avó — mamãe nunca teve coragem de lhe dizer que esses enfeites não eram exatamente algo de que ela “gostasse”. Eram totalmente *kitsch* — um porco-espinho desenhado por Beatrix Potter, uma florista vitoriana com bochechas vermelhas, um menininho pescando com um barbante amarrado ao dedão do pé, um golfinho de vidro mergulhando na água, um chalé em miniatura —, porém, estranhamente, quanto mais *kitsch* pareciam, mais apegadas a eles nos tornávamos.

Era das noites com minha mãe no Chalé Madressilva que eu mais gostava. Quando ela chegava do trabalho, eu preparava um chá e nos sentávamos na cozinha para conversar. Adotamos um costume que vimos no filme *A História de Nós Dois*, com Michelle Pfeiffer, em que os personagens de uma família se revezavam, durante o jantar, descrevendo os pontos altos e baixos de seu dia.

Meus pontos altos costumavam ser um elogio ou uma boa nota dada por Roger, um capítulo especialmente interessante no romance que estivesse lendo ou uma pintura particularmente boa. Os pontos baixos eram sentir-me um pouco deprimida sobre as cicatrizes, que não sumiam, e pensar em meu pai com raiva, por ele nos ter abandonado daquela forma. Os pontos altos de mamãe eram resolver casos com sucesso e ser elogiada por clientes satisfeitos; os baixos costumavam envolver o odioso Sr. Blakely sendo grosseiro — às vezes, ele até dizia palavrões — ou tentando se esfregar nela na sala onde ficava a copiadora.

Minha mãe sempre me encorajava, insistindo que minhas cicatrizes estavam clareando, e eu tentava fazer o mesmo sobre o Sr. Blakely, ainda que não houvesse muito que eu pudesse dizer além do óbvio. Mamãe não podia perder o emprego. Ela precisava dele. *Nós* precisávamos dele. Porém, quando o assunto era papai, ficava muito mais complicado. Não muito abaixo de minha raiva superficial havia uma culpa latente. Os soldados gregos estavam perigosamente perto de sair da barriga do cavalo de Troia e atacar os laços afetivos entre mim e minha mãe, e era clara sua tensão sempre que eu o mencionava. Eu

morria de medo de magoá-la, de ignorá-la, absolutamente ciente de que não tinha amigos e de que estaria perdida sem ela.

Depois de tomarmos o chá minha mãe tirava a roupa de trabalho e preparávamos o jantar. Nós adorávamos comida e culinária, e gostávamos de experimentar receitas complexas tiradas de um de nossos muitos livros. Às vezes passávamos duas horas na cozinha, picando legumes sobre a pesada tábua de mármore que mamãe trouxera da Itália certa vez, enquanto as panelas chiavam e borbulhavam no fogão.

Após o jantar nós nos sentávamos na sala com o aquecedor central ligado na potência máxima e a lareira acesa, quando esfriava muito. Geralmente líamos nossos romances (apesar de mamãe ter sempre algo do trabalho para analisar) e escutávamos música clássica. Fui criada escutando música clássica, uma das grandes paixões de minha mãe — ela era uma pianista amadora muito competente —, e, apesar de tentar gostar de música pop, o estilo, de certa forma, nunca criou raízes em mim. Adorávamos Mozart, Chopin, Tchaikovsky e Brahms, mas nossas favoritas eram as óperas de Puccini. Sem vizinhos em um raio de quilômetros, podíamos aumentar o volume ao máximo e nos deliciar com a beleza trágica de *La Bohème* ou de *Madame Butterfly*.

Não assistíamos a muitos programas na televisão, com exceção do noticiário. Parecia não haver nada além de documentários deprimentes sobre os viciados em crack de Nova York ou sobre as epidemias de Aids na África, novelas fracas com atores ruins e *reality shows* inacreditáveis. Mas gostávamos dos filmes, principalmente das comédias românticas, e sempre checávamos a programação no jornal, procurando boas opções. Nossos filmes preferidos eram os antigos, como *Mensagem pra Você* e *Sintonia de Amor*, com Tom Hanks e Meg Ryan, os clássicos de Hugh Grant, como *Um Lugar Chamado Notting Hill* e *Quatro Casamentos e um Funeral*, e coisas desse gênero. Não gostávamos dos filmes modernos — eles simplesmente pareciam vulgares e explicitamente sexuais, e eu me sentia envergonhada ao assisti-los com mamãe. Tínhamos uma queda por George Clooney e suportávamos alegremente o machismo e as tramas

incompreensíveis da trilogia *Onze Homens e um Segredo* apenas para vê-lo. Às vezes, sua aparência ou algo que ele dizia me fazia lembrar um pouco — apenas um pouco — de meu pai. Nunca disse isso a mamãe, é claro, mas ocasionalmente me perguntava se ela pensava o mesmo.

Também adotamos o hábito de beber uma caneca de chocolate quente perto das dez da noite, e às onze geralmente adormecíamos abraçadas no sofá.

Deitada com a cabeça apoiada no ombro de minha mãe, um bigode de chocolate secando em meu lábio superior, um romance escorregando de meus dedos sonolentos e um concerto de violino de Brahms ou a sexta sinfonia de Tchaikovsky tomando o ambiente à minha volta, eu me deliciava na atmosfera quente e segura da nova casa. E, às vezes, enquanto observava as chamas alaranjadas na lareira, lambendo a madeira e quebrando-a, eu pensava em Teresa Watson e no que ela estaria fazendo naquele momento — dançando em uma boate, bebendo cerveja em algum pub lotado e esfumaçado, dando um amasso em seu namorado no banco de trás do carro dele —, e concluía: *Eu não trocaria minha vida pela sua, Teresa Watson, por nada no mundo*. Sei que sou um rato e que estou me escondendo de todos em meu ninho aconchegante, atrás dessas paredes, mas minha vida de rato é repleta de todas *as coisas boas* que existem: arte, música, literatura... amor.

Pode ser apenas uma vida de rato, mas é uma vida boa, uma vida rica, uma vida *maravilhosa*.

A PRIMAVERA CHEGOU CEDO naquele ano. Um fevereiro ameno deu lugar a um março quente. As cerejeiras foram tomadas por botões de flores cor-de-rosa e, alguns dias depois, encontramos as macieiras cobertas por flores brancas. Planejamos assar tortas quando as frutas aparecessem, no final do verão, e as comeríamos com grandes bolas de sorvete de creme. Como prometi a mim mesma, aprendi os nomes de todas as flores no jardim e, numa manhã de domingo, levei minha mãe em um passeio guiado, apresentando-a a todas as habitantes de pétalas. Terminei o passeio no canteiro oval de rosas, anunciando com um floreio:

— E, por último, mas não menos importante, a Perpétua Híbrida ou *Rosa hybrida bifera*...

Conforme os dias se tornavam mais longos, passávamos cada vez mais tempo do lado de fora. Começamos a tomar nosso chá após o trabalho no quintal dos fundos, acomodadas na mobília de plástico branco que mamãe comprara por um preço ínfimo na cidade. Nos finais de semana, passávamos horas relaxando no jardim. Também cortávamos a grama — tarefa nada fácil, uma vez que a área tinha mais ou menos um hectare e a grama estava maior do que jamais estivera sob o firme reinado do Sr. Jenkins. Eu andava de um lado a outro carregando cestos lotados de grama cortada, que depositava no grande monte de compostagem no final do terreno, lembrando-me, com um sorriso, de como o Sr. Jenkins nos apresentara seu adubo, com todo o orgulho de um pai satisfeito.

Minha mãe ficou bastante animada com o canteiro de legumes e verduras, e com a ideia de preparar alimentos colhidos do próprio quintal. Ela queria plantar ainda mais espécies que o Sr. Jenkins e cultivar ervas, como alecrim e tomilho, para temperar a comida. Como não havia espaço suficiente ali, ela decidiu estender a horta até os ciprestes. Então, numa manhã de sábado, após uma visita à cidade para comprar pás e um rastelo, começamos a trabalhar revolvendo a terra de um espaço com o tamanho aproximado de duas camas de casal até transformá-la em um grosso mingau marrom. Mergulhamos

na tarefa com determinação, felizes por estarmos fazendo algum exercício físico, para variar, mas não imaginávamos o quanto seria cansativo. Quando acordamos na manhã seguinte, mal conseguíamos nos *mover* — até levantar uma chaleira causava dor, e subir e descer a escada era um sofrimento.

Quando estávamos dispostas, jogávamos *croquet* na frente da casa ou esticávamos uma rede entre duas árvores para algumas partidas de badminton. Minha mãe, que é alta e um pouco desengonçada, não era boa em esportes e, quando errava uma bola a poucos centímetros dela ou jogava-se para tentar rebater a peteca e não acertava nada além do ar, caíamos no chão, incapazes de controlar o riso.

Era ótimo viver no campo e não ter vizinhos por quilômetros. Podíamos conversar, rir e gritar — até *berrar* — tão alto quanto quiséssemos, e ninguém nos escutaria. Era muito diferente da *propriedade matrimonial*, onde precisávamos nos controlar quando estávamos no quintal, pois havia casas por todos os lados, onde sussurrávamos para que os vizinhos — cujas silhuetas víamos se mover por trás dos arbustos — não nos escutassem.

À noite, tocávamos duetos na sala, algo que aparentemente não fazíamos desde que meu pai partira. Tínhamos muitas músicas para flauta e piano, e, um dia, enquanto as analisava, encontrei um livro de partituras chamado *Russian Folk Songs*, que nunca havia sido aberto. Essas músicas se tornaram nossas favoritas e praticamos todo o livro naquele mês de março. As notas para flauta eram tão fáceis de memorizar quanto de executar, mas as de piano eram mais difíceis e desafiavam mamãe em alguns momentos. Eram o tipo de canção que não sai da cabeça, e sempre as assobiávamos e cantarolávamos no dia seguinte. Se eu cometia algum erro absurdo, nós ríamos tanto que demorávamos meia hora até conseguirmos executar mais algumas notas. Eu adorava esses duetos, e gostava mais do que nunca de tocar flauta — algo que eu abandonara e retomara incontáveis vezes.

Às vezes, eu olhava para minha mãe enquanto ela estava na ponta dos pés, tentando tirar a peteca dos galhos de uma

cerejeira, ou fazendo alguma expressão engraçada depois que eu atirava a bola para longe, jardim abaixo, e sentia-me tomada de amor por ela. Com seu corpo alto e desengonçado, suas mãos grandes, com as quais ela parecia nunca saber o que fazer, e seus cabelos escuros e frisados, que nenhum pente conseguia domar, ela parecia tão... tão *vulnerável* que eu apenas corria e a abraçava com toda a minha força.

• • •

EU SABIA QUE TÍNHAMOS pouco dinheiro, por isso, quando mamãe começou a perguntar o que eu queria ganhar em meu décimo sexto aniversário, simplesmente lhe entreguei uma pequena lista de livros. E quando ela, incrédula, perguntou se era aquilo mesmo o que eu realmente desejava, respondi que sim, que já tinha tudo o que poderia querer.

Não era exatamente verdade, é claro. Havia algo que eu desejava, mas seria muito egoísmo pedir qualquer coisa naquele momento. Minha mãe dirigia um carro digno de estar num ferrolho e vestia terninhos que tinham mais de quinze anos. Eu sequer me lembrava da última vez em que ela comprara algo novo para ela. Ainda assim, sempre comíamos bem, sempre havia dinheiro para roupas e sapatos novos para mim, para um livro ou uma revista que eu quisesse, para um DVD ou uma ida ao cinema. Eu via como ela priorizava minhas necessidades, e jamais abusaria disso.

Mas *havia* algo que eu queria. Algo que queria muito — tanto quanto eu quisera uma flauta quando era mais nova, ou até mais. Eu queria um laptop; um daqueles novos e finos que eu vira quando fazia compras com mamãe, tão fino e tão leve que era possível colocá-lo dentro de uma bolsa, onde não pesaria nem tomaria mais espaço que uma pasta com papéis.

Nós tínhamos um computador em uma pequena sala no primeiro andar, que minha mãe utilizava como escritório. Tinha quase dez anos de uso (meu pai, é claro, levava o mais novo), o que o tornava pré-histórico. Ele já demonstrava as idiossincrasias da idade — travava sem motivo aparente, não desligava direito e era lento, lento, *lento!* Eu o utilizava quando precisava acessar a internet, mas nunca me senti muito à vontade; sabia que era o

computador em que mamãe trabalhava, por isso vivia com medo de apagar, sem querer, o depoimento de um cliente ou uma complicada planilha de custos à qual ela dedicara horas. Preferia escrever meus textos à mão a enfrentar a “fera”, como nós o chamávamos, mas sabia como minhas tarefas seriam mais fáceis se tivesse um computador. Eu poderia realocar parágrafos, apagar trechos inteiros dos quais não gostasse (em vez de riscá-los como uma criança de quatro anos), conferir a ortografia e saber exatamente quantas palavras eu havia escrito, o que economizaria um tempo enorme nas redações em que Roger estabelecia um limite preciso de caracteres.

Eu já pensava em como seria quando terminasse a escola e entrasse para uma universidade. Um laptop seria um enorme benefício diante de todos os textos que eu precisaria escrever, e eu já me via utilizando-o para fazer anotações durante as aulas, caso aprendesse a digitar mais rapidamente.

Porém, o que *realmente* me animava era a ideia de que um laptop poderia incentivar minha criatividade. Com ele eu seria capaz de mergulhar em textos mais longos — talvez até mesmo conseguisse escrever meu primeiro romance...

Mas não falei nada. Eu sabia que se minha mãe desconfiasse que era isso o que eu queria, ela o compraria — mesmo que precisasse ir trabalhar com sapatos furados e roupas remendadas.

MARÇO TERMINOU e abril começou. Nossa rotina continuou agradável: Roger vinha todas as manhãs, a Sra. Harris vinha à tarde. Eu estudava bastante e me sentia novamente preparada para os exames que seriam em apenas três meses. Minha mãe ainda fazia o trabalho de três pessoas e suportava pacificamente a grosseria e a mão boba de Blakely.

Meu aniversário se aproximava e eu sentia uma onda de animação sempre que me lembrava de que completaria dezesseis anos. Recebi algum dinheiro de minha avó, que já era idosa e vivia no País de Gales, e alguns familiares distantes me enviaram cartões, que mamãe arrumou sobre o aparador. Recebi um cartão carinhoso enviado pelo hospital e assinado pelas enfermeiras que cuidaram de mim. E fiquei abismada quando recebi uma carta da polícia, encaminhando um cartão de “Feliz Aniversário!” vindo de minha escola e assinado pelo diretor, com “os mais sinceros votos de melhoras”. Eu o rasguei em pedacinhos e joguei no lixo.

Apesar de resistir a esse pensamento, eu esperava receber algo de meu pai. Mas não aconteceu. Esse ato mesquinho de crueldade me atingiu profundamente, e quanto mais eu tentava ignorá-lo, mais me irritava. Eu ainda não acreditava que nosso relacionamento terminara, que eu, provavelmente, nunca mais o veria. Sabia que ele tinha o endereço de nossa casa e até suspeitei de que mamãe tivesse interceptado algum presente dele — um dia, cheguei a revirar freneticamente todas as lixeiras da casa. Porém, pensando bem, eu sabia que minha mãe não poderia esconder algo de mim — o carteiro passava por ali muito após ela sair para o trabalho. A verdade era que meu pai não telefonara quando saí do hospital, então, por que entraria em contato só por eu estar completando dezesseis anos? Estava claro que, como vingança por eu ter escolhido viver com minha mãe, ele *me* jogara num cesto de lixo, sufocara todo o carinho que tinha por mim, como quem fecha uma torneira.

Naquele ano, meu aniversário, dia onze de abril, caiu numa terça-feira. Na noite anterior, mamãe telefonou lá pelas seis horas para avisar que chegaria mais tarde — Blakely pedira que ela recebesse um cliente após o expediente (*você é tão ingênua, Elizabeth!*).

Eu havia terminado meus deveres mais cedo e estava desenhando na sala de jantar, mas decidi ser útil e preparar o jantar. Ainda detestava acender o fogo, por causa do ataque na escola, mas, se mantivesse a chama baixa e me afastasse ao máximo, eu conseguia não gritar enquanto levava o fósforo ao fogão. Preparei um macarrão à bolonhesa, que ficou muito bom e que estava quase pronto quando mamãe colocou a chave na porta.

— O que é isso? — Ela sorriu ao entrar na cozinha. — Pensei que amanhã fosse *seu* aniversário, não meu. — Ela me beijou e senti seu nariz gelado em meu rosto morno.

— Você está congelando — falei, colocando a mão no ponto em que ela tocara.

— Sim, está esfriando. E começando a chover.

Enquanto minha mãe se trocava, eu coloquei *La Bohème* para tocar, arrumei a mesa da cozinha e acendi algumas velas perfumadas. Abri uma garrafa de vinho tinto e enchi duas taças; então, fechei-a e guardei-a na estante da dispensa. Aprendera minha lição após a primeira vez: uma taça era o suficiente.

Mamãe voltou à cozinha quando eu estava acabando de preparar o jantar, vestida com um moletom e seu casaco mais confortável, com gola rulê. Brindamos meu “quase aniversário” e jantamos. Fizemos a brincadeira de sempre sobre os altos e baixos daquele dia. Minha mãe ganhara um caso que não esperava vencer, contra uma empresa de ônibus local, mas Blakely gritara com ela na frente de Brenda e de Sally porque ela lhe havia entregado o arquivo errado na corte dos magistrados naquela manhã (mamãe disse que entregara o arquivo *que ele pedira*). Eu sofrera com as equações que a Sra. Harris me passara naquela tarde, acertando apenas três em dez, mas pegara nosso livro sobre Goya e copiara um de seus quadros, chamado *O Sono da Razão Produz Monstros* — apesar de as

pernas do homem adormecido à mesa terem ficado um pouco curtas comparadas ao original, eu estava muito feliz com as corujas, os morcegos e os gatos, *monstros* que se aproximavam dele ameaçadoramente.

Durante a refeição, percebi que minha mãe me olhava.

— O que foi? — perguntei.

Por causa das cicatrizes no rosto, eu não gostava de me sentir observada.

— Nada — respondeu ela, como se sonhasse. — Simplesmente não posso acreditar que minha menininha completará dezesseis anos amanhã. Dezesseis! Parece que foi ontem que eu a amamentava.

— Mãe, por favor! *Estou comendo!*

— O tempo passa tão depressa... — Ela suspirou, balançando a cabeça lentamente. — Você sempre teve muito apetite. Nunca rejeitou o peito.

— Mãe, você não vai começar de novo com essa história de memórias, vai?

— Não, não. Não, se isso a envergonha. Prometo que não vou começar com essa história de *mamárias*...

Eu estava bebendo um gole de vinho e quase engasguei com o riso. Quando me recuperei, aquele olhar sonhador ainda continuava em seu rosto.

— Nós comemoraremos amanhã, Shelley. Iremos a um lugar especial.

— Não precisamos, mãe.

— Precisamos, sim.

Ela contornou, com o dedo indicador, uma pequena mancha de vinho tinto sobre a toalha. Quando falou novamente, seus olhos estavam marejados.

— Quero pedir desculpas, Shelley.

— Por quê?

— Por tê-la decepcionado. Por não tê-la protegido daquelas meninas tão *terríveis*.

Minha resposta saiu tão sufocada que quase não chegou até ela.

— Você não sabia.

— Exatamente. Você deveria poder confiar em mim.

Passei os dentes do garfo pelo molho do macarrão, criando desenhos.

— Por que não me contou, Shelley?

— Não sei. — Encolhi os ombros. — Eu me sentia... um pouco... paralisada. E envergonhada.

— Isso me magoou mais que qualquer outra coisa, sabia? Descobrir que você não conseguiu me contar. Foi minha culpa. Eu ainda estava sofrendo por causa do divórcio e preocupada com o trabalho. Afastei você de mim.

Eu sabia que a culpa não era dela. *Eu* decidi manter o bullying em segredo — mas, ao mesmo tempo, era profundamente reconfortante que ela assumisse a culpa.

— Às vezes, gostaria que você não fosse tão parecida comigo, Shelley.

— Não diga isso, mãe.

— Quer dizer, gostaria que você fosse mais... Gostaria que eu houvesse sido mais...

Ela não conseguia encontrar as palavras certas. O que quer que desejasse dizer, era complicado demais, difícil demais. Ela abandonou aquela tentativa e olhou-me dentro dos olhos, suplicante, continuando:

— O mundo é um lugar muito *duro*, Shelley!

Ela secou o que talvez tenha sido uma lágrima em seu rosto e tentou sorrir, mas sua expressão mudou, como se tivesse sido tomada por uma ideia tão pesada que seus ombros arriaram e ela afundou na cadeira.

— Talvez eu tenha errado ao nos mudarmos para longe. E ao tirar você da escola. Talvez fosse melhor se tentássemos encarar...

— *Não!* — Eu me senti tomada pelo pânico. — Não quero voltar para a escola!

Minha mãe esticou os braços sobre a mesa e segurou minha mão entre as suas. — Você não precisa voltar. Não precisa. — Ela apertou minha mão com tanta força que chegou a doer. — Não vou decepcioná-la novamente, Shelley. Eu prometo.

Foi desconcertante ver uma expressão tão intensa em seu rosto, e precisei desviar o olhar. Quando voltei a fitá-la, senti-me aliviada ao perceber que aquela expressão dera lugar a um sorriso gentil e sensato.

— Quero que saiba o quanto me orgulho de você — disse ela. — Quero que saiba o quanto me orgulho da maneira como você lidou com todas as coisas terríveis que aconteceram.

— Mãe...

— Estou falando sério. Você foi maravilhosa. Calma, sensata. Sem histeria, sem autopiedade. Nós iremos a um lugar muito legal. Um restaurante muito bom. Tudo bem?

*Sem autopiedade.* Lembrei da faixa de meu roupão e do gancho na garagem, no qual papai pendurava o saco de pancadas... Mas decidi não entrar nesse assunto.

— Tudo bem, mãe. — Sorri. — Tudo bem.

• • •

DEPOIS DO JANTAR tocamos outro dueto de nosso livro *Russian Folk Songs*, algo chamado “The Gipsy Wedding”, com uma batida rápida que eu não conseguia acompanhar. Sempre que minha mãe chegava ao meio, eu estava atrasada e tentando controlar o riso. Eu cometia centenas de erros — e quanto mais erros, mais nós ríamos.

Estávamos bastante sonolentas naquela noite; minha mãe quase adormeceu antes do noticiário das dez, que sempre trazia reportagens sobre algum escândalo político e ao qual eu nunca conseguia assistir até o fim. Abracei e beijei minha mãe antes de subir a escada em direção ao quarto.

Fiquei deitada por muito tempo, escutando a chuva suave bater contra a janela e aproveitando os últimos momentos de meus quinze anos. Pela manhã eu teria dezesseis. *Dezesseis anos sem nunca ter beijado*, era o que sempre se dizia. E, para mim, era verdade. Eu *nunca* havia sido beijada.

E pela primeira vez senti que queria ser. Queria ter um namorado. Queria ser beijada. Talvez, quando tivesse dezesseis anos e minhas cicatrizes sumissem, eu encontrasse alguém. Alguém bonito como George Clooney, mas com a inocência de um jovem Tom Hanks; alguém leal e sincero que não me

abandonasse quando a beleza começasse a sumir e aparecessem os pés de galinha...

Algo crescia dentro de mim. Algo ganhava vida, assim como o jardim da casa sob a chuva, mostrando seus brotos verdes, abrindo botões de flores e fazendo surgir pétalas virgens. Quando acordasse, eu teria dezesseis anos. *Idade para me casar*, como minha mãe dissera. Eu sentia como se entrasse em outra fase, com novas experiências, novas emoções e novos relacionamentos, e ansiava por eles como uma borboleta em uma crisálida anseia por abrir suas frágeis asas e voar.

Com esses pensamentos, caí em um sono doce e delicioso.

MEUS OLHOS SE ABRIRAM e eu despertei imediatamente. Apesar das horas que passei mergulhada em um sono muito, muito profundo, o inconfundível rangido do quarto degrau da escada alcançara aquela parte do cérebro que jamais dorme. Eu não tinha dúvida do que escutara e do que seria: *havia alguém na casa.*

O *display* fluorescente do relógio sobre meu criado-mudo marcava 3:33.

Eu sentia o coração batendo forte no peito como se tivesse vida própria, como um coelho se movendo e ficando preso em uma armadilha da qual era cada vez mais difícil escapar. Esforcei-me para escutar algo além do forte latejar em minhas têmporas. Apurei a audição para além da porta do quarto — pelo corredor, pela escada —, como um cão de guarda invisível que me trazia constantemente a mesma informação: *silêncio, silêncio, silêncio, apenas silêncio, não encontrei nada.* Eu estaria enganada? Sabia que não. Escutara o quarto degrau ranger sob o peso de uma pessoa.

Depois do que pareceu uma eternidade, escutei o gemido de mais um degrau, um degrau mais alto: *havia alguém na casa.*

O medo me paralisou. Desde que abrisse os olhos, eu não movera sequer um músculo. Foi como se um instinto primitivo — sinalizando que eu me mantivesse totalmente imóvel e não emitisse qualquer som até que o perigo passasse — tivesse tomado conta de mim. Mesmo minha respiração se tornara tão lenta e tão superficial que não fazia barulho nem movia a coberta. Pensei no bastão de madeira que eu guardava embaixo da cama, “caso houvesse ladrões”, mas não tive coragem para me abaixar e pegá-lo. Algo mais forte me mantinha congelada e imóvel. *Fique parada*, aquilo me ordenava. *Não faça qualquer barulho até que o perigo passe.*

Os passos continuaram pela escada — mais altos, como se o intruso houvesse desistido do silêncio. Escutei um corpo bater com força contra o armário do corredor (*alguém bêbado?*) e um palavrão (*uma voz masculina*).

Ouvi quando ele abriu a porta do quarto de mamãe. Sabia que ele acendera a luz, pois a escuridão em meu quarto diminuiu infimamente. Escutei a voz de minha mãe. Sonolenta. Confusa. Assustada. E, então, a voz do homem; uma sequência de resmungos agressivos e guturais que mais pareciam de um animal. “Espere”, escutei minha mãe dizer claramente. “Meu roupão.” Depois, ouvi ambos caminhando na direção do meu quarto.

A porta foi aberta, vencendo o grosso carpete, e a luz foi acesa, explodindo em uma claridade que parecia capaz de cegar.

Apesar de estarem em meu quarto, eu ainda não me mexia (*mantenha-se imóvel e não faça qualquer barulho até que o perigo passe*). Eu continuei deitada, sem me mexer, como se meu pescoço estivesse quebrado.

Mamãe disse meu nome, para que eu acordasse, mas não consegui reagir. Ela o repetiu, mais alto e mais perto de minha cama. Por fim, ela apareceu em meu campo de visão. Seu rosto pálido estava inchado de sono e seus cabelos totalmente desgrenhados, de um jeito que teria sido engraçado em outras circunstâncias. Seu roupão fora colocado às pressas e a faixa estava solta. Ela percebeu que eu estivera acordada o tempo todo e que sabia exatamente o que estava acontecendo.

— Shelley, querida... Não tenha medo. Ele só quer dinheiro. Se fizermos tudo o que ele mandar, ele irá embora e nos deixará em paz — disse ela.

Eu não acreditei, e pelo tremor de suas mãos e por sua voz inconstante vi que ela também não acreditava. Quando um gato invade a toca de um rato, ele não vai embora sem fazer mal nenhum. Eu sabia como aquela história terminaria. Ele me estupraria. Ele estupraria minha mãe. E nos mataria.

Com um esforço tremendo, consegui finalmente mover a perna esquerda para fora da cama. Com isso, o feitiço que me imobilizara e que parecera durar um milênio foi desfeito e pude me sentar e procurar meu roupão.

•••

O ASSALTANTE ERA MAIS novo do que sua voz aparentava. Era um jovem magricela de menos de vinte anos,

com rosto fino e longos cabelos pretos que caíam sobre os olhos e se enroscavam no pescoço em mechas minguadas e oleosas. Ele vestia uma jaqueta verde-oliva surrada e calças jeans imundas, que estavam tão baixas em seu quadril que pareciam prestes a cair.

A mais de um metro de distância eu sentia o cheiro de álcool, que o cercava como uma névoa invisível. Estava claramente bêbado, mas parecia existir *algo mais*. Ele mal se equilibrava; seu rosto pálido e pouco saudável estava repleto de gotas de suor. O assaltante se empenhava em permanecer acordado enquanto suas pálpebras se fechavam, piscando agitadamente diante do esforço que fazia para despertar. Seus olhos se reviraram, como se ele fosse desmaiar a qualquer momento, mas ele subitamente recobrou os sentidos, ergueu os ombros em um movimento brusco e olhou ao redor como se tentasse lembrar-se de onde estava.

Ele segurava uma faca enorme, como aquelas que caçadores usam para estripar coelhos.

Estava no topo da escada e oscilava loucamente de um lado a outro, como um homem no convés de um navio durante uma tempestade (*ele cairia? Por favor, Deus, permita que ele caia da escada e quebre o pescoço!*), mas não caiu. Ele gesticulou com a faca para que minha mãe e eu descêssemos.

Tremendo e terrivelmente assustadas, nós obedecemos.

Eu segui na frente; as tábuas de madeira estavam congelantes sob meus pés descalços. Embaixo, podia ver a porta principal. Do lado de fora havia toda a segurança da escuridão, centenas de lugares onde nos escondermos. Se eu tentasse escapar, teria tempo suficiente? A porta estava trancada. Se demorasse abrindo a tranca... ele estava logo atrás de minha mãe, com aquela faca bárbara.

Desci o último degrau, e nossa chance — *nossa última chance?* — se foi.

Ele nos encaminhou para a saleta e acendeu a luz. Eu estava com muito frio por ter deixado tão repentinamente o calor de minha cama e tremia incontrolavelmente. Por instinto, minha mãe me abraçou e esfregou suas mãos em mim, para me

esquentar, mas meus tremores não passavam. Percebi que não tremia de frio. Eu tremia de medo.

— Fiquem aqui — disse ele. — Não façam nada ou terão isso!

Ele baixou a faca violentamente na direção de mamãe, e a lâmina serrilhada passou a poucos centímetros de seu olho esquerdo.

O homem negociou com seu corpo uma meia dúzia de passos difíceis até a sala de jantar, como se o chão sobre o qual andava estivesse inclinado a quarenta e cinco graus, e pareceu claramente aliviado quando alcançou a mesa e pôde se apoiar nela. Minha mãe sussurrava a mesma coisa o tempo todo: “Vai ficar tudo bem, Shelley. Vai ficar tudo bem.” Enterrei meu rosto no pescoço dela e fechei os olhos com força. “Por favor, permita que tudo isso seja um pesadelo”, rezei. “Por favor, alguém diga que isso não está realmente acontecendo!”

Eu o escutava dizer palavras sem coerência para si mesmo enquanto vasculhava as gavetas do aparador e da velha escrivaninha. Conforme sua busca se tornou mais agitada, ouvi a tigela com *pot-pourri* cair no chão, meus cartões de aniversário se espalharam pelo ar como passarinhos de papelão e o vaso de flores secas se quebrou em pedacinhos no assoalho. Durante todo o tempo ele falava sozinho, em comentários sem sentido pontuados por risadas infantis e explosões de palavrões horríveis.

— O que ele está procurando, mãe? — sussurrei.

— Não sei, querida. E não sei se ele sabe. Não se preocupe. Ele já vai embora.

Ao escutar aquele balbuciar constante vindo da sala de jantar, cheguei à terrível conclusão de que o assaltante não estava *realmente* conosco, no Chalé Madressilva, mas viajando na mistura de bebidas e drogas que consumira. Tudo aquilo — mamãe e eu em nossos roupões, tremendo, e as gavetas que ele tirava da escrivaninha e esvaziava no chão —, para ele, não passava de um sonho. Não era real. Ele poderia nos esfaquear, e isso não significaria nada, porque não existíamos de fato, éramos apenas fantasmas em um sonho; sua mente e seu raciocínio

estavam em outro lugar: entorpecidos, adormecidos. E eu sabia muito bem o que o sono da razão produzia.

Olhei por cima do ombro de minha mãe e vi que ele trazia duas cadeiras da sala de jantar até a saleta. Então, ele colocou uma de costas para a outra e pediu que nos sentássemos.

— Vamos brincar de dança das cadeiras! — disse, rindo como se acabasse de contar a piada mais engraçada do mundo. — Sim, isso mesmo — continuou. — Vamos brincar de dança das cadeiras! Como na escola, com a professora. Lá, lá, lá, lá... Pare! Quem se sentou na cadeira? Eu sentei na cadeira! Quem se sentou na cadeira? Eu sentei na cadeira! Lá, lá, lá, lá, lá...

Com outro movimento súbito da faca ele gesticulou para que nos sentássemos. Relutantemente nos separamos e fizemos o que ele mandou. Eu me arrependi no mesmo instante, porque já não conseguia ver minha mãe — via apenas a lareira e o piano —, e senti meu medo crescer e o pânico surgir em meu peito. Fechei os olhos e respirei fundo, tentando sufocar a histeria.

O jovem ficou em pé à minha direita, em silêncio, como um ator que de repente esquece suas falas. Suas pálpebras começaram a tremer novamente e ele revirou os olhos, até que tudo o que eu podia ver eram as partes brancas. Sua cabeça pendeu para a frente. Era quase como se ele houvesse adormecido em pé. A faca estava solta em sua mão, segura apenas pelas pontas de seus dedos.

Observei-o, esperando que ele saísse desse transe, mas nada aconteceu. Ele continuou parado, como um brinquedo de corda que para de funcionar. *Se eu me lançar contra ele agora, pensei, neste momento, a faca cairá no chão e minha mãe conseguirá pegá-la.* Sem a faca ele não seria um gato na toca dos ratos: seria apenas um gatinho, um gatinho doente e desorientado. Se eu me lançasse contra ele, enquanto ele viajava em um desses transes, poderia derrubar a faca de sua mão. Posso fazer isso. Devo fazer isso. Preciso fazer isso...

Porém, suas pálpebras se descolaram lentamente, as íris acinzentadas com as pupilas negras voltaram ao lugar e ele olhou diretamente para mim. O assaltante sorriu vagamente e moveu os lábios como alguém que desperta de um sono

profundo com um gosto ruim na boca. Ele segurou a faca com força, levou-a até o rosto e usou as costas da mão para limpar um pouco de saliva que escorria pelo queixo.

Eu demorara muito. Eu demorara muito mais uma vez.

— Sim — disse ele lentamente, lembrando-se daquilo que falara. — Sim, vamos brincar de dança das cadeiras.

Ele procurou por algo no bolso e tirou dali uma corda puída e emaranhada.

— VOCÊ NÃO PRECISA NOS AMARRAR. — Minha mãe tentou soar tão calma e sensata quanto possível.

Eu, porém, podia ouvir o medo em sua voz. Caso ele nos amarrasse, ficaríamos ainda mais à sua mercê; não poderíamos sequer fugir se ele realmente usasse aquela faca. Seríamos tão impotentes quanto os perus que eu vira no mercado na época do Natal, amontoados num canto, esperando pateticamente a machadinha do açougueiro.

— Não é necessário — continuou ela. — Não faremos nada. Leve o que quiser: há joias numa caixa vermelha em meu quarto e dinheiro sob o colchão. Não chamaremos a polícia. Eu prometo.

O jovem ficou parado, absolutamente imóvel, com uma expressão estranhamente distraída. Talvez estivesse considerando o que ela dissera. Talvez em sua viagem ele estivesse em um *looping* assustador, em velocidade nauseante.

E, então, ele riu, secou a boca com as costas da mão mais uma vez e começou a amarrar os punhos de minha mãe.

— Preciso amarrar vocês — disse. — Foi para isso que eu trouxe a corda.

Ele se ajoelhou e amarrou as pernas dela; então, aproximou-se de mim, engatinhando. Passou a corda várias vezes ao redor de meus tornozelos. Observei seus cabelos oleosos balançando perto de mim e tentei não inspirar aquele mau cheiro. Quando terminou de amarrar minhas pernas, ele percebeu que usara quase toda a corda. Por isso, segurou meus punhos e puxou-os brutaemente em sua direção, amarrando-os firmemente com a ponta que restara. Sobrara apenas o suficiente para um pequeno nó.

— Pronto — disse —, isso impedirá que saiam daí!

Ele se levantou devagar, respirando de maneira ofegante. Depois levou a mão ao estômago e contraiu o rosto, como se estivesse prestes a vomitar. Soltou um arrote alto.

— Sinto muito, damas. Sinto muito, senhora. Sinto muito, madame. Eu não deveria ter comido ovos. Os ovos não estavam bons.

Houve um longo silêncio. Um insuportável silêncio. Eu não conseguia vê-lo, mas sentia que ele estava diante de minha mãe. Tentei olhar por cima do ombro, mas ele estava em um ponto cego exatamente atrás de mim, o que me impedia de ver qualquer parte de seu corpo. *Ele vai esfaqueá-la*, pensei. *A matança começará. Ele matará minha mãe e depois me matará. Ele não quer roubar nada. Veio nos matar. Cortará nossas gargantas em nossa própria sala. Esse porco nojento cortará nossas gargantas.*

Eu puxei com força a corda que amarrava minhas mãos, mas o nó estava apertado e não se desfez. Não havia nada que eu pudesse fazer. Então, recostei-me na cadeira e esperei pela matança.

— Preciso de uma bolsa — disse ele. — Não trouxe uma bolsa.

— Há... há algumas bolsas embaixo da escada — informou minha mãe, hesitante. Fiquei aliviada ao escutar sua voz.

— Eu trouxe a corda, mas esqueci a bolsa — continuou ele, como um garotinho se desculpando com a professora por não ter o material certo para a aula.

— Embaixo da escada — completou minha mãe delicadamente. — Há uma bolsa esportiva ali. Você pode pegá-la.

— Vou aos quartos agora. Vou pegar todo o dinheiro e todas as joias. E se tentarem alguma coisa enquanto eu não estiver aqui, vou matar vocês. Vou matar vocês *duas*. Entenderam?

— Sim — respondeu minha mãe.

— ENTENDERAM? — esbravejou ele.

— Sim, entendemos perfeitamente — repetiu minha mãe com a voz mais obediente possível.

Houve mais um longo e estranho silêncio.

— Você quer a bolsa que está embaixo da escada — disse minha mãe. — Ela é vermelha.

— Eu sei o que quero, senhora! Eu sei o que quero! — gritou ele, com ousadia. — Não me diga o que quero! Não *me*

diga o que *eu* quero!

Por um momento, ele pareceu hesitar, como se desejasse transformar aquela faísca de raiva em um incêndio, mas quando voltou a falar sua voz estava mais tranquila que irritada.

— Eu sei o que quero, senhora. Sei o que estou fazendo. Não se preocupe com isso...

E, então, ele se foi. Eu o escutei vasculhando os objetos embaixo da escada, retirando dali a bolsa vermelha e subindo pesadamente as escadas, como um sonâmbulo.

•••

— MÃE! — SUSSURREI. — O que faremos?

— Mantenha a calma, Shelley. Se entrarmos em pânico ele também entrará. Precisamos manter a calma.

— Mas ele vai nos matar!

— Não, não vai. Ele só quer dinheiro. Quando achar que pegou tudo, vai embora... Ele só está interessado nisso.

Ela estava errada. Eu tinha certeza de que ela estava errada, mas não adiantaria discutir. Estávamos amarradas. Não podíamos fazer nada além de esperar. Algo pesado fez um baque surdo ao cair no chão do quarto acima de nós. Um pouco depois, escutamos a descarga ser acionada.

Olhei para o piano, com a tampa suspensa e o livro *Russian Folk Songs* ainda aberto na partitura de “The Gipsy Wedding”, que tocamos na noite anterior. Ali estava minha flauta, ainda pousada sobre o banquinho de veludo do piano, onde eu a deixara. Era impossível acreditar que apenas algumas horas antes minha mãe e eu executávamos aquele dueto, naquela mesma sala, e ríamos enquanto eu me esforçava para acompanhar o ritmo frenético da canção. Agora, estávamos amarradas e aterrorizadas, esperando para descobrir se um assaltante drogado nos mataria ou nos deixaria vivas.

Com um sorriso triste, lembrei-me de que era oficialmente meu aniversário. *Parabéns para mim!* Pensei em quantas pessoas morrem no dia do aniversário. Bem, isso, *sim*, pode-se chamar de ironia. Ia comentar com mamãe, mas pensei duas vezes. Minhas observações mórbidas não ajudariam em nada.

Analisei as estantes de livros em ambos os lados da coluna vertebral formada pela chaminé da lareira. Estavam todos ali: *Obras completas de Shakespeare*, *Guerra e paz*, *Madame Bovary*, *Crime e castigo*, *Orgulho e preconceito*, *Dom Quixote*, *Oliver Twist*, *Os miseráveis* — uma ótima seleção de clássicos da literatura ocidental apertada nas prateleiras de nogueira. Acima, estavam nossos livros de arte, enormes volumes ilustrados sobre a Renascença, os impressionistas, o Modernismo, Degas, Vermeer, Michelangelo, Turner e Botticelli. Abaixo, na “seção de música”, havia a coleção em trinta volumes de *A vida dos grandes compositores*, que encomendamos pelo The Music Lover’s Book Club, cuidadosamente organizada em ordem alfabética, de Bach a Wagner.

Sim, ali estavam todos eles, deuses e deusas da arte, da literatura e da música. Todas as divindades da “cultura” de classe média. Mas, pela primeira vez, enquanto olhava cada um daqueles nomes, não senti respeito e admiração. Senti unicamente desprezo... Mais que desprezo: repulsa. Eles me enjoavam.

Eram apenas mentiras. Uma gigantesca fraude. Todos fingiam falar sobre a vida — *a vida real* —, mas não estavam ligados a ela de forma alguma. A vida real em nada se parecia com os romances e os poemas, em nada se parecia com as paisagens pintadas a óleo ou os quadros abstratos com quadrados vermelhos e amarelos, em nada se parecia com a organização dos sons nas harmonias formais das músicas.

A realidade era exatamente o oposto da ordem e da beleza; era o caos e o sofrimento, a crueldade e o horror. Era ter seus cabelos incendiados sem ter feito mal a ninguém, era ser explodido por uma bomba terrorista ao levar seus filhos à escola ou ao se sentar em seu restaurante favorito, era apanhar até morrer em uma viela enquanto lhe roubam o pequeno salário que acabou de receber, era ser estuprada por bêbados, era ter a garganta cortada por um viciado que invadiu sua casa à procura de dinheiro. A realidade era um massacre *diário* de inocentes. Era um abatedouro, um açougue, forrado pelos corpos de inúmeros ratos...

E toda essa “cultura”, toda essa “arte”, é apenas um truque para que possamos fingir que os seres humanos são criaturas nobres e inteligentes que abandonaram seu passado animal há muito tempo e se transformaram em algo mais civilizado, algo mais puro. Se podemos pintar e escrever como anjos, *somos* anjos. Porém, a “arte” era apenas a tela que escondia uma feia verdade: não mudamos em nada, ainda somos as criaturas que abriam com pedras afiadas o ventre quente da caça e que aliviavam sua raiva nos mais fracos com golpes frenéticos de porrete. Belas pinturas e poemas inteligentes não alteraram em nada nossa natureza.

Não — arte, música e poesia não refletiam a realidade. Eram apenas um refúgio para os covardes, uma ilusão para aqueles fracos demais para encarar a verdade. Tentando absorver essa “cultura”, eu me tornara fraca e impotente, incapaz de me defender das feras humanas que habitam essa selva do século XXI.

— Ele vai nos matar, mãe. Tenho certeza.

— Shelley, você precisa ficar calma. Apenas faça o que ele mandar.

— Você não entende o perigo que estamos correndo! Ele está drogado! *Ele vai nos matar!*

Que justiça era essa? Que tipo de Deus permitiria que isso acontecesse? Será que minha mãe e eu não sofremos o bastante? Meu pai nos abandonou, deixou-nos lutando sozinhas por nosso sustento enquanto ele se esbalda sob o sol espanhol com sua vagabunda de vinte e quatro anos. Eu fui tão agredida que precisei abandonar a escola e ter aulas em casa. Meu rosto estava marcado pelo ódio alheio. E, agora, dentre todas as casas que aquela bomba-relógio ambulante poderia invadir, a nossa foi escolhida, justamente quando começávamos a construir uma nova vida, quando as coisas começavam a melhorar.

O que mais sofreríamos? Estupro? Tortura? Que crime cometemos além de sermos fracas, além de sermos *ratos*? Que mal fizemos para merecer tal punição incessante? Por que aquilo não estava acontecendo com Teresa Watson ou com Emma Townley? Por que as vítimas não eram as garotas que me

perseguiram tanto que me fizeram pensar em suicídio? Por que aquilo não estava acontecendo com meu pai e com Zoe? Por que acontecia conosco? Mais uma vez? Não havíamos sofrido o suficiente?

• • •

— MÃE?

— Sim, querida?

— Mãe, a corda está começando a ceder. Acho que consigo soltar minhas mãos.

Senti então o forte cheiro de álcool e percebi que o ladrão voltara à saleta.

ELE PASSOU POR NÓS carregando a bolsa vermelha, estufada por tantas coisas que colocara lá dentro. Parecia que ele havia pegado tudo o que encontrara — eu pude ver parte de um grande frasco de xampu saindo de um dos bolsos laterais.

Ele andou até a sala de jantar e começou a jogar na bolsa os bibelôs que estavam nas prateleiras, ocupando o pouco espaço que ainda restava nela. Durante todo o tempo encarava a parede com um olhar vidrado, como se fosse cego, quase indiferente ao que fazia. Não parecia notar quando algumas das miniaturas de cristal ou porcelana caíam no chão, em vez de dentro da bolsa, e continuava apanhando-as, como um robô.

No entanto, eu não conseguia desviar meu olhar da faca, incrédula. Ele a havia deixado sobre a mesa da sala de jantar. *Estava desarmado.*

Minhas mãos estavam livres. Eu as mantive paradas em meu colo, a corda solta ainda enrolada nelas, e comecei a liberar minhas pernas. A corda certamente era muito velha e, conforme eu forçava com meus tornozelos, sentia as fibras ásperas e ressecadas se romperem, uma a uma.

— Mãe — sussurrei, virando-me na cadeira para aproximar meus lábios do rosto dela. — Essa corda está tão velha que...

— EI!

Tive um sobressalto, como se uma bomba tivesse estourado embaixo de minha cadeira. Ele me olhava fixamente, com uma expressão de raiva parecida com a de um cachorro feroz.

— SEM CONVERSA! — gritou ele enquanto as veias em sua testa se retesavam e uma chuva de perdigotos saía de sua boca.

Foi tão alto que muito tempo depois eu ainda ouvia as palavras ecoando pela sala.

Quando já não conseguia colocar mais nada na bolsa, ele caminhou em nossa direção, a faca esquecida sobre a mesa. Parou diante de nós, balançando para a frente e para trás. Sob luz intensa, sua pele se mostrava oleosa, por causa do suor, e

morbidamente pálida, e ele tinha a expressão de uma criança que comeu demais em uma festa, sente dores no estômago e sabe que vai vomitar. Eu conseguia ver a penugem sobre seu lábio superior e em seu queixo — não a barba de um homem, mas os pelos esparsos de um adolescente.

— Agora, eu vou embora — disse ele.

Porém, não se mexeu. Continuou cambaleando diante de nós, sem equilíbrio, enquanto suas pálpebras voltavam ao agora familiar estremecimento e seus olhos se reviravam como os de um epilético prestes a ter uma convulsão. Ele abaixou a cabeça em direção ao peito e lentamente, muito lentamente, seu corpo se inclinou para a frente. O barulho da bolsa batendo no chão o trouxe de volta a si, mas era tarde demais para impedir a queda. Ele caiu pesadamente sobre mim. Sua pele oleosa roçou meu rosto e eu inalei o odor nauseante daquele hálito podre. Ele manteve o rosto junto do meu, rindo silenciosamente e divertindo-se com o medo e o nojo que despertava em mim. Mantive as mãos unidas, rezando para que ele não percebesse que eu conseguira soltá-las.

— Que tal um beijo? — perguntou.

Eu fechei os olhos com força e travei a mandíbula, pronta para aquele ataque nojento, mas nada aconteceu. Ele se levantou.

— Não quero beijar você — disse ele. — Você é feia e metida.

Eu entreabri os olhos e vi sua silhueta a meu lado.

— O que é toda essa... — perguntou ele, com uma careta — ... essa *porcaria* em seu rosto?

Eu não consegui responder. Sentira tanto medo por tanto tempo que estava certa de que não suportaria a menor ofensa. Percebi que meu coração acelerado desistiria de bater a qualquer momento e o medo me mataria, como acontece com alguns animais antes mesmo que os cães de caça cravem neles seus dentes, eu soube.

— O que é isso, hem?

Silêncio. Um silêncio longo e desconfortável.

— O QUE É ISSO?

— Ela sofreu um acidente na escola — respondeu minha mãe rapidamente.

Com uma velocidade que eu não imaginava, ele se virou e socou o rosto dela com força. Senti todo o seu corpo cair violentamente para o lado, atrás de mim.

— Não perguntei a você! — gritou ele.

— Desculpe — respondeu minha mãe para acalmá-lo, ainda pensando claramente após o choque daquela agressão e tentando impedir que ele perdesse a paciência e o controle.

— Eu sofri um acidente na escola! — gritei, tentando chamar sua atenção, pois ele já estava com o braço posicionado para acertá-la novamente. — Fui queimada em um incêndio. São cicatrizes! Estou marcada!

Ele desfez o punho e deixou que o braço caísse na lateral do corpo.

— É... Bem, você está *horrorosa*.

— Sim, eu sei — falei, tentando manter aquela conversa e sua atenção em mim.

— Sua velha é mais bonita que você. — Ele soltou um soluço e outro arrote azedo.

Pegou a bolsa vermelha e andou, desequilibrado. Passou pela faca sem sequer olhar para ela e desapareceu na cozinha.

Não escutamos nada por um longo tempo.

— Acho que ele se foi — sussurrou minha mãe.

Como se essa fosse sua deixa, ele voltou à saleta trazendo uma grande caixa embrulhada em papel de presente. Estava decorada com um laço vermelho e havia um envelope cor-de-rosa com meu nome, na caligrafia mais caprichada de mamãe.

— O que é *isso*? — ele quis saber.

— É o presente de aniversário de minha filha — respondeu ela friamente.

— O que é?

— Um computador. Um laptop.

— Mandou bem! — exclamou o ladrão, como se o presente tivesse sido comprado especialmente para ele. — Eu vou embora. E não chamem a polícia, ou voltarei.

Ele fechou os olhos e um sorriso vago passou por seu rosto, como se estivesse se divertindo com uma piada particular. Ele os abriu mais uma vez, levemente, esforçando-se para erguer as pálpebras que pareciam insuportavelmente pesadas. Olhou ao redor como se tentasse lembrar onde estava e o que dizia.

— É, é isso aí... Voltarei e transarei com você. Entendido?

— Sim, nós entendemos — respondeu minha mãe. — Não chamaremos a polícia. Prometemos.

Ele permaneceu no mesmo lugar por muito tempo, perdido nos labirintos confusos de seu transe. Depois, resmungou algo e tentou arrotar, mas não conseguiu. Seus olhos se fecharam mais uma vez e eu concluí que ele entrava em mais uma de suas viagens, quando, subitamente, os olhos se abriram como os de uma boneca. Ele me encarou com uma intensidade tão fria, penetrante e homicida que precisei desviar o rosto. *O banho de sangue começará agora. O banho de sangue começará agora, justamente quando pensamos que ele partiria e nos deixaria em paz! A loucura começará agora...*

Ele deu um passo adiante e o envelope cor-de-rosa escorregou do embrulho e caiu no chão. O ruído o fez endireitar sua postura, ele uniu os lábios com um estalo e lambeu-os.

— Voltarei e transarei com você — disse novamente, tão baixo que foi quase inaudível.

Ele ajeitou o laptop embaixo do braço esquerdo, virando-o. Ao fazer isso, o lindo laço vermelho caiu lentamente no chão, como a folha de uma árvore no outono. E, então, ele voltou com calma até a sala de jantar e parou diante da mesa. Tive certeza de que pegaria a faca dessa vez, mas ele pareceu simplesmente olhar através dela, como se fosse invisível ou apenas uma alucinação de sua mente, depois entrou na cozinha e desapareceu.

Escutei enquanto ele tentava sair pela cozinha, carregando o laptop sob um dos braços e a bolsa vermelha na outra mão, alucinado demais para pensar em colocar um dos objetos no chão e então abrir a porta.

— Acabou — disse minha mãe. — Ele está realmente partindo. Eu disse a você que não nos machucaria.

Sim, dessa vez era verdade. Ele realmente estava partindo, levando sob um dos braços meu presente de dezesseis anos, apertado contra sua jaqueta fedorenta. O presente que minha mãe havia embrulhado e enfeitado cuidadosamente e colocado sobre a mesa da cozinha antes de dormir, para que eu o encontrasse no dia seguinte, durante o café da manhã, no que seria uma maravilhosa surpresa de aniversário. O laptop que, com sua intuição de mãe, ela sabia que eu queria. O laptop que ela não tinha dinheiro para comprar, mas que estava determinada a me dar independentemente de precisar abrir mão de algo para si mesma.

Ele estava partindo — e deixava para trás minha mãe com um hematoma no rosto, causado por seu grande anel com um brasão, e uma marca escura no olho direito. Ele estava partindo... E deixava para trás duas mulheres indefesas e sistematicamente humilhadas, atormentadas e agredidas como se aquilo fosse a coisa mais natural do mundo, como se isso fosse um direito *dele*.

Até hoje não sei exatamente o que me levou a fazer aquilo. Talvez tenha sido ver aquele viciado pálido levar meu presente de aniversário, o símbolo de todas as minhas ambições futuras; talvez a raiva pelo que ele fez com minha mãe; talvez por ele ter dito que eu era feia ou, talvez, a verdade seja que todos temos um limite — *até mesmo os ratos* —, e quando ele é ultrapassado algo se transforma dentro de nós. Talvez tenha sido apenas a maneira como o lindo laço vermelho que minha mãe tinha feito caíra lenta e pateticamente no chão...

Eu me liberei do restante das cordas que prendiam minhas pernas, peguei a faca sobre a mesa da sala de jantar e corri para o jardim, atrás dele.

ELE ATRAVESSARA APENAS a curta distância até o ponto onde começava o gramado, ainda sob a faixa de luz amarela que vinha da cozinha. Escutou minha aproximação e olhou para trás antes de prosseguir em sua fuga despreocupada, como se tivesse visto um pequeno gato cuidando da própria vida, em vez de uma garota aos berros correndo até ele com uma faca.

Enfiei a faca entre sua escápula e o ombro com toda a minha força.

Não consegui acreditar em como suas costas eram rígidas. Parecia que eu havia apunhalado o tronco de uma árvore. A faca entrara quase que completamente, viam-se apenas dois centímetros da lâmina, e foi preciso muita força para retirá-la. Com o golpe, ele soltou um longo suspiro e deixou cair o laptop e a bolsa vermelha. Ele se curvou, como se tivesse recebido um soco na barriga e, meio de lado, olhou para mim com inocência e surpresa.

— Por que fez *isso*? — reclamou, como se aquilo fosse apenas uma brincadeira.

Eu o ataquei mais vezes, com os olhos semicerrados, sem querer ver os ferimentos que a faca deixava, sem querer ver o sangue.

Ainda encolhido como um soldado que se protege do fogo inimigo, ele seguiu em direção à porta dos fundos da casa, virado para mim e com o braço esquerdo erguido, tentando se defender dos piores golpes. Eu pensei: *Ótimo! Quero que você volte para dentro da casa! Não quero que fuja de mim!*

Ele chegou à cozinha e tentou fechar a porta, mas não foi rápido o suficiente e consegui entrar forçando-a com o ombro. Ele caminhou aos tropeços, em direção à despensa, querendo se colocar atrás da mesa de pinho, porém, novamente, foi lento demais. Corri atrás dele, atingindo-o quando conseguia, torturando-o como um caubói tortura um touro, cravando suas esporas no animal. Ele deu várias voltas ao redor da mesa e eu continuava a persegui-lo, golpeando-o, golpeando-o e golpeando-o.

— *Vamos brincar de dança das cadeiras, agora!* — gritei.  
— *Vamos brincar de dança das cadeiras!*

Eu o acertei tantas vezes que perdi a conta. Ele parecia cada vez mais fraco e caiu contra a pia, bateu no corredor de plástico cheio de pratos e de copos utilizados na noite anterior e derrubou-os no chão. Enquanto tentava se equilibrar, uma das punhaladas acertou a lateral de seu pescoço, fazendo, subitamente, seu sangue jorrar como água de um cano. Ele levou a mão ao ferimento e se encolheu num canto junto à cesta de pães, de costas para mim.

Eu queria apenas que ele caísse, que parasse de se mexer, que deixasse de representar qualquer ameaça. Observei a parte de trás de sua jaqueta rasgada e ensanguentada, tentando descobrir a localização exata de seu coração, e o ataquei com toda a força que pude reunir. Nesse instante, ele se virou. A faca se chocou com tanta violência contra o osso de seu ombro que voou de minha mão e deslizou pelo piso.

Então, vi a expressão em seu rosto, de medo e submissão, transformar-se em superioridade, em um triunfo assassino, quando ele percebeu que a situação se invertera. Antes mesmo que eu pudesse me virar para ver onde estava a faca, ele se lançou sobre mim.

Meus joelhos se dobraram e, sob todo o peso do ladrão, caí bruscamente no chão. Algo duro e afiado machucou-me e a dor lancinante me fez gritar. Logo percebi o que era. Eu havia caído em cima da faca!

Ele se apoiou em meu peito, arrastando-se para cima de meu corpo e tentando levantar meu queixo para expor minha garganta. O sangue jorrava da ferida em seu pescoço como vinho tinto de uma garrafa tombada, caía em meu rosto em um fluxo infinito, escorria, enchia minha boca e me obrigava a cuspir e a buscar ar, como se estivesse me afogando, fazia meus olhos arderem, como se estivessem com sabão, e cegava-me completamente. Seu rosto estava pressionado contra o meu; nossos lábios quase se tocavam, numa terrível paródia de um beijo. Ele tentava agarrar meu pescoço, mas eu me debatia agitadamente para me livrar de suas mãos e arranhava sua face

com violência. Sempre que ele tentava prender meus braços contra o chão, eu me desvencilhava e enfiava as unhas em seus olhos. Eu me sacudia e gritava, tentando desesperadamente tirá-lo de cima de mim e puxar a faca que estava sob minhas costas. Se eu ao menos conseguisse afastá-lo por um segundo e alcançar a faca, estaria em vantagem novamente. Se eu ao menos alcançasse a faca...

Mas ele era forte demais. Apesar dos ferimentos e do sangue que jorrava de seu pescoço, ainda era forte demais para mim e, finalmente, conseguiu colocar as mãos ao redor de meu pescoço. Subitamente, senti uma pressão intensa me impedindo de respirar. Pontos brancos explodiram na escuridão de minhas pálpebras e eu soube, com certeza, que morreria se não inspirasse nos próximos segundos. Consegui abrir os olhos, que ardiam, e vi seu rosto contorcido numa proximidade repulsiva. Suas pupilas estavam bastante dilatadas pela adrenalina e seus dentes amarelos trincados com força enquanto ele arrancava de mim a vida. Um fio de saliva rosada escorria de seu lábio inferior. E eu pensei: *Essa é a última coisa que verei.*

Senti algo começar a ceder em meu pescoço, algo prestes a se romper. Eu conseguira encostar os dedos na faca, mas toda a força se esvaíra de mim. Meus braços se debatiam inutilmente. Fazia muito tempo que eu não respirava. Os pontos brancos se tornavam cada vez maiores, até que havia *somente* eles. *Então, morrer é assim, pensei. Isso é morrer... Essa é a luz branca de que as pessoas falam.* E parei de lutar, mesmo em pensamento. Fechei os olhos e desisti, esperando pela morte, pelo verdadeiro momento da morte. Nesse instante, houve um som alto e, como num passe de mágica, todo o peso desapareceu e a terrível pressão em meu pescoço cessou de repente.

Quando abri os olhos, vi mamãe segurando a pesada tábua de cortar carne com as duas mãos, e o mármore branco manchado com o sangue escuro. Ela o atingiu com tanta força que ele foi atirado para o lado e apenas suas pernas me tocavam, cruzadas sobre as minhas num ângulo oblíquo.

Para nossa surpresa, ele continuava consciente, seus olhos arregalados em uma máscara de sangue vermelho-escuro.

Ele estava apoiado nos cotovelos, tentando se arrastar até a mesa da cozinha antes de mais um golpe. Minha mãe, porém, não se daria por vencida. Eu a observei mirar, escolher cuidadosamente o ponto certo e segurar com firmeza o cabo curto da tábua, de maneira que ela não escorregasse e não houvesse erros. E, então, ela ergueu-a acima da cabeça.

Eu fechei os olhos quando a tábua começou a descer. Tive medo de ver a obscenidade daquele golpe, mas escutei o barulho nauseante de algo macio e úmido sendo atingido e senti um fragmento duro do crânio do ladrão ricochetear em meu rosto.

O RELÓGIO NO BALCÃO DA cozinha marcava quatro e cinquenta e sete.

Sentei-me encostada à máquina de lavar, inspirando avidamente o ar por minha garganta, que ardia. Mamãe se sentou à mesa da cozinha, a cabeça apoiada nas mãos, chorando baixinho.

O ladrão estava morto. Não havia dúvidas. O corpo estava estendido no chão, a cabeça e o tronco sob a mesa da cozinha. Sua jaqueta estava levantada, batendo nas orelhas, e seu braço direito estava esticado diante dele, como se tentasse pegar algo no momento em que morreu.

De onde eu estava sentada, não conseguia ver seu rosto — graças a Deus! —, apenas a parte posterior da cabeça, grotescamente deformada pelo golpe mortal de minha mãe. Um lago de sangue se acumulava ao redor dele, um verdadeiro *mar* de sangue cintilando sob a intensa luz da lâmpada. O líquido avançava lentamente pelo piso em línguas densas e oleosas, chegando à base dos armários, ao fogão, ao duro capacho feito de fibra de coco e aos canos do aquecedor sob o balcão onde tomávamos o café da manhã. Pensei em uma frase de *Macbeth* que eu julgara bastante esquisita, quando Lady Macbeth, lembrando-se do assassinato do rei Duncan, diz: “Quem imaginaria que o velho teria tanto sangue dentro de si?” Naquele momento, eu a compreendia perfeitamente. Perguntei-me, distraída, se Shakespeare teria matado alguém — como ele poderia saber exatamente o que acontecia? *Quem imaginaria que o ladrão magricela teria tanto sangue dentro de si?*

A corrente vermelha ameaçou alcançar meus pés, espalhando-se diante de mim, e encolhi um pouco as pernas para evitar o contato com aquela poça. Porém, não me movi — estava simplesmente exausta. Além disso, já estava coberta de sangue. Minhas mãos estavam escorregadias, meus cabelos, embaraçados, a camisola, manchada, e o tecido de meu roupão, pesado, pois absorvera o líquido como uma esponja; e na boca eu sentia o forte sabor metálico de sangue.

Quando olhei novamente para o relógio eram cinco e treze da manhã.

Tentei falar, mas minha garganta ardia e só consegui emitir um gemido rouco. Após um tempo tentei novamente, e foi um pouco mais fácil.

— Mãe?

Ela continuava sentada, perdida em seus pensamentos, a cabeça ainda apoiada pelas colunas que seus antebraços formavam, como se fosse absurdamente pesada. Ela me olhou quando falei, mas foi preciso um momento até que seu olhar voltasse ao presente.

— Mãe, não deveríamos ligar para a polícia?

Ela sorriu tristemente e balançou a cabeça.

— É o que estou tentando decidir, querida.

Não entendi o que ela quis dizer e pensei que ainda estivesse em choque.

— Precisamos ligar para a polícia, mãe — continuei, gentilmente. — Precisamos contar a eles o que aconteceu. Eles chamarão uma ambulância. Preciso ir ao hospital... Meu pescoço está me matando de dor.

Porém, ela não foi até o telefone. Continuou sentada à mesa da cozinha, os pés descalços apoiados na cadeira para não tocar a piscina de sangue. Com o lado direito do rosto inchado e um dos olhos quase fechado, envolto por hematomas pretos e roxos, ela não parecia mais a mesma — era quase como olhar para uma pessoa completamente diferente.

— Mãe? — perguntei novamente. — A polícia. Preciso ir ao hospital. Ela ainda não se mexia em direção ao telefone.

— Shelley...

— Hum?

— O que aconteceu quando você correu para o jardim? Não pude ver... Eu ainda tentava soltar minhas pernas. Vi que você pegou a faca. O que aconteceu?

— Eu o apunhalei — respondi.

— Onde?

— Nas costas.

— Ele estava armado?

— Não.

— Quantas vezes você o apunhalou até que eu chegasse à cozinha?

— Não sei... muitas... muitas, mãe — resmunguei. — Quando vai chamar a polícia?

Sua resposta me surpreendeu.

— Não quero ser presa, Shelley.

— O que está falando? — grunhi. — Como assim, *presa*?

— Não quero ser presa — repetiu ela, de forma fria e sem emoção. — E não quero que você seja presa.

— O que está falando, mãe? Você não será presa. Ele invadiu nossa casa. Ele tinha uma faca. Pelo amor de Deus, apenas nos defendemos! Ele estava me estrangulando. Se a senhora não me salvasse, ele teria *me matado*!

Achei que ela estava sendo patética. Eu queria que alguma ajuda chegasse. Queria ir ao hospital e não sentir mais aquela dor. Queria tirar todo aquele sangue coagulado e grudento de minha pele e ficar limpa novamente, cheirando a sabonete e a talco, deitar-me numa cama fria de hospital, com lençóis limpos, e ser mimada pelas enfermeiras. Principalmente, eu queria dormir, por horas e horas, e esquecer o inferno pelo qual havia passado...

Para minha surpresa, quando olhei mais uma vez minha mãe, ela estava rindo... Não um riso feliz, mas sim mórbido e amargo.

— Se ao menos as coisas fossem tão simples, Shelley... Mas não são. — Pacientemente, ela organizou os pensamentos antes de continuar. — Ele estava partindo quando você o atacou. Ele estava desarmado...

— *Desarmado!* — exclamei, incrédula. — Ele é um homem! Sou apenas uma garota.

— Não faz diferença! Ele estava *partindo*. Você tinha uma faca e *ele*, não!

— Mãe, você está sendo ridícula. Foi legítima defesa. Ele nos amarrou. Bateu em seu rosto. Eu não sabia se ele estava realmente partindo ou se voltaria e nos mataria. Ele já havia

voltado uma vez... Eu não podia correr esse risco. A polícia nunca o defenderia...

— Shelley, sou advogada. Sei o que estou dizendo. Se chamarmos a polícia, os peritos analisarão todos os cantos dessa casa. E logo descobrirão que ele estava no jardim quando você o atacou. Precisaremos admitir que você tinha uma faca e ele estava desarmado. Eles não terão outra opção senão nos indiciar...

— Indiciar? Indiciar por quê?

— Assassinato.

— *Assassinato?*

Eu não podia acreditar no que ouvia. Certamente ela estava em choque, certamente eram bobagens...

— Haverá um julgamento. Talvez haja três ou quatro audiências antes, e pode demorar um ano até que sejamos julgadas. Haverá notícias, muita publicidade, a imprensa explorará o crime... É o tipo de coisa que eles adoram. Perderei meu emprego. Blakely não aceitará que o nome da empresa esteja ligado a um problema como esse. Se tivermos sorte, os jurados irão simpatizar conosco e nos defender... Entenderão que temíamos por nossas vidas e que é impossível pensar racionalmente quando se está tão aterrorizado.

— E se não tivermos sorte?

— Se não tivermos sorte e pegarmos um júri ruim ou um bom promotor...

— O que acontecerá?

— Podemos ser condenadas por assassinato.

— Como? Isso é uma loucura!

— A lei diz que uma pessoa pode usar a força para se defender de um ataque, mas apenas uma força *razoável*. Bastaria que o júri decidisse que um dos ferimentos — *apenas um* — que você causou não foi razoável, e sim potencialmente fatal...

— O que isso significa?

— É um ferimento que teria causado a morte dele posteriormente, mesmo que eu não o golpeasse. Se as

evidências médicas apontarem para isso, você poderá ser culpada pelo assassinato.

Calei-me, surpresa. Com os fatos colocados daquela maneira, algo subitamente mudou.

Eu *havia* me defendido. *Havia* defendido minha mãe. Pensei *realmente* que ele poderia voltar... mas era verdade que não queria que ele escapasse, que fiquei satisfeita quando ele voltou à cozinha. Lembrei-me de como o torturei e o apunhalei enquanto corríamos em volta da mesa e de como mirei suas costas quando ele se encolheu no canto, buscando o ponto onde achava que seu coração estaria, para que ele parasse de se mexer *para sempre*. Sendo realmente honesta: minha intenção não era matá-lo? E, se era, então não cometera um assassinato?

Eu não deveria tê-lo atacado. Foi um erro idiota, completamente idiota. E se precisasse ser punida por aquilo, eu aceitaria, mas não entendia por que minha mãe pagaria por algo que eu havia feito.

— E você, mãe? Você o golpeou enquanto ele me enforcava. Salvou minha vida. Como isso pode ser um assassinato?

— É verdade, Shelley, é verdade, ele estava enforcando você. Mas eu o acertei *duas* vezes. O segundo golpe... Eu sabia que você estava fora de perigo. Sabia que ele não era uma ameaça. Deveria ter telefonado para a polícia naquele momento e, quem sabe, talvez agora ele estivesse em um hospital, e até sobrevivesse. Mas não fiz isso. Eu o golpeei mais uma vez. Deliberadamente. Eu... eu não sei o que deu em mim, mas a verdade é que *eu quis matá-lo*. Foi no calor do momento, mas se o júri decidir que esse segundo golpe não foi razoável... Serei culpada por assassinato.

— Não acredito nisso — choraminguei. Nós nos livramos do ataque assassino do ladrão magricela, mas ele ainda era uma ameaça. Apesar de o termos matado, ele ainda poderia destruir nossas vidas. — O que faremos, mãe?

— Não acho que eu sobreviveria — disse ela. — Ao julgamento, aos repórteres, ao noticiário. E à prisão... A prisão me mataria.

— O que faremos, mãe? — gemi. — *O que faremos?*

O relógio marcava cinco e cinquenta e seis quando minha mãe falou novamente. Uma claridade fraca e cinzenta começava a entrar pela janela da cozinha e os pássaros cantavam alegremente nas árvores, dando boas-vindas à manhã como se aquele fosse um dia como outro qualquer.

— Acho que devemos enterrá-lo no jardim — disse ela.

E FOI O QUE FIZEMOS. Nós o enterramos no jardim.

“Surreal” é a única palavra que pode descrever a hora que se seguiu. Era como se minha mãe e eu estivéssemos em um bizarro corredor de espelhos, onde a realidade era distorcida em formas absurdas e grotescas. Eu *sabia* que tudo aquilo estava acontecendo, mas, ao mesmo tempo, não conseguia *acreditar*.

Mamãe e eu calçando nossas galochas, para não pisarmos naquela piscina de sangue grudento enquanto segurávamos as pernas do ladrão e o arrastávamos, tirando-o de sob a mesa.

Nós duas debatendo, de maneira muito racional e calma, se era melhor enterrá-lo sob a horta ou sob o canteiro de rosas, como se conversássemos sobre qual papel de parede aplicar em meu quarto. (Por fim, escolhemos o canteiro, porque a horta era longe demais para arrastarmos o corpo até lá e perto demais da estrada.)

O pesado corpo do ladrão resistiu a nossos puxões iniciais, como se tivesse ficado preso naquele líquido congelante.

Mamãe e eu arrastando um cadáver (*Um cadáver! Um ser humano morto!*) pela grama úmida de orvalho enquanto os pássaros piavam histericamente nas árvores e um belo dia quente de primavera nascia.

A cabeça do ladrão quicando nos degraus de concreto que levavam ao jardim da frente e às roseiras. (Eu fazia uma careta a cada batida e, então, dizia a mim mesma que ele não podia *sentir* nada, que estava *morto*. Percebia que a morte ainda era algo enorme demais para que eu a compreendesse, e que eu não era capaz de me livrar da ideia de que ele ainda sentia alguma coisa.)

Mamãe caindo para trás quando o tênis do ladrão saiu em sua mão e despencando no chão em uma cena digna de um programa de videocassetadas.

Nós duas andando pelo jardim, incapazes de não rir diante do cadáver deitado de bruços na grama, o braço direito estendido como se ele fosse um nadador determinado.

Mamãe e eu buscando as pás no celeiro — não para plantar legumes e verduras, mas para *plantar um cadáver*, para plantar um jovem pálido e magricela, de vinte anos, na terra argilosa do jardim.

Nós duas retornando com as ferramentas e encontrando um gato de pelos dourados, que nunca víamos e não reencontramos desde então, lambendo o sangue das pontas dos dedos do cadáver (ele se afastou relutantemente quando nos aproximamos e desapareceu por um buraco minúsculo na cerca viva).

Nós, olhando de dentro da cova e vendo um fazendeiro acomodado no alto de um enorme trator descer barulhentemente por um caminho estreito e passar a menos de cento e cinquenta metros, olhar rapidamente em nossa direção e erguer um dos braços para nos cumprimentar, e mantê-lo erguido até mudar de trajetória. Acenamos confusas para ele: duas mulheres vestindo roupão sujo de sangue e enterrando um corpo no jardim, às seis e meia da manhã.

• • •

HAVIA APENAS O ESPAÇO EXATO para encaixar o cadáver no centro do canteiro sem que fosse preciso remover as raízes das rosas. A primeira camada de solo estava úmida, por causa da chuva da noite anterior, e nossas pás conseguiam vencê-la com facilidade, mas a terra grudenta se prendia às pás, obrigando-nos a usar nossas botas para limpá-las a todo momento. Quanto mais cavávamos, mais difícil a tarefa se tornava. Sessenta centímetros abaixo, a terra parecia não ter sido molhada pela chuva e estava dura como pedra. Eu suava bastante. Estava zozna e confusa e precisei tirar o pesado roupão antes de continuar. Cansadas demais e exaustas por não termos dormido, não avançávamos muito naquele solo duro. Conforme o golpeávamos sem muito sucesso, o dia ficava cada vez mais claro. Sentia-me terrivelmente exposta e visível, apesar de não ter ninguém por perto — o fazendeiro sumira havia muito tempo, a estrada estava deserta e os terrenos vizinhos, parados e silenciosos como uma fotografia. Peguei-me recordando a frase

favorita de uma de minhas professoras de religião: *O olho de Deus tudo vê.*

Quando alcançamos um metro de profundidade minha mãe parou, o rosto vermelho e a respiração ofegante de cansaço.

— Ainda não é o suficiente, mãe. Talvez os animais consigam cavá-lo.

— Terá de servir, Shelley. Só precisamos *esconder* o corpo. E ainda há a casa para limpar.

Arrastamos o cadáver até a beirada da cova estreita e o empurramos usando os pés e as pás. Não queríamos tocar algo tão nojento com nossas mãos. Para meu horror, ele caiu de barriga para cima, e eu me vi encarando aquele rosto magro mais uma vez. O mesmo rosto, mas diferente, sutilmente transformado pela morte.

Os olhos estavam entreabertos, mas vidrados, sem foco. As sobrancelhas, agora completamente relaxadas, tornavam a testa protuberante como a de um neandertal. A mandíbula provavelmente fora deslocada pelo golpe de minha mãe, porque a parte inferior do rosto estava solta do restante. A fratura impedia a boca de fechar e os dentes inferiores se projetavam contra o lábio superior, dando a ele a aparência feroz de um cão bóxer. O braço esquerdo estava esticado junto ao corpo, a mão na coxa como se ele tocasse uma guitarra, enquanto o braço direito, enrijecido na posição em que ele morreu, estava levantado como o de um aluno estudioso que sabe a resposta para uma pergunta difícil.

*E talvez ele saiba a resposta para uma pergunta difícil, pensei, a mais difícil de todas: o que acontece conosco quando morremos?*

A cova não era suficientemente funda para acomodar o braço direito estendido, a mão e o antebraço do ladrão brotavam da lama como um novo e grotesco espécime de cinco pétalas no jardim. Em vez de cavarmos mais, minha mãe entrou com cuidado na cova, segurou o braço do cadáver e tentou dobrá-lo em direção à cabeça. Porém, o *rigor mortis* já se estabelecera. O

braço escapava de suas mãos e se esticava novamente, como se o ladrão resistisse deliberadamente a ela, mesmo morto.

Minha mãe estava horrivelmente pálida ao sair da cova.

Jogamos a terra sobre ele. Enterrei seus pés (um calçando o tênis e o outro, apenas uma meia verde surrada), suas pernas, sua mão esquerda e sua cintura, mas não conseguia me convencer a jogar terra em sua cabeça. Quando vi minha mãe esvaziar uma pá no rosto dele, fiz uma careta (*a terra entrava nos olhos, na boca!*) e repreendi-me de ser tão infantil.

*Ele não sente nada... Está morto!*

Quando terminamos, o jovem havia desaparecido completamente da face da Terra. Ali estavam o Chalé Madressilva, o jardim bem-cuidado, o canteiro oval de rosas e os arbustos, mostrando, aqui e ali, prematuros botões cor-de-rosa. O cadáver, porém, desaparecera sem deixar vestígios.

Apoiamo-nos nas pás, embriagadas pela fadiga, e descansamos um momento antes da próxima e horrível tarefa: limpar o sangue na cozinha.

Foi quando escutei o barulho. Uma série suave e abafada de notas musicais, como o som de uma ave ou, talvez, de um inseto. Parou, e então recomeçou alguns segundos depois. As mesmas notas musicais repetiram-se. Minha mãe e eu nos entreolhamos, confusas. Parou. E recomeçou. Olhei ao redor, nos arbustos e nas plantas, para descobrir o que poderia ser, e, por fim, entendi. Eu conhecia aquele som. Eu o escutara muitas vezes nas ruas, nos cafés, nos restaurantes, nos trens...

Era o toque de um telefone celular. E vinha da roseira.

O TELEFONE CELULAR do ladrão tocou mais de vinte vezes antes de finalmente parar. Percebi que mantive os punhos cerrados e a mandíbula travada durante todo o tempo, como se suportasse uma dor física agonizante.

Minha mãe raramente dizia palavrões, mas ela xingou naquele momento. Um desabafo cheio de palavrões bem desagradáveis.

— Ai, meu Deus! — choraminguei. — *Aimeudeus!*

Nós fitávamos a roseira, horrorizadas, como se víssemos a terra criar boca e falar.

— O que faremos, mãe? O que *faremos?*

Ela ficou em silêncio por um longo tempo, antes de responder:

— Precisamos desenterrá-lo. Precisamos pegar o telefone. Não podemos correr o risco de que toque novamente e que alguém escute... E a polícia conseguirá rastreá-lo, conseguirá identificar o local exato. Precisamos tirá-lo dali.

Ela passou a mão pelos cabelos; a ansiedade franzira sua testa.

— *Droga!* Eu devia ter checado os bolsos! No *que* eu estava pensando?

A ideia de desenterrar o cadáver e vasculhar seus bolsos era simplesmente demais para mim, e abaixei-me na grama.

Minha mãe me olhou por cima do ombro enquanto eu tentava não chorar. Eu me sentia quente e febril. Estava sem fôlego, e respirar longa e profundamente não parecia ajudar. Eu não queria ver aquele rosto mais uma vez. Não queria ver aquele rosto com terra nos olhos e na boca. Achei que não suportaria...

— Eu faço isso, Shelley — disse ela, como se lesse meus pensamentos. — Mas não temos muito tempo. Vá à cozinha, pegue o esfregão no armário e comece a limpar. Não entre em nenhum outro cômodo. *Fique na cozinha.* Não podemos espalhar o sangue pela casa.

— Sim, mãe — respondi em um tom pouco mais alto que um sussurro, mas não me mexi. Não suportava o peso da futilidade e da estupidez do *erro* que cometíamos. — Alguém *já*

*está* procurando por ele, mãe. Alguém já quer encontrá-lo. Nunca nos livraremos disso. Seremos desmascaradas!

Ela se virou para mim, o rosto transformado em algo estranho e sinistro pelo hematoma.

— É tarde demais para se preocupar com isso — disse, com uma voz particularmente vazia, como se sua mente estivesse em outro lugar, talvez preparando-a para a tarefa macabra que precisaria realizar.

Naquele instante, o telefone do ladrão tocou novamente, e saltei como se levasse um choque. Rapidamente estava de pé, correndo pelo gramado em direção à casa. Não conseguia suportar aquele som! *Eu precisava me afastar daquele som!*

Aquela alegre sequência de oito notas, repetindo sem parar, era, para meus ouvidos, como a risada do ladrão, assustando-nos, debochando, de dentro de sua cova rasa.

• • •

QUANDO MINHA mãe chegou à cozinha, trinta e cinco minutos depois, seu rosto estava mais deformado e abatido que nunca.

Ela esvaziou um dos bolsos de seu roupão no balcão da cozinha. Havia um maço de cigarros amassado, um isqueiro Zippo, uma carteira de couro desgastada, papéis de bala, um monte de chaves de carro em um chaveiro no formato de uma bola de futebol americano e um telefone celular.

— Eu o desliguei — disse ela.

Colocou a mão no outro bolso e balançou, em minha direção, um leque de notas amassadas:

— E olhe para isso! Ele estava com todo o dinheiro que encontrou debaixo de meu colchão, quase duzentas libras! Não acredito que não olhei seus bolsos antes de... — Sua voz desapareceu.

— Nós quase não dormimos, mãe. Não estamos pensando claramente.

— Bem, é melhor que comecemos a pensar; caso contrário, *seremos* pegas! — Ela colocou as mãos nos quadris e mordeu o lábio inferior, como fazia sempre que estava agitada. — Precisamos pensar. Precisamos *pensar*.

Ela tentava afastar o pânico, o horror e a repulsa; tentava lidar com aquele banho de sangue como faria com um problema jogado sobre sua mesa de trabalho — como uma charada, um desafio mental. Tudo de que precisava era concentrar seu raciocínio brilhante naquela tarefa, junto de seu bom-senso e sua atenção metódica aos detalhes, e tudo estaria resolvido, como fazia com os outros problemas.

Foi apenas nesse momento que minha mãe observou a cozinha e percebeu meu trabalho. Eu havia recolhido todos os cacos de louça e colocado numa caixa de papelão ao lado da porta. Limpou grande parte do sangue com o esfregão, enchendo e esvaziando baldes e mais baldes de água na pia, observando seu tom mudar gradualmente de um vermelho-escuro ao mais claro cor-de-rosa. Secou o piso da melhor maneira que consegui, com os panos de chão disponíveis, e estava prestes a enfrentar as manchas nas paredes e no balcão. — Muito bem, Shelley. — Ela sorriu. — Você limpou o pior. — Ela checou as horas no relógio do fogão. — São sete e vinte e três. Está bom. Fizemos bastante para o horário.

E, então, sua expressão voltou a ser de concentração. *O problema. Ela precisava resolver o problema.*

Em uma gaveta sob a pia, pegou um rolo grosso de sacos de lixo pretos e puxou um deles.

— Preste bastante atenção, Shelley — disse ela. — Precisamos nos livrar de qualquer coisa que esteja manchada de sangue ou que prove que o ladrão esteve nesta casa. Colocaremos tudo nesses sacos de lixo e os guardaremos no quarto vazio do andar de cima, até que possamos nos livrar disso com segurança.

Ela empurrou o pequeno amontoado de pertences do ladrão para o saco e pegou a caixa de papelão com os pedaços de louça sujos de sangue, tentando colocá-la ali também. Eu segurei a abertura do saco, para facilitar seu trabalho, e então peguei os panos de chão que havia usado para secar o piso e os descartei.

— Onde está a faca? — perguntou ela.

Eu a peguei no escurridor de louça, onde a havia deixado, e lhe entreguei, tentando não olhar para o sangue coagulado na lâmina, grosso e escuro como melaço. Ela a colocou no fundo da caixa de papelão.

Mamãe olhou ao redor, procurando outros objetos sujos, e notou o tapete à porta. Ela se ajoelhou e dobrou-o, colocando-o no saco. Eu limpei com um pano a mancha cor-de-rosa retangular que ele deixara.

Ela pegou mais um saco, tirou o roupão sujo de sangue e enfiou-o ali dentro.

— Onde está o seu roupão, Shelley?

Precisei pensar por um minuto até me lembrar. Eu o deixara perto da roseira.

— Você pode correr e buscá-lo, querida, e colocá-lo junto do meu no saco? Precisam ser destruídos, infelizmente. Não podemos correr o risco de lavá-los.

Eu não queria me aproximar da cova, mas não poderia me negar — não após o que minha mãe tinha se forçado a fazer. Corri pelo quintal, tentando não olhar para a roseira e não pensar numa voz vinda da terra (*Que tal um beijo?*) ou numa mão fria segurando meu tornozelo. Peguei o roupão amassado e corri de volta para casa o mais rápido que consegui.

Minha mãe jogou o roupão no saco, junto do dela.

— Agora, quero suas galochinhas — disse ela.

Aquelas palavras, com sua aura de inocência infantil, pareceram estranhamente inadequadas *naquela* cozinha, *naquele* momento. Sentei-me em uma cadeira e as descalcei. Minha mãe também tirou as dela e jogou ambos os pares em outro saco.

— Certo — continuou ela, secando a testa com as costas da mão. — Esfregarei tudo por aqui... Os armários, as paredes, *tudo*.

Ela desapareceu na despensa, onde guardávamos os produtos e utensílios de limpeza, e alguns segundos depois surgiu com um balde plástico, escovões, uma pilha de panos de chão limpos e um frasco enorme de desinfetante. Olhei-a em sua camisola e usando um novo par de luvas de borracha amarelas,

os cabelos embaraçados como um ninho, e novamente quis rir, como quando um dos tênis do ladrão saiu e ela caiu para trás.

“Os espectadores às vezes riem bastante durante as cenas mais sinistras de *Macbeth*”, Roger me contara certa vez.

“Por quê?”, eu perguntara.

“Porque coisas horríveis são engraçadas.”

Consegui vencer o desejo de rir — o que provavelmente foi algo bom, levando em conta a determinação desesperada no rosto de minha mãe.

— O que eu faço, mãe?

Ela não me respondeu; apenas enchia o balde com água quente, mergulhada nos detalhes do *problema* — como voltar no tempo, como fazer com que a casa ficasse exatamente como era antes da invasão, como limpar a cozinha de maneira que a polícia não encontrasse uma única gota de sangue. Precisei perguntar novamente.

— Acho melhor você tomar um banho e se livrar de todo esse sangue — respondeu ela ao pegar outro saco. — Coloque aqui sua camisola, quando a tirar, e qualquer toalha que utilize. Mesmo que não *pareçam* sujas de sangue, elas estarão... E não podemos correr riscos.

PELA SEGUNDA VEZ na vida vi meu reflexo no espelho e não me reconheci. O rosto de uma *selvagem* me encarava do espelho do banheiro — não uma menina de dezesseis anos da classe média inglesa, mas uma selvagem primitiva com a cara decorada com o sangue da morte, os olhos arregalados pela adrenalina da luta e os cabelos duros e separados em grandes mechas por causa do sangue seco. Foi uma visão chocante e precisei de alguns segundos para aceitar que a selvagem no espelho *era eu*.

Esfreguei o rosto com o dedo indicador e o sangue seco se despreendeu como ferrugem, deixando um rastro de pó cor de cobre na cerâmica branca da pia. Analisei as marcas cinzentas em meu pescoço: dois hematomas escuros em formato de meia-lua em ambos os lados da garganta, onde o ladrão pusera as mãos para me estrangular. Minha garganta ainda doía e eu sentia algo estranho, rugoso, sempre que engolia. Meus olhos estavam quase totalmente vermelhos, exceto por algumas manchas brancas aqui e ali. Lembrei-me de ter lido em algum lugar que a polícia podia identificar uma asfixia através das veias vermelhas nos olhos da vítima... Algo relacionado à falta de oxigênio no sangue. *Quão perto eu chegara da morte?* Minha cabeça latejava e eu sentia tanto cansaço que poderia me encolher no chão do banheiro e adormecer ali mesmo.

Uma forte onda de depressão quebrou sobre mim e me levou. Que bagunça! Que desastre! *E era tudo minha culpa*. Eu transformara um assalto doméstico, algo desagradável, porém relativamente comum, em um desastre de proporções monumentais, em uma calamidade tão chocante e tão sensacional que seria estampada nas primeiras páginas, em manchetes enormes.

Tudo indicava que eu arruinara minha vida e a de minha mãe para sempre. Nunca escaparíamos impunes. Ninguém sai impune de um assassinato; existe sempre um indício, alguma coisa mal-explicada. A polícia sempre descobre o culpado, mais cedo ou mais tarde. Nós acabaríamos na prisão; nós duas acabaríamos presas. E tudo porque eu perdera o controle. Tudo

porque me recusara a escutar minha mãe. Ela me *disse* para manter a calma, ela me *disse* para não entrar em pânico. Ela me *disse* que ele não nos machucaria. O que tomara conta de mim? Por que não a escutei? Eu estraguei tudo. Eu queria desaparecer, queria que o chão me engolisse.

Ainda assim, sob toda a culpa e a autorrecriminação, havia algo mais, outra emoção, teimosa e rebelde, que se recusava a ceder aos sentimentos dominantes. Era como em uma música clássica, na qual, sob os sons lentos e melancólicos dos violinos e dos violoncelos, pudessem ser ouvidas as notas de um minúsculo trompete, executando uma melodia completamente diferente — algo forte e desafiador, como uma marcha militar. O que era aquilo? O que era aquela emoção estranha, grosseira e independente causando problemas como um bêbado em um casamento?

Olhei meus olhos vermelhos e as marcas em meu pescoço. Ele realmente tentara me matar — ele realmente me estrangulava enquanto eu estava caída, sem defesa, no chão da cozinha. Lembrei-me da determinação e do ódio em seu rosto, de como meu ar fora cortado súbita e completamente, como se uma torneira fosse fechada. E ele teria feito aquilo. Tiraria minha vida, iria até a sala e faria o mesmo com minha mãe... Mas viramos o jogo. O gato entrou na toca do rato, mas, dessa vez, o rato o matou.

Quando olhei meu reflexo novamente, fiquei surpresa ao ver meus dentes brancos. Eu sorria abertamente. E, então, soube qual era aquela emoção destoante: *era alegria*.

• • •

MINHA CAMISOLA ESTAVA GRUDADA em meu corpo nos pontos onde o sangue secara e precisei arrancá-la como um band-aid. Foi muito bom ficar sob os jatos de água quente do chuveiro e sentir as grandes gotas baterem em meu couro cabeludo e me tranquilizarem. Observei com uma estranha satisfação o sangue desaparecendo pelo ralo, em um redemoinho cor-de-rosa.

Imaginei se existia alguma relação misteriosa entre as mulheres e o sangue. Eu não lidava com meu sangue desde que

tinha doze anos, lavando-o de minhas mãos e de minhas roupas? Era algo que os garotos desconheciam completamente. Seria o sangue, de alguma maneira, um domínio especial das mulheres? Por isso tantas mulheres se tornavam enfermeiras? Lembrei-me das enfermeiras do hospital onde me recuperara: mulheres que nunca desmaiavam ao ver sangue, não desviavam o olhar nem faziam caretas, porque não lhes causava medo; o sangue era um velho amigo.

Ensaboei-me bastante, criando uma camada grossa de espuma que espalhei pelo corpo desfrutando os sons que aquilo fazia. Eu queria esfregar cada centímetro de meu corpo, tornar minha pele imaculada, sair do banho com uma *pele inteiramente nova*. Enquanto me enxaguava, vi no espelho atrás de mim a marca asquerosa que a faca deixara em minhas costas. Logo acima das nádegas havia um hematoma preto e inchado, do tamanho de um punho, cercado por uma inflamação vermelha.

Estiquei o braço para pegar o xampu, mas ele não estava no lugar; então, lembrei-me, com um arrepio, de que o ladrão o pegara. Lavei os cabelos com o sabonete, amaciando-os com um pouco do condicionador de um pequeno frasco verde, que estivera na prateleira do banheiro por tanto tempo que a tampa estava coberta de poeira. Após retirar toda a espuma, lavei os cabelos mais uma vez.

Sequei meu corpo vigorosamente e coloquei a toalha no saco onde havia jogado a camisola; então, envolvi o corpo em outra toalha, que preendi sob o braço. Passei meu hidratante preferido no rosto, espalhando o creme frio com movimentos circulares das pontas dos dedos, e usei a loção para mãos de minha mãe, com uma marcante essência de baunilha. Escovei os dentes para me livrar do gosto nojento de sangue, esfregando e esfregando até que a pasta de menta ardia tanto que eu não pude mantê-la na boca por nem mais um segundo.

Quando terminei, limpei o vapor no espelho e olhei-me novamente. A selvagem havia desaparecido, lavada pelos jatos de água quente, e eu voltava, mais uma vez, a ser eu mesma, com os cabelos macios e sedosos e um rosto tão limpo que

minhas bochechas brilhavam. As palavras de Lady Macbeth após o assassinato do rei Duncan surgiram em minha mente.

*Um pouco de água nos limpa desse ato.*

Mas ela estava irreparavelmente errada; a água limpava o sangue em seu corpo, mas não pôde apagar a lembrança do que fizera. A culpa pelo assassinato do rei acabara por deixá-la louca...

Como seria com mamãe e comigo? Conseguiríamos apagar o que fizemos com *um pouco de água*? Ou nossas mentes também seriam afetadas? Retornaríamos a uma vida normal, ainda que o ladrão apodrecesse a um metro da superfície de nosso jardim? Mentiríamos para a polícia quando eles batessem à nossa porta? Ratos são capazes de mentir dessa maneira? Ratos conseguem silenciar sua consciência e dormir em paz, cercados por tantos segredos terríveis?

E, então, um pensamento me ocorreu. Depois do que fizemos — matar o ladrão e enterrar seu corpo no jardim —, talvez já não fôssemos *ratos*.

Porém, nesse caso, *o que éramos?*

QUANDO SAÍ DO BANHEIRO vi mamãe entrar no quarto vazio carregando dois dos sacos pretos de lixo. Quando ela saiu, ergui o saco onde havia colocado minha camisola e a toalha.

— Quer esse? — perguntei.

— Sim — disse ela em um tom pouco acima de um sussurro. — Vou colocar minha camisola e minha toalha aí também.

Seu rosto estava sem cor, pálido, e subitamente contraiu-se numa expressão de dor, mas, antes que eu pudesse perguntar se estava bem, ela passou por mim em direção ao banheiro e trancou a porta.

Enquanto eu estava no quarto, secando os cabelos, pensei tê-la ouvido vomitar, mas o ruído cessara quando desliguei o secador.

Vesti uma calça jeans desbotada e uma blusa branca e enrolei um cachecol vermelho no pescoço para esconder os hematomas. Apesar de saber que o dia seria quente, vesti um par de meias grossas e botas de caminhada. Quando pisasse na cozinha novamente, queria ter dois bons centímetros de borracha vulcanizada entre meus pés e aquele piso maculado.

Minha mãe ainda estava no banheiro quando passei por ali, mas não escutei o barulho do chuveiro ligado. Eu estava contornando o topo da escada, para descer, quando vi os sacos pretos de lixo num canto afastado do quarto vazio. Minha mãe os empilhara ao redor do esfregão e do balde, como sacos de areia formando uma barricada em torno de uma bateria antiaérea.

Eu parei. Ao vê-los, senti-me estranhamente excitada e não precisei pensar por muito tempo para entender o motivo. *Em um daqueles sacos estava a carteira do ladrão.* E, na carteira, eu tinha certeza de que haveria algo com todos os seus dados pessoais. Seu nome. Seu endereço. Sua data de nascimento...

Fui tomada por um desejo súbito e incontrollável de saber o nome do ladrão. Saber o nome do homem que eu havia matado.

Caminhei até a porta do banheiro e tentei escutar o que minha mãe fazia. Sabia que ela ficaria muito brava se me

flagrasse mexendo naqueles objetos ensanguentados logo após tomar banho e vestir roupas limpas. Eu a escutei fechar o zíper da saia. Ela ainda se vestia e, portanto, demoraria um pouco mais, pensei, entrando silenciosamente no quarto vazio.

Eu procurava o saco que continha o capacho e os pedaços de louça quebrada, aquele em que ela jogara o celular e a carteira dele. Ajoelhei-me e tateei os sacos, um por um. A cena parecia uma paródia macabra das noites de Natal de minha infância, quando eu me sentava sob a árvore decorada, apertando e sacudindo meus presentes para tentar descobrir o que eram. Foi fácil identificar o saco com nossos roupões e as galochas. Pensei ter encontrado o certo, mas, quando o abri, havia somente a bolsa vermelha (agora esvaziada dos objetos roubados), a tábua de mármore, o papel de embrulho de meu laptop e a fita vermelha.

Naquele instante, escutei minha mãe tossir e mexer na fechadura do banheiro, o que me fez saltar e correr do quarto para o corredor. Então, chamei-a, para disfarçar minha presença ali caso ela houvesse me escutado.

— Mãe, quer comer alguma coisa antes de sair?

Pensar em comer me deixou nauseada. Minha impressão era de que meu apetite havia sido destruído para sempre; parecia impossível desejar comida novamente. Eu tinha certeza de que minha mãe sentia o mesmo.

— Não, querida — respondeu ela, sem forças. — Apenas café, por favor... Café bem forte.

• • •

MINHA MÃE TRABALHARA BASTANTE enquanto eu tomava banho. Todos os borrões e as manchas de sangue — nos armários, na mesa de pinho, na cesta de pães, na máquina de lavar e nos azulejos ao redor da pia — haviam desaparecido. Ela retirara as cortinas gotejadas de sangue (sem dúvida, estavam no andar de cima, em um dos sacos de lixo), permitindo que a cozinha fosse invadida pela luz dourada da primavera. Os bancos, a pia, o escorredor de pratos e o chão — que ela esfregara e secara novamente — brilhavam.

Ela deixara a porta aberta, para que o piso secasse mais rapidamente. Percebi que lavara, com a mangueira, o chão da varanda — limpando nossas pegadas marcadas com sangue e o rastro vermelho e pegajoso que o corpo deixara quando o arrastamos pelas pedras. A porta aberta fez com que me sentisse desconfortável. *E se não houvéssemos matado o ladrão realmente, mas apenas o ferido? E se ele estivesse se arrastando pelo gramado em direção à casa naquele instante?* Eu corri até a porta, fechei-a com força e puxei o trinco, envergonhada por me deixar dominar por pensamentos tão infantis, mas, ao mesmo tempo, incapaz de resistir.

Mamãe promovera um milagre parecido nas salas de jantar e de estar. Os pedaços da corda arrebitada desapareceram do chão. As cadeiras estavam em seus lugares. Minha flauta fora guardada no estojo e o livro de partituras *Russian Folk Songs* estava na base do piano, cuja tampa fora fechada. Os objetos que ficavam no aparador e na antiga escrivaninha haviam sido cuidadosamente reunidos e dispostos ordenadamente. O *pot-pourri* foi varrido e devolvido à tigela de madeira sobre o móvel. Todos os fragmentos do vaso quebrado desapareceram e seu gêmeo idêntico, que ficava em um armário no corredor, continha agora o buquê de flores secas de cor violeta. Todos os enfeites foram devolvidos aos exatos lugares que ocupavam quando deixei a sala às dez horas da noite anterior. Milagrosamente, sobreviveram ilesos aos maus-tratos que receberam do invasor — exceto o chalé em miniatura, cuja chaminé, observei atentamente, fora arrancada.

Mamãe recolocara todos os meus cartões de aniversário sobre o aparador, e percebi que ela juntara a eles seu cartão para mim. Na frente, estava escrito “Neste dia especial” e havia uma rosa cor-de-rosa, com pétalas cobertas de gotas de orvalho. Abri-o e li a mensagem: *À minha querida e linda filha Shelley. Feliz aniversário de dezesseis anos! Que este seja um ano do qual você se lembrará pelo resto da vida.*

Sorri amargamente diante da ironia. Meu aniversário começara havia poucas horas e eu já sabia que jamais o esqueceria. *(Por que você fez isso?)*

Preparei uma grande jarra de café, adicionando à cafeteira seis colheres cheias de pó, em vez das quatro usuais, pensando que precisaríamos de toda a ajuda possível para passarmos o dia acordadas. Levei o café e as xícaras à sala de jantar. Eu não queria ficar na cozinha. E não apenas porque, sem as cortinas, a claridade era forte demais para meus olhos sensibilizados. Era como se, de alguma maneira estranha, o conflito da noite anterior ainda estivesse ali — as punhaladas, a luta e os gritos, como um filme reproduzido sem parar em um cinema vazio...

Passava um pouco das oito horas quando minha mãe desceu, vestindo tailleur azul-marinho e carregando sua pasta, pronta para o trabalho. Fiquei impressionada com sua habilidade em esconder o ferimento no rosto. Ela limpou o olho, reduzindo radicalmente o inchaço, e aplicou sombras cinza e roxa, camuflando inteligentemente as manchas do hematoma. A marca na face fora coberta com uma densa camada de base e ela deixou os cabelos soltos, para disfarçar ainda mais o inchaço (normalmente eles ficavam presos atrás da orelha). Seria preciso olhá-la atentamente para perceber que levava um soco.

— Seus olhos parecem ótimos, mãe. Como fez isso?

— Eu nem sempre detestei maquiagem, Shelley. Também já tive dezesseis anos, sabia? — Ela tentou piscar para mim, mas seus olhos ficaram marejados por causa da dor.

Ela se sentou e bebeu o café em goles barulhentos.

— Como está seu pescoço, querida? — perguntou.

— Ainda dolorido. É incomoda quando engulo. Acho que há alguma coisa machucada. Algo fora do lugar.

Mamãe olhou para mim, ansiosa.

— Comprarei um remédio na cidade.

— Não acho que pastilhas para dor de garganta ajudarão — respondi, tentando controlar a irritação repentina que senti. — Preciso ir ao médico.

— Se não melhorar, iremos. Mas é um risco, Shelley.

— Não sei como sobreviverei ao dia de hoje, mãe — choraminguei. — Estou tão *cansada*! Posso ao menos telefonar para Roger e para a Sra. Harris e dizer que estou doente?

— É claro que não! — respondeu ela, com uma ferocidade que me fez corar. — Não podemos mudar nossa rotina em nada durante o dia de hoje... Precisamos agir *normalmente*. Se a polícia nos interrogar, o fato de você cancelar suas aulas ou eu faltar ao trabalho é exatamente o que levantará suspeitas.

Então, ela sorriu calorosamente para mim e apertou minha mão; eu sabia que era sua maneira de se desculpar por aquela repreensão.

— Sei que não será fácil, Shelley, mas você conseguirá. Eu sei disso. Sentei-me, mal-humorada, em um silêncio resignado. Não queria que ela trabalhasse. Não queria ficar sozinha em casa. Não com aquela *coisa* enterrada no jardim.

— Mãe? — falei, abordando algo que estivera me incomodando durante toda a manhã. — Você acha que aquele fazendeiro nos viu?

— Ele nos viu... certamente nos viu — respondeu ela —, mas não creio que nos *viu* realmente, se entende o que quero dizer. Ele estava longe demais e se deslocava depressa. Viu apenas duas mulheres cuidando do jardim, em seus roupões. Não há nada de extraordinário nisso. Não no campo, pelo menos.

Sorri, aliviada por ela não estar preocupada, mas o sorriso se transformou em um bocejo enorme.

— Meu Deus, mal consigo manter os olhos abertos!

Minha mãe segurou meu queixo entre seu polegar e o dedo indicador e olhou bem para mim.

— Seus olhos estão muito vermelhos. Se Roger ou a Sra. Harris disserem qualquer coisa, diga apenas que bebemos vinho demais ontem à noite, comemorando seu aniversário, e que é apenas uma forte ressaca.

— Boa ideia — respondi. — É exatamente como me sinto.

Ela bebeu o restante do café, olhando repetida e ansiosamente para o relógio, e então se aprumou, séria, de uma forma peculiar que sempre me deixava na expectativa de que tinha algo importante a dizer (*Shelley, querida, seu pai quer se divorciar...*). Ela apertou minha mão e olhou profundamente em meus olhos:

— Shelley, não sei o que acontecerá hoje. A casa está o mais limpa possível, diante do tempo que tive, mas não permita que ninguém entre na cozinha ou vá ao andar de cima, em nenhuma circunstância. Se... — Ela apertou ainda mais minha mão. — Se a polícia *realmente* vier, telefone para mim imediatamente. Diga a eles que sua mãe está vindo e que chegará em uma hora. *Não permita que entrem na casa*, mesmo que tenham um mandado de busca. Eles esperarão, tenho certeza. Porém, se o pior acontecer e você *for presa*, não diga *nada a ninguém*. Está me entendendo? Recuse-se a responder qualquer pergunta. Pode dizer a eles que está seguindo minhas orientações, se quiser.

Então, ela se levantou.

— Agora eu preciso ir. Não posso me atrasar.

Fiquei onde estava, ainda chocada com suas palavras: *Se o pior acontecer e você for presa... Você for presa... Você for presa...*

— Seja corajosa — disse minha mãe. — Tudo dará certo, você vai ver. Conversaremos hoje à noite.

Acenei sem ânimo enquanto o carro se afastava, mas ela não olhou para trás nem devolveu o aceno. Estava curvada sobre o volante, todos os pensamentos concentrados no *problema* que a noite lhe trouxera. Nossa rotina diária, simples e particular, fora sacudida: não tomamos café da manhã juntas na cozinha, não nos beijamos no corredor e eu não disse a ela que dirigisse com cuidado. Tudo mudara. Tudo estava mudando. *Se o pior acontecer e você for presa...*

Eu estava prestes a fechar a porta quando senti aquilo. Uma sensação estranha e fria que se espalhou pelo lado esquerdo de meu rosto, um súbito constrangimento, vergonha de mim mesma, em minha pele, de minha expressão, da posição de minhas mãos, de minha postura. *A sensação de que alguém me observava.*

Observei as árvores e os arbustos no canteiro central da entrada de carros, de cascalho, a entrada aberta da garagem, a escada dobrável e o galão de óleo lá dentro, a cerca viva à direita, que delimitava os campos de cultivo, mas não vi ninguém.

À esquerda ficavam os arbustos que separavam o caminho de cascalho e o jardim e, através do emaranhado de folhagens, pude ver o gramado bem-aparado.

E o sinistro monte de terra no canteiro oval das rosas.

*Pelo amor de Deus, ele está morto! Ele está morto!*

Bati a porta com força e tranquei-a.

AINDA NÃO SEI COMO SOBREVIVI ÀQUELE DIA.

Depois que mamãe saiu, afundei em uma cadeira na sala de jantar como uma marionete cujas cordas foram cortadas. Devo ter ficado ali por quase duas horas, revivendo diversas vezes os acontecimentos da noite anterior, desde o momento em que acordei até quando minha mãe acertou o crânio do ladrão com a tábua de mármore.

Era como se minha mente, incapaz de assimilar a enormidade daquela situação enquanto tudo ocorria, precisasse repassar os acontecimentos obsessivamente, em uma tentativa desesperada de entendê-los. Eu não conseguia resistir, e continuava ali, como um zumbi, olhando para o nada, observando aquele drama macabro se desdobrar em meus pensamentos em closes agonizantes e horrendas câmeras lentas. E quando tudo terminava e o ladrão estava morto, a história simplesmente recomeçava.

Uma batida forte na porta da frente trouxe-me de volta à realidade.

*A polícia! É a polícia! Como eles nos descobriram tão rapidamente?*

Caminhei como uma sonâmbula pela sala, o coração exausto batendo freneticamente mais uma vez.

*Não devo deixá-los entrar, mesmo se tiverem um mandado de busca, não devo deixá-los entrar!*

Com a mão trêmula, afastei a cortina e olhei pela janela. Não havia carros da polícia, não havia luzes azuis brilhando, não havia agentes de uniforme preto segurando rádios comunicadores barulhentos. Havia apenas Roger. Roger segurando sua pasta de couro surrada. Roger assobiando sozinho. Roger olhando para o céu azul sem nuvens.

• • •

ROGER ESTAVA EXTREMAMENTE ANIMADO naquela manhã. Eu nunca o vira tão alegre e falante, quase como se fosse seu aniversário, não o meu. Ele comprara para mim uma bela edição de capa dura de *Rebecca*, de Daphne du Maurier, e um cartão de aniversário com o desenho de um cachorro usando

boina e um avental de pintor que dizia: “Quero pintar algo especial para seu aniversário” e, dentro: “ENTÃO VAMOS COLORIR A CIDADE!”

Foi um grande esforço simular a animação infantil que Roger esperava de mim enquanto minha mente parecia prestes a se fragmentar em milhares de pedacinhos. Apenas essa palavra, “aniversário”, com suas novas e terríveis associações (*O que é isso? É o presente de aniversário de minha filha. O que é?*), fez meu rosto corar intensamente e lágrimas encherem meus olhos, obrigando-me a piscar depressa para disfarçá-las.

Esforcei-me para responder a sequência de perguntas animadas de Roger (*O que sua mãe lhe deu? Vocês vão a algum lugar especial esta noite?*), atrapalhando-me com as palavras como se me recuperasse de uma anestesia ou não estivesse acostumada a falar, e mantendo um sorriso tão forçado que meu rosto doía diante daquele esforço. Antes que ele detectasse alguma falta de entusiasmo, contei-lhe logo que mamãe e eu tínhamos bebido demais na noite anterior e que estávamos pagando por isso.

— Ah! Percebi que seus olhos estão bastante vermelhos, mocinha — ele zombou.

Entramos na sala de jantar, sentamo-nos nos lugares de sempre e Roger começou a retirar o material de sua pasta. Eu o observei, nervosa, temendo o que seus olhos atentos perceberiam quando ele observasse a sala. Aumentados por trás das lentes grossas, eles se movimentavam de um lado para o outro, como espertos peixes verdes. Notariam algo que não tínhamos percebido? Um pedaço da corda que o ladrão usara para nos amarrar aparecendo sob o sofá? A parte branca do chalé em miniatura, onde ficava a chaminé? Um caco triangular do vaso que se quebrara caído perto da cadeira? Qual pecinha revelaria tudo? Rabisquei obstinadamente na margem de meu caderno, sem ousar olhar para a frente, temendo que algo em minha expressão entregasse minha ansiedade.

Para mim, tudo na sala de jantar estava maculado, marcado, *impregnado* pelos acontecimentos da noite anterior — o aparador e a escrivaninha tinham sido revistados pelo ladrão

apenas algumas horas antes, a tigela de madeira com *pot-pourri* fora jogada no chão durante sua busca frenética, os objetos sobre o aparador tinham sido atirados na bolsa vermelha que ele segurava quando o apunhalei, sua faca ficara abandonada na mesa de jantar (exatamente onde Roger colocou seu estojo) antes que eu a pegasse e saísse para o jardim, a cadeira que Roger ocupava, com o encosto lascado, era a mesma em que minha mãe tivera as mãos e os pés amarrados, esperando docilmente por seu destino.

Eu estava convencida de que Roger seria capaz de ver os indícios que esses acontecimentos deixaram para trás, tão claros quanto os rastros de vapor deixados por aviões em um céu azul. Eu esperava que a qualquer momento ele gritasse: *O que aconteceu aqui, Shelley? Algo terrível aconteceu nesta casa!*

Parecia impossível acreditar que para ele a sala de jantar estava exatamente como sempre, que nada havia de diferente na escrivaninha, nos enfeites do aparador e na cadeira que ele ocupava. Que a sinistra mudança que recaíra sobre tudo era apenas uma projeção de minha mente culpada. Eu tinha certeza de que ele perceberia algo que escapara a mim e à minha mãe, algum pequeno detalhe incriminador que estávamos cansadas demais para notar. E se ele percebesse... o que aconteceria? Mamãe não me disse o que fazer caso Roger descobrisse nosso segredo.

Após um período que me pareceu interminável, enquanto ele organizava suas anotações, Roger começou a falar sobre as origens da Primeira Guerra Mundial, um assunto no qual ele rapidamente se tornara um verdadeiro especialista. Eu assentia, concordava e, ocasionalmente, fazia anotações no caderno, enquanto minha mente, bloqueada pelo segredo impenetrável que guardava, ainda repassava obsessivamente os eventos da última noite.

— Você deve se lembrar de que a Alemanha estava presa ao Plano Schlieffen, que planejava que a França fosse derrubada em um ataque surpresa para que todas as forças alemãs pudessem se concentrar na Rússia... O plano era como um dogma para eles...

*Não façam nada ou terão isso!*

— Se os russos conseguissem sua mobilização, reuniriam seis milhões de homens armados e, apesar da derrota para o Japão, ainda havia muito medo, na Alemanha, do “rolo compressor russo”.

*Preciso amarrar vocês... Foi para isso que eu trouxe a corda.*

— O ultimato austro-húngaro à Sérvia foi tão duro que era quase impossível cumpri-lo, ainda que os sérvios tenham feito seu melhor... o suficiente para convencer o *kaiser* Wilhelm de que os motivos para uma guerra haviam desaparecido...

*Eu não deveria ter comido ovos. Os ovos não estavam bons.*

— Evidências sugerem que Berchtold usou um relatório falso sobre uma agressão sérvia no Danúbio para forçar o imperador a assinar uma declaração de guerra...

*Eu sei o que quero, senhora! Eu sei o que quero!*

— O motivo britânico para entrar na guerra era a violação alemã da neutralidade belga, mas também planejávamos enviar tropas à Bélgica se fosse preciso. Uma Bélgica realmente neutra teria arruinado os planos britânicos de sufocar a Alemanha com um bloqueio naval...

*Ele vai nos matar, mãe. Tenho certeza!*

— Se a França anunciasse sua neutralidade, a Alemanha reclamaria as fortalezas de Verdun e de Toul...

*Que tal um beijo?*

— E a França seria forçada a entrar na guerra, gostasse ou não...

*Mãe, a corda está começando a ceder. Acho que consigo soltar minhas mãos.*

Após terminarmos a revisão sobre as origens da Primeira Guerra Mundial, Roger descreveu o tema da redação que gostaria que eu escrevesse (*O sistema de alianças tornou a Primeira Guerra Mundial inevitável. Explique.*), e passamos a um exercício de literatura: um longo trecho de *Moby Dick*, intitulado “Stubb mata uma baleia”, que fez parte das provas do ano anterior. Como sempre, eu tinha trinta minutos para responder

sozinha a dez perguntas e, então, analisaríamos juntos minhas respostas.

Eu nunca lera *Moby Dick*, e para mim o texto era quase incompreensível, repleto de termos náuticos que eu não conhecia e de nomes estranhos — Queequeg, Pequod, Daggoo, Tashtego. As perguntas (*Que papel literário o cachimbo de Stubb desempenha nesse trecho?*) pareciam muito mais difíceis do que o normal. Frases inteiras não faziam sentido. Ondas de cansaço me atingiam e precisei me esforçar para manter os olhos abertos. Sentia-me insuportavelmente quente, sufocada pelo cachecol, a boca seca. Era impossível me concentrar na página de formigas negras que marchavam e passeavam diante de meus olhos.

Compreendi vagamente que um grupo de marinheiros em um pequeno barco liderado por um homem chamado Stubb caçava uma baleia, e que Stubb a matara com um arpão, mas minha habilidade em entender os pequenos detalhes era destruída, a cada intervalo de poucos minutos, por intensos *flashbacks* despertados pelo texto. Quando Stubb enfiou “várias vezes” seu “arpão curvo” na baleia, vi-me perseguindo o ladrão ao redor da mesa da cozinha, apunhalando-o. (*Vamos brincar de dança das cadeiras, agora! Vamos brincar de dança das cadeiras!*) Quando a “maré vermelha transbordou por todos os lados” da baleia moribunda, vi o enorme lago de sangue que se espalhara pelo piso de cerâmica da cozinha em minha direção, onde havia me sentado, exausta, encostada à máquina de lavar. Quando a baleia espirrou “jato atrás de jato de uma gosma coagulada e vermelha”, vi o sangue que jorrou do pescoço do ladrão quando o acertei com a ponta da faca. Quando Stubb “observou, pensativo, o grande cadáver que criara”, lembrei-me da quietude, do silêncio na cozinha após o golpe de minha mãe, enquanto o fato, o fato inacreditável de que havíamos matado alguém, era lentamente assimilado.

Percebi a voz de Roger distante, muito distante, quase inaudível. Ele dizia algo pela segunda ou terceira vez.

— Desculpe... você disse alguma coisa? — perguntei.

— Você *está* longe, não *está*? — respondeu ele, rindo. —

Eu disse que seu tempo acabou. É o fim.

*É o fim.* Seria o que a polícia diria se fosse à nossa casa? *Seu tempo acabou...* Terminei de escrever uma última palavra e larguei a caneta. Eu havia respondido apenas metade das perguntas.

— Antes de começarmos — disse Roger —, o que acha de um intervalo para tomarmos um chá? Normalmente, a essa hora, já tomamos duas ou três xícaras...

Eu não lhe ofereci chá porque ele tinha o hábito de ir comigo à cozinha e conversar enquanto esperávamos a água ferver, e eu estava mais que atenta ao aviso de minha mãe: *Não permita que ninguém entre na cozinha.*

— Suponho que, por ser seu aniversário, você quer que eu faça o chá, certo? — Roger brincou. — Bem, como é seu dia especial, mas apenas hoje... — E ele começou a se levantar.

— *Não!* — gritei, levantando-me. — Eu faço o chá, Roger. Eu me esqueci, só isso... Como disse, bebi muito vinho ontem. Ainda estou sonolenta, na verdade.

Roger se sentou novamente, mas, quando tentei passar por ele a caminho da cozinha, ele se inclinou na cadeira e bloqueou minha passagem.

— Há alguma chance de você trazer uma fatia do bolo de limão de sua mãe, Shelley? Estou faminto.

— Sim, é claro — respondi com um sorriso.

Ele me deixou passar, sorrindo abertamente. Eu tinha certeza de que me seguiria e, desesperadamente, tentei pensar em alguma maneira de mantê-lo na sala de jantar.

— Quer checar minhas respostas agora? — perguntei. — Infelizmente não fui muito longe.

— Claro — disse Roger, pegando meu caderno. — Claro.

Meu sorriso desapareceu assim que entrei na cozinha. Eu precisava correr. Sabia que ele se aproximaria se eu não fosse rápida. Peguei o bolo de limão e coloquei-o sobre a mesa. Rapidamente enchi a chaleira, coloquei dois saquinhos de chá no recipiente e peguei um prato no armário. Busquei um garfo na gaveta de talheres e, então, procurei por uma faca para cortar o maldito bolo. Encontrei uma faca comprida e afiada, com um cabo de plástico preto. Assim que a segurei, os *flashbacks*

voltaram. *Enfiando a faca no ombro do ladrão. Acertando-o enquanto ele corria, encurvado sobre si, em direção à casa. Cortando seu pescoço enquanto o perseguia ao redor da mesa. “Vamos brincar de dança das cadeiras, agora! Vamos brincar de dança das cadeiras!”* — Você está achando muito difícil, não está, Shelley? — disse alguém atrás de mim.

Roger estava na cozinha, caminhando, indiferente, em direção à porta.

O que ele quis dizer? O que eu achava muito difícil? Ele falava sobre fingir que nada em especial acontecera na noite anterior? Ele falava sobre encobrir o assassinato do ladrão?

— Não é fácil — disse ele. — Principalmente quando há tanto sangue.

*Ele sabia! Ele sabia! De alguma forma, Roger sabia!*

Segurei a faca firmemente, sem saber o que fazer em seguida. Deveria apunhalá-lo? É o que minha mãe desejaria que eu fizesse?

— Foi bem selvagem, não foi?

— Sobre o que está falando? — perguntei em uma voz rouca, quase incapaz de dar às palavras força suficiente para que o alcançassem.

Roger pareceu surpreso.

— Sobre o trecho... O trecho de *Moby Dick*. Não é difícil apenas tecnicamente, mas emocionalmente. Caçar baleias era algo muito selvagem, muito sanguinolento naquela época. Fiquei surpreso por esse texto ter aparecido nos exames do ano passado. Muitos alunos se sentiram mal; houve muitas reclamações. Por quê? Sobre o que pensou que eu estava falando?

Retirei o papel que cobria o bolo e tentei cortá-lo com as mãos trêmulas. Meus nervos estavam à flor da pele. Tive uma sensação estranha: vertigem, loucura, e a noção assustadora de que não tinha controle sobre minhas ações. Eu simplesmente *não* sabia o que faria em seguida, o que seria capaz de fazer. *Eu precisava tirá-lo da cozinha!* Aquele era o epicentro. Era onde ocorrera a matança. Era onde estivera todo o sangue. A faca não parava de tremer e precisei usar as duas mãos para estabilizá-la.

— A cozinha parece diferente — disse Roger.

Fingi não o ouvir, mas aquelas palavras fizeram meu coração se acelerar ainda mais.

— Onde estão as cortinas?

— Hum... Minha mãe tirou, para lavar — respondi, tentando fazer com que minha voz parecesse jovial e despreocupada.

— E o capacho também não está aqui.

— Sim... Minha mãe o detestava e jogou fora.

Roger estava encostado à porta, os braços cruzados. Seus enormes olhos verdes passeavam pela cozinha de um lado a outro, como câmeras de segurança.

— Há mais alguma coisa... — disse ele, como se pensasse alto. — Mais alguma coisa está diferente...

*Eu poderia ter contado a ele: a pesada tábua de carne, feita de mármore italiano e que ficava perto do fogão, não estava em seu gancho. Estava no andar de cima, em um saco de lixo preto, melada com o sangue do ladrão e sua massa cerebral.*

— O que é? — ele se perguntou. — O que é?

Eu, de alguma maneira, consegui cortar a fatia de bolo e coloquei-a em um prato. Eu o segurei e sorri, mas Roger ainda analisava a cozinha, mexendo nas pontas de seu bigode loiro.

E foi quando eu vi. Minha mãe não notara algo. Nem eu. Exatamente na altura do cotovelo direito de Roger. Logo acima da maçaneta, no batente azul-claro. Uma mancha no formato de um rim, abaixo de quatro listras verticais. Naquele momento, num tom mais marrom que vermelho, mas ainda inconfundível.

Uma marca de mão.

*(Ele tentara fechar a porta em mim, mas consegui entrar, forçando-a com o ombro.)*

Era uma marca de mão feita com sangue.

Roger precisaria apenas girar minimamente a cabeça e não teria como não vê-la. Não perdi a calma, para minha surpresa. Fixei os olhos nos de Roger e mantive aqueles agitados peixes verdes em mim, falando sem parar, abordando a primeira coisa que me ocorreu.

— Achei o trecho impossível... O exercício de literatura mais difícil que já fiz, e não entendi a pergunta número cinco, Roger, nem entendi... “Que papel literário o cachimbo de Stubb desempenha nesse trecho?” O que significa “papel literário”, pelo amor de Deus? Quer dizer, é apenas um cachimbo, certo? Talvez seja uma marca do personagem, talvez algo que o caracterize, mas não consigo ver seu *papel literário*...

Enquanto falava, andei em direção à sala de jantar, segurando o prato com o bolo diante de meu corpo. O olhar de Roger me acompanhou, e sua cabeça virou-se lentamente, muito lentamente, afastando-se da marca de sangue na porta...

— Sim, é verdade, Shelley. A questão não foi bem-formulada, mas acredito que a ideia seja de que não se trata apenas de um cachimbo, mas de um símbolo...

— Venha... — Eu o interrompi, parando na porta da sala de jantar. — Vamos nos sentar para você comer seu bolo.

Obedientemente, como um cão cujo dono pega a coleira para levá-lo para um passeio, Roger sorriu, afastou-se da porta sem descruzar os braços e seguiu-me, saindo da cozinha.

QUANDO ROGER FINALMENTE FOI EMBORA, apoiei-me na porta da frente e escorreguei devagar até me sentar no carpete, as pernas esticadas diante de mim. Aquelas três horas haviam me esgotado completamente. Nunca me sentira tão exausta.

Meus olhos pareciam inchados demais para as órbitas, minha visão estava estranhamente desfocada, como se eu enxergasse melhor com o olho direito do que com o esquerdo. O espaguete à bolonhesa começava a voltar, e sempre que seu gosto surgia em minha boca, sentia-me nauseada. Era como se todos os horrores da noite anterior estivessem concentrados naquele sabor de carne moída e molho de tomate. Meu estômago se agitava e roncava de um modo alarmante. Minha cabeça girava. Continuei sentada por muito tempo, segurando a cabeça entre as mãos, encarando o carpete da sala e esperando que, se ficasse completamente parada, a náusea pudesse acabar e, talvez, eu conseguisse não passar mal.

Então, lembrei-me da marca de sangue. Eu precisava me livrar da marca de sangue antes que a Sra. Harris chegasse.

Levantei-me e cambaleei até a cozinha, onde esfreguei a marca de mão com um pano de prato úmido. Não saiu facilmente — a mancha entranhara nas rachaduras da pintura e precisei esfregar bastante. Eu não tinha força nos braços e o esforço vigoroso aumentou minha náusea. Comecei a suar frio e a sentir minha boca se encher de uma saliva ácida, que sabia muito bem ser o último estágio antes do vômito. Olhar a mancha de sangue coagulado no pano de prato foi a gota-d'água.

Cheguei ao banheiro bem a tempo.

• • •

DEITEI-ME NO SOFÁ DA SALA DE ESTAR, mas estava febril demais para mergulhar em um sono profundo. Revirava-me em um tipo de delírio, a mente a toda velocidade, como em um trem de pensamentos confusos, paranoicos e cheios de culpa que repetia incessantemente o mesmo percurso com rapidez vertiginosa.

Não enterramos o ladrão adequadamente; deixamos o braço para fora da terra. Ou, se não fosse um braço, era um dos pés, aquele sem o tênis, com a meia verde puída. Eu precisava ir à cova e cobri-lo melhor, precisava ir à cova e enterrá-lo melhor ou a Sra. Harris o veria quando chegasse... Ou não o matamos realmente; ele, de alguma forma, recobrou a consciência e se arrastara para fora da lama de sua cova. Como um assassino em filmes *trash*, ele ligava para mim do telefone celular enquanto mancava em direção à casa, apenas para me assustar, me assombrar, me aterrorizar...

Sentei-me aos gritos quando o telefone tocou. Fitei-o, horrorizada, e deixei que tocasse mais vezes, assustada demais para atender. Quando minha mente se tranquilizou e a ideia ridícula de que se tratava do ladrão foi lentamente dissipada, pensei que poderia ser a polícia. Deus sabe quanto tempo esperei antes de finalmente atender.

Era minha mãe.

Ela estava preparada para tudo. Falava comigo como se alguém, em algum lugar, escutasse nossa ligação; então, fiz o mesmo.

— Você está tendo um ótimo aniversário? — perguntou, alegremente.

— Sim, maravilhoso, mãe — respondi sem qualquer traço de ironia. — Roger me deu um lindo exemplar de *Rebecca*.

— Que maravilha! Como foi sua aula?

— Boa, obrigada. Revisamos as origens da Primeira Guerra Mundial. É a especialidade de Roger... Você precisa ouvi-lo, não há nada que ele não saiba. Ele deveria realmente escrever um livro.

Conversamos por cinco minutos, mais ou menos, sem falar sobre qualquer assunto em especial, mas ao final da ligação minha mãe tinha certeza de que eu estava bem e de que a polícia não viera à nossa casa... ainda.

Ela disse que tentaria chegar mais cedo.

Vomitei novamente um pouco mais tarde, mas quase não havia o que colocar para fora. Subi as escadas, lavei o rosto com água fria, escovei os dentes e usei o enxaguante bucal para me

livrar do gosto ácido. Diante da pia, o desejo de adormecer era avassalador. O sono me chamava como o canto de uma sereia, como o flautista de Hamelin, e eu teria dormido (ignorando todas as consequências) se não houvesse escutado, naquele instante, o carro da Sra. Harris ser manobrado diante de casa.

• • •

FOI MUITO MAIS FÁCIL lidar com a Sra. Harris do que com Roger. Ela não tinha qualquer interesse em meu aniversário e, quando viu o presente e o cartão dele, simplesmente comentou friamente que se comprasse um presente no aniversário de cada um de seus alunos já estaria falida. Diferentemente de Roger, a Sra. Harris demonstrava pouca curiosidade naquilo que a cercava, e provavelmente não perceberia se todo o aparador da sala de jantar fosse removido. E nunca aceitava uma xícara de chá, preferindo tomar o café puro que sempre trazia em uma pequena garrafa térmica.

A aula entediante foi perturbada uma única vez, rapidamente, mas com uma violência que chocou nós duas.

A Sra. Harris havia se servido de uma xícara de café e abria cuidadosamente a embalagem de seus biscoitos digestivos.

— Aceitei uma nova aluna, que mora perto daqui — disse ela. — Uma menina de sua idade. O pai dela é fazendeiro, suas terras devem chegar até perto daqui. O nome dela é Jade. *Jade*, acredita?

Eu não respondi — apenas olhei rapidamente meu relógio para saber quanto tempo de aula ainda tínhamos.

— Ela é outra vítima do *que vocês chamam* de bullying — continuou a Sra. Harris, limpando migalhas de biscoito das pontas dos dedos. — Em outras palavras, ela prefere ficar em casa a ser incomodada pela cansativa rotina de ir à escola.

Deixei que comentários como esse passassem muitas vezes. Eu conhecia muito bem a opinião da Sra. Harris a respeito de *ratos*. Porém, dessa vez, antes que eu percebesse o que fazia, respondi:

— *Como você ousa?* — perguntei, amassando inconscientemente o pedaço de papel em que escrevia.

A Sra. Harris olhou fixamente para mim, completamente surpresa, como se o dócil cãozinho de estimação subitamente mordesse seu dedo com força. Eu podia sentir meu rosto se retorcendo e se contraindo com uma raiva incontrolável.

— COMO VOCÊ OUSA? — gritei diante dela. — Eu sofri ataques por oito meses! Era agredida todos os dias. Colocaram fogo em mim! Eu poderia ter morrido! O que quer dizer com o *que vocês chamam* de vítima?

Minha raiva era tão grande que as palavras não conseguiam acompanhá-la. Eu tinha tanta raiva reprimida que, uma vez abertas as comportas, era impossível saber como colocá-la em palavras. Minha explosão acabou sendo incoerente.

A reação da Sra. Harris me surpreendeu por completo. Eu esperava que ela me repreendesse com arrogância e indignação, pensei que me intimidaria de tal forma que me faria chorar em poucos segundos. Todavia, em vez de se encher de sua ira hipócrita, ela levou os dedos aos lábios, como se não acreditasse no que disse.

— Sinto muito, Shelley. Sinto *muitíssimo*! — A mão cheia de sardas fez um estranho movimento conciliador em minha direção, sobre a mesa, antes de parar e voltar a seu colo. — Não quis desvalorizar as coisas pelas quais você passou. Foi algo estúpido e *insensível* de se dizer. Esqueci-me de com quem estava falando, sinceramente.

Minha raiva diminuiu aos poucos e prosseguimos com a aula, mas estávamos distraídas e ficamos enormemente aliviadas quando percebemos que finalmente eram quatro e meia. À porta, a Sra. Harris pediu desculpas mais uma vez e me desejou um aniversário muito feliz.

Eu a observei se afastar e, mesmo entre todo o trauma daquele dia, houve espaço para que eu me sentisse satisfeita por finalmente me defender, por vencer uma batalha contra aquela dura senhora. Eu sabia que ela provavelmente se desculpara por temer que sua cínica opinião sobre os “preguiçosos” e “covardes” chegasse aos ouvidos das autoridades locais e que cortassem seus gordos pagamentos mensais, mas, ainda assim, ganhei o dia. Ela partia confusa, claramente derrotada. A imponente Sra.

Harris, afinal, mostrara-se apenas um tigre de papel, pensei, e sorri triunfante... Porém, quando meus olhos se voltaram para o jardim, o sorriso desapareceu.

FOI SÓ QUANDO ME VI SOZINHA em casa novamente que me lembrei da carteira do ladrão.

O impulso de saber seu nome era irresistível. E agora era mais que apenas curiosidade. Eu sentia que se tivesse um nome pensar nele enterrado ali no quintal não me aterrorizaria tanto.

Afinal, um nome prenderia o ladrão à realidade comum. Ele seria Joe Bloggs ou David Smith, uma pessoa, um indivíduo — patético, de qualquer forma. Sem um nome era como se ele não tivesse limites; ele poderia invadir todas as áreas de minha vida como uma neblina intoxicante, contaminando tudo. Ele se tornaria um bicho-papão, um repositório de todos os medos que me assombrariam pelo resto da vida. Se eu ao menos descobrisse seu nome, seria como acender todas as luzes no meio de um filme de terror.

Eu sabia que mamãe ainda demoraria horas, então não havia pressa.

Subi e entrei no quarto vazio. Sabia quais eram os sacos dos roupões, das botas e da bolsa vermelha. Eu procurava pelo primeiro saco, aquele com os pratos quebrados e o capacho. Logo o encontrei, atrás do esfregão e do balde. Minha mãe fizera um de seus nós apertados, que demorei bastante para desatar. Durante todo o tempo meu estômago roncava alto. O apetite, que nove horas antes eu pensara ter perdido para sempre, crescia ansiosamente dentro de sua gaiola.

Precisei afastar o capacho para investigar o conteúdo do saco. A carteira estava ali, no fundo. Havia algo no capacho, um fluido cinza gelatinoso que provavelmente vazou da cabeça do ladrão quando o arrastamos para fora da cozinha. Não agüentei olhar aquilo e virei a cabeça para a parede, buscando a carteira às cegas. Meus dedos a envolveram e puxei-a.

Segurar, *em minhas mãos*, um objeto que pertenceu ao ladrão causou-me uma sensação estranha — um objeto que estava no bolso dele quando o apunhalei. Era como ressuscitá-lo, de certa forma. Quase pude sentir sua presença no ar ao meu redor, e de repente quis sair daquele quarto o mais depressa possível.

Abri o botão de pressão, com os dedos trêmulos e o coração acelerado. Havia um compartimento com poucas moedas e outro cheio de cartões. Reconheci a borda cor-de-rosa de um dos cartões como sendo a de uma carteira de motorista e tentei pegá-la, usando as unhas. Enquanto ela se soltava, vi-me olhando bem nos olhos frios e acinzentados do ladrão. Outra onda de náusea passou por mim e novamente senti na boca um leve gosto de macarrão à bolonhesa. Os cabelos dele estavam um pouco mais curtos e o rosto, um pouco menos magro, mas não havia como confundi-lo: era o homem que mamãe e eu havíamos matado na cozinha.

Procurei pelo nome dele e ali estava.

*Paul David Hannigan.*

Coloquei o documento no bolso de trás de minha calça, fechei a carteira e joguei-a novamente no saco. Tentei imitar, da melhor maneira possível, o nó pequeno e apertado de minha mãe. Não encontrei vestígios de sujeira em minhas mãos ou nas mangas da blusa, mas, por via das dúvidas, lavei as mãos e vesti outra blusa.

Com o estômago roncando, fui à cozinha, esquentei uma pequena tigela de sopa de legumes e cortei algumas fatias de pão. Levei a comida à sala de estar, numa bandeja, e sentei-me em frente à tevê para assistir a desenhos. Foi estranho ver Tom perseguir Jerry pela cozinha (*“Estamos brincando de dança das cadeiras, agora! Estamos brincando de dança das cadeiras!”*), e acertá-lo com uma frigideira, deixando-o achatado como uma panqueca, enquanto uma música rápida e animada acompanhava os cômicos efeitos sonoros: BOING! Violência em cores vivas. Violência sem sangue. Violência sem morte. Não era assim na vida real. Lembrei-me de mamãe preparando o golpe final com a tábua de mármore, e, segurando-a firme e, respirando fundo antes de erguê-la acima da cabeça, como um mergulhador prestes a descer às profundezas mais escuras. Lembrei-me do som que a tábua fez ao descer... E não foi BOING.

Deitei-me no sofá e analisei melhor a carteira de motorista do ladrão. A carteira de motorista de *Paul Hannigan*. Chequei a data de nascimento e calculei que ele tinha vinte e quatro anos.

Mais velho do que eu pensava. Oito anos mais velho que eu. Havia também sua assinatura — numa caligrafia infantil, inclinada para a esquerda e com floreios ridículos, como se ele fosse alguém importante. O endereço era de uma cidade ao norte, cuja reputação envolvia alto índice de desemprego e crimes relacionados ao tráfico de drogas. Apenas um mês antes, um garoto de catorze anos, que trabalhava como mensageiro para os traficantes, fora morto a tiros em plena luz do dia. Então, pensei sonolenta, Paul Hannigan era um rato *daquela* toca. Ou, ao menos, havia sido. A carteira era de quatro anos antes, portanto era possível que ele vivesse por perto quando invadiu nossa casa.

Tentei pensar em como a polícia finalmente relacionaria o desaparecimento dele a mim e à minha mãe, em qual conexão invisível poderia nos unir, mas meus olhos estavam pesados e, embriagada de sono, devolvi a carteira a meu bolso. Alguém já sentira a falta dele. Alguém... já estava... procurando... por ele...

FUI DESPERTADA por um toque delicado em meu ombro. Abri os olhos e vi minha mãe olhando para mim. Estava escuro. A única luz na sala de estar era o brilho alaranjado do abajur ao lado da televisão.

— A polícia está aqui? — perguntei, sentando-me rapidamente.

— Não, a polícia não está aqui, Shelley — sussurrou ela. — Fiz uma boa xícara de chá para você. São dez e meia.

— Dez e meia? — Eu havia dormido por mais de cinco horas!

— Você estava dormindo profundamente quando cheguei. Achei melhor deixá-la descansar. Limpei a cozinha novamente, com bastante cuidado, tomei um banho, sentei-me na poltrona e também adormeci. Acordei agora há pouco.

Peguei a caneca que ela me oferecia. Minha boca estava seca e com um gosto ruim, por isso bebi de uma só vez o chá, morno e saboroso.

— Como está seu pescoço? — perguntou ela.

Engoli um pouco do chá. A irritação continuava ali.

— A garganta ainda está estranha.

— Comprei algumas pastilhas e remédio para tosse. Tome antes de dormir e veremos como você estará pela manhã. Com sorte, vai melhorar. Espero que não precise ir ao médico... Dr. Lyle é velho, mas não é bobo, e pode fazer algumas perguntas difíceis.

— Como foi o trabalho, mãe?

— Horrível. Discuti com Blakely na frente de Brenda e de Sally.

— Discutiu?

— Ele me pediu para trabalhar até mais tarde, eu me neguei e ele não gostou.

Pensei que ela estivesse exagerando. Nunca soube que minha mãe havia discutido com *alguém*.

— Perceberam o machucado em seu olho?

— Sally me perguntou por que coloquei maquiagem.

— E o que disse?

— Respondi que decidi que está na hora de encontrar outro homem.

— O que ela disse?

— Disse que ouvira falar de um advogado criminal lindo e solteiro, chamado Blakely.

Nós rimos, mas a alegria se foi quando nos lembramos do peso que agora carregávamos.

Ficamos em silêncio por muito tempo, apenas bebendo chá em pequenos goles e olhando para o nada, como fazemos ao acordar. Os únicos barulhos eram os ocasionais pios fantasmagóricos de uma coruja em uma das árvores na estrada.

— Mãe?

— Sim, Shelley.

— O que vai *acontecer*?

Ela levou as mãos ao rosto e esfregou-as para cima e para baixo, como se o lavasse sem água. Quando me olhou novamente, parecia extremamente cansada.

— Não sei, Shelley, não sei. Pensei sobre isso durante todo o dia. Simplesmente não sei.

A coruja piou mais uma vez — um som longo e pesaroso — e pensei no cadáver enterrado no centro do canteiro.

Peguei a mão de minha mãe e apertei-a com força.

— Mãe?

— Sim, querida?

— Posso dormir com você hoje?

— É claro que pode, meu amor. É claro que pode.

• • •

NAQUELA NOITE, sonhei que estava sentada com Roger à mesa da sala de jantar quando a polícia chegava. Estava escuro, e quando abri a porta as intensas luzes azuis no alto das viaturas me cegaram.

— Apaguem as sirenes! — gritei. — Não veem que meus olhos estão irritados?

Minha mãe e eu fomos levadas para fora por homens que usavam máscaras de gás e carregavam armas. Roger andou até a porta e gritou, sem ânimo:

— Vocês não podem levá-la. Não entendem que ela tem exames importantes em dois meses e meio?

Nós vestíamos macacão laranja, como os prisioneiros norte-americanos que víamos na televisão; os tornozelos unidos por correntes e os pulsos para trás, algemados.

— Por que estão usando máscaras de gás? — perguntou minha mãe a um dos policiais.

Ele gritou:

— O fedor! O fedor da morte! Se não conseguem senti-lo, é prova de que são culpadas!

Escutei alguém rir e olhei para trás. O ladrão estava em pé no canteiro, intacto, como na primeira vez em que o vi, no alto da escada; porém, sua jaqueta verde-oliva estava decorada com laços vermelhos, dos quais saíam longas fitas vermelhas que desciam e se amontoavam no chão. Quando ele me viu, sua expressão se tornou dura, assassina.

— Foram os ovos, sua vagabunda metida. Os ovos não estavam bons. — O celular tocou e ele o procurou no bolso de trás das calças. — Com licença, preciso atender — disse, e tampando um dos ouvidos com o dedo, para escutar melhor, caminhou em direção à casa.

Os policiais nos empurraram para dentro de uma viatura blindada, que seguiu em direção à estrada. Através da janela pude ver um carro estacionado na estreita rua lateral e uma pessoa sombria ao volante, esperando. Os faróis do carro subitamente foram acesos, o motor foi acionado raivosamente e o veículo começou a nos seguir.

— Quem é? — perguntou minha mãe.

— É o observador — respondi.

SENTI-ME MOMENTANEAMENTE CONFUSA na manhã seguinte, quando acordei no quarto de minha mãe. Ela já havia levantado, deixando apenas um leve aroma de seu perfume no outro lado da cama e alguns fios de cabelo encaracolados no travesseiro. Escutei as torneiras abertas na cozinha, as portas dos armários abrindo e fechando e a voz de um locutor de rádio.

Ao tentar me levantar, não pude acreditar em como meu corpo estava tenso. Todos os músculos doíam bastante, como se eu tivesse corrido uma maratona durante a noite, o que me fez perceber a ferocidade da luta com o ladrão. Manquei até o banheiro, como uma idosa, contraindo o corpo por causa do desconforto a cada passo. Quando me sentei no vaso sanitário, meu cóccix doeu intensamente, no ponto machucado pela faca. A garganta ainda doía, mas a irritação ao engolir havia desaparecido e, quando me olhei no espelho do banheiro, fiquei aliviada ao perceber que meus olhos estavam menos vermelhos. Aproximei o rosto do espelho, a ponto de meu nariz quase o tocar, e perguntei-me:

— A polícia virá hoje?

Eu havia entrado em meu quarto para buscar meus chinelos e um roupão velho quando algo na rua — uma cor incomum à paisagem — chamou minha atenção. Aproximei-me da janela e limpei o vidro embaçado, para ver melhor. E quase desejei não tê-lo feito.

Na rua estreita que corria ao lado da casa havia um carro velho, azul-turquesa, quase atravessando a densa cerca viva, com a parte dianteira direita dentro do arbusto e a parte posterior tomando parte da rua e dificultando a passagem de outros carros. Do outro lado da cerca viva estava nosso jardim dos fundos, os ciprestes marcando o limite do terreno, a horta, o monte de compostagem do Sr. Jenkins e as fileiras de árvores frutíferas.

Senti meu sangue gelar. Era o carro de Paul Hannigan, não havia dúvidas. O carro de Paul Hannigan estava estacionado em frente à nossa casa, apontando para nós como uma seta

enorme e gritando para a polícia: *Querem resolver o mistério do motorista desaparecido? Perguntem aqui.*

Aquele era o tipo de pista, de ponta solta, que eu temera! Se minha mãe e eu houvéssemos raciocinado, saberíamos que o ladrão somente poderia ter chegado à nossa casa de carro! Não havia ônibus àquela hora e era pouco provável que estivesse a pé — como ele planejava escapar com toda a sua pilhagem? E se ele chegou em um carro, então o veículo ainda estaria por ali, em algum lugar — porque, como sabíamos muito bem, depois que o ladrão entrou na casa, ele não saiu. Porém, em meio a todo o terror e a confusão da noite anterior, algo tão estupidamente óbvio simplesmente não nos ocorreu.

Mamãe subiu as escadas correndo quando ouviu meus gritos desesperados.

— O que foi? — gritou ela, entrando em meu quarto, pálida como um defunto e sem fôlego.

Eu não disse nada. Apenas apontei para a rua.

Ela suspirou quando viu o carro e xingou baixinho; então, continuou atrás de mim, perto da janela, com as mãos em meus ombros e o queixo pousado em minha cabeça, e pude sentir todo o seu corpo tremer.

• • •

DESCEMOS AS ESCADAS em um silêncio aturdido e tomamos o café da manhã na sala de jantar — não estávamos prontas para comer na cozinha novamente. Forcei-me a comer torradas, mas minha mãe não quis nada. Ela apenas bebeu xícaras e mais xícaras de café. Puro e muito forte. Estava terrivelmente pálida e o machucado em seu olho adquirira um tom amarelado nas bordas.

— Não devemos entrar em pânico, Shelley. Precisamos manter a calma e pensar logicamente — disse. Contudo, percebi que ela mesma tinha dificuldade em se acalmar, pois mordida o lábio inferior distraidamente e passava as mãos pelos cabelos diversas vezes. — Precisamos pensar logicamente — continuou ela, mais para si que para mim. — Precisamos pensar logicamente.

— Em que precisamos pensar? — gritei, exasperada. — O carro do ladrão está estacionado em frente à nossa casa... A polícia chegará a nós como abelhas chegam a um pote de mel! — Uma sensação sufocante de pânico me dominou. — Eles chegarão a nós! Eu *sabia* que algo assim aconteceria! Eu sabia! Eu sabia!

— Acalme-se, Shelley. Deixe-me pensar. Talvez não seja o carro dele. Talvez pertença a outra pessoa, que chegou aqui ontem à noite. Pode ter sido abandonado por arruaceiros. Não sabemos se é mesmo o carro dele.

— Ah, por favor, mãe! É um pouco coincidência, não acha? O carro está estacionado do lado de nossa casa! E é a parte do jardim para onde ele se dirigia quando eu... quando eu o alcancei.

— Mas não o vimos ontem. Talvez não estivesse ali.

— Mãe, estávamos desorientadas demais para notar qualquer coisa... Além disso, só conseguimos vê-lo pela janela de meu quarto. E eu quase não estive lá ontem.

Minha mãe se sentou em um silêncio pesado, aparentemente determinada a se convencer de que aquele carro não pertencia ao ladrão.

— Mãe, precisamos tirá-lo dali. *Precisamos nos livrar daquilo!*

Ela me olhou como se eu tivesse enlouquecido.

— Tirá-lo dali? Como?

— Você não lembra? Havia um monte de chaves de carro no bolso dele. Estão no quarto, em um daqueles sacos. Precisamos levar o carro para longe daqui... Abandoná-lo em algum lugar. Precisamos fazer isso *agora!*

— Não podemos fazer nada agora, Shelley. Não temos tempo. Preciso me arrumar para o trabalho e é perigoso demais agirmos durante o dia... Alguém pode nos ver.

Eu queria gritar com ela, segurá-la e chacoalhá-la para fora daquela complacência.

— Não podemos esperar mais um dia, mãe... O carro está bloqueando a rua. Alguém chamará a polícia. Eles virão aqui. E farão perguntas!

— Não podemos fazer isso agora, Shelley. É arriscado demais. Precisamos esperar até escurecer.

Protestei mais uma vez, mas minha mãe me interrompeu:

— Sei que é arriscado esperar mais um dia, mas é um risco que teremos de correr. E, agora, tenho de me preparar para o trabalho. — Então, ela se levantou como se carregasse o peso do mundo nas costas. Parando perto da porta, ela falou resignadamente: — Pegue as chaves no saco e, se for o carro dele, nós o tiraremos dali assim que eu chegar do trabalho. Até lá estará escuro.

— Tudo bem, mãe.

— E, Shelley... — disse ela, olhando para trás — Não se aproxime do carro antes que eu chegue em casa.

• • •

PASSEI O DIA EM AGONIA enquanto esperava minha mãe voltar. Não consegui me concentrar de maneira alguma. Simplesmente fiz o que foi preciso durante a aula com Roger, como um robô — olhando o relógio a cada intervalo de poucos minutos e perguntando-me como o tempo conseguira se tornar mais lento, quase congelar, a ponto de ser como um gotejar excruciante. Enquanto estávamos na sala de jantar, revisando questões relativas às calotas polares e aos verbos irregulares em francês, eu pensava apenas no carro do ladrão.

Naquele momento, algum vizinho intrometido poderia estar telefonando para a polícia e denunciando um carro mal estacionado que obstruía uma das passagens. A polícia investigaria o carro. Eles voltariam em seu trajeto e chegariam à entrada de nossa casa. Certamente fariam isso. O carro estava estacionado exatamente ao lado de nosso jardim. Não havia outras casas por perto! Eles bateriam autoritariamente na porta da frente e me perguntariam se o carro pertencia a algum morador ou se eu sabia algo sobre ele. E o que eu diria? Conseguiria conversar sem dizer algo que levantasse suspeitas?

Mais tarde eles rebocariam o carro e perderíamos nossa chance para sempre. Quando soubessem sobre o desaparecimento de Paul Hannigan, os relatórios da polícia mostrariam que o carro dele foi encontrado em frente à nossa

casa. Certamente juntariam dois e dois. E era possível que o carro tivesse pistas que facilitassem o trabalho deles — um papel com nosso endereço, um mapa com nossa casa marcada. Se Paul Hannigan fosse um criminoso reincidente, não seria preciso ser um gênio para concluir que ele fora ao Chalé Madressilva para roubá-lo... e que nunca mais foi visto.

Quanto mais eu pensava sobre aquilo, mais ansiosa ficava, e era cada vez mais difícil me concentrar. Senti que Roger estava irritado com minha falta de atenção e as respostas erradas, mas ele não disse nada. Quando finalmente partiu, subi correndo as escadas para checar se o carro ainda estava ali e suspirei aliviada ao ver o teto azul-turquesa entre o verde das árvores na rua. Passei todo o horário de almoço em meu quarto, ajoelhada diante da janela olhando para aquele carro feio, pensando, pensando...

Lembrei-me do comportamento de minha mãe naquela manhã e de como ela tentou se convencer de que o carro não era do ladrão. Quis pegar as chaves e testá-las no carro para que, quando ela voltasse, eu pudesse dizer, com certeza, que *era* o carro dele, querendo que por fim ela se desapegasse das patéticas falsas esperanças. Mas não o fiz. Não quis ir contra uma ordem tão clara. Seria como uma declaração de guerra.

Durante a hora em que fiquei ali, nenhum carro ou trator entrou na rua; apenas um ciclista solitário, usando uma malha colada ao corpo. Ele olhou para o carro, mas parecia mais preocupado em pegar algo no bolso enquanto mantinha o controle da bicicleta.

A Sra. Harris chegou trazendo um presente de aniversário para mim — uma caixa de caros chocolates belgas — que eu mal notei. Enquanto ela tagarelava sobre prismas e sobre a refração de luz, eu tinha apenas um pensamento: *Precisamos tirar o carro dali, precisamos tirar o carro dali!* Estava convencida de que se a polícia o encontrasse, seríamos presas antes do final do dia. Porém, se tivéssemos sorte, se o carro não fosse denunciado por apenas mais algumas horas e se mamãe e eu conseguíssemos levá-lo embora sem sermos vistas, então teríamos uma chance; talvez tivéssemos uma chance.

O carro azul-turquesa continuava lá quando a Sra. Harris partiu. Observei-o da janela de meu quarto, tamborilando os dedos impacientemente. Apesar de ser apenas quatro e quarenta e cinco da tarde, fiquei feliz ao perceber que escurecia. A oeste longos raios de sol ainda atravessavam grupos de nuvens como luzes em um teatro, mas, a leste, nuvens negras carregadas de chuva se moviam rapidamente, trazendo aos campos sob elas uma noite prematura. Anoiteceria antes das sete horas.

Algumas gotas de chuva bateram de repente em minha janela, assustando-me. As nuvens escuras se espalhavam rapidamente pelo céu, apagando os pontos luminosos um a um; toda a cena — o enorme céu dividido quase igualmente entre claro e escuro — lembrava-me aquelas pinturas alegóricas do século XIX, com títulos como *O Conflito entre o Bem e o Mal*.

Vi outro delicado raio de sol ser engolido pela escuridão. Parecia, a mim, que o triunfo do Mal seria absoluto.

ESTAVA BASTANTE ESCURO quando minha mãe chegou, às sete e meia. As pesadas nuvens de chuva tinham sufocado todos os raios de sol, mas a tempestade que anunciavam ainda não chegara. Em vez disso, um vento barulhento e petulante soprava, criando sons melodramáticos ao correr pela chaminé e sacudindo as janelas.

As primeiras palavras de minha mãe, ao chegar, foram:

— O carro ainda está no mesmo lugar?

— Sim! — assenti animadamente. — Ainda está!

Sentamo-nos à mesa da cozinha e fizemos nossos planos apressadamente.

— Ainda não estou convencida de que o carro seja do ladrão — começou ela, respirando fundo. Revirei os olhos e cruzei os braços, irritada, e ao ver isso ela continuou rapidamente: — Porém, se for, acho que não devemos simplesmente abandoná-lo em uma rua próxima. Devemos levá-lo o mais longe que conseguirmos... Talvez largá-lo em algum lugar na cidade.

— Onde?

Ela uniu os lábios antes de responder.

— Pensei no The Farmer's Harvest, o restaurante. O estacionamento é enorme e, com tantas pessoas chegando e saindo o tempo todo, poderíamos estacioná-lo e nos afastar sem sermos notadas.

Era uma ideia inteligente. Abandonar o carro em um local movimentado em vez de em uma rua afastada, onde um vizinho intrometido poderia estar espiando por entre as cortinas.

— Tudo bem — respondi. — Parece bom.

Minha mãe olhou para o relógio e se levantou. Fiz o mesmo e me senti tonta por um momento, como se estivesse em uma subida e, repentinamente, começasse a descer.

Ela se afastou, e então virou-se para mim, decidida.

— E não podemos nos esquecer de tirar do carro qualquer coisa que possa trazer a polícia até nós... *antes* de sairmos.

Concordei enfaticamente.

— Agora, vista as roupas mais escuras que tiver. E um par de luvas. Eu farei o mesmo.

Enquanto procurava no guarda-roupa uma blusa de gola alta, uma calça preta e o casaco preto que eu tinha desde os doze anos, eu ria nervosamente — como durante as brincadeiras de esconde-esconde, quando eu escutava a respiração de quem me procurava a centímetros de meu esconderijo. Quantas vezes fui descoberta por causa de minha risada? Era difícil acreditar que eu estava me vestindo com roupas pretas, como um ladrão, para ficar menos visível no escuro, e calçando luvas para que a polícia não encontrasse minhas impressões digitais. Essa situação se parecia demais com um filme para ter alguma relação com *minha* realidade.

Quando saímos da cozinha em direção ao quintal, a intensidade da escuridão nos surpreendeu. Por alguns segundos parecia que havíamos sido vendadas, e hesitamos, inseguras sobre o que fazer, com medo de dar um passo em direção ao desconhecido. A lua era apenas um risco no céu, de tempos em tempos encoberta por ágeis nuvens negras que o vento ruidoso espalhava como se fossem uma frota de navios fantasmas. A noite estava tão escura que eu não conseguia distinguir sequer uma estrela.

Caminhei com cuidado em direção ao carro, mas não havia ido muito longe quando escutei a voz ansiosa de minha mãe.

— Shelley! Shelley! Não consigo ver nada, espere por mim!

Parei e esperei que mamãe me alcançasse. Seguimos adiante, mas eu quase não enxergava e avançava aos poucos, hesitante. *Um cego guiando um cego*, pensei. Desorientada, aproximei-me demais das árvores frutíferas e bati em um galho, que espetou uma de minhas têmporas e quase acertou meu olho, o que me fez saltar para trás, gritar e pisar com força no pé de minha mãe.

— Não está dando certo! É perigoso demais! — disse ela, falando alto para ser ouvida em meio ao vento. — Vá até a casa

e pegue a lanterna! Está na segunda gaveta, embaixo da pia da cozinha!

Retornei em poucos minutos. Minha mãe não saíra do ponto onde eu a deixara. Ela ergueu a mão para se proteger da luminosidade.

— Apague a lanterna se escutar o barulho de um carro. — Ela se segurou em mim e voltei a guiá-la.

A lanterna era boa, comprada para o caso de falta de energia, mas não era muito eficaz no ambiente externo, naquela escuridão absoluta. Seu fecho de luz resumia-se a uma área menor que um prato, por isso ainda caminhávamos muito lentamente. A grama parecia estranha à luz da lanterna — não verde, mas prateada e fantasmagórica —, e os galhos caídos eram como mãos esqueléticas brotando do solo. Pensei no ladrão enterrado no canteiro atrás de nós. E me peguei refletindo: *E se os mortos não ficam mortos? E se os mortos não morrem realmente?*

Imaginei o ladrão andando em nossa direção, naquela escuridão assombrada. Vi seu rosto morto, os traços neandertais, os olhos vidrados, a mandíbula quebrada, o ferimento no pescoço. Esperei que sua mão cadavérica surgisse nas trevas e me segurasse a qualquer momento. Quis caminhar mais rápido, mas era impossível com minha mãe me segurando com tanta força. Tentei afastar esses pensamentos mórbidos, dizendo a mim mesma que fantasmas não existem e que o ladrão se chamava Paul David Hannigan, que era um delinquente drogado de vinte e quatro anos e que estava *morto, morto, morto!* Mas seu nome não se tornou um talismã contra o medo, como eu esperava.

Finalmente, chegamos à cerca viva e espiei sobre ela. A estradinha parecia completamente deserta, mas eu escutava um barulho estranho quando as rajadas de vento diminuía; eram estalidos e chiados intermitentes, vindos de algum lugar próximo, que me fizeram esperar. Demorei um pouco até perceber o que era aquilo: os regadores automáticos do terreno do outro lado da rua. Seriam de pouca utilidade quando a tempestade caísse, pensei.

Esgueirei-me por entre a cerca viva e mamãe me seguiu. Ela contornou o carro até a porta do motorista e tentou abri-la. Escutei-a colocando a chave e destrancando a porta na primeira tentativa. Senti um impulso infantil de falar algo — *Eu disse! Eu avisei!* —, mas consegui me conter. Quando minha mãe abriu a porta, a luz interior se acendeu, assustando-nos. Entramos desastradamente no carro, como se tivéssemos sido flagradas por um holofote da polícia, e fechamos as portas depressa.

Ficamos sentadas em silêncio, dentro do carro escuro, por algum tempo. Escutei minha mãe tentando controlar sua respiração ofegante e franzindo o nariz por causa do forte cheiro de tabaco umedecido.

— Certo — disse ela —, vejamos o que há por aqui. — Então, ela bateu desesperadamente em busca do botão que acionaria a luz interna. — Onde está essa porcaria...?

— Tudo bem, mãe, ainda estou com a lanterna. Podemos usá-la.

Acendi o fecho de luz e analisamos apressadamente o interior do veículo. Em minha paranoia, eu esperava que outro carro entrasse na rua a qualquer momento. Peguei no porta-luvas um caderno de anotações repleto do que pareciam cálculos, e deixei de lado papéis de bala, cigarros, multas de trânsito e uma embalagem transparente do que parecia ser maconha — um tablete com cor de tabaco e cheiro forte. Mamãe encontrou um mapa no compartimento da porta do motorista e separou-o, para o caso de haver algo incriminador rabiscado ali. Havia um grande casaco cáqui no banco de trás, que enrolei e trouxe para o meu banco. Iluminei o piso com a lanterna, mas não havia nada além de embalagens de chocolate e uma garrafa vazia de vodca.

— Levaremos tudo para casa?

— Não — disse minha mãe, cujo rosto ansioso adquirira um tom amarelado e feio sob a luz da lanterna, riscado por profundas sombras escuras. — Gastaríamos muito tempo. Deixe tudo no jardim, perto da cerca viva. Levaremos para dentro quando voltarmos.

Saí do carro e atravessei novamente a cerca viva, coloquei o caderno e o mapa sobre a grama e os cobri com o casaco pesado. Não queria correr o risco de que fossem levados pelo vento. Assim que voltei ao carro, mamãe tentou ligá-lo, mas suas mãos tremiam tanto que ela não conseguia colocar a chave na ignição. As outras chaves balançavam, fazendo barulho, enquanto ela continuava tentando. Então, lembrei-me de algo e toquei seu ombro, delicadamente. Ela pulou e olhou para mim.

— Mãe... Mãe, *espere*. Não olhamos o porta-malas.

Ela não disse nada. Apenas saiu do carro e andou até a parte traseira. Após mais um eterno remexer de chaves, escutei o porta-malas abrindo e depois fechando. Procurei por mamãe, usando o espelho retrovisor, mas não pude vê-la. Era como se tivesse desaparecido, engolida pela noite. *Onde ela está?*, perguntei-me com uma ansiedade crescente. *Para onde ela foi?* Escutei algo pesado cair nos arbustos, do outro lado da cerca viva, e olhei nervosamente ao meu redor, sentindo meus olhos se arregalarem, cheios de medo. *O que foi aquilo?*

De repente, a porta do motorista foi reaberta e minha mãe entrou no carro.

— O que foi aquele barulho? — perguntei.

— Era uma caixa de ferramentas — respondeu ela, um pouco sem fôlego.

— Ferramentas?

— Havia uma caixa de ferramentas no porta-malas, que joguei em nosso jardim. Se ficarmos com elas, não servirão como pistas para a polícia. Por que correr riscos, certo?

— Parecia alguém...

Minha voz foi abafada pelo barulho do motor. Entramos em movimento e descemos do barranco em que o carro fora parcialmente estacionado. O motor gemia e roncava enquanto minha mãe buscava a segunda marcha, e as engrenagens giravam com um barulho ensurdecedor.

— Passe a marcha, mãe! Passe a marcha, pelo amor de Deus!

— *Estou tentando*, Shelley!

— Os faróis! Você não acendeu os faróis!

Dirigíamos numa escuridão densa como o espaço sideral. Era impossível enxergar o caminho. Minha mãe batia no painel buscando o botão que acenderia os faróis, mas, em vez disso, os limpadores de para-brisa foram acionados e se arrastavam freneticamente pelo vidro. Ela os desligou, dizendo um palavrão, e tentou novamente. Dessa vez a seta esquerda foi acionada, piscando impacientemente no painel como um tique nervoso. Eu rezava: *Por favor, não permita que outro carro se aproxime agora; por favor, não permita que outro carro se aproxime agora! Ele dará de frente com a gente!*

Então, mamãe encontrou o botão e uma faixa de luz amarela iluminou o grande perigo que corríamos. Havíamos saído completamente da pista e estávamos prestes a cair na vala que margeava a estrada. Eu gritei, e mamãe girou o volante com força. Achei que a parte dianteira do carro cairia no espaço vazio, mas, de alguma forma, os quatro pneus se mantiveram na pista. Batemos em um barranco gramado quando mamãe desfez a manobra e voltamos à estrada. Ela engatou a segunda marcha, finalmente, e o ronco ansioso do motor foi calado, como um animal faminto que recebe algum alimento.

Percorremos lentamente as ruas serpenteantes enquanto minha mãe brigava com o câmbio pouco familiar. Cerca de quinze minutos depois entramos na estrada secundária que finalmente desembocava na principal, levando à cidade. Senti-me exposta e vulnerável quando saímos da escuridão e entramos no trânsito urbano, sob o brilho das luzes dos postes. Afundei no banco e cobri o rosto com uma das mãos. E se um dos amigos de Paul Hannigan estivesse em um carro atrás de nós e reconhecesse o veículo? O que ele faria se visse duas desconhecidas dirigindo? Tentei não pensar nisso...

— Não pode ir um pouco mais depressa, mãe? — resmunguei.

— O limite de velocidade é de cinquenta quilômetros por hora, Shelley. A última coisa que queremos é ser paradas pela polícia.

Abaixei-me ainda mais.

Após quinze minutos de angústia as luzes extravagantes do The Farmer's Harvest surgiram à nossa esquerda.

The Farmer's Harvest era uma rede temática de restaurantes com ambientação antiga nos quais as garçonetes se vestiam como personagens de um romance de Thomas Hardy; as paredes eram decoradas com ferraduras e antigos objetos rurais, o "frango" era cortado em retângulos perfeitos e o molho de tomate vinha em pequenos sachês cobrados à parte. Ainda assim, apesar da feiura, o restaurante estava sempre cheio. Quando passávamos em frente, mamãe sempre dizia que o local era a "prova viva" de um comentário feito por alguém importante: "*O gosto popular? O gosto popular é terrível!*"

Ela desacelerou, ligou a seta para a esquerda e entrou no estacionamento com a precisão de um candidato a motorista em pleno teste de direção, ansiosa para não chamar qualquer atenção para nós. Ela passou pelas fileiras de carros até o final do estacionamento, onde havia arbustos e árvores e a iluminação era mais fraca. Percorremos todo o caminho, mas não havia vagas.

— Não me diga... — disse minha mãe, baixinho. — *Não me diga!*

Demos a volta no estacionamento, mas não havia lugar para parar. Logo estávamos novamente diante do restaurante excessivamente iluminado.

— Dê mais uma volta, mãe, dê mais uma volta! Talvez tenhamos deixado de ver alguma vaga!

Fomos obrigadas a esperar um grande grupo de clientes atravessar à nossa frente. Pareciam convidados de um casamento: as mulheres usavam vestido longo e salto alto, e os homens, terno, alguns até com cravo na lapela. Apesar de bem-vestidos, havia neles algo de bruto, ameaçador. Vi os nós dos dedos tatuados dos homens, os rabos de cavalo e os brincos. Pareciam estar bêbados, sorrindo futilmente para nós através do vidro do carro.

Pensei que deviam ser justamente o tipo de gente que Paul Hannigan poderia ter conhecido. Seus cabelos oleosos e seu rosto magro se encaixariam perfeitamente entre eles. Cobri o

rosto com uma das mãos e rezei para que ninguém reconhecesse o carro. Um jovem de cabeça raspada, orelhas de abano e um cigarro pendurado entre os lábios bateu no capô com força e gritou algo para nós, que não consegui entender. Contorci-me no assento e desejei estar em qualquer lugar, *qualquer lugar* que não fosse ali. Finalmente senti o carro avançar lentamente e, quando olhei, vi que os convidados do casamento estavam reunidos na porta do restaurante, gritando e gesticulando enquanto o homem com as orelhas de abano jogava a cabeça para trás em uma risada áspera, cheia de malícia e privada de qualquer calor humano.

Seguimos até o final do estacionamento novamente, passando por outros carros que também procuravam vagas. Então, vi um espaço no meio da penúltima fileira e gritei para que minha mãe voltasse.

— Não sei, Shelley — disse ela. — Não sei se o carro caberá.

Minha mãe sempre estacionou muito mal e nunca entrava de ré numa vaga, a menos que não pudesse evitar.

— Não precisa estacionar perfeitamente, mãe. Simplesmente estacione e *vamos embora daqui!*

Ela engatou a marcha à ré e entrou devagar na vaga, mas não virou o volante o suficiente e precisou levar o carro para a frente para fazer mais uma tentativa. As vagas ao lado estavam ocupadas e o veículo à esquerda era um 4x4 novíssimo. Minha mãe errou novamente e foi preciso fazer outra tentativa. Seu rosto estava contraído, concentrado, e sua mandíbula, tensa. Outro carro queria passar, mas nossa manobra bloqueava o caminho. Minha mãe agarrou a alavanca de câmbio e tentou de novo. Dessa vez acertou o ângulo e ao menos entramos na vaga o suficiente para que o outro veículo passasse. Ela avançou com o carro outra vez e, então, conseguimos entrar lentamente na vaga.

Mamãe desligou o motor e soltou um enorme suspiro de alívio.

— Muito bem, mãe — falei.

Ela me olhou e balançou a cabeça, como se dissesse *que pesadelo!*

Quase não havia espaço para eu sair do carro. Minha mãe estava em situação ainda pior, e percebi que a porta pressionava seu quadril enquanto ela se espremia. Eu conseguira começar a sair e me virava, para livrar a perna direita, quando o mundo ao meu redor subitamente explodiu.

Houve um barulho ensurdecedor e luzes laranja brilharam. Olhei em volta, esperando ver carros da polícia nos cercando, mas nada. A confusão me imobilizou e continuei ali, embasbacada pelo barulho, piscando estupidamente. Aos poucos, percebi que o alarme do carro à nossa direita disparara.

Minha mãe surgiu depressa ao meu lado, segurando meu braço e guiando-me para longe. Eu mal conseguia entender o que ela dizia em meio ao barulho do alarme.

— Não entre em pânico, Shelley. Apenas caminhe.

Fiz o que ela mandou, convencida de que o alarme faria com que todos os clientes do restaurante fossem ao estacionamento ver o que acontecia. De repente, o barulho parou.

Fingimos indiferença e continuamos caminhando rapidamente. Então, a voz de um homem nos chamou.

— Ei! Aonde pensam que vão?

Paramos e olhamos para trás.

O dono do 4x4 estava ali, com a chave na mão após desativar o alarme. Ele era forte, tinha a cabeça raspada e um cavanhaque preto.

— Vocês não podem simplesmente ir embora após danificar o carro de alguém — rosnou ele.

Meu corpo se retesou, preparando-se para correr. Deveríamos abandonar o carro sem ser notadas, *sem chamar atenção*. Se parássemos, aquele homem seria capaz de nos descrever à polícia. Minha mãe, porém, que ainda segurava firmemente meu braço, não se mexeu.

— O que quer dizer com isso? — perguntou ela. — Não danificamos seu carro.

— Sim, danificaram — grunhiu ele. — Eu estava observando. Ela bateu com a porta na lataria. — Ele apontou a cabeça ossuda em minha direção, com certa brutalidade, e inclinou-se para olhar o carro, esfregando as mãos nele como um veterinário acaricia os quadris de um cavalo puro-sangue ferido.

— Não bati, não — respondi. — A porta não tocou em seu carro. Devo ter batido nele com meu quadril.

— Não consigo ver nenhum risco — disse ele, quase decepcionado —, mas a iluminação aqui é ruim. Deixe-me pegar seu contato.

Não podíamos deixar isso acontecer. Era loucura. Deveríamos ter saído do carro *sem sermos vistas*. De repente, lembrei-me da lanterna em meu bolso.

— Use isso — falei. — Eu não encostei em sua porta.

Ao pegar a lanterna, ele olhou meu rosto, e percebi um traço de nojo em sua expressão. Inicialmente, pensei que ele tivesse visto minhas cicatrizes, por isso me confundi quando ele apontou e disse:

— Você está sangrando.

Levei uma das mãos à têmpora esquerda e uma pequena mancha escura realmente surgiu na ponta de minha luva de lã. *O galho! O galho em que esbarrei ao caminhar pelo jardim na escuridão!*

O homem voltou ao carro e iluminou a porta, examinando meticulosamente a pintura. Não teve pressa, deixando que minha mãe e eu esperássemos no estacionamento, açoitadas pelas inconstantes rajadas de vento e sem saber o que fazer.

Sem desviar o olhar, ele disse:

— Você sempre carrega uma lanterna?

Meu rosto corou quando a magnitude do erro que cometi caiu sobre mim. Eu entreguei a lanterna a ele sem pensar! Que garota carrega uma lanterna no bolso? E quando estaria indo jantar! Olhei para minha mãe, horrorizada, mas ela apertou meu braço firmemente, como se dissesse *Está tudo bem, Shelley. Está tudo bem.*

Quando ele se moveu em direção à parte de trás do carro, minha mãe — para minha surpresa — afastou-se subitamente de

mim e caminhou com firmeza em direção a ele.

— Isso é ridículo! — exclamou ela. — A porta do carro bateria aqui, não aí! Devolva a lanterna! Não temos tempo para essa *bobagem!*

Ele devolveu a lanterna, olhando-a com desdém e um meio sorriso arrogante.

— Não houve danos a seu *precioso* carro! Talvez seu alarme não devesse ser tão sensível. — Ela então segurou meu braço novamente e caminhamos em direção ao restaurante.

— Ei! — exclamou ele. — Aonde vão? Ainda quero seu contato!

Minha mãe se virou.

— Não danificamos a porcaria do carro! E essa história acaba aqui!

Caminhamos decididamente até nos aproximarmos da porta do restaurante. Pude ver um grupo de pessoas lá dentro, que esperavam por mesa, e uma garota que pensei reconhecer da escola oferecendo uma cesta de pães a alguns executivos japoneses que usavam chapéus típicos. Não queríamos entrar no restaurante, o que somente aumentaria as chances de sermos vistas e lembradas. Olhei para trás. O homem estava de costas e parecia analisar novamente a porta do carro, as mãos nos quadris.

— Ele está nos observando? — perguntou minha mãe.

— Não, não está.

Mamãe olhou para trás, para ter certeza, e puxou-me para uma ruela escura ao lado do restaurante. Deveríamos apenas seguir aquela ruela até o fim, onde haveria uma rodovia principal. Cerca de oitocentos metros depois, havia a estação de trem, e lá conseguiríamos pegar um táxi e voltar para casa.

MAMÃE E EU ESTÁVAMOS *elétricas* quando chegamos ao Chalé Madressilva, eufóricas por finalmente termos nos livrado do carro do assaltante e por aquilo não estar mais estacionado ao lado da casa como um aterrorizante arauto de más notícias.

Sentamo-nos na sala e recordamos nossa aventura diversas vezes — lembrando como não encontrávamos o farol, que quase caímos na vala, que disparamos o alarme no estacionamento do restaurante e que confrontamos o Motorista do Carrão, como o apelidamos.

— Você foi incrível, mãe! A maneira como o enfrentou! Nunca a vi tão... destemida. Você parecia uma pessoa completamente diferente!

Minha mãe não disse nada, mas eu podia ver que ela estava orgulhosa — e talvez um pouco surpresa — com a maneira como nos tirou de uma situação tão difícil.

— Quer dizer... ele era bem assustador — continuei. — Parecia um gângster ou algo assim. Eu estava pronta para correr.

— Bem, isso pede uma comemoração — disse ela, andando até a cozinha e voltando com uma garrafa de vinho.

Mamãe bebeu três taças enquanto eu ainda estava na primeira e, antes que eu pudesse protestar, foi à cozinha abrir mais uma garrafa.

Parecíamos os jogadores de um time vitorioso ou atrizes após uma apresentação; simplesmente não conseguíamos “sossegar” após os momentos de adrenalina que vivemos. Eu fiz minha mãe rir imitando seu confronto com o Motorista do Carrão e exagerando absurdamente sua pronúncia: “Não tenho tempo para essa *bobagem!* Não danificamos a *porcaria* do carro, seu *idiota!*”

— Mas sua frase foi melhor... — disse minha mãe.

— Qual frase?

— Quando você disse: *Devo ter batido nele com meu quadril!*

Eu havia esquecido que tinha dito isso. A lembrança me fez rir histericamente, e quanto mais eu ria, mais minha mãe

soltava gargalhadas e gritos alegres. Nós gargalhamos e gargalhamos até que lágrimas escorressem por nosso rosto. Naquele momento, *Devo ter batido nele com meu quadril* era a coisa mais engraçada que eu já ouvira.

Conversamos por tanto tempo que eram quase onze horas quando decidimos analisar os objetos que deixamos no jardim. As ferramentas na bolsa de pano pareciam comuns, mas imaginamos que o ladrão dava regularmente outros usos a elas. Nos bolsos de um agasalho que mamãe tirara do porta-malas havia um estilete, um lenço imundo, um cigarro praticamente desintegrado e um ingresso de cinema. Olhamos o mapa que estava na porta do motorista, mas não havia nada marcado ou escrito — apenas alguns números de telefone na parte interna da capa. Como imaginei, o caderno estava repleto de cálculos. Minha mãe se recostou na cadeira e observou as páginas.

— Cálculos relativos a drogas — disse ela. — Pesagens marcadas em gramas. Parece que ele não era apenas usuário, mas traficante também. Não acho que foi uma grande perda para a humanidade.

Sua expressão se tornou pensativa. Ela se esforçou para se sentar normalmente, e percebi que ela já estava quase embriagada.

— Sabe, Shelley, isso pode ser bom para nós.

— O que quer dizer?

— Pense bem... O gerente do The Farmer's Harvest denunciará o carro abandonado à polícia. A polícia tentará encontrar o motorista, mas não terá sucesso e acabará apreendendo o veículo. Então, vasculhará o carro e encontrará as drogas. Eu não tinha certeza de como aquilo podia ser bom para nós, e minha confusão devia ser aparente.

— Bem, o quanto a polícia se esforçará para encontrar um traficante desaparecido? Não trabalharão da mesma forma que fariam caso se tratasse de uma criança desaparecida, certo? Imagino que traficantes desapareçam o tempo todo. Eles simplesmente somem se pensam que a polícia está à sua procura.

— E se acharem que o motorista foi... — Eu hesitei por um segundo. — *Assassinado?*

— Provavelmente desconfiarão de outros traficantes, certo? Por que suspeitariam de nós? Não há nada no carro que possa trazê-los até aqui, e o carro é a única pista.

— E o Motorista do Carrão? Ele nos viu sair do carro e não nos esquecerá depois de tudo o que aconteceu. Ele observou meu rosto. Ele se lembrará de mim. (*Ele se lembrará de minhas cicatrizes.*)

— Você não está entendendo o que quero dizer, Shelley. Não acho que a polícia procurará com tanto afinco por um traficante. Encontrarão as drogas e saberão que o traficante faria tudo para garantir que nunca fosse encontrado pela polícia.

— Mas há *alguém* procurando por ele, mãe. Essa pessoa avisará à polícia sobre seu desaparecimento.

(*Escutei mais uma vez, em minha mente, as oito alegres notas musicais: a música aterrorizante que o morto ainda podia tocar.*)

— Tudo bem — disse minha mãe, mergulhando em sua explicação. — Digamos que a polícia decida que ele não fugiu da cidade porque sua situação se complicou, mas que é realmente uma pessoa desaparecida. E digamos que, na pior das hipóteses, o Motorista do Carrão leia no jornal sobre um carro abandonado no The Farmer's Harvest e lembre-se de que *aquela* era o “nosso” carro. Você acha mesmo que ele é o tipo de pessoa que se apresentará para ajudar a polícia na investigação?

Encolhi os ombros.

— Quer dizer, você viu aquele cara — continuou ela. — Você disse que ele parecia um gângster, e provavelmente não está muito longe da verdade. Eu conheço esse tipo de pessoa, Shelley. Tenho clientes assim há dois anos. Eles não conversam com a polícia. *E ponto final.*

Aquela me pareceu uma base muito fraca onde apoiar tanta confiança, e imaginei se não seria o vinho falando.

Minha mãe jogou o caderno sobre a pilha de objetos no chão, inclinou-se para a frente e apertou minha mão.

— Acho que ficaremos bem, Shelley. — Ela sorriu. — Acho que nos livraremos disso.

Não pude evitar me sentir um pouco apreensiva. Era, em parte, superstição e, em parte, o hábito de esperar pelo pior, mas, conversas como aquela sempre me deixavam desconfortável — parecia que estávamos desafiando os deuses.

— Não sei — falei. — Você não deveria falar isso tão cedo, mãe. Está especulando sobre muitas coisas. Há tantas outras que não sabemos...

Minha mãe riu.

— O problema é que você tem assistido a filmes demais, Shelley. Você *espera* ser descoberta, *espera* que algo dê errado. Ninguém sai impune nos filmes porque não se pode ter uma audiência que acredite que o crime compensa. Mas não estamos em um filme: essa é a vida real. E na vida real as pessoas ficam impunes o tempo todo.

Torci para que ela estivesse certa, mas não quis desafiar o destino afirmando qualquer coisa. Eu acreditava que só saberíamos se estávamos seguras após meses, talvez *anos*. Ainda era muito cedo para ter certeza. Havia muitos fatores imponderáveis. E eu não conseguia deixar de pensar que tudo terminaria com as brilhantes luzes azuis e a nauseante batida à porta. Preferi mudar de assunto.

— O casaco — falei. — Não olhamos o casaco que estava no banco de trás.

Estava no chão, ao lado da tevê. Aproximei-me e peguei-o.

— Pesa uma tonelada! — exclamei, indo para perto de minha mãe.

E, então, o casaco escorregou entre meus dedos embriagados e, como eu o segurava por baixo, em vez de pela gola, desenrolou-se em meus braços, deixando que algo pesado caísse da costura de um dos bolsos. O objeto atingiu com força meu pé, que estava coberto apenas por uma meia, enchendo-me de uma dor aguda e espatifando-se no chão, girando e parando transversalmente às tábuas de madeira.

Diante daquilo, eu normalmente gritaria até a casa cair, mas minha surpresa agiu como um anestésico. Apenas me joguei no sofá, segurando os dedos machucados, mordendo o lábio inferior e encarando estupidamente a arma caída no centro da sala de estar.

• • •

A TEMPESTADE COMEÇOU durante a noite, e fiquei acordada muito tempo, ouvindo-a. Nunca havia escutado uma chuva tão forte; quando eu pensava que a tempestade alcançara sua intensidade mais intimidadora, chovia ainda mais, e mais alto. Parecia que todo o mundo além de meu quarto se tornara líquido... Tudo escorria, pingava, gotejava, *sangrava*.

As rajadas de vento eram tão violentas que pareciam mãos insanas batendo contra as janelas, e houve momentos em que realmente pensei que o vidro se quebraria e deixaria que todo aquele caos barulhento e histérico entrasse. Era como se algo perigoso e cruel houvesse escapado de sua prisão e corresse livremente. E, estando solto, somente seria domado após um esforço titânico.

Enquanto eu continuava deitada, ouvindo a tempestade ensurdecadora bater no telhado, imaginei o jardim e todos os terrenos ao redor sendo alagados, e as novas águas soltando lentamente o corpo de Paul Hannigan de sua cova enlameada, levando-o, fazendo-o boiar na corrente, para que todo mundo pudesse vê-lo. Vi policiais em uma paisagem transformada em um grande lago, inclinando-se em seus botes e tentando retirar o cadáver inchado dos galhos de uma árvore onde ele se prendera...

Quarenta dias e quarenta noites sob uma chuva daquela seriam suficientes para afogar a Terra, pensei. E eu estava tão cansada de especulações sobre o futuro que uma parte de mim achou que isso não seria tão terrível.

TODOS OS DIAS, a primeira coisa em que eu pensava era: *Hoje a polícia virá.*

Eu conseguia ver tudo muito claramente: os peritos criminais usando jaleco branco, transitando pela cozinha e pelo quintal, os policiais de quatro investigando meticulosamente o jardim, a tenda que montariam ao lado do canteiro das rosas quando encontrassem o corpo, minha mãe e eu passando entre os vários jornalistas que se reuniram na frente da casa e entrando no duvidoso santuário do carro de polícia...

Naqueles dias, eu atribuía à polícia poderes quase sobrenaturais. Não parei para analisar a situação, para perceber quais peças do quebra-cabeça eles realmente tinham (*um homem desaparecido, um carro abandonado*); simplesmente senti que sabiam o que havíamos feito — que, como o olho de Deus, que tudo vê e para o qual nenhuma parede é empecilho, eles tinham assistido a tudo o que acontecera na casa naquela noite.

Ainda assim, para minha surpresa, *nada aconteceu*. As luzes azuis e brilhantes e a nauseante batida à porta da frente não vieram. Os dias seguintes se passaram — pelo menos aparentemente — como antes do assalto. Roger me dava aulas pela manhã, a Sra. Harris chegava à tarde, eu fazia meus deveres sentada à mesa da sala de jantar até que minha mãe chegasse, praticava flauta, preparava o jantar com ela, lia meus romances e escutava Puccini; minha mãe saía para trabalhar e cuidava de seus casos “devagar e sempre”, como uma jardineira cuidadosa, e fazia o que podia para evitar a mão boba de Blakely e seu péssimo temperamento.

Uma nova semana começou... E, ainda assim, nada aconteceu.

• • •

A LUTA COM PAUL HANNIGAN na cozinha me deixou fisicamente exausta por dias. No começo, eu cochilava em todas as oportunidades, como um gato — sonos extremamente profundos dos quais eu acordava com a boca seca e os olhos inchados. Porém, quando a exaustão passou, tive muitos

problemas para dormir. Eu já tivera insônia anteriormente, principalmente quando o bullying estava em sua pior fase, mas aqueles episódios intermitentes não eram nada comparados às terríveis noites em claro que passei a enfrentar.

Quando eu me deitava e fechava os olhos, via o rosto de Paul Hannigan com uma nitidez impressionante, como se ele estivesse novamente diante de mim. O tom pálido e claro de seu rosto, os cabelos pretos, lisos e enebados, escorrendo como óleo por suas orelhas e seus ombros, os pontos quase indistinguíveis da imatura barba ao redor da boca, a maneira como suas pálpebras tremiam nervosamente enquanto ele se esforçava para manter os olhos abertos e a forma como rolavam para trás nas órbitas, para dentro de sua cabeça, como um médium em contato com o mundo espiritual. Eu escutava sua voz, as vogais distorcidas de sua pronúncia horrível e sua pretensão arrogante (*Eu sei o que quero, senhora! Eu sei o que quero!*). Às vezes, sua voz parecia tão real em minha mente que eu me convencia de que ele estava no quarto comigo — pensava até *sentir seu cheiro*, aquela fétida mistura de álcool, cigarros e suor que o envolvia como uma névoa. Então, sentava-me na cama e olhava, aterrorizada, para os cantos mais escuros de meu quarto, esperando ver sua silhueta se destacar nas sombras que o cercavam e caminhar em minha direção.

Eu me remexia e me revirava, mas aquele rosto magro e malicioso não me deixava dormir. Após três noites, contei à minha mãe e perguntei-lhe se poderia dormir com ela até que tudo passasse. Ela concordou prontamente, oferecendo-me um de seus sorrisos que dizia *tudo ficará bem*. Envolvida pelos braços dela naquela noite e aconchegada em seu calor, a sombra do rosto do ladrão desapareceu completamente, como se dentro daquele mágico círculo maternal nada pudesse me ferir.

No entanto, minha mãe não me contara que também sofria de insônia e, apesar de eu adormecer facilmente na cama dela, seus esforços agonizantes para dormir logo me acordavam. Depois de algumas noites, voltei à minha cama, torcendo para que aquele ciclo tivesse sido quebrado, mas encontrei a insônia esperando por mim. Eu voltara ao ponto inicial.

Relutantemente, decidimos tomar remédios para dormir. Minha mãe sempre fora terminantemente contra, temendo que causassem vício, mas as pílulas lilás que ela conseguira com o Dr. Lyle funcionaram maravilhosamente comigo. Eu tomava apenas uma, trinta minutos antes de me deitar, e caía quase que instantaneamente em um sono profundo e sem sonhos. Passei a tomar metade de uma pílula, depois ainda menos, e após uma semana, aproximadamente, conseguia adormecer em pouco tempo sem qualquer medicação.

Foi então que os pesadelos começaram.

•••

OS PRIMEIROS PESADELLOS eram confusos e fragmentados. Pulavam rapidamente de uma cena de horrores a outra, como moscas agitadas incapazes de sossegar em um lugar por muito tempo. Quando eu acordava, não me lembrava de quase nada e havia apenas a impressão geral de ser perseguida durante toda a noite por um horror invisível (eu não precisava vê-lo; eu sabia o que, ou melhor, *quem* era).

Recordo-me de apenas dois deles com clareza. No primeiro, eu estava na sala de estar, tocando minha flauta, quando olhava para a frente e via Paul Hannigan me encarando através da janela, com sua mandíbula horrivelmente deslocada e caída, parecendo um vampiro em um trem fantasma. No segundo, minha mãe e eu puxávamos o corpo do ladrão pelos pés, sob a mesa da cozinha, apenas para descobrirmos que não matáramos Paul Hannigan, e *sim meu pai*.

Esse pesadelo me torturou por dias, e não apenas porque a imagem de meu pai caído em meio a todo aquele sangue era extremamente forte. Havia algo mais. Aquilo me corroía como uma acusação. Era aquilo o que o assassinato de Paul Hannigan realmente significava? Eu me recusava a acreditar... Eu não conseguia sequer matar meus sentimentos por meu pai, como poderia matá-lo?

Aos poucos, em vez dos incontáveis pesadelos confusos e desconexos, passei a ter o mesmo sonho noite após noite, como se meu cérebro conseguisse finalmente resumir todos os

horrores que vivi em um roteiro perfeito, que não deveria ser alterado nem no menor detalhe.

O sonho sempre começava com mamãe e eu jogando *croquet* no jardim, em um bucólico dia de verão. Eu tinha cerca de oito anos e usava um vestido com listras azuis e brancas, que era meu favorito quando criança (houve um período, segundo minha mãe, em que eu me recusava a vestir qualquer outra roupa). Mamãe também estava diferente. Parecia ter saído diretamente da foto de seu casamento, aquela que mantinha em um porta-retratos sobre a lareira na *propriedade matrimonial*: ela usava um vestido de noiva branco e leve, era jovem e não tinha marcas no rosto — as mechas de cabelos grisalhos e os pés de galinha ainda não haviam aparecido.

Minha mãe acertava a bola, que cruzava o jardim deslizando sobre a grama aparada. Eu corria atrás da bola, dizendo por cima do ombro que ela estava jogando muito bem — melhor do que eu jamais vira. A bola seguia por todo o jardim e chegava às roseiras. Eu parava de correr. Parava de sorrir. Não queria me aproximar. Eu sabia que o corpo do ladrão fora enterrado ali. Então, procurava por minha mãe, esperando que ela dissesse que eu poderia deixar a bola lá, mas, subitamente, ela estava muito longe, no final de um jardim que se tornara enorme. Eu a chamava, mas sabia que ela não me escutaria. Decidia finalmente pegar a bola, virar-me e correr o mais depressa possível até minha mãe. Porém, quando olhava novamente para as roseiras, eu via que perto da bola, *tocando-a*, estava a mão esverdeada e apodrecida do ladrão, saindo da terra.

Eu sabia que precisava cobrir a mão ou alguém a veria, chamaria a polícia e tudo estaria perdido. Nesse momento, eu tinha minha idade atual e vestia camisola e roupão, que tirava e jogava sobre a mão do bandido. Sabia que era apenas uma solução temporária, mas bastaria até que eu pudesse contar à minha mãe. Então, ajoelhava-me na terra e tentava pegar a bola, mas, no instante em que a tocava, meu pulso era seguro pela *outra* mão do bandido, que subitamente saía da cova.

A mão era extremamente forte. Ela me arrastava pela grossa lama até que meu rosto tocasse o de Paul Hannigan e eu pudesse sentir o cheiro nauseante de seu cadáver.

— Estou tentando ligar para você — dizia ele —, mas você não atende o telefone.

Subitamente, um salto nos transportava ao fundo de uma cova verdadeira. Paul Hannigan estava em cima de mim, as mãos ao redor de meu pescoço — mãos que, às vezes, transformavam-se em serpentes ou em raízes de uma árvore, mas que, na estranha lógica dos sonhos, continuavam sendo mãos. No alto, o céu era como o da noite em que nos livramos do carro: os rastros das nuvens obscureciam as estrelas e a lua era uma fina cimitarra prateada na escuridão. Eu lutava ferozmente, mas ele me prendia ao chão com facilidade.

— Farei tudo *certo* dessa vez — dizia ele, apertando ainda mais meu pescoço.

Eu não conseguia respirar e começava a perder a consciência. Por fim, fazia um último grande esforço para me libertar, mas era inútil. O rosto grotesco, como uma máscara de Halloween, sorria triunfante sobre mim. Então, eu via minha mãe surgir atrás do ombro dele, segurando a tábua de mármore. Ela já não era jovem; seu rosto estava exageradamente cansado e abatido, e o vestido de noiva havia sido substituído pelo roupão banhado em sangue. Eu sabia o que ela faria. *Eu a incentivava: Acerte-o! Acerte-o!* Contudo, em vez de levantar a tábua acima de sua cabeça, como eu esperava, ela se afastava, repetindo diversas vezes a mesma fala: “Não quero ser presa”, até que eu não conseguia mais vê-la...

Eu acordava coberta de suor, meu coração batendo tão violentamente que eu mal conseguia respirar, o cobertor completamente embolado na beira da cama e o lençol enrolado em meu corpo.

COLOCAMOS A ARMA e tudo o que retiramos do carro de Paul Hannigan em sacos de lixo, guardados também no quarto vazio do segundo andar, com o restante das coisas. Se a polícia fosse à nossa casa naquele momento, encontraria todas as provas contra nós empilhadas organizadamente em um canto do cômodo, esperando para serem catalogadas e transformadas em evidências para nosso julgamento. Apesar disso, demoramos seis dias para nos livrar daquilo.

Não que minha mãe ignorasse, de alguma forma, o perigo — era exatamente o contrário. Ela estava tão consciente da necessidade de que todas as evidências desaparecessem *para sempre*, tão agudamente ciente de que aquele era o momento mais importante em nosso jogo mortal com a polícia, que morria de medo de cometer um erro. Sabia que se a polícia encontrasse os sacos de lixo, se descobrissem os pijamas, a faca e os panos ensanguentados, haveria um frenesi investigativo. Viriam atrás de nós como uma matilha de cães de caça ao sentir o cheiro de sua presa. Se um dia encontrassem os sacos de lixo, teriam uma abundância de pistas, e qualquer uma poderia levá-los ao Chalé Madressilva e ao corpo enterrado sob as roseiras. E enquanto ela sofria para tomar uma decisão, os sacos de lixo apodreciam no quarto vazio, onde o cheiro de sangue seco se tornava mais forte a cada dia.

Sua primeira ideia foi jogá-los, um de cada vez, em lixeiras municipais — a quilômetros de nossa casa e a quilômetros uns dos outros. Dessa maneira, disse ela, era pouco provável que a polícia relacionasse um saco de lixo aos outros e rastreasse todos eles até chegar a nós.

Porém, pensando melhor, decidiu que o plano era muito arriscado. Parecia “público” demais; talvez alguém a visse se livrando de um dos sacos e pudesse descrevê-la à polícia. E, mesmo que não houvesse testemunhas, poderia ser flagrada por uma daquelas câmeras de segurança, que, segundo mamãe, estavam por toda parte atualmente — se não captassem uma imagem clara de seu rosto, ao menos mostrariam a placa do

Escort, e a polícia nos encontraria facilmente a partir dessa informação.

Além de tudo, nós não sabíamos o que se fazia com o lixo após a coleta — nunca precisáramos pensar sobre isso. Era possível que fosse compactado e enterrado ou jogado no mar, mas minha mãe era assombrada pela possibilidade de que os sacos acabassem em uma estação de triagem, onde ficariam abandonados a céu aberto, possivelmente por meses. Bastaria, então, que um dos sacos se rasgasse e que um funcionário qualquer percebesse os panos manchados de sangue — trapos cheios de traços invisíveis de DNA —, e a polícia teria uma pista a partir da qual poderia refazer todo o caminho até nós.

Sugeri que fizéssemos uma fogueira no quintal e queimássemos tudo. Os roupões ensanguentados, as camisolas, as cortinas da cozinha e o casaco seriam reduzidos a um inocente monte de cinzas. Mamãe, porém, não gostava nada dessa ideia. Muitos objetos não queimariam completamente — as botas de borracha, o telefone celular, as ferramentas e, é claro, a arma, a horrível arma. Então, na melhor das hipóteses, aquilo resolveria apenas parte do problema. Além disso, ela nunca havia feito uma fogueira — fogueiras eram coisa *de homem* — e temia que o fogo saísse do controle. Se os bombeiros fossem chamados, descobririam tudo. E mesmo que a fogueira *não* saísse do controle, um fazendeiro vizinho, vendo fumaça tão perto de suas terras, poderia se aproximar para checar o que estava acontecendo. Ele poderia fazer perguntas, interferir e tentar mostrar como uma fogueira deve ser feita...

Outra sugestão minha foi trancar tudo em um baú de metal que tínhamos no sótão, amarrar pesos a ele e afundá-lo no enorme reservatório no Parque Nacional Morsely, que ficava a cerca de cento e trinta quilômetros ao norte. Para minha surpresa, essa ideia também não despertou o interesse de minha mãe. Eu disse que, se ela não gostava do reservatório, poderíamos dirigir até o litoral e jogar o baú no mar.

— Não é isso — disse ela. — Apenas não confio na água. No final, a água sempre revela seus segredos.

Sua fala carregava tanta convicção que pensei que ela se referia a uma experiência pessoal, mas, então, lembrei-me de que ela pegara meu exemplar de *Rebecca* certa noite, quando não conseguia dormir. Grande parte do que minha mãe *era* se baseava no que lia. Era isso o que a cultura de classe média criava? Pessoas formadas mais por aquilo que liam que pelas próprias experiências? Porém, talvez tudo tenha mudado para minha mãe depois que Paul Hannigan abriu a porta de seu quarto. Talvez tivéssemos começado uma vida verdadeira após o golpe com a tábua de mármore.

Minha mãe considerou a possibilidade de usarmos ácido, mas, assim como a fogueira, apenas parte do problema seria resolvida, pois era pouco provável que mesmo o ácido mais forte desmanchasse as ferramentas de metal e a tábua de mármore. E como o manuseio de ácido era extremamente perigoso, só o fato de comprá-lo, junto às luvas e aos aventais de proteção de que precisaríamos, seria o bastante para levantar suspeitas.

Por fim, ela decidiu enterrar tudo embaixo da horta que havíamos feito em tempos mais felizes. Não estava inteiramente satisfeita com essa solução, mas ao menos tiraríamos os sacos do quarto e, em comparação com as outras ideias, essa trazia um risco muito menor. Daria muito trabalho — precisaríamos cavar um buraco onde coubesse o conteúdo dos oito sacos —, mas certamente era possível.

Mamãe pensou que seria mais fácil enterrar os objetos de formato estranho se antes os serrássemos em pedaços menores. Então, certa noite, assim que ela chegou do trabalho, levamos o esfregão, o balde e a bacia de plástico para o maior dos celeiros, que o Sr. Jenkins equipara com lâmpadas fluorescentes e onde minha mãe guardava seu pequeno jogo de ferramentas. Serramos o cabo do esfregão em pedaços pequenos, do tamanho de linguças e, após uma hora de trapalhadas e confusões dignas de um episódio de *O Gordo e o Magro* — era um milagre não termos perdido um dedo —, finalmente conseguimos cortar o duro balde de plástico pela metade. Depois disso, nenhuma de nós queria tentar o mesmo com a bacia plástica.

Meu coração disparou quando minha mãe tirou do bolso o celular de Paul Hannigan; eu sabia que ele estava no mesmo saco que a carteira. Porém, rapidamente livre-me de meu pânico culpado. *Ela nunca abriu a carteira e não poderia saber que a carteira de motorista desaparecera.*

Ela não olhou para mim enquanto colocava o celular na bancada e mexia na caixa de ferramentas em busca do martelo. Disse que temia que a polícia pudesse rastrear o celular ainda que o aparelho estivesse desligado e insistiu em esmagá-lo em pedacinhos *apenas como garantia*. Colocou, então, o celular no chão de concreto, ajoelhou-se ao lado dele e, com uma expressão estranha no rosto suado, algo entre alegria destrutiva e um nojo sofrido, golpeou o objeto até transformá-lo em algo amorfo. Lembrando-me de outros golpes que eu a vira dar, desviei o olhar, sentindo-me desconfortável, preferindo observar os cantos do celeiro com suas teias de aranha.

Contudo, não chegamos a enterrar os sacos na horta. Na noite em que faríamos isso, mamãe chegou do trabalho pronta para colocar em ação um plano inteiramente novo.

NAQUELE DIA MINHA MÃE atendeu um cliente cujo filho de doze anos havia se ferido durante uma aula de fotografia. A estrutura de bancos sobre a qual ele estava ceder e, apesar de sua queda ter sido de apenas um metro, aproximadamente, ele caíra de modo estranho e sofrera uma séria fratura no tornozelo esquerdo.

Enquanto mamãe analisava os relatórios médicos no horário de almoço, ela se lembrou de outro caso, que resolvera pouco depois de ser contratada pela Everson's. Um menino, também com doze anos, fraturara gravemente o tornozelo esquerdo ao cair, mas ela não se lembraria do nome dele ou das circunstâncias do acidente mesmo que sua vida dependesse disso. Queria ver o arquivo do caso antigo, para comparar os prognósticos médicos e checar a quantia pedida no processo, mas sabia que a empresa o tinha destruído anos antes.

Apenas mais tarde, enquanto ouvia um novo cliente na sala de reunião, as informações voltaram a ela. Pugh. Thomas Pugh. Um garotinho gordinho e sorridente com uma franja louro-clara. Ele acampava com a família no Parque Nacional Morsely durante um feriado e, certa manhã, decidira explorar o lugar com seu irmão mais novo, enquanto os pais ainda dormiam. Eles encontraram uma estrutura de madeira na floresta, que pensaram fazer parte das atividades de treinamento do parque, e correram até ela; então, Thomas subitamente desapareceu no ar. A primeira conclusão do irmão mais novo fora que Thomas havia sido sequestrado por um raio mortal alienígena. Na verdade, ele caíra em uma das minas de cobre abandonadas que existem espalhadas pelas montanhas do parque. A estrutura de madeira era tudo o que sobrara da sede da mineradora.

E foi então que minha mãe teve uma ideia: as minas abandonadas eram o lugar perfeito para nos livrarmos do monte de provas guardadas no quarto do andar superior.

Ela inventou uma desculpa para sair do escritório e cruzou a cidade até o arquivo público municipal, que ficava no subsolo do grandioso prédio da Assembleia Legislativa, ocupando um quarteirão inteiro. Ali, solicitou cópias das plantas do parque, com

todas as antigas minas de cobre. Trinta minutos depois, cinco folhas em formato A3 foram entregues a ela.

•••

— É ABSOLUTAMENTE PERFEITO! — exclamou minha mãe, animada, enquanto nos sentávamos na sala de estar após o jantar. — Os túneis das minas são distantes da entrada e a administração do parque foi obrigada a cercá-los depois do caso Pugh. Alguns são extremamente profundos, o que tenho em vista tem mais de *trezentos metros de profundidade*. O pequeno Thomas Pugh caiu em um túnel de apenas dois metros. Se ele tivesse caído em um dos túneis principais, nunca seria encontrado.

— Mas como você encontrará o lugar, mãe? — perguntei. — O parque é enorme.

— Eu já estive lá — disse ela, inclinando-se em minha direção e apoiando-se na beirada da cadeira; a xícara de café estava quase solta em suas mãos grandes. — Durante o caso Pugh, visitei as minas. Passei o dia todo lá. Os guias do parque me levaram pelas montanhas em seu jipe. Não será *fácil*, mas tenho certeza de que me lembrarei de tudo quando estiver lá... E eu tenho os mapas, não esqueça. Eles mostram tudo: cada túnel principal e de ventilação, cada entrada, as profundidades.

Eu ainda queria questioná-la sobre o novo plano; ainda queria encontrar alguma falha que ela não tivesse percebido, provavelmente pelo simples motivo de que ela rejeitara todas as minhas sugestões muito rapidamente.

— E se eles decidirem reabrir as minas, como uma atração turística? Encontrarão tudo.

Minha mãe ficou claramente satisfeita com aquela pergunta.

— Eles não reabrirão essas minas, posso jurar a você.

— Por que não?

— Porque estão *contaminadas*, Shelley. Por isso foram abandonadas em 1840... Há um vazamento natural de sulfato de hidrogênio. Nos vinte anos em que funcionaram, mais de cinquenta mineiros morreram por exposição ao gás. Seus

parentes tentaram acusar a empresa de mineração — e fracassaram, obviamente. As minas são uma armadilha mortal!

Eu precisava admitir que a ideia parecia muito melhor que qualquer outro plano anterior, e que era infinitamente mais agradável que enterrar todas as provas no jardim. Com o cadáver de Paul Hannigan apodrecendo sob as roseiras, eu sentia que o jardim já abrigava o suficiente de nosso segredo.

Minha mãe não quis que eu fosse com ela ao Parque Nacional. Eram nove da noite quando ela finalmente estava pronta para sair e avisou-me que não tinha ideia de que horas voltaria. O parque ficava a uma hora e meia de carro e, além disso, seria preciso encontrar o túnel específico que ela procurava, contando apenas com os cinco mapas e uma lanterna.

Eu a ajudei a colocar os sacos no carro. Não conseguimos alojar todos eles no porta-malas e precisei colocar três no banco traseiro.

— Tome cuidado — implorei, segurando suas mãos.

Eu detestava a ideia de minha mãe sozinha naquela floresta imensa, no meio da noite, com apenas a fraca luz da lanterna para guiá-la. Eu vira como ela enxergava mal no escuro. Imaginei, várias vezes, o solo cedendo repentinamente sob seus pés e a assustadora queda em um daqueles túneis contaminados.

*O que eu faria se isso acontecesse? O que eu faria se isso acontecesse?*

— Por favor, por favor, tome cuidado, mãe.

Ela me abraçou com força e pediu que eu não me preocupasse, pois ficaria bem.

Eu a observei se afastar lentamente, demonstrando no rosto sua enorme determinação; a lanterna e os rolos de mapas jogados no assento a seu lado. Voltei rapidamente para casa, mantendo o olhar fixo no chão diante de mim, para não ver, *nem mesmo acidentalmente*, a roseira.

• • •

SENTEI-ME À MESA da sala de jantar e tentei colocar em dia meus deveres, que estavam terrivelmente atrasados. Eu

terminara há pouco a redação sobre a Primeira Guerra Mundial que Roger pedira e já havia mais um dever de história, duas redações e uma questão de geografia, sem mencionar as revisões de matemática que a Sra. Harris tinha passado.

Desde a noite em que matamos Paul Hannigan, minha concentração estava péssima — eu me distraía a cada dez minutos, assaltada por *flashbacks* que me arrastavam àquela cozinha transformada em abatedouro e me faziam executar a dança da morte com o ladrão mais uma vez. Quando eu voltava a mim, mal sabia onde estava, como se estivesse saindo de um transe hipnótico. Sendo constantemente interrompida, uma redação que levaria duas horas para ser escrita exigia de mim quatro ou cinco horas.

Comecei a rascunhar um dos trabalhos pedidos por Roger (*Macbeth* passa de um homem “totalmente cheio do leite da ternura humana” a um “açougueiro” e “tirano” em cinco atos. Como isso acontece?), mas, apesar de beber quase uma jarra inteira de café, consegui escrever apenas uma parte em uma hora e, ainda assim, sabia que não estava muito boa. Meus pensamentos se desviavam do simples e gasto exemplar de *Macbeth* até minha mãe. Onde ela estaria? O que estaria fazendo? Eu rezava para que ela estivesse bem. Rezava para que voltasse em segurança.

Por fim, abandonei a redação (era realmente um lixo: “*Macbeth* é um homem bom quando a peça começa...”) e passei a rabiscar distraidamente em um pedaço de papel. Sem pensar sobre o que fazia, desenhei o Escort subindo as montanhas, com florestas de pinheiros de ambos os lados e os faróis criando dois finos e longos caminhos de luz na escuridão. Um gemido estranho pareceu vir do andar superior, o que me fez parar de desenhar e olhar para cima. Lembrei-me do pesadelo em que o rosto destruído de Paul Hannigan aparecia através da janela. Rapidamente fui à sala de estar e fechei as cortinas, até ter certeza de que não havia frestas e que ninguém poderia me observar.

Servi-me uma taça de vinho (agora sempre havia vinho em casa) e sentei-me no sofá para tentar ler, mas a casa estava

animada por sons estranhos: as tábuas de madeira do andar superior rangiam como velhas, como se alguém caminhasse discretamente pelo quarto vazio, e havia barulhos intermitentes que pareciam vir do jardim e que podiam ser passos ou apenas o vento espalhando galhinhos secos pelo caminho de pedras que levava à entrada da casa.

Eram quase onze horas, mas eu estava assustada demais para subir até o quarto e dormir. Enganei a mim mesma com a decisão de que ficaria acordada esperando por minha mãe e liguei a televisão para abafar aqueles barulhos perturbadores. Com a sensação de dedos frios tocando minha nuca, percebi que aquela era a primeira vez em que eu ficava sozinha em casa à noite desde que matamos Paul Hannigan. Não era surpreendente que eu sentisse mais medo que o usual. *Por que minha mãe me deixara para trás?*

Enrolei-me no sofá e beberiquei o vinho, lutando para expulsar os pensamentos que tentavam me assustar (*ele podia estar no jardim agora — erguido de sua cova rasa, prestes a bater na porta com seus punhos apodrecidos... ou, pior, ele poderia estar dentro de casa...*).

Zapeei pelos canais, mas nada me interessou — celebridades numa ilha deserta, uma competição entre os homens mais fortes do mundo, um seriado que se passa em um hospital, no qual todos os comentários, expressões e gestos dos atores acionam uma sequência de risadas falsas.

Havia um programa sobre uma tribo africana (ou amazônica, eu não tinha certeza) ao qual assisti parcialmente, por falta de algo melhor. O vilarejo ficava à beira de um rio cujas margens eram cobertas por uma lama ocre, no qual as crianças se jogavam e nadavam tão felizes quanto se estivessem em uma piscina de água clorada na Inglaterra. O documentário mostrava os homens caçando javalis com arco e flecha caseiro e decorando o corpo com uma ferramenta que parecia cortar a pele e, ao mesmo tempo, enchê-la com um pigmento. Normalmente eu mudaria de canal quando eles se prepararam para sacrificar uma cabra como oferenda religiosa, pois sempre detestei assistir a crueldades contra animais (quando era pequena, ver uma

tourada ou uma caça a raposas na tevê deixava-me histérica), mas, naquela noite, a cena não me aborreceu tanto.

*É só um animal*, pensei enquanto um homem da tribo se ajoelhava sobre o peito da cabra e, indiferentemente, cortava sua garganta. *É apenas uma cabra idiota*. Sua inteligência era tão limitada que ela sequer entendia o que estava acontecendo; não entendia a crueldade, não entendia a morte... não entendia a vida, para falar a verdade. Apenas quando havia inteligência, inteligência real, poderia haver qualquer simpatia pela vítima...

Eu cochilei, e quando abri os olhos novamente um dos homens mais velhos falava sobre as crenças religiosas da tribo. Suas palavras eram mostradas em legendas brancas sobre um fundo claro, difíceis de ler. Ele dizia que a tribo vivia perto dos animais da floresta e conhecia bem o caráter de cada espécie.

A tribo respeitava certos animais pelas qualidades que possuíam e desprezava outros, por seus defeitos. Uma das crenças religiosas fundamentais, segundo ele, era a de que um homem adquiria as características dos bichos que matava. Assim, um caçador que matasse muitos macacos se tornaria um homem esperto e engenhoso, que saberia fazer as pessoas rirem com palhaçadas. Um guerreiro que matasse muitos javalis se tornaria um homem de família exemplar e um pai devotado, que lutaria até a morte para proteger seus entes queridos. Ele mencionou um animal sobre o qual eu nunca ouvira falar, dizendo que não matavam exemplares dessa espécie porque acreditavam que eram traiçoeiros e covardes, e temiam contrair esses defeitos. Eles acreditavam que as almas dos animais e dos homens se misturavam no mundo espiritual e, algumas vezes, fundiam-se. Na verdade, muitos dos deuses que adoravam eram fusões de seres humanos e animais, ocorridas no mundo dos espíritos, como o homem-macaco e a incansavelmente fértil mulher-galinha.

Bebi o restante do vinho e me estiquei no sofá. Eu já ouvira algo relacionado a isso, provavelmente na escola: tribos cujos habitantes acreditavam que matar um leão tornaria um homem tão corajoso quanto o animal. Algo naquela ideia me intrigou. Perguntei-me se houve uma época, há milhares de anos

(antes da polícia, das prisões e das equipes de documentários), em que aquela tribo acreditou ser capaz de assumir as qualidades não apenas dos animais que matava, mas dos *homens* que assassinava. Estariam as florestas repletas de covas com pessoas mortas por serem bonitas, inteligentes ou bem-humoradas? E se fosse verdade, questionei-me, um pouco perdida, e se nós realmente assumíssemos as características das pessoas que matamos? Minha mãe e eu nos tornaríamos parecidas com Paul Hannigan? Absorveríamos seu banditismo selvagem como uma terrível doença capaz de nos desfigurar?

Devo ter adormecido novamente, porque a próxima coisa de que me lembro foi de escutar o carro de minha mãe atravessar pesadamente a entrada da garagem. A programação do canal havia chegado ao fim, e a tela mostrava nuvens brancas em um céu azul, acompanhadas de música ambiente. O relógio no aparelho de DVD marcava uma e cinquenta e três.

Eu estava na cozinha, soltando um enorme bocejo, quando minha mãe colocou a chave na fechadura.

— O que está fazendo acordada? — sussurrou ela, como se fosse muito tarde para falar um pouco mais alto.

— Adormeci assistindo à televisão — respondi, esfregando um olho lacrimejante com meu dedo indicador. — Conseguiu encontrar?

Minha mãe estava completamente desperta. Seu rosto estava corado por causa do ar fresco e seus olhos brilhavam.

— Sim, encontrei, mas foi um trabalho terrível naquela escuridão, posso garantir a você. Pensei que o carro não aguentaria subir pelos caminhos da floresta. As estradas estavam cobertas de lama... Precisarei lavar o carro amanhã, o mais cedo possível. Ainda bem que existe uma antena de rádio no alto das montanhas... Ela fica acesa à noite. E realmente me ajudou a me localizar.

Seu nariz começara a escorrer, reagindo ao súbito calor dentro da casa, e ela espirrou barulhentosamente, procurando por um lenço em seus bolsos.

— Tive alguma sorte também — disse ela enquanto limpava o nariz no lenço que encontrara. — Parte da cerca

próxima ao túnel fora quebrada, então pude dirigir até bem perto dele.

Lutando contra as lágrimas, joguei meus braços ao redor dela e abracei-a tão forte quanto pude:

— Estou tão feliz por você estar bem! Eu estava tão preocupada!

Ela me abraçou e senti o cheiro da floresta em seu casaco.

— Acabou, Shelley — sussurrou ela perto de meu ouvido, fazendo com que os pelos em minha nuca ficassem arrepiados. — Acabou para sempre. *Nunca* vão achar aquelas coisas.

Ela segurou meu rosto com as mãos e olhou para mim atentamente. Eu mal conseguia manter os olhos abertos e bocejei mais uma vez.

— Vá se deitar agora, dorminhoca. Preciso comer alguma coisa e relaxar um pouco antes de dormir.

Dei nela um beijo de boa-noite e subi as escadas. Escutei-a pegar uma garrafa de vinho na geladeira, assim como o barulho que o líquido fez ao encher generosamente uma taça. Ao passar pelo quarto extra, surpreendi-me com o quão vazio ele parecia sem os sacos de lixo.

Deitei-me na cama e esperei o sono, sabendo que ele não demoraria muito e desejando ser poupada do pesadelo já familiar. Era um grande alívio não ter, finalmente, aquela montanha de provas sob nosso teto. A polícia poderia aparecer no dia seguinte, e não encontraria nada que nos incriminasse. Tudo o que ligava Paul Hannigan a nós estava afundado trezentos metros abaixo da terra, em um labirinto de câmaras escuras.

Ou melhor, *quase* tudo.

Eu mantinha a carteira de motorista de Paul Hannigan escondida em minha “caixa de segredos”, na última gaveta de minha penteadeira, junto a algumas fotos de meu pai, que minha mãe não sabia que eu guardara, minha pulseira de identificação no hospital e meu desenho do rato com a corda no pescoço.

Não tenho certeza de por que eu estava tão determinada a guardar a carteira de motorista apesar do risco que ela

representava e do quanto minha mãe enlouqueceria se descobrisse o que eu havia feito. Tudo o que eu sabia era que queria ter algo que garantisse que o que aconteceu naquela noite foi real. Eu queria uma *prova*. Uma prova de que um homem realmente invadira nossa casa em meu décimo sexto aniversário e de que minha mãe e eu realmente o matamos.

Acho que eu queria um troféu.

MAIO CHEGOU, trazendo dia após dia um calor seco e indomável e céus sem nuvens. Após um inverno estranhamente ameno, aquela era uma das primaveras mais quentes de que eu me lembrava, com temperaturas que regularmente passavam dos trinta graus. Nos noticiários, falava-se incessantemente sobre o aquecimento global e as rápidas mudanças do clima mundial, mostrando cenas de fortes nevascas na Turquia, tempestades de areia na Austrália e enchentes catastróficas na Europa central. Um famoso apresentador de previsões meteorológicas caminhava diante de seu mapa computadorizado, exclamando: “Podem jogar seus livros de geografia pela janela. Não há como prever o tempo! O clima mundial enlouqueceu completamente! Em todos os lugares, algo sem precedentes está acontecendo! *Tudo* está mudando...”

Como se recebesse uma mensagem secreta e codificada, nosso jardim da frente repentinamente explodiu em flores e, mesmo não gostando do Sr. Jenkins, era impossível não admirar seu talento divino quando se tratavam de cores. As flores brancas em alguns arbustos destacavam o azul vibrante das violetas, outras flores, douradas, se misturavam entre as vermelhas, formando um bordado delicado, tons de amarelo, pálidos e vibrantes, respondiam-se como em uma rima — quase reflexos uns dos outros, mas não exatamente. O mais chamativo de todos era o canteiro de lupinos, um grande caos de cores entrelaçadas que me fazia lembrar os caleidoscópios com vidros coloridos, com os quais brincávamos no jardim de infância.

Eu admirava a mestria do Sr. Jenkins, mas era uma admiração a distância. Tentava me manter afastada do jardim tanto quanto possível. Ainda que as rosas tivessem se aberto em imensas flores cor-de-rosa e os arbustos formassem enormes buquês, que tocavam o chão como a barra de um longo vestido luxuoso, a imagem da roseira ainda me aterrorizava. Aquelas flores dignas do dia dos namorados enchiam minha mente de pensamentos macabros. *Como estaria o rosto de Paul Hannigan, após duas ou três semanas enterrado? Seriam os nutrientes de seu cadáver os responsáveis por pétalas tão grandes?*

A casa se tornava cada vez mais quente, mas, quando abríamos as janelas para que algum ar fresco entrasse, éramos torturadas pelos mosquitos. Mesmo mantendo-as fechadas, alguns deles ainda encontravam uma entrada. Tornei-me adepta de matá-los com um pano de prato enrolado, e deliciava-me com a pilha de pequeninos cadáveres pretos que jaziam sob a janela da sala de estar ao final de cada dia.

A onda de calor continuava, quebrando todos os recordes. Eu andava pela casa vestindo short e a blusa mais fresca que encontrasse. Eu detestava usar tão pouca roupa — detestava expor minhas coxas e a gordura em minha barriga que, se eu não me concentrasse muito para segurar, caía sobre o elástico de meus shorts. Mas era impossível pensar em vestir calças ou camisas naquele calor sufocante e grudento.

Comprei um daqueles ventiladores de mão, que funcionam com pilhas, que eu mantinha próximo de meu rosto nos dias em que parecia que todo o oxigênio fora sugado da casa, quando mesmo a respiração mais profunda não parecia trazer qualquer alívio. O zumbido do ventilador irritava bastante a Sra. Harris, mas ela se tornara cautelosa sobre me repreender e se esforçava ao máximo para fingir que o barulho não a incomodava. Eu sempre ligava o ventilador durante suas aulas, mesmo que não precisasse, apenas para perturbá-la.

A onda de calor trouxe com ela o pior ataque de rinite alérgica que já sofri. Eu não conseguia respirar pelo nariz, e meus olhos lacrimejavam o tempo todo. No horário do almoço, todos os dias, tinha uma terrível enxaqueca. Foi nesse período, quando o calor e minha alergia estavam em seus piores momentos, que Roger e a Sra. Harris decidiram realizar uma semana de simulados.

Tentei desvencilhar-me dos testes, alegando os problemas óbvios, mas ambos estavam decididos: meus exames começariam no dia vinte e seis de junho e eu precisava ser testada sob as exatas condições das provas. Não desisti facilmente — eu tinha certeza de que se conseguisse enrolá-los por algumas semanas, minha concentração talvez melhorasse um pouco, mas Roger desdenhava de minhas preocupações:

— Você é uma aluna exemplar, Shelley. Conseguirá as melhores notas em tudo. Um nariz escorrendo não será um grande obstáculo.

Todavia, como temi, meus resultados foram decepcionantes. Os *flashbacks* me torturaram terrivelmente durante a semana de simulados, fazendo com que meu raciocínio ruísse como uma torre de blocos de madeira empilhados por um bebê e obrigando-me a reconstruí-los novamente. Apesar de ter conseguido A em inglês e em história, obtive apenas C em matemática e em física e B em todo o restante.

Roger ficou surpreso com minhas notas baixas nas disciplinas ensinadas pela Sra. Harris, mas, como obtive notas A ou B nas matérias que ele lecionava, não ficou muito preocupado. Na verdade, ele estava animado com minha resposta a uma questão a respeito do caráter de Macbeth, que apareceu no teste de literatura.

Caminhando ao redor da mesa da sala de jantar, ele leu animadamente, em voz alta, partes de minha redação:

— “...talvez o mais brilhante a respeito de Macbeth é que, de certa maneira, ele não *tem* um caráter. Ele é leal, ele é traiçoeiro; ele ama sua esposa, ele não se preocupa quando ela morre; ele é corajoso na guerra, ele é um covarde na noite do assassinato; ele mata uma mulher e uma criança indefesas, ele morre como um herói... Shakespeare parece dizer que nós, pessoas reais, não somos o que nossos *caracteres* determinam, somos nossas *ações*. Os corajosos são, na verdade, covardes; os covardes são corajosos; os cruéis podem ser gentis; os gentis, cruéis...” Sua resposta é de nível universitário, Shelley, *nível universitário!* — exclamou ele, batendo na mesa com a mão aberta.

Senti seus olhos verdes aumentados olhando fixamente para mim. E, quando ele falou novamente, seu tom de voz era diferente, íntimo.

— Como você alcançou tamanha profundidade psicológica sendo tão jovem?

Vi minha mãe jogar uma pá de terra negra sobre o rosto de Paul Hannigan e remexi-me desconfortavelmente em minha cadeira.

— Acho que sei — disse ele.

Senti meu rosto corar e meu peito doer. *O que ele queria dizer?* Só consegui soltar o ar que segurava quando ele continuou, suavemente:

— As JETS.

Tentando não demonstrar meu alívio, assenti e desviei o olhar, dobrando as pontas de meu caderno.

• • •

A NÃO SER POR esse aspecto positivo, não havia muito o que comemorar. A Sra. Harris sentiu-se completamente desmoralizada com meus maus resultados. Ela parecia acreditar que eu fizera aquilo deliberadamente para irritá-la e fazer com que ela parecesse incompetente. Secando nervosamente as gotas na tampa de sua garrafa térmica, ela olhou para mim com ar reprovador e disse:

— Pensei que estivéssemos progredindo, Shelley, em nosso trabalho e pessoalmente.

Deixei o comentário pairar no ar, sem resposta.

Minha mãe também ficou decepcionada, muito decepcionada, mas se esforçou para não demonstrar — e tentou me animar com certo humor negro:

— Os professores oferecem trinta minutos a mais, nos exames, aos alunos com dislexia. Imagine quanto tempo eles dariam a uma pessoa que sofre de estresse pós-traumático por matar alguém?

Os resultados ruins também me entristeceram e até deixei caírem algumas lágrimas quando estava sozinha em meu quarto. Eu estava furiosa por Paul Hannigan — aquele *inútil!* — estragar o que deveria ter sido meu momento de glória, o merecido sucesso que concluiria meu tempo na escola e me colocaria no caminho para a universidade. Afinal, se eu não era boa nos estudos, em que eu era boa?

Porém, ao mesmo tempo, havia uma parte de mim que pensava: *Por que me importar?* A polícia aparecerá qualquer dia

desses, e tudo acabará. Não haverá revisões, não haverá exames — em vez disso, haverá peritos criminais na cozinha, policiais agachados examinando cada centímetro do jardim, a confusão de jornalistas barulhentos, a mão em minha cabeça empurrando-me para o assento traseiro de um carro da polícia...

Mas as semanas se passavam e a polícia ainda não tinha aparecido.

• • •

TODOS OS FINAIS DE SEMANA, eu analisava os jornais, para descobrir se havia alguma matéria sobre Paul Hannigan. Eu sabia exatamente o que esperava encontrar; as palavras estavam quase escritas em minha mente. Sob uma manchete como POLÍCIA PROCURA HOMEM DESAPARECIDO, viria o texto:

*A polícia está cada vez mais preocupada com o misterioso desaparecimento de Paul Hannigan, vinte e quatro anos. O Sr. Hannigan foi visto pela última vez na segunda-feira, dez de abril. Seu carro foi encontrado posteriormente, abandonado no estacionamento do restaurante The Farmer's Harvest...*

Haveria uma declaração de um parente (sua mãe? sua esposa?), pedindo que ele entrasse em contato, pois estavam todos “doentes de preocupação”, que seria acrescida de algo como “Paul não costuma desaparecer sem avisar”. E, então, viria a frase devastadora que faria meu sangue gelar, a frase que marcaria o início do fim para mim e para minha mãe: “O carro do Sr. Hannigan foi visto estacionado precariamente em uma rua do interior, em doze de abril, e foi denunciado à polícia por um fazendeiro da região...”

Ou, ainda pior:

*A polícia procura por duas mulheres, possivelmente mãe e filha, que foram vistas deixando o carro do Sr. Hannigan no estacionamento do The Farmer's Harvest dois dias após o desaparecimento; uma testemunha que falou com elas deu à polícia uma descrição detalhada das mulheres... A investigação continua.*

Eles precisariam apenas interrogar o motorista de táxi que nos levou até em casa naquela noite para saber exatamente

onde nos encontrar.

Porém, não havia nada nos jornais sobre Paul Hannigan, absolutamente nada.

Eu me sentia aliviada, é claro. Não queria ver aquele rosto magricela sorrindo para mim em uma foto de família desfocada, e não queria ser descoberta. Mas, ao mesmo tempo, aquele silêncio me parecia estranhamente desconcertante.

Era como se nossa casa tivesse sido atingida por um terrível terremoto nas primeiras horas de meu aniversário de dezesseis anos, que derrubou o teto e fez as paredes caírem sobre nós. No entanto, quando saíamos da casa, cambaleando e absolutamente chocadas, percebíamos que o restante do mundo se mantivera completamente inalterado; todos cuidavam de suas vidas normalmente. Era impossível aceitar que as ondas de choque daquela noite não tivessem sido sentidas em nenhum outro lugar, que fora um terremoto particular — nosso terremoto secreto.

E havia algo mais a respeito desse silêncio que era ainda mais perturbador: o fato de que Paul Hannigan pudesse desaparecer da face da Terra sem levantar o menor interesse ou preocupação se opunha a tudo o que me ensinaram sobre a inviolabilidade da vida humana.

As coisas não deveriam ser assim. A perda de uma única pessoa, de um indivíduo, independentemente do quão inútil fosse sua existência, deveria ser importante. Nossa professora de religião nos perguntara certa vez: *Imaginem que pudessem acabar com a vida de um desconhecido simplesmente apertando um botão no braço de sua cadeira. Vocês nunca seriam descobertos, nunca seriam punidos. Vocês fariam isso? Vocês apertariam o botão?* Eu respondi um enfático “não”, pois estava convencida de que a perda de apenas um indivíduo importava, que, de algum modo sutil, porém profundo, a trama do universo mudaria para pior se esse hipotético desconhecido morresse.

Ainda assim, Paul Hannigan desaparecera completamente e, até onde eu podia ver, nada mudara. A vida continuava como sempre fora. Seu desaparecimento não tinha sido relatado nos jornais do país. Nem mesmo nos tabloides locais. Paul Hannigan

não mereceu sequer duas linhas nos jornais, entre os planos da prefeitura para aumentar a biblioteca da cidade, a bem-sucedida rifa do clube local ou a inauguração de duas “elegantes” filiais de restaurantes *fast-food* nos arredores do shopping.

Pela primeira vez em minha vida, pensei que a perda de um indivíduo talvez não tivesse grande significado, afinal. Talvez fosse tão inexpressiva quanto o choque casual de um inseto contra uma vidraça. Talvez a trama do universo não mudasse em nada.

Ao pensar na pergunta da professora de religião, peguei-me refletindo: *Por que não pressionar o botão? Que diferença faria, realmente?*

O TEMPO MANTEVE sua reputação de “melhor remédio”, e nossa vida voltava lentamente ao normal.

No início, foram mudanças simples, como voltar a fazer as refeições na mesa de pinho da cozinha e restabelecer nossa rotina matinal — dois beijos no corredor, um lembrete para que minha mãe dirigisse com cuidado e seu aceno ao se afastar no carro. Tiramos a mobília branca do celeiro onde estava guardada, e nos sentamos no quintal. Durante os jantares — cuidadosamente, no começo —, voltamos a descrever nossos pontos altos e baixos, como fazíamos. Comemos espaguete à bolonhesa novamente. Certa manhã de domingo, colhemos cerejas no quintal e fizemos uma linda torta, que comemos com sorvete de baunilha, exatamente como havíamos planejado antes que nosso convidado indesejado chegasse. Alugamos DVDs e, certa noite, assistimos a dois filmes com George Clooney (*E aí, meu irmão, cadê você?* e *O amor não tem regras*), encostadas uma à outra enquanto devorávamos ruidosamente uma tigela enorme de pipoca amanteigada.

Em nossas compras semanais na cidade, aos poucos substituímos tudo o que fora maculado naquela noite e que acabara no fundo de uma mina: compramos cortinas para a cozinha, panos de prato, um esfregão e um balde. Em resposta a um instinto forte demais para ser contido, procurávamos objetos bastante diferentes daqueles que tivéramos: um fino capacho de borracha, em vez de outro feito com fibras de coco; botas de borracha muito coloridas, quase extravagantes, em vez dos pares pretos comuns. E minha mãe não procurou outra tábua de mármore, insistindo em comprar uma simples tábua de plástico em uma loja popular.

Conforme cada pecinha preenchia aquele quebra-cabeça — novas toalhas de banho, novas camisolas, novos roupões —, eu sentia que nossa casa era reconstituída, tornava-se inteira novamente, e surpreendi-me com o quanto aquilo fazia com que *eu* me sentisse inteira mais uma vez. Até então, nunca havia percebido como cada pequena peça era importante em nossa vida. O quebra-cabeça foi finalmente completado quando minha

mãe encontrou a chaminé do chalé em miniatura solta na tigela com *pot-pourri*, sentou-se à mesa da sala de jantar e colou-a pacientemente.

Os hematomas em meu pescoço desapareceram gradualmente e, finalmente, pude me livrar dos cachecóis que precisava usar sempre que estava com Roger e com a Sra. Harris. O machucado em meu cóccix também perdeu sua margem vermelho-escura e encolheu até se tornar menor que uma moeda de cor cinza, desaparecendo pouco tempo depois. Estranhamente, conforme meus hematomas sumiam, as cicatrizes também começaram a mostrar verdadeiros sinais de melhora. As queimaduras em minha mão esquerda eram visíveis apenas sob uma luz muito clara e, ainda assim, não eram mais que marcas brilhantes sobre a pele. E as cicatrizes em minha testa e em meu pescoço clarearam de um tom marrom a cor de mel, sendo muito menos perceptíveis.

Conforme meus machucados eram curados, minhas feridas mentais também cicatrizavam. Os *flashbacks* diminuíram progressivamente. Eles não desapareceram (eles nunca desapareceram), mas se tornaram menos frequentes. Era como se minha mente lentamente absorvesse e aceitasse o que havia acontecido. Os intervalos de tempo em que eu não pensava sobre aquela noite se tornaram cada vez mais longos — dez minutos, vinte, trinta, uma hora inteira. Minha concentração voltava aos poucos. Eu conseguia escrever uma boa redação em algumas horas, sem parar, em vez de em diversos momentos ao longo de vários dias; eu era capaz de perder-me em um filme; por longos períodos eu conseguia efetivamente esquecer quem eu era, onde estava e — o milagre dos milagres — *o que eu havia feito*.

Para meu imenso alívio, o recorrente pesadelo também sumiu. Após uma terrível apresentação final, ele nunca mais voltou. Eu ainda tinha pesadelos (em um deles, eu estava sentada sobre Emma Townley no chão do banheiro feminino, transformando sua cabeça em uma gosma vermelha ao espancá-la com a tábua de mármore), mas o importante é que eu tinha sonhos “normais” também. Tinha sonhos ansiosos sobre os

exames que se aproximavam (nos quais eu não conseguia ler as perguntas da prova porque era impossível distinguir as pequenas letrinhas ou eu recebia uma pergunta sobre história medieval e não sobre história moderna, para a qual me preparara) e sonhos surreais e cômicos (atravessar o deserto em pernas de pau, com uma ninhada de hamsters descendo sob minha camisa; mãe se transformando em uma galinha gigante, capaz de botar ovos do tamanho de carros). Eu tinha sonhos românticos também, como paquerar George Clooney no banco de trás de um táxi em Nova York, depois de assistirmos ao filme *Um dia especial* pela quinta vez — nós falávamos em telefones celulares, teoricamente com outras pessoas, mas, na verdade, conversávamos um com o outro; ele dizia, ao telefone, “Quer que eu te beije?”, e eu respondia “Sim, eu adoraria”. Houve, até mesmo, um sonho romântico — creio que “erótico” seria mais honesto — com Roger, entre todas as pessoas, um sonho tão explícito que me chocou e deixou-me envergonhada na presença dele por vários dias.

Outro sinal de minha melhora era que meu interesse pelo laptop voltou a crescer.

Eu sequer me aproximara dele desde aquela noite. Não queria tocá-lo; não queria olhar para ele. Ele estava tão envolvido naquele horror (de certa maneira, eu até o *culpava* por tudo o que acontecera) que pensar em tirá-lo do armário era quase tão repulsivo quanto a ideia de desenterrar o corpo do ladrão.

Porém, conforme as semanas se passavam, eu superava lentamente minha aversão. A ideia de escrever meus trabalhos nele me animava novamente, além de usar a internet sem todas as demoras torturantes e as falhas inexplicáveis que eu precisava enfrentar com a “fera”. Eu estava convencida de que o laptop me ajudaria a tirar meus trabalhos do péssimo nível em que eles se encontravam. E minhas ambições sobre escrever, que se ligaram tanto à ideia de ter um laptop, começavam a voltar à vida. Peguei-me pensando, com um egoísmo insensível, que até eu achei chocante, que, *depois de tudo o que passei, eu certamente conseguiria escrever algo muito bom. Afinal, quantos escritores sabem exatamente como é matar alguém?*

Finalmente eu o tirei do armário, onde permanecera intocado desde meu aniversário, e, com a ajuda de minha mãe, montei-o sobre a mesa da sala de jantar. A princípio, minha preocupação era de que ele não funcionasse após a pesada queda quando acertei a faca nas costas de Paul Hannigan, mas ele funcionou com o primeiro clique no botão lateral.

Como eu esperara, o laptop ofereceu a meus estudos o ânimo de que eles precisavam tão desesperadamente. Deixei de escrever a mão e redigia observações, redações, *tudo* no computador. Acho que, na verdade, conseguia digitar mais rapidamente do que escrever com a caligrafia caprichada que eu desenvolvera ao longo dos anos na escola. Quando a impressora de minha mãe desistiu de funcionar, Roger se ofereceu alegremente para levar meu *pen drive* para casa todos os dias e imprimir tudo de que eu precisava. Ele se recusava a aceitar qualquer dinheiro pelo papel ou pela tinta que usava, fazendo-me sentir uma enorme gratidão por ele — mais que gratidão; na verdade, um *calor* —, o que me garantiu que minha capacidade de fazer amigos não fora destruída pelo que acontecera com as JETS.

POR FORA, MINHA MÃE também parecia estar se recuperando de maneira excelente. Seu olho curou rapidamente, e ela ficou animada por não precisar mais usar maquiagem no trabalho para camuflar o hematoma.

Ela seguiu trabalhando como se nada houvesse acontecido, resolvendo diversos casos pequenos e até ganhando uma ação que inesperadamente foi a julgamento. Essa vitória lhe deu um prazer enorme, em parte porque foi difícil comprovar as circunstâncias do acidente — uma queda na escada de um restaurante —, mas principalmente porque a outra parte, o restaurante The Love Shack Rib House, era representado pela Everson's, sua antiga firma. Foi o mais próximo que ela chegou de vencer meu pai em alguma coisa, o que a deixou absolutamente empolgada.

Contudo, havia indícios de que, por trás dessa fachada, minha mãe não considerava a situação tão fácil quanto demonstrava.

Os remédios para dormir que curaram minha insônia tiveram pouco efeito em mamãe. Apesar de ainda se deitar às onze horas, ela raramente conseguia adormecer. Ela se virava e se remexia por horas, mas o sono fugia de sua busca desesperada. Finalmente, incapaz de suportar aquela luta infrutífera, ela se levantava e descia ao primeiro andar da casa. Eu geralmente escutava o som baixo da televisão subindo pelas escadas quando acordava para ir ao banheiro durante a noite, enquanto minha mãe atravessava as longas horas insones. Para alguém como ela, a insônia era o pior problema a ser enfrentado, porque não poderia ser resolvido intelectualmente; quanto mais você se esforça para dormir, *menor* é a probabilidade de que você adormeça. Minha mãe tentava vencer a insônia com seus pensamentos em vez de simplesmente não pensar nela. E, assim, a insônia a derrotava repetidamente.

Ela voltava para a cama mais ou menos às três da manhã e, por fim, conseguia dormir quase ao amanhecer. Quando o despertador tocava, uma hora depois, ela acordava mais cansada do que se não tivesse dormido. Durante o café da

manhã, seus olhos estavam inchados e lacrimejantes, seu rosto, pálido, e suas sobrancelhas, franzidas — uma expressão que não desaparecia nem quando ela sorria. Eu perguntava se ela dormira mal novamente e ela sacudia os ombros. “Vai passar”, ela dizia, “vai passar”; ou repetia uma frase de Dorothy Parker: “*Como as pessoas dormem? Parece que perdi o jeito.*” Porém, ela nunca queria conversar sobre isso e, se eu insistisse, ela rapidamente se mostrava irritada e mal-humorada.

Minha mãe bebia todas as noites, algo que nunca fizera. Geralmente, a primeira coisa que fazia quando chegava do trabalho era encher uma taça de vinho, antes mesmo de tirar o casaco ou os sapatos. Não acho que ela bebia por prazer. Ela bebia, inicialmente, para se anestesiarem. O vinho dispersava os demônios que a assombravam ou, ao menos, tornava-os mais suportáveis. Afinal, foi ela quem realmente *assassinou* Paul Hannigan com aquele segundo golpe da tábua de mármore e foi ela quem desenterrou o corpo dele e revistou seus bolsos ensanguentados. Posteriormente, acredito que ela bebia com a esperança de que o álcool trouxesse a ela o ininterrupto sono noturno tão desejado. O que, é claro, o falso amigo jamais fazia.

Enquanto eu voltei a tocar minha flauta pouco após o ocorrido, minha mãe se recusava a encostar no piano. Quando eu lhe pedia que executasse um dueto comigo, ela sempre tinha uma desculpa: estava cansada demais ou tinha muito trabalho a fazer. Mas eu sabia muito bem qual era a verdade. Eu sabia que ela evitava o piano pelo mesmo motivo que eu me recusava a me aproximar do canteiro de rosas (“*The Gypsy Wedding*” ainda estaria tocando em sua cabeça quando Paul Hannigan nos obrigou a descer as escadas?).

Minha mãe se tornou obcecada por segurança e regularmente chegava em casa com novas trancas, que comprava na loja de ferragens, na cidade. Ela instalou duas pesadas trancas na porta principal e duas na porta da cozinha, e colocou fechaduras mais seguras na porta de nossos quartos. Então, comprou um falso sistema de alarme (a embalagem propagandeava: UM LADRÃO NÃO SABERÁ A DIFERENÇA), uma vez que o produto original era proibitivamente caro, e

instalou-o em um local de destaque na frente da casa. Por fim, comprou travas para todas as janelas, pois chegara à conclusão de que Paul Hannigan provavelmente entrara na casa forçando a janela do lavabo do primeiro andar.

Eu a observava subir e descer as escadas da casa e nossa escada portátil, com sua chave de fenda nas mãos, e consegui não dizer o que eu estava pensando: *Ainda não foi inventada uma trava capaz de nos proteger de nossos medos.*

A mudança que mais me preocupava, porém, tinha a ver com seu relacionamento com Graham Blakely. Agora, quando ela falava sobre seus atritos com ele, mamãe parecia menos uma vítima e mais uma igual, tão participativa quanto ele nas brigas que aconteciam no escritório. Ela não se deixava vencer tão facilmente nos momentos em que ele perdia a paciência com ela e — para a surpresa de Brenda e Sally —, comumente respondia à altura. Se a transformação parasse aí, eu não me preocuparia. Eu estava mais que cansada de saber o quanto aquele Hitler a intimidava. Porém, era mais que apenas se defender. Desde sua primeira discussão com ele, em meu aniversário, era como se minha mãe tivesse começado a *saborear* seus confrontos com Blakely. Às vezes, eu tinha a impressão de que ela se esforçava para provocá-lo. E quando vencida uma discussão, ela a narrava com um entusiasmo ofegante durante o jantar, movendo as mãos exageradamente ao seu redor, como se tivessem vida própria, passando-as perto de seu copo, cegamente, e ameaçando atirá-lo ao chão.

Certa noite, durante o jantar, falávamos sobre os pontos altos e baixos do dia quando minha mãe, com uma pequena risada de antecipação, disse que o ponto alto de seu dia foi *dar um tapa na cara de Blakely.*

— Você fez o *quê?* — perguntei, incrédula.

— Eu dei um tapa na cara de Blakely! — repetiu ela com um sorriso de satisfação, como uma criança orgulhosa de uma horrível travessura.

— O que... O que aconteceu?

— Bem — disse ela com naturalidade, como se contasse apenas mais uma fofoca do escritório —, ele entrou em minha

sala quando percebeu que eu estava sozinha e começou a falar sobre as férias de agosto. Enquanto conversávamos, ele se aproximou, por trás de minha cadeira, e achei que ele fosse tocar em meu seio. Nem pensei: simplesmente dei um tapa forte no rosto dele!

— Mãe! Alguém viu?

— Não, acho que não.

— O que ele fez?

— Nada! Absolutamente nada! Simplesmente saiu da sala com a mão no rosto. Você precisava ter visto o olhar dele!

Eu não soube o que dizer. Aquela lembrança claramente a animava. Ela não conseguia parar de falar sobre isso, rindo sempre que se lembrava do olhar de Blakely.

— Ele não disse uma palavra! — exclamou ela. — Ele não acreditava! Estava completamente chocado! Era a última coisa que esperava que eu fizesse!

Eu ri com ela, tanto quanto pude, mas havia algo naquela situação que me perturbava profundamente; senti-me desconfortável por dias. Minha mãe sempre fora calma, e eu não queria que ela mudasse. Sua nova imprudência me assustou. Eu não tinha certeza de que queria segui-la nas águas desconhecidas que ela parecia determinada a explorar. Preocupava-me a possibilidade de que, com esse humor, ela dissesse algo na presença de Sally e de Brenda que poderia ser nossa perdição. E me aborrecia o fato de que após tudo o que acontecera, *eu* havia conseguido encontrar algum equilíbrio... Então, por que *ela* não podia fazer o mesmo?

NA SEGUNDA-FEIRA, dia vinte e dois de maio, faltando apenas cinco semanas para os exames, iniciei meu intensivo programa de revisão, há muito marcado no calendário que ficava na parede de meu quarto, em um frenesi de riscos com uma caneta vermelha.

O programa envolvia acordar às sete da manhã e estudar por pelo menos duas horas antes da chegada de Roger, às dez. À noite, em vez de parar quando minha mãe chegava do trabalho, eu estudava até às nove, quando finalmente parava e ceava com ela. Planejei estudar também durante os finais de semana, mas mamãe insistiu em que eu tivesse ao menos um dia inteiro de descanso por semana. Então, eu estudava aos sábados e mantinha os domingos livres.

Como a maior parte do trabalho se resumia a memorizações — uma dura atividade que exigiria o máximo de minha concentração — decidi transferir todos os livros e cadernos, que ficavam na sala de jantar, para meu quarto. Parecia-me que haveria menos distrações... Eu não ouviria o telefone tocar, não veria minha mãe passar de um lado para outro, procurando a tesoura que perdera pela milésima vez ou clicando ansiosamente em sua caneta enquanto lia o jornal na sala de estar. E não haveria a tentação de ir à cozinha e preparar um café ou um sanduíche.

Então, eu me sentava em meu quarto, sufocada pela onda de calor que não parecia dar sinais de que ia abrandar, e obrigava-me a memorizar longos trechos de *Macbeth* e páginas e mais páginas de verbos irregulares franceses. Repetindo em voz alta diversas vezes, com os olhos bem fechados, decorei perfeitamente a lei de Boyle e a lei de Charles, a lei de Ohm e o princípio de Arquimedes. Usando caixas e mais caixas de lenços de papel e engolindo os anti-histamínicos receitados pelo Dr. Lyle, memorizei os dias, os meses e os anos do incêndio no Reichstag, da invasão no vale do Ruhr, do pacto de Paris, do Putsch de Munique e da marcha sobre Roma. Enquanto os pássaros cuidavam de seus ninhos nas calhas próximas de

minha janela, estudei listas de estatísticas sobre a produção de café no Brasil e os índices anuais de desmatamento das florestas tropicais, até conseguir repeti-los sem sequer espiar minhas anotações.

Fazia apenas seis semanas — seis curtas semanas — desde o dia em que minha mãe e eu matamos Paul Hannigan, e, mais uma vez, eu pensava quase que exclusivamente em meus exames. Apenas ocasionalmente minha mente se desviava dos cadernos e eu me via pensando no corpo que apodrecia sob a roseira.

• • •

SUPONHO QUE LENTAMENTE tenha alcançado o modo de pensar de minha mãe, apesar de todas as minhas dúvidas e apesar de ter visto “filmes demais”, nos quais algo sempre acontecia para indicar o culpado. Acho que finalmente aceitei que ela estava certa durante todo o tempo: *nós saímos impunes*.

Se a polícia não fora à nossa casa até então, certamente nunca iria. Afinal, deviam ter encontrado o carro de Paul Hannigan — ele não poderia ter ficado naquele estacionamento por tantas semanas sem ser notado. E Paul Hannigan certamente fora dado como desaparecido pela polícia após quase dois meses. *Alguém* se preocupou com seu sumiço nessas seis semanas. Alguém não tentara contatá-lo naquela primeira manhã? Essa pessoa certamente alertara a polícia...

A única conclusão possível, para mim, era a de que minha mãe acertara: a polícia não associara o desaparecimento de Paul Hannigan a nós, e, como tudo indicava, jamais *associaria* o desaparecimento de Paul Hannigan a nós. Além disso, ainda que a polícia viesse à nossa casa, nada encontraria. A cozinha fora esfregada e desinfetada tantas vezes que os peritos não achariam a mínima amostra do sangue de Paul Hannigan ou a mais suave sombra de suas impressões digitais; os oito sacos de lixo desapareceram do quarto vazio, e o local onde minha mãe os escondera era tão perfeito, tão inteligente, que ninguém nunca os descobriria.

Tivemos sorte. Tivemos muita sorte. Matamos um homem. Nós o esfaqueamos e o surramos até a morte no chão de

azulejos de nossa cozinha. *E saímos impunes.*

ERA UM SÁBADO, vinte e sete de maio. Acordei às sete horas, como ordenava meu programa de revisão para os exames, vesti meu roupão e saí do quarto, com a intenção de tomar um rápido café antes de iniciar os estudos. Parei à porta do quarto de mamãe, onde pude escutar sua respiração pesada e regular, e sorri. Eu sabia como cada segundo de sono era precioso para ela.

Estava descendo a escada, tentando não fazer barulho, e conseguira, com muita dificuldade, evitar o traiçoeiro quarto de grau, quando o vi.

Um envelope branco sobre o capacho da porta principal.

Soube imediatamente que era algo a temer. O carteiro nunca vinha tão cedo. *O envelope fora entregue pessoalmente.*

Peguei-o e percebi uma feia mancha oleosa (*seria manteiga?*), onde um polegar fechara e pressionara a aba.

Virei-o. Estava completamente em branco. Abri apressadamente, rasgando uma das pontas.

Dentro, havia um pequeno pedaço de papel pautado, arrancado de um caderno. No centro dele, havia uma mensagem escrita em letras maiúsculas, com uma caneta que falhava. Estava escrito apenas:

EU SEI O QUE VOCÊS FIZERAM.

SEI QUE O MATARAM.

QUERO VINTE MIL LIBRAS OU AVISAREI À POLÍCIA.

NÃO SAIAM DE CASA.

EU AS VISITAREI HOJE.

Corri pela escada e acordei minha mãe.

• • •

MENOS DE CINCO MINUTOS depois, mamãe estava sentada à mesa da cozinha, usando a blusa que usara no trabalho no dia anterior, calça jeans e as botas marrons que calçava para fazer caminhadas. Ela mordia o lábio inferior e olhava fixamente para o papel barato e quase transparente. Suas olheiras estavam duramente gravadas em seu rosto naquela manhã, como uma manifestação externa de uma alma doente. Ela estava ensimesmada, mal-humorada, aparentando uma

amargura ferida; seus cabelos eram uma confusão de nós. Ela não havia escovado os dentes e eu podia sentir o cheiro do vinho da noite anterior em seu hálito. Ela não tirou os olhos da carta por um segundo, nem mesmo ao alcançar a caneca com café, levá-la aos lábios e bebericar na borda grudenta.

Eu ainda usava o pijama e o roupão, entorpecida demais pelo choque daquela carta para subir ao quarto e me vestir. Há muito tempo temia que algum dia nossa frágil paz chegasse a um fim súbito, mas sempre imaginei a autoritária batida à porta principal (educada, mas que exigiria entrar), os policiais uniformizados com seus rádios barulhentos, os “sorrisos” que eram apenas os mais simples movimentos de lábios finos e nada amigáveis. Nunca imaginei, por um minuto, que tudo terminaria assim: com uma mensagem nojenta de um chantagista, enfiada pela caixa de correio.

Enquanto minha mãe lia e relia a carta, eu atormentava meu cérebro para descobrir quem poderia ser o chantagista.

Lembrei-me do fazendeiro que passara por nós em seu trator naquela manhã, enquanto cavávamos a cova sob a roseira e o corpo de Paul Hannigan jazia ao nosso lado, de braços sobre a grama. Minha mãe sempre dissera que ele não poderia ter visto o que fazíamos àquela distância... Mas, e se ela estivesse enganada? E se o fazendeiro tivesse visto *exatamente* o que fazíamos naquela manhã e agora, após seis semanas analisando suas opções, houvesse decidido ganhar algum dinheiro com isso?

O Motorista do Carrão era outra boa possibilidade. Ele tinha todo o jeito de vilão de novela, com os cabelos raspados e o cavanhaque sinistro, e definitivamente levantamos suspeitas no estacionamento. Talvez ele tenha previsto uma oportunidade de ganhar dinheiro e seguido nosso táxi em todo o percurso até nossa casa. Se ele descobriu que o carro que abandonamos no estacionamento pertencia a Paul Hannigan, que, por sua vez, estava desaparecido, teria sido capaz de ligar os pontos e descobrir tudo?

Ou seria alguém mais próximo? Teria eu, de alguma forma, entregado o segredo a Roger naquela manhã após o

assassinato, apesar de meus maiores esforços para agir normalmente? Será que ele *havia visto* a mancha de sangue na porta da cozinha? Ele era extraordinariamente perspicaz, e eu sabia que ele precisava de dinheiro; afinal, era esse o motivo pelo qual ele me dava aulas em casa. Mas, e o papel barato, a marca suja de um polegar e a carta enfiada na caixa de correio da porta de manhã tão cedo? Nada disso parecia ter qualquer relação com o perfeito acadêmico que eu conhecia. Ainda assim, se realmente não existia algo como “caráter” (e Roger parecia muito animado com essa ideia), ele era tão suspeito quanto qualquer outra pessoa.

— Quem você acha que é, mãe?

— Não sei, Shelley — disse ela distraidamente, ainda sem tirar os olhos do bilhete do chantagista. — Não sei.

— Acha que pode ter sido Roger?

— Não! — bufou ela, balançando a cabeça em um gesto de recusa. — Não foi Roger. Definitivamente não foi Roger. Estamos lidando com um *criminoso*, um criminoso habitual.

— E quanto ao Motorista do Carrão? Você achou que ele parecia um criminoso... Nós achamos.

Minha mãe considerou essa sugestão com mais seriedade.

— Suponho que sim — disse ela, sem convicção —, mas ainda assim não entendo como ele poderia ter descoberto o crime. Apenas você e eu sabemos o que ocorreu naquela noite.

Sua atenção voltou à carta, como se ela possuísse um magnetismo ao qual era impossível resistir.

— De qualquer maneira — disse ela, quase como um comentário despretensioso —, descobriremos em breve.

Eu devo ter demonstrado minha confusão, porque ela continuou:

— A carta diz *eu as visitarei hoje*. Quem quer que seja, virá aqui... à nossa casa... hoje.

Eu imaginei o Motorista do Carrão circulando arrogantemente pela cozinha em seu casaco de couro preto, relaxando em uma das cadeiras, mascarando chiclete e sorrindo para nós ameaçadoramente, pontuando cada uma de suas

exigências com um grosseiro tapa na mesa. A repulsa me fez estremecer, como se alguém tivesse retirado uma placa de cimento no jardim e perturbasse uma multidão de minhocas enroladas.

— O que faremos? — perguntei.

Minha mãe cruzou os braços firmemente, como se estivesse com frio.

— Não há muito o que *possamos* fazer, Shelley. Se o chantagista for à polícia, eles precisarão investigar as alegações. Virão aqui à procura de um corpo, trarão mandados de busca, cães farejadores. Acredito que será o nosso fim...

Eu podia ver os cães cavando freneticamente a terra macia do canteiro de rosas e descobrindo um polegar, branco como um broto.

Minha mãe voltou sua atenção para o bilhete e, então, apertou-o em um acesso de raiva.

— Não entendo! Como alguém pode ter descoberto? Fomos tão cuidadosas! O que nos entregou? E por que agora, após quase *dois meses*?

Ela fez uma careta enquanto sugava o restante de seu café e passava uma das mãos agitadamente pelos cabelos despenteados.

— Quer mais café? — perguntei.

Ela assentiu e levantou sua caneca. Enquanto eu a enchia, percebi como sua mão tremia.

— Então, está tudo acabado? — questionei-a, completamente incrédula.

Minha mãe alisou o bilhete com as palmas das mãos, sobre a mesa da cozinha, e chegou a uma nova conclusão:

— Acho que estamos encurraladas, Shelley.

*Encurraladas.* Fiquei chocada por ela ter usado essa palavra. Ainda éramos ratos, afinal; ratos presos em uma ratoeira, com nossos pescoços pequenos e frágeis metodicamente quebrados.

— Existe *alguma coisa* que possamos fazer?

Ela cobriu o rosto com as mãos e arrastou-as para baixo até que elas se encontrassem na altura de seu queixo, como se

ela rezasse.

— Nada que eu consiga imaginar, Shelley. Nada que eu consiga imaginar. Temos poucas opções.

Pensei em tudo o que passamos para evitar a prisão: enterrar o corpo de Paul Hannigan sob a roseira, levar até a cidade o acabado carro azul-turquesa do ladrão, o horrível encontro com o Motorista do Carrão, a jornada noturna de minha mãe até o parque nacional para jogar os sacos de lixo no túnel de uma mina abandonada. Tudo foi em vão? Seríamos enfim derrotadas, não por um brilhante trabalho de investigação, mas por um repugnante e ganancioso *chantagista*?

— Quais são nossas opções? — perguntei, com uma voz estranhamente aguda.

Minha mãe virou seu rosto elegante e exausto para mim. Ela estava tão cansada que mal conseguia manter os olhos abertos quando raios de sol atravessavam as nuvens daquela manhã e enchiam a cozinha com uma luz dourada de primavera.

— Podemos ir à polícia e confessar tudo antes que o chantagista chegue aqui — disse ela. — Apesar da situação, será melhor que a polícia saiba por nós o que aconteceu. Uma confissão, ainda que tão tardia, pode nos ajudar no tribunal.

Eu vi a fantasmagórica tenda branca montada ao lado da roseira, a confusão de jornalistas na entrada da casa, o banco de trás do carro da polícia, o quente estofado preto. E o que aconteceria depois? Horas de interrogatórios na delegacia, a humilhação de tirar as fotos para nossas fichas criminais, a obtenção das impressões digitais. E, então, após meses de uma terrível espera, o julgamento. Sentar no banco dos réus, com as pernas tremendo, enquanto o promotor faz a pergunta para a qual não há resposta: “Se você realmente acreditava não ter feito nada de errado, Sra. Rivers, se realmente pensava ter agido em legítima defesa todo o tempo, por que enterrou o corpo do Sr. Hannigan no jardim de sua casa?”

Se a prisão fora uma possibilidade real na noite em que matamos Paul Hannigan, certamente era algo inevitável naquele momento. Um horror medieval em pleno século XXI. Minha brilhante carreira desviada para um acostamento, onde

apodreceria em abandono por Deus sabe quantos anos. Forçada a dividir meu espaço mais íntimo com garotas mais selvagens e perversas do que Teresa Watson e Emma Townley saberiam ser. Eu não sobreviveria. Não suportaria a brutalidade, o comportamento filisteu, a imundice. Sabia que acabaria tirando minha vida...

— Não há nada mais? — perguntei ofegante, como se a corda já apertasse meu pescoço, e puxando o ar. — Não há nada mais que possamos fazer?

Minha mãe sacudiu os ombros e respondeu:

— Podemos pagar as vinte mil libras. — Porém, de certa forma, aquilo pareceu mais uma pergunta que uma afirmação.

— Mas não *temos* vinte mil libras — grunhi. — É mais do que você ganha em um ano. Demoraríamos muito para reunir essa quantia.

— Eu posso conseguir, Shelley — disse ela, discretamente.

— Como?

— Poderia hipotecar a casa.

A ideia de minha mãe pagar todo aquele dinheiro ao chantagista me deixou nauseada. Ela trabalhava muito e mal tinha dinheiro para si. Imaginá-la carregando mais um fardo, sustentando o chantagista, era terrível demais. E seria uma ingenuidade pensar que aquela seria a única exigência. Ele sempre voltaria, exigindo mais e mais. Passaríamos o resto de nossas vidas alimentando aquele parasita nojento. Não seria sequer uma vida. Seria a mais miserável forma de servidão. *Nunca* haveria um fechamento para os traumáticos acontecimentos daquele onze de abril. Era uma ferida que o chantagista abriria novamente sempre que ela começasse a cicatrizar.

— Ele nunca vai parar, mãe. Se lhe dermos o dinheiro, ele sempre voltará em busca de mais.

— Eu sei, Shelley, eu sei.

Um pensamento idiota passou pela minha cabeça, a que dei voz sem pensar:

— E papai? Você acha que ele nos daria o dinheiro?

Minha mãe mostrou-me um rosto cheio de amargura e de mágoa.

— *Eu nunca pediria a ele!* — respondeu ela. Estava claro que ela não toleraria uma discussão.

Senti a raiva arrepiar minha pele. Ela ignorava meu pai com uma determinação tão fria que era como se ele estivesse morto. Mas ele não estava morto para *mim*. Lutei para engolir as palavras que eu queria gritar. Aquele não era o momento nem o lugar para essa discussão.

Fez-se um longo silêncio. Minha mãe olhava para o bilhete do chantagista obsessivamente, como se ainda estivesse convencida de que a resposta estava em algum lugar entre aquelas linhas de letras maiúsculas escritas à caneta.

— Então, é isso? — falei, finalmente, incapaz de acreditar que nossa estrada acabara tão repentinamente, deixando-nos tão sem esperança.

Minha mãe continuou em silêncio. Ela mordida o lábio inferior e brincava com o bilhete, dobrando-o em uma tira fina e movendo-o pelos dedos da mão direita. Evitava deliberadamente meu olhar.

Quis gritar com ela a plenos pulmões: “É isso? Isso é o melhor em que seu intelecto tão afiado consegue pensar? É o melhor que esse supercérebro, da mulher que consegue resolver qualquer problema, é capaz fazer?”

Encarei-a duramente, com desdém, enquanto ela se abatia apaticamente, à mesa da cozinha, quase incapaz de manter os olhos abertos porque mal dormira, porque *mais uma vez* bebera muito vinho na noite anterior. Se ela não tivesse sido tão fraca, se não tivesse desmoronado depois que matamos Paul Hannigan, não estaria tão acabada naquela manhã e conseguiria pensar em um modo de escapar daquela confusão em que nos metemos! Se não fosse tão fraca, talvez meu pai ainda estivesse ali para nos proteger! Se não fosse tão fraca, talvez *eu* não tivesse me tornado uma rata — talvez tivesse sido capaz de me defender das “*garotas envolvidas*” e nunca nos veríamos naquela situação!

A onda de raiva que senti em relação à minha mãe também trazia consigo a amarga conclusão de que, apesar de meus dezesseis anos, eu ainda esperava que ela agisse como mãe e me protegesse; ainda queria que ela realizasse um milagre maternal que dissipasse aquela raiva e que afastasse o lobo que rondava nossa porta. E senti-me traída quando percebi que não haveria mágica maternal naquele dia, não haveria um milagre naquela cozinha — apenas os raios de sol brilhantes demais e o silêncio, ocasionalmente quebrado pela agitação dos moradores de penas macias nas calhas da casa.

Depois de muito, muito tempo, minha mãe falou novamente:

— Há outra opção, Shelley.

— Qual? — grunhi, mal-humorada e esperando não mais que uma patética esperança a qual me agarrar. — Qual, pelo amor de Deus? *Qual?*

Minha mãe deixou que o bilhete do chantagista caísse de seus dedos sobre a mesa e olhou profundamente em meus olhos, com um rosto tão pálido quanto uma máscara de morte feita de alabastro:

— Podemos matá-lo, Shelley — disse ela em um tom pouco mais alto que um sussurro. — Quando ele vier, hoje, podemos matá-lo.

É ESTRANHO PENSAR NISSO agora, mas as palavras de mamãe não me chocaram. Não fiquei estarecida como imagino que deveria. Apenas dois meses antes, eu gaguejaria, incrédula — *Você está maluca? Você enlouqueceu?* —, mas, naquele momento, simplesmente considerei a ideia, friamente, sem envolvimento, *por ela mesma...*

E a primeira objeção que surgiu em minha mente não foi moral, mas prática. Lembrei-me do Motorista do Carrão, de seu corpo grande e pesado, como um buldogue, da cabeça careca, do cavanhaque desenhado, dos olhos pequenos, maus e penetrantes.

— Como, mamãe? Como vamos matá-lo? O Motorista do Carrão é enorme; ele tem o corpo de um lutador. O que faremos com um homem como ele? O ladrão estava bêbado e mal sabia o que fazia. Com o Motorista do Carrão será completamente diferente.

— Não sabemos se é o Motorista do Carrão, Shelley. Você está chegando a conclusões precipitadas mais uma vez.

— Mas, e se *for* ele? — insisti, recusando-me a ser ignorada. — E se *for* ele? Um soco forte de um homem como aquele poderia matar você. Você não poderá simplesmente usar maquiagem para encobrir um hematoma e trabalhar no dia seguinte; não há a menor dúvida quanto a isso. Como mataremos um homem como ele, pelo amor de Deus?

Minha mãe não disse nada. Ela apenas olhava para baixo, encarando suas mãos grandes e esquisitas, posicionadas sobre a mesa como dois caranguejos queimados de sol arrastados pela maré. Ela parecia considerar alguma coisa, pensar, analisar, chegando lentamente a uma conclusão que alcançava somente após grande relutância.

— Há uma maneira — ela disse, finalmente, olhando para mim com uma expressão estranha, perplexa e um pouco envergonhada. — Eu sei como.

— *Como?*

— Espere aqui.

Com um grande esforço, ela se levantou, cansada, e saiu da cozinha. Escutei suas botas subindo a escada, o rangido das tábuas de madeira em seu quarto, acima de minha cabeça, e, então, um longo silêncio.

Vendo-me sozinha na cozinha, senti-me desconfortavelmente exposta e vulnerável. E se o Motorista do Carrão chegasse naquele momento, enquanto eu estivesse sozinha ali embaixo? E se seu rosto aparecesse subitamente na janela da cozinha? Esse pensamento era tão assustador que fechei os olhos com força, para que eu não conseguisse ver a janela da cozinha. Havia apenas um pensamento correndo por minha mente enquanto eu esperava impacientemente pelo retorno de minha mãe: *rápido, mãe; rápido, mãe; rápido, mãe!*

O lamuriento rangido do quarto de grau avisou-me que ela estava voltando, e abri meus olhos.

Surpreendi-me ao ver que ela vestira seu casaco bege sobre a blusa, pois estava claro que teríamos mais um dia abrasador. Suas mãos estavam enfiadas no grande bolso na altura da barriga, que tinha uma protuberância estranha.

Quando minha mãe chegou à mesa, virou-se para mim e tirou algo do bolso, lentamente. Naquele instante, um intenso raio de luz branca inundou a cozinha, entrando pela janela atrás de mim, cegando-me momentaneamente, e foi somente quando mudei de posição e protegi meus olhos com as mãos que vi o que ela segurava em sua mão estendida.

• • •

— VOCÊ NÃO SE LIVROU da *arma*? — perguntei, atônita por rever o repugnante objeto. — Não a levou à mina?

Minha mãe balançou a cabeça quase que imperceptivelmente.

— Por que não?

— Não sei — disse ela, sacudindo os ombros. — Senti-me tão insegura após a invasão do ladrão que, quando chegou a hora, não pude me separar dela.

Após uma longa pausa, ela continuou:

— Talvez alguma parte de mim sempre soube que precisaríamos dela...

Ela colocou a arma sobre a mesa da cozinha, cuidadosamente, e sentou-se. Eu havia me levantado, mas meus joelhos pareciam de gelatina e afundei-me novamente na cadeira.

A arma ocupava a mesa como um tipo de escorpião metálico, cujo ferrão mortífero aparecia na ponta de sua cauda azul-acinzentada. Observei o objeto com uma mistura de repulsa e fascínio. Ele parecia tão estranho na cozinha entre os potes de vidro esverdeados cheios de macarrão cru, os livros de culinária, o calendário com imagens de filhotes que ganhamos de minha avó, o quadro de cortiça coberto por fotos nossas e por meus adesivos da Hello Kitty — a arma era ofensivamente inadequada, ofensivamente *masculina*.

— Está carregada?

— Sim, com seis balas.

— Você sabe como usá-la?

— Não é difícil, Shelley. Basta soltar a trava de segurança e puxar o gatilho. Balancei a cabeça, estarecida e descrente, enquanto a realidade física da arma me fazia perceber a enormidade do plano que considerávamos.

— Por que não me disse que guardou a arma?

Minha mãe se moveu desconfortavelmente em sua cadeira e desviou o olhar.

— Eu... Eu não queria perturbar você.

— *Perturbar* a mim?

Não foi difícil ver através de sua delicada desculpa: ela não dissera que a arma estava na casa porque não confiava mais em mim. Desde a noite em que eu peguei a faca sobre a mesa da cozinha e corri atrás de Paul Hannigan pelo quintal, ela já não sabia o que eu era capaz de fazer. Ela já não sabia o que eu poderia fazer sob uma situação de grande estresse. Ela estaria preocupada com a possibilidade de que eu atirasse *nela* ou que eu atirasse *em mim*?

Aquilo me irritou, mas não o suficiente para que eu não apreciasse a ironia da situação: enquanto eu achava que minha mãe mudara desde a noite em que matamos Paul Hannigan, que, de certa maneira, ela se tornara uma estranha cujo

comportamento eu não conseguia prever, ela sentia o mesmo em relação a mim.

— Você deveria ter me contado — falei. — Não devia guardar segredos. Não sou mais uma criança. E não sou uma *maluca*, você sabe.

Uma expressão de dor surgiu em seu rosto e percebi que ela se arrependera de suas suspeitas obscuras. Delicadamente, ela colocou uma das mãos sobre a minha e sorriu, desculpando-se:

— Tem razão, Shelley. Eu deveria ter contado a você.

Eu permiti que ela segurasse minha mão, mas neguei firmemente um sorriso de perdão — até me lembrar do segredo que eu escondia dela. A carteira de motorista de Paul Hannigan, escondida no andar superior, no fundo de minha “caixa de segredos”. Minha consciência me cutucou com força e, culpada, dei a ela o sorriso que ela queria (*está tudo bem, está tudo bem entre nós*).

Minha atenção voltou à arma, cujo obscuro buraco negro do cano apontava diretamente para meu coração.

— Tem certeza de que sabe como usá-la? — pressionei-a.

— Sim, tenho certeza.

Imaginei o Motorista do Carrão novamente, mas, dessa vez, ele não nos dava ordens. Dessa vez, ele estava ajoelhado em um canto da cozinha, choramingando e fungando, implorando por misericórdia enquanto eu apontava a arma para sua cabeça. O que aconteceria se eu puxasse o gatilho? Seria como nos filmes? Uma massa de geleia de morango apareceria subitamente no centro de sua testa? Seus olhos se esvaziariam lentamente enquanto sua alma fugia? Ele se dobraria sobre o chão em um monte sem vida?

*Quando ele vier, hoje, podemos matá-lo...*

Realmente cogitávamos passar mais uma vez por todo aquele trauma que já cicatrizava? *O sangue, o corpo, o medo?* Realmente pensávamos em cometer um *assassinato*? Porque não havia dúvidas de que é isso o que aconteceria. Na última vez, com Paul Hannigan, lutávamos por nossas vidas, agíamos

em legítima defesa. Mas, dessa vez, seria um assassinato frio e calculado.

*Quando ele vier, hoje, podemos matá-lo...*

Mas, por que precisava ser *nós*? Por que minha mãe não tomou essa responsabilidade para si, como fez quando desenterrou o corpo de Paul Hannigan ou quando levou os sacos de lixo ao parque nacional? Por que não pediu que eu fosse para meu quarto e me escondesse até que tudo terminasse? Eu não deveria estar presente. Não deveria ver. Eu não havia visto o suficiente? Ela não deveria estar me protegendo?

Porém, quanto mais tempo ela continuava ali, perdida em seus pensamentos e em silêncio, mais claro ficava que ela não diria nada nesse sentido. Ela não se sacrificaria por mim. Independentemente do que viveríamos, ela parecia decidida de que viveríamos *juntas*.

— Você está realmente falando sério, mãe? — sussurrei, com a garganta repentinamente seca.

Minha mãe não olhou para mim. Ela esticou o braço em direção à arma e cuidadosamente — como se temesse que o revólver, repentinamente, pudesse mordê-la — virou o cano com a ponta de seu dedo indicador enquanto considerava minha pergunta. Quando parou e olhou para mim novamente, a arma apontava para a porta principal. A direção de onde viria o chantagista.

— Se ele for à polícia, estará tudo acabado para nós — ela disse normalmente.

Caímos em um silêncio inquieto e agitado. Tudo aquilo acontecia no momento errado! Eu planejei passar o dia estudando o aquecimento global, meu vocabulário de francês, o Tratado de Versalhes. Não podia subitamente transferir minha concentração para esse problema da vida real. Eu não tinha a energia mental para escalar essa enorme montanha; não hoje, não agora, era simplesmente demais. Eu queria voltar aos problemas resolvíveis e finitos que meus cadernos apresentavam.

— Mas matá-lo? Realmente *matá-lo*, mãe?

— É um *zugzwang* — disse ela, com um sorriso amargo.

— O que é *zug*...? — Eu sequer conseguia me lembrar do restante da palavra.

— *Zugzwang*. É um termo nos jogos de xadrez, usado quando é preciso fazer uma jogada mas não há qualquer movimento que não seja prejudicial ao jogador.

Pensei naquilo. Ela estava absolutamente certa. Qualquer coisa que decidíssemos fazer — entregarmo-nos à polícia, dar o dinheiro ao chantagista ou matá-lo — seria prejudicial para nós. Todas as nossas opções eram igualmente infernais. Mas precisávamos fazer alguma coisa. Era a nossa vez de jogar.

— Estamos muito envolvidas, Shelley — disse minha mãe. — Já chegamos tão longe nesse caminho, que precisaremos continuar nele. Ir à polícia será tão horrível quanto — ela claramente não queria dizer *um assassinato* — continuar.

*Estamos muito envolvidas.* As palavras dela me lembraram de outra coisa. Um dos trechos de *Macbeth* que eu decorara apenas dias antes. Tentei me lembrar de todo ele:

*De tal modo estou mergulhado no sangue,  
que, se não for mais adiante,  
a volta será tão difícil quanto a travessia.*

Recordar-me sobre a que parte da peça pertencia aquele trecho me deixou ainda mais desconcertada que as próprias palavras. Um pouco antes que Macbeth ordenasse o assassinato da esposa de Macduff e de seu filho. Um pouco antes de cometer sua pior atrocidade.

— É melhor você subir e se vestir — disse minha mãe, colocando a mão gentilmente em meu cotovelo. — Ele pode chegar a qualquer momento.

— Tudo bem — suspirei —, mas, quando eu descer, precisamos analisar melhor toda essa situação. Não podemos simplesmente tomar essa decisão no calor do momento... Precisamos pensar melhor, precisamos conversar mais. Talvez não seja um *zugzwang*. Talvez haja algo que possamos fazer, e sobre o qual ainda não pensamos.

Eu havia puxado minha cadeira para trás e me levantava quando escutei um barulho fora da casa.

Congelei. Minha mãe começou a perguntar o que havia acontecido, e eu levei minha mão abruptamente a seu rosto, para silenciá-la. Ela compreendeu e virou a cabeça, para escutar, deixando as veias de seu pescoço em destaque, finas e tensas como cordas de um piano. *Ele não pode vir agora, pensei, não pode vir agora de jeito nenhum! Não estamos prontas para ele! Eu não me vesti! Não decidimos o que faremos. Por favor, Deus, permita que eu tenha imaginado!*

Mas os barulhos e estalidos sobre o chão de pedras, os guinchos de freios mal cuidados, os arquejos e sons de peças de metal exaustas não vieram de minha imaginação — um carro atravessava a entrada de pedras em direção a casa.

Minha mãe também escutou, e seus olhos se arregalaram com medo, amarelados e desfigurados pelas veias vermelhas e finas.

— É ele! — sussurrou ela, em um tom que parecia tão alto quanto um grito. — Ele já está aqui!

— O QUE *FAREMOS*, MÃE? — gritei, mas ela já havia se levantado, agarrando a arma, escondendo-a apressadamente no bolso na frente do casaco.

Ela se virou para mim ferozmente, aproximando seu rosto do meu, e segurou meu pulso firmemente com a mão direita.

— Deixe tudo comigo, Shelley! Não *faça* nada, não *diga* nada. Deixe-me falar!

A chegada do chantagista a transformou. Subitamente, ela estava agitada, inundada por uma energia dura e determinada. Cada vestígio de seu torpor exausto desapareceu em um instante. Ela afastou os cabelos dos olhos, impacientemente, e entrou na sala de estar. Obedientemente, levantei-me e segui atrás dela.

As salas de jantar e de estar estavam muito mais escuras que a cozinha, privadas da luz solar como estariam até a tarde. A lareira, o piano, as poltronas e o sofá pareciam escuros, duros, fúnebres, e meus olhos precisaram de alguns instantes para se acostumarem com a luminosidade. Minha mãe, que estava exatamente diante da janela, era apenas uma silhueta. Conforme o perigo desconhecido se aproximava, senti uma súbita necessidade de estar fisicamente perto dela e caminhei em direção a ela sobre pernas tão vacilantes e incertas quanto as de um bebê aprendendo a andar.

O barulho do piso de pedras e o gemido seco dos freios se tornavam cada vez mais altos, até que um carro surgiu em nosso horizonte através da janela da sala de estar.

Meu corpo se petrificou repentinamente, incapaz, a princípio, de compreender o que via, incapaz de acreditar na evidência de meus olhos — quase, *quase* convencido, pela impossibilidade física daquela aparição, de que eu não estava realmente acordada, mas lutando nas espirais de outro pesadelo monstruoso.

O velho carro turquesa, o carro do qual nos livramos semanas antes, no estacionamento do The Farmer's Harvest — o *carro de Paul Hannigan* —, deslizava lentamente até parar atrás de nosso Escort.

• • •

O CHÃO PARECEU se inclinar sob meus pés e precisei firmar um dos pés na frente do outro para não cair, como um ginasta que estimou mal seu pouso. Não fazia qualquer sentido! Não era possível! Nós nos livramos do carro! Paul Hannigan estava *morto*! Como o carro encontrara o caminho até a nossa casa? Como poderia ter encontrado o caminho até *nós*?

*Então, era realmente verdade. Os mortos não permanecem mortos. Paul Hannigan voltara para se vingar de nós pelo que fizemos a ele.*

Minha mãe se afastou da janela, com uma terrível expressão no rosto sério e branco como osso. Ela andou em direção à porta principal, mas bloqueei seu caminho e segurei suas mãos.

— O que é isso, mãe? O que está acontecendo?

Ela não me respondeu. Uma porta de carro foi batida fora da casa.

— Não entendo — gemi. — Nós nos livramos do carro! *Nós nos livramos do carro dele!* O que ele está fazendo aqui?

Eu podia escutar passos pesados caminhando lentamente pelo caminho de pedras, aproximando-se da porta principal.

— Deixe tudo comigo, Shelley.

Ela se soltou de minhas mãos e tentou andar até a porta, mas eu a segurei, agarrando seu casaco e a cintura de suas calças.

— Não abra a porta, mãe! — implorei. — Não o deixe entrar!

Minha mãe afastou minhas mãos grosseiramente.

— Não seja *burra*, Shelley! — gritou ela. — Não fique histérica! Precisamos deixá-lo entrar. Essa história precisa chegar ao fim de um jeito ou outro!

Escutamos uma batida forte na porta, que sacudiu toda a estrutura e fez as trancas tremerem.

Segui minha mãe pela sala de estar e encostei-me na parede, para ter algum apoio. Observei-a abrir as fechaduras e remover as travas — uma embaixo, outra em cima — e, conforme ela escancarava a porta principal, eu tinha certeza de

que veria o fantasma vingativo e ensanguentado de Paul Hannigan.

## MAS NÃO ERA UM FANTASMA.

Um homem baixinho, de aparência engraçada, com cerca de cinquenta anos e uma enorme barriga arredondada, estava parado à porta principal. Ele havia tentado esconder a calvície penteando as longas mechas de cabelo que cresciam acima de sua orelha direita até o outro de sua cabeça, mantendo-as imóveis com um tipo de gel. Ele tinha uma farta papada, que chegava quase até o peito. Um par de óculos com aros grossos de plástico descansava sobre um nariz pequeno e arrebitado, e um cigarro caseiro pendia de sua boca mole. Ele usava uma camisa amarela com manchas de gordura, esticada a ponto de parecer pronta para rasgar, calças largas de moletom cinza e tênis decrépitos.

Porém, o que chamou minha atenção, mais que sua enorme barriga, foram seus braços. Eles eram curtos e truncados, quase como braços de anões, mas muito musculosos. Os bíceps inchados e marcados por veias estavam cobertos pelos desenhos desbotados de antigas tatuagens. Em um dos braços peludos havia uma pesada pulseira e um daqueles braceletes de cobre que supostamente curam artrites. No outro braço, um Rolex dourado brilhava, em um curioso contraste com sua aparência desleixada.

Ele se manteve ali, balançando as chaves do carro e algumas moedas em seu bolso, esperando ser convidado a entrar. Não sei que tipo de pessoa minha mãe esperava, mas ela parecia tão surpresa quanto eu. Nós encarávamos estupidamente aquele homem gordo, sem palavras.

Ele tirou o cigarro molhado de saliva dos lábios e jogou-o, com um peteleco, fazendo com que atravessasse a entrada de pedras.

— Acho que sabem por que estou aqui — disse ele, com um movimento beligerante de sua mandíbula.

Mas eu não sabia. Apenas lentamente minha mente conectou aquele personagem ao velho carro turquesa. Apenas lentamente cheguei à única conclusão possível: de que, apesar

de todas as minhas expectativas históricas, *aquele* era o chantagista.

— É melhor você entrar — disse minha mãe, abrindo a porta um pouco mais, para que ele entrasse.

O homem gordo entrou no corredor e, por um momento, todos ficamos ali, apertados, deslocados e envergonhados, como desconhecidos em um elevador. O único som era a respiração cansada do homem gordo; o único movimento era o subir e o descer de sua enorme barriga sob a camisa amarela.

Minha mãe hesitou, aparentemente insegura sobre o que fazer em seguida. Sua mão rondou a abertura do bolso em seu casaco. Ela atiraria nele ali, no corredor? Ela pressionaria a arma contra aquela barriga inchada e puxaria o gatilho antes que ele pudesse dar mais um passo dentro da casa? Mas sua mão caiu na lateral do corpo antes que ela se virasse e caminhasse lentamente pela sala de estar, até a cozinha.

O homem gordo seguiu-a e, relutantemente, eu o segui. Apesar de estar muitos passos atrás dele, não pude deixar de notar que ele mancava, que seu corpo tombava para o lado sempre que ele transferia o peso do corpo para o pé esquerdo. Um de seus tênis fazia um barulho parecido com uma flatulência a cada passo, semelhante ao som engraçado da buzina de um carro de palhaço.

Quando estávamos na cozinha, minha mãe se virou para o chantagista.

— Então, suponho que você seja o responsável por *isso* — disse ela, segurando o bilhete como a diretora de uma escola brigando com um aluno desobediente.

— Sou eu mesmo! — disse ele, de modo jovial. Caminhando em direção à cadeira em que minha mãe havia se sentado anteriormente, ele perguntou: — Posso?

— É claro que não! — respondeu ela destemidamente, mas ele a ignorou e relaxou na cadeira.

Quando se acomodou, ele olhou ao redor com um sorriso satisfeito, empurrando os óculos sobre o nariz acima com um golpe forte de seu dedo indicador rosado. Ele tinha o rosto eternamente jovem de muitas pessoas obesas, como se aquelas

bochechas fartas e queixo com covinha fossem imunes aos tão comuns ataques do tempo. Sentado à mesa da cozinha, em uma cadeira que seu grande corpo reduzia a proporções infantis, ele parecia um aluno monstruosamente crescido; um Billy Bunter careca e criminoso, que não mais cabia confortavelmente em sua mesa. Seu rosto, com os lábios femininos e protuberantes e o nariz empinado, quase poderia ter sido o rosto de uma vítima, de um *rato*, se aqueles traços delicados não fossem contraditos pelos curtos braços tatuados. Eles contavam uma história diferente, envolvendo horas em uma academia para transformá-los em armas letais, pistões brutais que deslocavam mandíbulas e quebravam narizes. Ele os cruzara sobre o ovo amarelo que era sua pança e olhou minha mãe de cima a baixo, calmamente.

— Então, como será, amor? — perguntou ele. — Você vai pagar as vinte mil libras ou eu vou ter que ir à polícia?

— Eu pagarei — disse minha mãe, sem hesitar.

— Ótimo. — Ele sorriu. — Muito sensata. Agora, quanto tempo será preciso?

— Não sei — disse ela, mordendo novamente o lábio inferior. — Precisarei fazer uma hipoteca da casa, mas não deve demorar mais que duas ou três semanas.

— Posso esperar algumas semanas — disse ele, magnanimamente. — E quanto você pode me dar hoje? Agora?

— Tenho cerca de mil e quinhentas libras no banco — respondeu ela, após pensar por um momento.

— Pode conseguir isso hoje?

— Sim, posso. Se formos ao banco na cidade, posso sacar no caixa eletrônico. — Ela inspirou, cortando sua fala. — Não, acabei de me lembrar de que há um limite diário de saque em minhas contas. Posso tirar apenas trezentas libras em cada.

— É suficiente por enquanto, é suficiente por enquanto. — Ele bateu com as mãos abertas sobre as coxas e sorriu calorosamente para mim, como se tudo estivesse bem com o mundo e não houvesse qualquer motivo para que alguém se sentisse minimamente triste. — O que estamos esperando, então?

Eu estava impressionada com sua atitude tranquila. Era como se estivesse completamente alheio ao fato de que cometia um crime. Ele parecia inteiramente livre de qualquer culpa ou consciência pesada, como se apenas cobrasse uma dívida, recuperando um dinheiro que era seu por *direito*.

Minha mãe deu alguns passos agitados pela cozinha e voltou à mesa, agarrando o encosto de uma cadeira vazia como as garras de uma ave se prendem a um galho — *mas, que tipo de ave? Uma ave que cantava, presa na rede de um caçador, ou uma ave de rapina com uma vítima à vista?*

— Não vou entregar o dinheiro assim, sem conversarmos!  
— desabafou ela.

— Não acho que você tenha muitas opções, amor — respondeu o chantagista. Seu rosto jovial se tornou mais sério e descruzou os braços atrofiados, colocando-os ameaçadoramente sobre a mesa. — Eu sei que você o matou. Eu sei que você matou Paul Hannigan.

O nome não significou nada para minha mãe, mas significou tudo para mim. Escutá-lo ser dito em voz alta me fez recuar como se eu houvesse sido atingida, e, apesar de estar do outro lado da cozinha, o mais longe possível, encolhi-me ainda mais.

— Antes de entregar qualquer dinheiro a você — perseverou minha mãe, corajosamente —, há algumas coisas que preciso saber.

O homem gordo fez uma série de sons nojentos, vindos do fundo de sua garganta, puxando o muco até sua boca. Pegou um lenço, com uma destreza surpreendente, cuspiu a gosma verde ali, e então o enfiou novamente no bolso. Impacientemente, ele devolveu os óculos ao local onde deviam ficar, e olhou para minha mãe, duvidoso.

— Como o quê? — perguntou ele. — Quais coisas? Você não está em condições de fazer exigências.

— Preciso saber como você descobriu.

Ele soltou uma risada longa e calorosa.

— Essa é bem fácil — disse ele. — Sei o que aconteceu, amor, porque eu estava com Paul Hannigan na noite em que ele

veio roubar vocês. Eu estava com ele! Eu estava *aqui!*

APESAR DE MINHA MÃE ter feito o melhor que pôde para disfarçar, eu vi o choque em seu rosto — um vinco atravessando sua testa como uma rachadura cruza uma parede e um súbito afrouxamento em sua mandíbula. Sempre pensamos que o ladrão agira sozinho. Nunca passou por nossas cabeças que ele tivesse um cúmplice. Mas era exatamente o que o grotesco palhaço em nossa cozinha dizia.

— Quero saber tudo — disse minha mãe, recuperando-se surpreendentemente. — Quero que me conte tudo o que aconteceu naquela noite.

— Você quer saber tudo — repetiu o homem gordo.

— Sim.

— E por quê?

— Para que eu possa seguir em frente, para que eu possa deixar tudo para trás. Preciso saber tudo o que puder me contar sobre aquela noite.

— Tudo, não é? Sem poupar nenhum detalhe?

— Tudo.

— E então sairemos para pegar o dinheiro?

— E então sairemos para pegar o dinheiro.

— Tudo bem — disse ele.

Porém, pela primeira vez, uma expressão de suspeita encobriu seu rosto. Ele olhou para minha mãe e, então, para mim, como se sentisse que poderia entrar em uma armadilha. O que ele viu certamente o acalmou, porque a suspeita desapareceu tão rapidamente quanto havia chegado. Afinal, que ameaça aquela mulher neurótica e covarde e sua filha neurótica e covarde poderiam oferecer? Ele esfregou as mãos sobre suas coxas e pigarreou um pouco mais, criando uma gosma que se satisfez em engolir daquela vez.

— Muito bem — continuou ele. — Vejamos... Esbarrei em Paul Hannigan em um pub naquela noite. Era uma segunda-feira. Segunda-feira, dia 10 de abril. Eu não o conhecia muito bem. Havia comprado drogas com ele, e ele fora ao meu apartamento algumas vezes, mas não diria que éramos próximos. Éramos

mais como conhecidos. Ele chegara por aqui havia apenas alguns meses. Depois de passar um tempo numa cadeia no Norte, ele disse que viera para cá com a esperança de que sua sorte mudasse.

*Sua sorte mudara, sim*, pensei. Mas mudara para pior. Ela mudara para o *pior*. O homem gordo continuou a falar:

— Depois que o pub fechou, ele voltou ao meu apartamento e continuamos bebendo. Nós realmente entornamos naquela noite. Tomamos grande parte de uma garrafa de uísque e uma garrafa de vodca, e só Deus sabe quanto bebemos no pub. Bem, ele falava repetidamente sobre como estava desesperado por algum dinheiro. E disse que tinha uma ideia para um trabalho, mas precisaria de um carro; e, como ele sabia que eu tinha um carro, insistiu que eu fosse com ele.

“Sua ideia era assaltar uma casa afastada no interior. Ele dizia que as casas do interior eram mais fáceis de assaltar que as casas na cidade — elas tinham janelas antigas que eram mais fáceis de arrombar, geralmente não tinham alarmes e não havia vizinhos intrometidos por perto, que poderiam chamar a polícia. Como eu disse, não o conhecia muito bem e, para dizer a verdade, não gostava tanto dele. Havia algo nele que não era exatamente normal. Ele tinha algum parafuso solto e dizia bobagens durante a maior parte do tempo. Era um descontrolado, sabe, sempre exibindo a enorme faca de caça que carregava aonde quer que fosse. Ele me disse que fora preso por assassinato, porque esfaqueara alguém que o traía, mas eu sabia, por outras pessoas, que ele fora preso apenas por tráfico de drogas.

“Bem, ele insistia e insistia em que eu fizesse esse roubo com ele. Falava sobre os objetos antigos que as pessoas costumavam ter em casas do interior e que, se tivéssemos sorte, poderíamos encontrar algo que valesse uma fortuna e não precisaríamos nos preocupar com dinheiro por um bom tempo. Enfim, eu estava tão bêbado que decidi ir com ele. Concordamos que se alguém na casa acordasse, ele amarraria essa pessoa, imobilizando-a, mas não haveria violência. Encontrei uma corda

velha no armário sob a pia da cozinha e fizemos um lanche antes de partir, porque estávamos famintos.”

Um lanche. A última refeição de Paul Hannigan. Lembrei-me do arroteo alto e ácido. *Sinto muito, senhoras. Eu não deveria ter comido ovos. Os ovos não estavam bons.*

— Paul queria dirigir. Ele disse que sabia aonde ir. Não me importei, porque, para dizer a verdade, acho que eu estava em um estado muito pior que o dele. Eu havia bebido tanto que mal conseguia enxergar, muito menos dirigir na escuridão.

“Eu não conseguia manter os olhos abertos e cochilava no carro. Parecia que dirigíamos há horas, circulando pela confusão de ruas do campo... E, então, Paul viu esse lugar.”

O homem continuou:

— Nós estacionamos ali, nos fundos. — Ele gesticulou vagamente, com o polegar, em direção à ruela onde eu vira o carro pela primeira vez, através da janela de meu quarto. — Era tarde, por volta das três e meia da manhã. O plano era que eu ficaria no carro, dando cobertura, enquanto Paul assaltaria a casa. Eu deveria buzinar três vezes se alguém aparecesse. Paul saiu do carro e eu o vi atravessar a cerca viva ali atrás, entrando no jardim.

Ele sabia a data, sabia o horário, sabia onde o carro fora estacionado. Ele não estava mentindo. Realmente estivera aqui naquela noite.

— Esperei no carro por muito tempo, mas eu estava tão embriagado que não conseguia continuar desperto. Fui acordado pelos gritos de uma menina e um berro de Paul. Os barulhos pareciam próximos, como se eles estivessem no jardim. Saí do carro para ver o que estava acontecendo e atravessei a cerca viva, como vi Paul fazer. Pude ver a cozinha e observei a casa por poucos segundos, mas foi o suficiente para mim. Vi Paul correndo atrás dela — ele moveu a cabeça em minha direção —, ao redor dessa mesa. — Nesse momento, ele bateu na mesa três vezes com o gordo dedo indicador, como se comprovasse a veracidade do que dizia.

*(Esfaqueando e cortando as costas do ladrão. “Vamos brincar de dança das cadeiras, agora! Vamos brincar de dança*

*das cadeiras! A faca acertando a lateral de seu pescoço e liberando um jato de um sangue arterial vermelho e brilhante.)*

— Ela gritava muito e pude ver que estava coberta de sangue. — O homem gordo continuava sua narrativa. — Imaginei que ela havia perturbado Paul enquanto ele assaltava a casa e que ele enlouquecera e a esfaqueara. Pensei que a qualquer momento os pais da menina correriam pela escada para ajudá-la e que Paul também os mataria. Lembro-me de ter pensado: *Ele tem sede de sangue. Matará todos naquela casa. Esfaqueará todos eles. Será um verdadeiro massacre.*

O gordo pigarreou um pouco mais, emitindo alguns grunhidos curtos e violentos, e ajeitou os óculos novamente sobre o nariz.

— Bem, basicamente, entrei em pânico. Quer dizer, um assalto é uma coisa, mas eu não queria me envolver em um assassinato. Decidi sair dali rapidinho.

“Mas, quando voltei para o carro, lembrei que Paul levava as chaves com ele. Nunca aprendi como fazer uma ligação direta em um veículo; não gosto de roubar carros. Ainda assim, os gritos que vinham da casa eram impressionantes, então voltei andando pelo caminho que havíamos percorrido. A noite estava um breu, posso lhe garantir, e eu me perdi completamente por essas ruas, mas apenas segui em frente, caminhando. Tudo o que eu sabia era que deveria me afastar o máximo possível dessa casa.

“Por fim, encontrei o caminho até a estrada principal e voltei para a cidade. Devo ter andado por quase três horas. Assim que cheguei, telefonei para o celular de Paul. Chamou muitas vezes, mas ninguém atendeu.”

*(Uma série suave e abafada de notas musicais, como aquelas executadas por uma ave ou talvez por um inseto. Parou e, então, recomeçou alguns segundos depois.)*

Ele prosseguiu:

— Eu esperava que Paul aparecesse em meu apartamento a qualquer momento, coberto de sangue, dizendo que havia feito algo terrível e pedindo que eu o escondesse ou o ajudasse a sair do país. Contudo, ele não apareceu. Telefonei

para seu celular novamente, mas, dessa vez, o aparelho estava desligado. Deixei dezenas de mensagens, mas ele não retornou a ligação. Mantive meu rádio ligado o dia todo, ouvindo a estação local e esperando a notícia de que acontecera um banho de sangue em alguma casa no campo, mas não se falou nada sobre assassinatos. Só conseguia pensar que a polícia ainda não havia encontrado os corpos. Conforme o tempo passou, concluí que Paul fugira em meu carro, pois deveria estar amedrontado demais sobre precisar voltar aqui, temendo que a polícia estivesse esperando por ele. Imaginei que ele já estivesse a quilômetros de distância, escondendo-se no norte do país.

Era uma sensação estranha ouvir meu assassinato ser descrito. Fez os pelos em meus braços se arrepiarem. E era impossível não pensar que a situação poderia facilmente ter acabado daquela maneira. Se disséssemos algo errado enquanto Paul Hannigan apontava sua faca para nós ou se tentássemos fugir, tudo o que o homem gordo pensou ter ocorrido poderia facilmente ser verdade — e, na manhã de terça-feira, Roger encontraria minha mãe e eu despedaçadas como bois no chão de um abatedouro.

— Fui um completo idiota ao me envolver com um garoto como Paul Hannigan. Eu sabia que ele não batia muito bem. Então, estava desesperado com a preocupação de que, se a polícia o pegasse, eu seria arrastado para aquela confusão e acabaria respondendo a acusações de assassinato. Além disso, todas as minhas ferramentas de trabalho estavam em meu carro. Sou um encanador, entende? Então, não poderia trabalhar até reavê-las. E não poderia simplesmente telefonar para a polícia e dizer que elas haviam sido roubadas, poderia?

Ele riu e olhou para minha mãe, como se esperasse que ela risse com ele, mas ela manteve sua expressão séria.

— Bem, não houve nada no rádio sobre assassinatos nos dias seguintes. Porém, eu sabia que se Paul tivesse matado alguém aqui, a polícia já teria descoberto. Por que o caso não estava enchendo os jornais e os noticiários na televisão?

“Então, comecei a pensar que talvez eu estivesse enganado e não tivesse ocorrido um assassinato. Telefonei

diversas vezes para o telefone celular de Paul, mas o aparelho estava sempre desligado. Eu não sabia o que fazer, portanto decidi que seria melhor não fazer nada... Apenas sossegar e esperar para descobrir o que aconteceria.

“Finalmente, em uma manhã de sexta-feira, a polícia me telefonou. Minha primeira conclusão foi que Paul havia sido preso e me envolvera no crime. Portanto, eu seria cúmplice de um assassinato. Mas não era nada disso. Eles disseram ter recebido uma reclamação da administração do restaurante The Farmer’s Harvest sobre um carro que fora abandonado no estacionamento. Pelo número da placa, eles descobriram o nome do dono do veículo e solicitaram que eu o retirasse imediatamente. E foi isso! Nada sobre Paul. Nada sobre assassinatos.

“Quando encontrei o carro, ele estava destrancado e as chaves ainda estavam na ignição. Tudo o que havia dentro tinha desaparecido! Tudo, menos o tablete de maconha que Paul trouxera naquela noite. Minhas ferramentas de trabalho e meu agasalho não estavam ali, assim como meus mapas e o casaco de Paul, que estava no banco traseiro...

Vi minha mãe ficar tensa. Seu pé esquerdo, que ela movia inconscientemente em um ritmo frenético enquanto escutava a narração do chantagista, parara repentinamente. Eu sabia no que ela pensava, porque eu pensava exatamente o mesmo: *Ele sabia sobre a arma?* Mas ficara claro, pela maneira como ele continuara falando, alegremente, que ele não sabia.

— ...Tudo havia desaparecido! Eu não conseguia entender. Por que Paul deixaria meu carro ali? Por que ele o deixaria destrancado, com as chaves ainda na ignição? Ele havia deixado um tablete de maconha que valia cem libras no portalmalas! E levara minhas ferramentas de trabalho, ainda que não valessem nada para ele! Por que ele não telefonara para me contar o que aconteceu? O que ele estava aprontando?

“Perguntei a algumas pessoas, mas ninguém o vira ou ouvira algo sobre ele. Era como se ele tivesse desaparecido no ar. Aquilo tudo me enlouquecia, posso te garantir. Então, no dia seguinte, um sábado, eu voltei até aqui... Até o *Chalé*

*Madressilva*. — Ele pronunciou o nome da casa, excessivamente doce, com um desprezo infinito. — Pensei em dar uma olhada na casa. Parecia-me que seria a única maneira de chegar à raiz dessa história.

“Estacionei em uma das laterais, sob as árvores, para que eu não fosse visto. Estava esperando havia cinco minutos quando vi vocês saírem da casa. Reconheci a menina, e vi que ela estava muito bem. Observei vocês entrarem no carro e partirem — preocupei-me, por um instante, que vocês passassem por mim e me vissem, mas, com muita sorte, vocês seguiram para o outro lado. Segui vocês até a cidade e, quando você parou em um mercado, estacionei atrás de seu carro e também entrei na loja — com discrição, pois não queria que vocês me vissem. Observei vocês fazerem as compras, tentando escutar o que vocês conversavam e buscando uma pista sobre o que aconteceu aqui.”

A ideia daquele palhaço sinistro nos seguindo pelo labirinto de ruas do interior, sendo nossa sombra pelos corredores claros do mercado enquanto enchíamos nossos carrinhos, observando enquanto escolhíamos nossos itens mais íntimos — sabonete e xampu, absorventes e rolos de papel higiênico — encheu-me de revolta. Lembrei-me do sonho que tive na noite seguinte ao assassinato de Paul Hannigan: o carro estacionado na rua estreita ao lado de nossa casa, que seguia a van que nos levava para a prisão e a figura sombria ao volante. *Quem é?*, perguntava minha mãe. *É o observador*, eu respondia. Seria possível que eu sempre soubesse que Paul Hannigan não estivera sozinho naquela noite, mas de um modo tão profundo em meu subconsciente que esse fato somente se revelaria em um sonho?

— Como eu disse — continuou ele —, eu não conseguia entender. Eu tinha visto sua filha coberta de sangue, e tinha certeza de que Paul a matara. Porém, ali estava ela, fazendo compras, feliz e contente. E Paul havia desaparecido da face da Terra. Ninguém o vira, ninguém ouvira falar sobre ele. Nada fazia sentido. E, quando eu tentava ligar para seu celular, a linha estava simplesmente... morta.

*(A expressão estranha no rosto de minha mãe enquanto ela arrebentava o telefone celular até transformá-lo em algo amorfo.)*

— E foi então que comecei a pensar que talvez vocês tivessem feito alguma coisa com ele.

AS NUVENS DA MANHÃ haviam se dispersado completamente, e a cozinha estava cheia da luz solar dourada. Os raios de sol refletiam nos óculos do homem gordo, de forma que, quando ele se virava para a janela, seus olhos desapareciam atrás de dois retângulos brancos de brilho.

Os exuberantes raios de sol daquela primavera estavam totalmente em desarmonia com a cena tensa que se desenrolava na cozinha. Era impossível não pensar que se aquilo fosse um romance ou um filme, o chantagista chegaria a casa durante uma tempestade selvagem, em um dia de trovões barulhentos e sinistros riscos de luz amarela pelo céu, com a chuva torrencial maltratando o chão coberto de pequenas pedras. Mas aquilo não era ficção, era a vida real. Ali estava ele, sentado em nossa cozinha banhada pelo sol, lentamente desfazendo os pontos da cobertura que escondia o corpo em decomposição de Paul Hannigan, enquanto o dia convidava a piqueniques, churrascos e sorvetes na praia.

Ele estava olhando diretamente para minha mãe agora, segurando a barriga com as duas mãos, fazendo-a parecer uma grande bola amarela que ele acabara de pegar em uma brincadeira e que se preparava para jogar para minha mãe.

— Sim — disse ele. — Foi então que comecei a pensar que talvez vocês tivessem feito alguma coisa com Paul.

“Tentei lembrar aquela noite e tudo o que vi naqueles poucos segundos em que estive no jardim, observando a cozinha. Lembrava-me com muita clareza, considerando o quanto eu estava embriagado: a cozinha iluminada como a tela de uma televisão e Paul perseguindo a menina ao redor da mesa. Pensei e repensei essa cena. *Precisava* haver alguma coisa que deixara passar, porque Paul não matara ninguém. Aquilo estava me consumindo... Até que, finalmente, descobri!

“Eu me concentrara em Paul durante todo o tempo, eu observava o que *ele* fizera. Mas, quando me concentrei na garota... Bem, toda a situação mudou, como em um passe de mágica. Não era Paul que a perseguia ao redor da mesa; era *ela*

que perseguia *Paul*! E, se ela perseguia Paul, então talvez o sangue com qual ela estava coberta não fosse dela.

Ele sorria.

A mão direita de minha mãe escorregou sutilmente para o bolso do casaco. Eu sabia que ela segurava a arma. Estaria tirando a trava de proteção? Estaria se preparando para atirar nele?

O chantagista não percebeu o movimento furtivo dela. Ele continuou contando a história, aparentemente sem suspeitar de nada.

— Se algo aconteceu a Paul nessa casa, eu tinha certeza de que haveria alguma pista deixada para trás. Então, decidi voltar, dar uma olhada na casa e ver o que eu descobriria.

Vi minha mãe se levantar e ajustar sua postura. Ela sabia que não haveria pistas na casa; ela cuidara disso sozinha, colocando todos os pingos nos *is*. Porém, tive um horrível pressentimento sobre o que o chantagista diria em seguida e senti meus joelhos tremerem dentro do pijama.

— Eu vi vocês saírem às compras naquele sábado, pela manhã, por isso dirigi até aqui no sábado seguinte, apostando que se tratava de uma rotina semanal. E, perto das dez horas, vi seu carro passar com vocês duas, tagarelando como dois canários. Então, dirigi até a casa e entrei.

— Como você conseguiu entrar? — perguntou minha mãe, horrorizada.

— Paul podia dizer muitas bobagens, durante a maior parte do tempo, mas não estava enganado sobre as janelas nessas casas antigas: são muito fáceis de abrir. Percebi que vocês instalaram travas melhores. Muito sensato.

“Bem, vasculhei toda a casa, de cima a baixo, e não encontrei nada. A casa estava completamente limpa e eu quase desistia quando encontrei *isso*.”

Ele se inclinou para frente e enfiou uma das mãos no bolso; o esforço deu ao seu rosto um tom vermelho-escuro e deixou sua respiração ofegante. Finalmente, ele jogou um cartão de plástico cor-de-rosa sobre a mesa. Minha mãe pegou-o, sem entender, precisando semicerrar os olhos e aproximar-se da

assinatura infantil, com detalhes bobos, e da foto, do tamanho de um selo postal e com uma careta involuntária, para entender do que se tratava.

Ela não pôde evitar olhar para mim, de um modo hostil e acusador.

— É a carteira de motorista de Paul Hannigan — disse o homem gordo. — Eu a encontrei no andar superior, escondida em uma caixinha na penteadeira de sua garota. Eu sabia que se isso estava aqui... então Paul Hannigan não teria saído dessa casa vivo.

• • •

MINHA MÃE OBSERVOU enquanto ele se esforçava para guardar a carteira de motorista no bolso. Ela parecia diminuída, esvaziada, e jogou-se na cadeira diante dele como se temesse cair caso não se movesse rapidamente.

Ela fora derrotada pelo chantagista, pelo sapo gordo que sorria para ela do outro lado da mesa. E fora derrotada, ironicamente, pela pessoa que ela se esforçara tanto para proteger: *eu*. Eu entreguei ao inimigo a chave que lhe permitiu entrar em nossa fortaleza, que lhe permitiu cruzar suas defesas tão cuidadosamente preparadas e forçar nossa rendição. Ela não conseguiu esconder sua amarga decepção, a sensação de traição.

— Não foi difícil concluir o que aconteceu — disse o homem gordo, sorrindo, convencido de sua esperteza. — Vocês reagiram enquanto Paul assaltava a casa e houve uma briga. De alguma maneira, sua filha conseguiu pegar a faca dele e, no confronto, ele acabou morto. Vocês pensaram que poderiam esconder tudo. Pensaram que poderiam ser mais inteligentes que todos e simplesmente seguir em suas vidinhas como se nada houvesse acontecido. Mas não contaram com minha intromissão, contaram?

Ele colocou os musculosos braços de anão atrás da cabeça e se recostou na cadeira.

— Posso apostar que ele está enterrado em algum lugar do quintal. Estou certo ou estou certo? — Ele soltou sua risada nasalada novamente. — Sim, foi o que pensei. — O silêncio

taciturno de minha mãe foi toda a confirmação de que ele precisava.

Ele olhou fixamente para minha mãe, saboreando claramente cada segundo de seu sofrimento. Há muito tempo ela tirara a mão do bolso do casaco, deixando o braço solto ao lado do corpo.

— Pronto — disse ele. — Agora vocês sabem *tudo*. E, então, você me dará o dinheiro ou escreverei um recado aos tiras?

— A quantas pessoas você contou essa história? — perguntou minha mãe, com a voz rouca e frágil.

— A nenhuma — respondeu ele, simplesmente.

— Como posso ter certeza? — perguntou ela. — Como posso ter certeza de que você não tagarelou sobre isso em todos os pubs da cidade? Como posso saber se você não é apenas o primeiro de sabe Deus quantos chantagistas que virão me perturbar?

— Você precisará acreditar em minha palavra — disse ele, sacudindo os ombros. Porém, após um momento de raciocínio, ele percebeu que aquilo não valia muito nessas circunstâncias e tentou oferecer um pouco mais.

— Veja, amor — disse ele. — Fui preso três vezes, ficando um bom tempo na cadeia, e sempre porque alguém me denunciou. Não conto *nada* a ninguém. Aprendi, na própria pele, a ficar quieto.

— Por que esperou tanto para vir aqui? — Minha mãe quis saber. — Você encontrou a carteira de motorista... — ela fez uma conta rápida — em 22 de abril... Há mais de um mês.

Ele piscou para mim de modo conspiratório, como um tio brincalhão.

— Sua mãe não perde nenhum detalhe, hein? — Ele se virou para ela e o sorriso desapareceu. — Eu estava no hospital. Tenho um problema de coração. Passei quase um mês no hospital. Eles só me deram alta há dois dias. Bem, acho que já chega de perguntas. Quando buscaremos as seiscentas libras?

Minha mãe o ignorou.

— E os parentes de Paul Hannigan? E os amigos dele? Ninguém procurará por ele?

— Ele não tinha família — disse o homem, cada vez mais impaciente. — Ele era órfão, ou, ao menos, foi o que ele me disse. E que havia crescido em um orfanato.

— E os amigos dele?

— Ele morava aqui há poucos meses. Conhecia apenas algumas pessoas. Não era o tipo de pessoa que fazia amizades facilmente. Eu provavelmente o conhecia melhor que qualquer outra pessoa. Ninguém sentirá saudades de Paul Hannigan, amor, pode acreditar. E ninguém mais descobrirá o que aconteceu. Sou o único que sabe. Sou a única pessoa com quem você deve se preocupar.

O homem gordo não percebia, mas tudo o que ele dizia tornava a opção de assassiná-lo cada vez mais interessante. Se ele falava a verdade, então era a única ponta solta. Ele, e somente ele. Mas, naquele momento, tínhamos uma segunda chance de amarrar essa ponta solta permanentemente.

— E como posso ter certeza de que você não voltará aqui em busca de mais dinheiro? — perguntou minha mãe.

Se havia realmente alguma dúvida de que o chantagista voltaria para pedir mais dinheiro, a reação dele àquela pergunta definiu tudo. Ele se levantou irritadamente, fazendo com que a cadeira atravessasse o piso de azulejos com um ruído tão dilacerante que fez minhas mãos taparem automaticamente meus ouvidos.

— Já chega de perguntas! — berrou ele.

O personagem divertido e familiar que ele assumira desapareceu, e sobrou apenas uma máscara feia e teimosa, um rosto infantil monstruosamente inchado, que gritaria até o mundo cair porque as coisas não aconteciam como ele queria. Seus braços musculosos e truncados se ergueram em suas laterais, prontos para castigar, prontos para ferir.

— Já respondi a muitas de suas perguntas! Você não está em condições de perguntar nada! Você não está em condições de fazer exigências!

Fez-se um silêncio estranho e tenso. Senti meu coração disparar desesperadamente. Minha mãe se desviara dele, como se temesse um soco. O homem gordo olhava-a ameaçadoramente, com os lábios contorcidos em uma careta teatral e movia os braços com uma agitação perversa. Algumas finas mechas de cabelo escaparam do gel que as mantinha unidas e moviam-se como antenas em sua cabeça careca.

— Vamos buscar as seiscentas libras agora! Sem perguntas! Sem perda de tempo!

— Não precisa ficar agressivo — disse minha mãe, erguendo os braços em um gesto de submissão. — Eu sempre disse que pagaria. Buscaremos o dinheiro agora.

Ela se levantou e olhou ao redor distraidamente, murmurando:

— Bolsa... Onde está minha bolsa? — Ela a encontrou sobre um dos bancos perto da bancada da cozinha, pegou-a e jogou-a sobre um dos ombros. — Agora, preciso apenas das chaves do carro.

Ao dizer isso, ela apalpou os bolsos, analisando a cozinha novamente, mas sem observar realmente, com a mente desconectada, em outro lugar. Eu tinha certeza de que ela tentava se decidir. Decidir o que faria: pagaria o chantagista ou o mataria? Viver com aquela lesma nojenta sugando sua carne por anos ou, como um apostador desesperado, arriscar tudo em mais uma rodada dos dados, pegar a arma e matar aquele homem.

— Não se preocupe em encontrar as chaves do carro — disse o homem gordo. — Iremos no meu carro. É melhor assim.

Ele olhou desdenhosamente para minha mãe e, por um momento, eu a vi pelos olhos dele: uma dona de casa da classe média, burra e mimada, uma galinha gorda e estúpida para seus dentes afiados devorarem calmamente, uma refeição garantida para o resto de sua vida.

— Tem certeza de que pegou tudo o que precisa? — rosnou ele. — Não quero ir até a cidade para descobrir que você não pegou os cartões certos ou que esqueceu sua senha.

— Não. Tenho tudo de que preciso.

— Então, vamos logo. — Ele saiu da cozinha, deixando a raiva para trás e voltando a ser a pessoa simpática e carinhosa de antes, com uma das mãos no bolso sacudindo alegremente as chaves e as moedas. — Não demoraremos — completou ele, piscando para mim ao passar, como um amigo de família antigo e querido.

Minha mãe ainda hesitou, uma expressão confusa em seu rosto. Ela tentava tomar uma decisão, tentava decidir o que fazer. Sua mão se aproximou do bolso do casaco, mas se afastou quando o homem gordo gritou com ela:

— Vamos! O que está esperando?

Minha mãe passou por mim, olhando para o chão, e o seguiu até a porta principal. Eu não tinha certeza do que ela faria, mas, se não havia atirado nele até então, certamente não o faria... Certamente seria melhor matá-lo dentro de casa que fora. Não haveria o risco de sermos vistas, e era pouco provável que alguém escutasse os tiros. Pude concluir apenas que ela decidira pagar o dinheiro a ele, afinal.

Segui minha mãe até a sala de estar, tão próxima que quase tropeçava em seus calcanhares. O chantagista já havia aberto a porta e saiu em uma idílica manhã de maio. Ele caminhava pelo caminho de pedras em direção ao carro e assobiava, *assobiava*, como se não tivesse uma preocupação no mundo! Ele abriu a porta do passageiro e, então, olhou ao redor, procurando por minha mãe. Quando ele a viu circulando pela entrada da casa, gritou irritadamente:

— Vamos, pelo amor de Deus! Apresse-se! — Ele segurou a porta do carro, mantendo-a aberta e esperando por ela impacientemente.

Minha mãe se virou para mim e apertou meus ombros firmemente. Ela aproximou seu rosto do meu e, sob a camuflagem de um beijo de adeus, sussurrou urgentemente em meu ouvido:

— *O que devo fazer, Shelley? O que devo fazer?*

Encarei o chantagista por cima do ombro dela, vendo o pescoço daquele sapo gordo, os braços curtos e inchados, a barriga enorme e a mão que coçava distraidamente a virilha, e,

com meu rosto pressionado contra o dela, fingindo dar-lhe um beijo, respondi sem hesitar:

— *Mate-o, mãe.*

MINHA MÃE SE AFASTOU de mim rapidamente e caminhou firmemente para fora da casa, atravessando a entrada até o chantagista e passando a bolsa do ombro direito ao esquerdo agilmente enquanto avançava. Quando estava a cerca de dois metros de distância dele, ela parou e afundou uma das mãos no bolso do casaco.

O homem gordo se dirigia à frente do carro, em seu caminho até a porta do motorista, mas parou quando viu minha mãe apontar a arma para sua cabeça, segurando-a com força em ambas as mãos, com o olho esquerdo fechado e mirando cuidadosamente.

Ele ergueu os braços, em um gesto de rendição, e encostou-se na lateral do carro, arqueando as costas sobre o capô e tentando pateticamente aumentar a distância entre seu rosto e a arma, como se aqueles centímetros a mais pudessem diminuir o impacto brutal da bala. Ele se encolheu, incapaz até mesmo de encarar a arma, olhando desesperadamente para a direita e para a esquerda como se estivesse convencido de que o mais simples contato visual com minha mãe faria com que ela puxasse o gatilho.

— Tudo bem, amor — disse ele, diversas vezes. — Tudo bem, amor; está tudo bem, agora, amor; está tudo bem, agora; está tudo bem, amor; está tudo bem.

Eu rondava a porta, incentivando minha mãe a atirar. Ela afastou os cabelos que estavam à frente de seu rosto e deu alguns passos confusos em direção ao chantagista.

O homem gordo tentou dizer alguma coisa, mas estava muito aterrorizado e seu balbuciar era intercalado por momentos de silêncio confuso. Uma mancha escura se espalhou por sua virilha, descendo pelo grosso tronco que era sua coxa direita.

Prendi a respiração, esperando pelo tiro. *Será agora, a qualquer segundo, a qualquer segundo!* Porém, minha mãe ainda não apertava o gatilho. De onde eu estava, eu podia ver a arma em suas mãos, nos braços esticados, balançar de um lado a outro, como um galho seco ao vento, mas somente percebi o que acontecia quando vi a expressão no rosto do chantagista se

transformar. Seus olhos ainda se moviam ansiosamente, mas não porque ele era incapaz de encarar a arma, e sim porque se preparava para fugir.

Foi quando percebi que minha mãe perdera a coragem. Ela não conseguiria puxar o gatilho.

Corri pela entrada da garagem, gritando:

— *Agora, mãe! Agora! Atire! ATIRE!*

Eu estava ao lado dela, gritando perto de seu rosto e puxando as costas de seu casaco. O súbito disparo ensurdecedor me fez gritar e saltar. O impacto empurrou minha mãe para trás, obrigando-a a dar três grandes passos, e a fez girar quase cento e oitenta graus, de forma que ela passou a apontar a arma para a janela da sala de estar.

Observei o chantagista, procurando a massa de geleia de morango no centro de sua testa, o lento esvaziar de seus olhos enquanto sua alma fugia, esperando que ele se dobrasse sobre o chão em um monte sem vida. Para minha surpresa, ele parecia o mesmo. Ele ainda estava encostado no carro, inclinado o máximo possível sobre o capô, com os braços ainda erguidos e as mãos rosadas e gordas abertas à altura dos ombros como estrelas-do-mar.

Contudo, ele percebeu o que havia acontecido — *que minha mãe errara o tiro* — muito mais rápido que nós e, com uma velocidade impressionante para um homem de seu tamanho, afastou-se do carro e correu pelo caminho até a rua.

Minha mãe ainda se recuperava da pressão da arma e, desorientadamente, tentava equilibrar o enorme peso da arma e mirar.

— *Atire nele, mãe! Atire nele! Ele está fugindo!*

Eu sabia que se ele saísse da propriedade e chegasse à rua não conseguiríamos pegá-lo; o risco de sermos vistas seria grande demais. Se ele chegasse à rua, se escapasse da privacidade fornecida pelas árvores de nossa casa, ele estaria em segurança e somente nos restaria esperar por sua terrível vingança, que eu tinha certeza de que não demoraria a chegar.

Minha mãe apontou a arma para o corpo que se afastava e houve mais uma explosão ensurdecedora. Uma ferida branca

apareceu no alto do tronco de um freixo, na entrada da casa, e eu soube que ela errara novamente.

O chantagista havia desaparecido na virada do caminho de pedras, onde ela se tornava reta e levava diretamente à estrada. Pude ver apenas partes de sua camisa amarela em destaque entre a folhagem. Minha mãe e eu corremos atrás dele.

Era impossível correr com meus chinelos sobre o piso de pequenas pedras e precisei tirá-los durante o percurso. As pedrinhas afiadas espetavam a sola dos meus pés, mas eu engoli a dor... *Nós precisávamos detê-lo antes que ele chegasse à estrada!* Minha mãe ficava para trás, dobrada sobre si por sentir uma dor aguda na lateral do corpo após dar alguns passos, levando a mão ao ponto que doía, mal olhando para onde corria. Gritei para que ela se apressasse, pois ele fugiria, e, estremecendo de dor, ela se forçou a correr mais rapidamente e alcançou-me.

Quando entramos na parte reta da estrada, vimos que o ritmo do homem gordo diminuía drasticamente, e sua corrida declinara a não mais que um mancar rápido. E ele ainda estava a vinte metros do portão e da segurança que a estrada oferecia.

Minha mãe e eu nos aproximamos rapidamente. Ele olhou para trás quando escutou nossa aproximação, com o rosto em um tom vermelho-escuro chocante, como sangue em um tubo de ensaio. Ele tentou gritar algo para nós, com os lábios retorcidos em um rosnado, mas estava tão sem fôlego que não era capaz de formar as palavras, e tudo o que escutei foi algo como “*Ha!... Fa!... Pa!*”. Seu rosto estava banhado de suor e ele precisava manter o dedo no alto do nariz, para que os óculos não caíssem. Ele voltou sua atenção ao portão, à linha de chegada que ele desesperadamente tentava alcançar, mas mal avançava e praticamente corria no mesmo lugar; e eu sabia que minha mãe e eu o alcançaríamos antes que ele pudesse chegar à estrada.

Quando nos aproximamos dele, percebi que eu ria enquanto corria, eu ria tomada pela empolgação e pela antecipação do momento em que pegaríamos o homem gordo e minha mãe atiraria nele. Naqueles últimos segundos antes que nós o alcançássemos, correndo descalça pelo caminho, com

meu roupão se abrindo e se movendo ao meu redor, senti algo inédito. Era uma emoção inteiramente nova, uma alegria libertadora e exultante que corria pelas minhas veias como uma droga. Era como se tudo o que fosse artificial em minha vida desaparecesse subitamente, e eu estivesse, por um momento passageiro, em contato com uma verdade primitiva, com uma realidade mais antiga que a própria vida. E me senti como um gigante, eu me senti como um *deus*!

E, então, estávamos tão perto que eu poderia ter esticado o braço e segurado a camisa imunda do homem gordo. Minha mãe, que ainda estava com a mão na lateral do corpo, segurou a arma até que ela estivesse a poucos centímetros das dobras de gordura na nuca do pescoço do homem e apertou o gatilho.

O tiro foi tão alto que eu mais o senti que apenas ouvi, como um trovão reverberando profundamente dentro de meu peito, e o homem gordo caiu no chão, de bruços, como uma árvore derrubada.

MINHA MÃE TENTOU ACIONAR a trava de segurança novamente, mas suas mãos tremiam demais. Pareceu ter levado muito tempo antes que ela finalmente conseguisse e colocasse a arma no bolso de seu casaco.

A perseguição me deixara exausta; meus pulmões ardiavam e minha respiração estava descontrolada. Sentada em uma grande pedra pintada de branco, perto da estrada, segurei a cabeça com as mãos e concentrei-me em controlar minha respiração galopante. Os pássaros, que se assustaram com os tiros e voaram, lentamente voltavam a ocupar os topos das árvores, cantarolando e piando como se discutissem animadamente as últimas reviravoltas no drama que assistiam do alto. Encarei meus pés. Eles estavam pretos, cobertos por terra e por centenas de pequenos cortes e machucados.

Fui eu quem quebrou o silêncio.

— Acha que alguém escutou os tiros, mãe? Eles foram tão *altos!*

Minha mãe fez um barulho estranho, que não indicava sua opinião. Ela rondava o enorme monte que era o cadáver do chantagista, caído no meio da entrada de pedras como uma baleia encalhada. Certamente ele morreu antes que atingisse o chão, porque sequer colocou os braços musculosos diante de si para suavizar a queda, que acabaram presos sob as abundantes dobras de sua barriga.

Minha mãe se ajoelhou e pressionou dois dedos no pescoço dele.

— Não há pulso — disse ela, baixinho, como se não quisesse acordá-lo. — Está completamente morto.

Eu não me mexi. Sabia que teríamos de mover o cadáver rapidamente, pois ele poderia ser visto da estrada, mas eu precisava descansar por apenas alguns instantes. Era preciso retomar meu fôlego, era preciso tempo para tentar absorver o que acontecera. Eu não tinha certeza de que suportaria as próximas tarefas se não relaxasse. Eu não estava convencida de que encararia o estágio seguinte — livrar-nos do corpo, livrar-nos do carro.

- É estranho — disse minha mãe.
- O quê? — perguntei, olhando para cima.
- Venha aqui. Ajude-me a virá-lo.

Relutantemente, levantei-me e caminhei até ela. Ela se abaixou ao lado do cadáver e segurou seu ombro direito; eu agarrei a calça de moletom, na cintura, e puxei o corpo. Por um momento, precisamos nos esforçar, mas, quando chegamos a determinado ponto, o corpo do homem gordo rolou facilmente. Sequei minhas mãos furiosamente no roupão, certa de que tocara em algo molhado.

Os óculos do homem gordo escorregaram pelo chão com o impacto da queda e, sem eles, seu rosto parecia diferente, estranhamente nu, quase inexpressivo. Seus olhos estavam fechados e, na morte, seu rosto perdera toda a raiva que expressava quando ele gritou conosco sobre seu ombro. Ele estava tranquilo, quase sereno. O rosto de um tio preferido, sempre preparado com uma história engraçada ou uma piada afiada, dormindo no sofá após um farto almoço de domingo. Os braços excessivamente musculosos e atrofiados estavam caídos nas laterais de seu corpo, e pensei em todas as horas desperdiçadas em uma academia, esforçando-se para construir braços capazes de derrubar portas apenas para descobrir que, em um momento de crise, eles seriam inúteis, seriam mansamente erguidos no ar em um gesto de rendição.

Eu não senti nada, absolutamente nada, ao observar o corpo do chantagista. Nenhuma culpa. Nenhuma pena. Nenhum arrependimento. Ele não era um ser humano a ser velado, ele era apenas um problema a ser resolvido. Precisaríamos encontrar uma maneira de nos livrar do enorme cadáver e do carro — por mais inacreditável que parecesse, precisaríamos nos livrar do carro turquesa pela *segunda vez*.

— Não há sangue — murmurou minha mãe, mais para si que para mim.

— Hã? O que quer dizer com “não há sangue”? Precisa haver sangue.

— Veja você mesma. Não há sangue. *Não há feridas.*

Ela tinha razão. A cabeça, que deveria ter sido estourada pela bala, estava completamente intacta. O grande monte amarelo que era sua camisa tinha manchas de gordura e salpicos de terra, mas não havia sequer uma gota de sangue. Com exceção de um arranhão em seu queixo e de um pequeno corte na testa, no ponto que se chocou com o chão, não havia sinal de feridas.

Tentei dizer alguma coisa, mas minha mãe já vagava pelo caminho de pedras.

— Você está certa — falei, chamando a sua atenção, sentindo-me completamente atônita, sem entender o que acontecia. — Não há nada mesmo!

— E olhe para isso! — Minha mãe estava à direita do portão, apontando para alguma coisa no alto dele. A barra lateral do portão estava quebrada, como se houvessem mordido parte da madeira.

— Eu devo ter errado — disse ela, incrédula. — Devo ter errado de alguma maneira. A apenas cinco centímetros dele!

Ela caminhou em nossa direção, parando para pegar os óculos do chantagista, que pareciam intactos.

— O que o matou, então? — perguntei quando ela estava novamente ao meu lado.

— O que o matou? — Minha mãe soltou uma risada seca e fria. — Nós o matamos, Shelley. Nós o matamos de medo. Parece que ele teve um infarto fulminante, mas é como se meu tiro o *tivesse acertado*: ainda é um assassinato aos olhos da lei.

*Nós o matamos de medo.* Nós matamos de medo aquele enorme brutamontes, com seus horríveis braços curtos. Esse pensamento me encheu de uma satisfação e de um orgulho curiosos, que eu teria gostado de saborear, mas a ideia do terrível trabalho à nossa frente tomou minha mente e encobriu todo o resto.

— É melhor tirarmos ele daqui — falei. — Se alguém passar por aqui...

— Sim, é melhor.

Dei a volta até seus pés e inclinei-me para pegar uma das pernas, mas minha mãe tocou gentilmente em minhas costas e

disse que eu parasse.

— Ele é pesado demais para ser arrastado, Shelley. Traremos o carro até aqui e assim o levaremos para casa.

• • •

NÃO FOI FÁCIL COLOCAR o corpo do homem gordo no banco traseiro de nosso carro. Ele devia pesar muito mais de cem quilos e, ainda que conseguíssemos levantá-lo por alguns segundos, o problema era manobrá-lo até o banco antes que ele se tornasse pesado demais e precisássemos colocá-lo no chão. Após diversas tentativas fracassadas, decidimos que a única maneira seria se minha mãe entrasse no carro, mantendo a cabeça do gordo em seu colo, e então o arrastasse por cima dela enquanto eu segurava as pernas dele e desviava o olhar, tentando não respirar o fedor de urina em suas calças. Quando metade de seu tronco estava dentro do carro, minha mãe conseguiu se retirar de sob aquela massa inerte e gelatinosa, contorcendo-se freneticamente como um inseto preso em um pouco de geleia, e sair pela outra porta. Assim, enquanto eu empurrava de um lado, minha mãe puxava de outro, e finalmente conseguimos posicionar o corpo no banco traseiro.

Mamãe estava muito preocupada sobre não machucarmos os pés ou a cabeça do homem quando fechássemos as portas do carro, e gastou um bom tempo tentando ajeitar as pernas dele para que a porta não as acertasse. Por fim, precisei me inclinar sobre o banco do passageiro e segurar as pernas do homem até que ela pudesse fechar a porta.

A distância até a casa era curta, mas automaticamente colocamos nossos cintos de segurança. A ironia daquela situação quase me fez rir — ambas colocando o cinto de segurança para um trajeto de quinze segundos, como as cidadãs conscientes que éramos, enquanto o corpo do homem que matamos sacolejava no banco traseiro.

Minha mãe estacionou o Escort exatamente onde ele esteve antes, em frente ao carro do chantagista.

Ela desligou o motor e, no silêncio que se fez, perguntei:

— O que vamos fazer com ele, mãe?

Ela parecia muito distante, perdida em seus pensamentos, e acreditei que o silêncio indicasse que ela não sabia.

— Tenho uma ideia! — falei, virando-me para ela animadamente. — E as minas? Poderíamos colocá-lo no carro dele e, então, empurrá-lo para o fosso onde você jogou os sacos plásticos. Um carro entraria no fosso, não entraria?

— Tenho uma ideia melhor — disse minha mãe simplesmente, virando-se para olhar para mim. — Mas precisamos agir *rápido*. — Ela olhou para o relógio e mordeu o lábio inferior. — Se demormos muito, talvez não funcione.

Ela se inclinou e olhou profundamente em meus olhos, colocando uma das mãos em meu joelho.

— Quero que faça tudo exatamente como eu mandar, Shelley. Entendeu? *Exatamente como eu mandar*. — continuou ela.

A carteira de motorista de Paul Hannigan ainda estava fresca em sua memória, e assenti de modo enfático, decidida a provar que ela poderia confiar cem por cento em mim a partir de então.

— Ótimo. Agora, ajude-me a movê-lo — disse ela, saindo do carro.

— Movê-lo para *onde*? — resmunguei, dominada repentinamente pelo horror de cavar outra cova em nosso quintal.

— Não há tempo para explicar, Shelley! *Apenas faça o que eu mandar!* — respondeu ela, nervosa.

Minha mãe arrastou o corpo do homem gordo para fora do carro, caminhando para trás e mantendo seus braços encaixados sob as axilas dele, até que as nádegas do homem chegaram à beirada do banco traseiro e eu pude segurar suas pernas.

Nós o carregamos em direção a casa, parando algumas vezes para descansar. Quando estávamos aproximadamente na metade do caminho entre o carro dele e a porta principal, minha mãe mandou que eu o abaixasse, e o colocamos delicadamente sobre o piso de pequenas pedras. Percebi que seu Rolex ganhara um grande risco semicircular na metade inferior, o que

me fez lembrar as carinhas sorridentes que eu desenhava em meus cadernos quando era mais nova.

— Precisamos virá-lo — disse ela. Nós o viramos, deitando-o de bruços, com a cabeça apontada para a casa. Minha mãe se ajoelhou e afastou vigorosamente as pequenas folhas e as manchas de terra na parte de trás de sua camisa amarela, que fora suja pelo chão da entrada. Quando estava satisfeita, levantou-se e, tirando a arma do bolso de seu casaco, entregou-a a mim.

— Leve isso ao meu quarto e esconda-a embaixo do travesseiro. Depois, vista-se e volte o mais rápido que conseguir. Vá!

Fiz o que ela mandou imediatamente. Eu não tinha ideia do que ela pretendia fazer; compreendi apenas que estávamos em uma corrida contra o tempo. Quando descí, minha mãe estava ajoelhada ao lado do corpo do homem gordo, revistando seus bolsos. Eu a vi pegar a carteira de motorista de Paul Hannigan e afastei-me no corredor, não querendo provocar um acesso de raiva ao aparecer naquele momento. Esperei até que ela houvesse guardado o objeto em seu bolso e, então, saí da casa.

Quando ela viu que eu voltara, disse:

— Seus chinelos... Você perdeu seus chinelos em algum lugar da entrada. Corra e os encontre; depois guarde-os onde costuma deixá-los, em seu quarto.

Corri pela entrada, sentindo mais dores nos pés cobertos por meias e por tênis que antes, quando estavam descalços. Logo encontrei um dos chinelos, mas o outro havia desaparecido. Demorei alguns minutos antes que finalmente o encontrasse preso em um dos arbustos floridos.

Quando voltei para a casa, minha mãe posicionava cuidadosamente os óculos do chantagista no chão, a alguma distância de seu corpo. Quando ficou feliz com a cena (as lentes encostadas no chão, uma das pernas dobrada, a outra aberta), ela os deixou e caminhou até o carro turquesa. Fechou a porta do passageiro, que o homem gordo deixara aberta para ela, andou até o outro lado e abriu a porta do motorista. Então,

rondou o carro, analisando-o criticamente, e seguiu para a ilha do jardim que ficava no centro da entrada de pedras, olhando para trás enquanto avançava, como se não confiasse que o carro se manteria como ela o deixou quando ela virasse as costas.

Minha mãe pegou sua bolsa onde ela a havia largado quando corria atrás do chantagista, entre alguns arbustos. Ela não a colocou no ombro, segurando-a em sua mão, e a longa tira de couro ficou solta, formando o desenho de uma forca.

Ela olhou para trás, em direção ao carro, mas naquele momento ela parecia olhar *além* dele, para os campos vizinhos, para o caminho que teria feito seu primeiro tiro. Então, ela se virou e semicerrou os olhos, olhando entre as árvores, para onde fora seu segundo tiro. Segui seu olhar e encontrei a ferida branca no alto do freixo. Minha mãe se manteve ali, congelada em seus pensamentos — seu único movimento eram os longos dedos brancos apertando o couro macio de sua bolsa —, e, então, continuou se afastando decididamente em direção à estrada.

Esperei que ela desaparecesse antes de segui-la discretamente, sabendo muito bem que ela não me queria por perto naquele momento e que qualquer pergunta provavelmente provocaria uma resposta furiosa.

No ponto em que o caminho fazia uma curva, escondi-me atrás de um arbusto e observei-a através da folhagem. Ela estava perto do portão e parecia agarrá-lo e esfregá-lo furiosamente com a manga de seu casaco. Então, começou a se mover lentamente pelo chão, apoiada nas mãos e nos joelhos, como um animal. O que ela poderia estar fazendo? *Havia enlouquecido?*

Quando ela finalmente se levantou, batendo as mãos e esfregando os joelhos, voltei rapidamente para a casa e esperei por ela na porta principal.

Ela reapareceu um pouco depois e, após parar por um momento, como se conferisse uma lista em sua mente, caminhou em minha direção num ritmo fúnebre, com os olhos fixos no chão diante dela. Minha mãe passou por cima do corpo do homem gordo com muito cuidado — como se evitasse uma poça imunda —, parou subitamente e pegou algo. Dei um passo à frente e

consegui ver o objeto rapidamente, antes que ela o colocasse em sua bolsa: era o cigarro caseiro parcialmente consumido que o chantagista jogara no chão com um peteleco antes de entrar na casa. Minha mãe fechou a bolsa e levantou-se com um forte estalar das articulações de seus joelhos.

Ela continuou ali, analisando atentamente a cena, como o diretor de um filme que deseja ter certeza absoluta de que cada detalhe no estúdio está perfeito e de que cada objeto está em seu lugar certo antes de gritar *ação!* Eu analisei a cena também — o odioso carro, com a porta do motorista escancarada, o cadáver do chantagista de bruços no chão, os óculos caídos na entrada com uma das pernas erguida no ar... Mas não entendi nada daquilo.

— Peguei meus chinelos — falei, aproximando-me dela.

Minha voz fez com que ela pulasse e se virasse para mim abruptamente, sem sorrir.

— Ótimo. Agora, coloque-os no quarto, como mandei.

— Certo. E depois? O que faremos?

— E depois? — Ela colocou as mãos na cintura e olhou para mim com uma expressão estranha. — Depois, pediremos ajuda.

EU A SEGUI para dentro de casa, absolutamente confusa.

— *Pediremos ajuda?* Não entendo... O que está acontecendo? O que você está fazendo?

Minha mãe explicou seu plano rapidamente, como uma metralhadora disparando palavras enquanto atravessava a sala de estar até a cozinha.

— Telefonarei para um serviço de emergência e direi que estávamos sentadas em nossa sala de estar quando um carro estranho parou na entrada de nossa casa e um homem saiu dele, com a mão no peito, e desmaiou. Direi que ele está inconsciente e que parece não estar respirando, e que não sabemos o que fazer. E pedirei que enviem uma ambulância imediatamente!

Ela olhou para mim por cima do ombro, mas a explicação foi rápida demais para que eu a entendesse.

— Ele morreu por causa de um *ataque do coração*, Shelley. Não há marcas nele, nada que fará com que suspeitem que estivemos envolvidas na morte dele. Eles concluirão que ele sentiu dores no peito e entrou na primeira casa que encontrou, buscando ajuda, mas morreu antes de chegar à porta.

Ela observou seu relógio de pulso, movendo os lábios junto com seus pensamentos, e, então, pegou o telefone.

— Mas preciso telefonar agora. Já são dez horas... Ele está morto há quase meia hora.

Mantive-me ali, sem palavras, enquanto meu cérebro processava o plano de minha mãe. Assim como todas as melhores ideias, ela parecia óbvia ao ser ouvida, mas eu tinha certeza de que nunca teria pensado naquilo. Era incrivelmente corajosa. E exigiria nervos de aço para ser encenada. A *ambulância* se livraria do corpo do homem gordo por nós. A *polícia* se livraria do carro do homem gordo por nós. *As próprias autoridades* se livrariam das evidências mais incriminadoras de nosso crime por nós. Não precisaríamos fazer nada. Estaríamos acima de qualquer suspeita — as boas samaritanas que em vão tentaram ajudar um homem.

Minha mãe segurou o fone entre a orelha e o ombro.

— Leve esses chinelos para o quarto agora e guarde-os, como eu mandei — disse ela ao discar o número, com o dedo indicador trêmulo.

• • •

A AMBULÂNCIA CHEGOU surpreendentemente rápido, levando em consideração a distância do Chalé Madressilva. O veículo atravessou a entrada de pedras, sacudindo-se, às dez e quinze, com sua sirene lamurienta e suas luzes azuis piscando, cheio da mais sincera ansiedade por fazer o bem, como um pequeno escoteiro. Eu temia o encontro com aqueles anjos que corriam para salvar a vida que acabáramos de tirar (*seriam capazes de perceber o que realmente aconteceu quando olhassem em meus olhos?*), mas, ao mesmo tempo, entediava-me pensar em sua rotina melodramática para tentar salvar a vida do homem gordo. Nada seria capaz de salvar a vida do homem gordo.

Dois paramédicos — uma mulher na casa dos cinquenta anos, com cabelos louros tingidos e óculos sem aros, e uma jovem com maçãs do rosto altas e um corte de cabelo masculino — saíram do veículo para atender o homem. Elas não correram, aproximando-se calmamente e sorrindo, como profissionais experientes que sabem como é importante manter todos calmos, como é importante não se precipitar. Enquanto isso, o motorista, um jovem alto com espinhas horríveis no rosto, começou a retirar equipamentos da parte de trás da ambulância: um cilindro de oxigênio e um tubo plástico, com uma espécie de saco preso a ele, e uma caixa preta similar a um amplificador de guitarra, que percebi, pela maneira como ele mancava, ser mais pesada do que parecia.

Minha mãe se agitava ao redor dos paramédicos, interpretando a dona de casa chocada cuja calma manhã de sábado fora sacudida pela chegada inesperada daquela tragédia humana à sua porta. Ela respondeu às perguntas com uma ansiedade em ajudar bem encenada: *Quando ele desmaiou? Há dez... Não, há quinze minutos. Vocês fizeram os movimentos de primeiros socorros? Sinto muito, não sei como fazer, sinto muito... Vocês moveram o corpo? Não, de jeito nenhum, não me*

*atreveria...* Ninguém imaginaria que ela dizia uma mentira pior que a outra.

Os paramédicos moveram o gordo sem qualquer esforço, em um movimento perfeitamente sincronizado.

— Sem pulso, sem respiração — declarou naturalmente a loura tingida, como se não fizesse mais que um comentário despreocupado sobre o clima.

Eu não queria ver toda aquela farsa ser encenada, mas não achava que deveria simplesmente desaparecer — eu não queria fazer qualquer coisa que pudesse levantar suspeitas. Então, voltei para casa, mas me posicionei junto à porta, onde poderia ver e ser vista. *Eu* interpretava o papel da sensível adolescente de dezesseis anos que não suportaria assistir a algo tão duro, tão real, quanto a luta entre a vida e a morte que acontecia em nosso quintal. Na verdade, eu apenas queria que eles fossem embora, apenas queria que eles pegassem o cadáver e fossem embora. Quando partissem, tudo estaria terminado. O longo pesadelo finalmente chegaria ao fim. A incrível sorte que tivemos com o ataque cardíaco do gordo e com o raciocínio rápido de minha mãe nos mostrou, subitamente, inesperadamente, a saída do complexo labirinto no qual estávamos perdidas, e queria apenas ficar sozinha com minha mãe e aproveitar nossa saída milagrosa.

Encostei-me na parede, olhando ocasionalmente para meu relógio e arranhando, nervosa, o papel de parede com a unha de meu polegar. Por que demoravam tanto? Será que não conseguiam ver que o homem estava morto, morto, *morto*? Olhei para fora e vi a jovem bochechuda cortando ao meio a camisa amarela do gordo, com uma grande tesoura, expondo a confusão de pelos grisalhos e pretos, sua barriga branca e saliente e os peitos gordos com enormes mamilos rosados.

Quando olhei para fora novamente, alguns minutos depois, a loura tingida conectava cabos enrolados à caixa preta na qual — quando minha mãe não bloqueava minha visão — pude ver uma luz verde piscando.

Minha mãe se virou para mim e, ainda no papel da dona de casa estarecida, fez uma expressão que dizia *Isso não é*

*terrível, Shelley? O pobre, pobre homem!* Então, ela se voltou para os paramédicos, preocupada, a mão cobrindo a boca.

A loura tingida pegou duas placas pretas, como ferros de passar roupas, enquanto a bochechuda removía metodicamente o relógio, o bracelete de cobre para curar artrites e a pulseira pesada. Assim que a luz verde na caixa preta tornou-se laranja, a loura tingida posicionou as pranchas firmemente no peito do homem. Os braços e as pernas dele se convulsionaram violentamente por vários segundos, como se ele sofresse um ataque epilético. A loura tingida afastou-se e preparou-se para repetir o procedimento.

O estremecimento e o sacudimento dos membros do cadáver eram repugnantes, mas, ao mesmo tempo, davam-me vontade de gargalhar. Eu me virei, cobrindo meu sorriso com a mão, e fui à cozinha, onde ninguém poderia me ver. Apenas fiquei ali, esperando que os ataques de riso passassem, torcendo para que o tempo corresse mais rapidamente e olhando para os diversos objetos sobre a bancada da cozinha, sem realmente vê-los.

Sozinha, preocupei-me com a discrepância entre o horário da morte do homem gordo e o horário que informamos aos paramédicos. No final das contas, havia uma diferença de quarenta e cinco minutos. Os paramédicos teriam notado qualquer coisa estranha no corpo? Poderiam saber que o homem estava morto havia mais tempo do que lhes dissemos? Quando o *rigor mortis* se estabelecia? Com Paul Hannigan, ocorrera nas primeiras duas horas... Poderia ocorrer antes? Seria essa a ponta solta que já revelaria nossa mentira? Eles já trocavam olhares cúmplices, planejando passar suas suspeitas à polícia assim que pudessem? Estaria o jovem motorista da ambulância passando as mãos sobre o carro do chantagista naquele momento e percebendo que o motor estava frio, quando deveria estar morno se estivéssemos dizendo a verdade?

Apesar de temer o pior em todas as situações, nem mesmo *eu* pude transformar essa situação em um motivo para ficar ansiosa. Eu não conseguia me convencer de que os paramédicos perceberiam qualquer coisa suspeita no cadáver. O

gordo fora vítima de um infarto fulminante; estava completamente morto quando eles chegaram. Certamente eles não se preocupariam em analisar as circunstâncias muito além daquilo. E eu simplesmente não acreditava que meros quarenta e cinco minutos mudariam significativamente quaisquer investigações forenses. Estávamos salvas, eu tinha certeza disso. Estávamos salvas...

Quando saí novamente, os paramédicos montavam uma maca. O jovem com acne se aproximou de minha mãe.

— A senhora quer vir conosco na ambulância ou nos seguirá em seu carro? — perguntou ele.

Minha mãe ficou completamente perdida diante daquela pergunta. A última coisa que ela desejava era manter aquela farsa no hospital, possivelmente por horas.

— Mas eu não o conheço — respondeu ela, educadamente. — Como expliquei a seus colegas, ele simplesmente largou o carro aqui e desmaiou.

O jovem pareceu tão perdido quanto minha mãe. Por um momento, ele não soube o que dizer, como se ninguém jamais tivesse se negado a acompanhá-lo ao hospital.

— Tudo bem — disse ele, por fim, torcendo o lóbulo de sua orelha e tentando sorrir para esconder sua incompreensão.

Minha mãe claramente sentia uma necessidade de se explicar melhor, como se fosse acusada de ser uma pessoa fria.

— Eu nunca o vi antes. Ele é um completo desconhecido.

O jovem continuou balançando a cabeça enquanto minha mãe falava, mas ainda parecia surpreso e um pouco chocado.

Os paramédicos carregaram o homem gordo para a ambulância e cuidavam dele incansavelmente dentro daquela pequena caixa. A loura tingida colocara uma máscara de oxigênio na boca do homem e pressionava seu pescoço com dois dedos de sua mão direita enquanto a bochechuda amarrava um torniquete no braço dele e se preparava para instalar o soro.

O jovem caminhou até a ambulância e fechou uma das portas. Ele começava a fechar a outra porta quando a loura tingida subitamente gritou, como se sentisse uma dor. O jovem se petrificou, com uma expressão em seu rosto como se

houvesse prendido o dedo da mulher na porta, e olhou para dentro do veículo ansiosamente. Então, vi todo o seu corpo se tencionar.

Tentei ver o que acontecia, mas suas costas cobertas pela roupa branca bloqueavam minha visão. Eu me aproximava da casa quando a loura tingida gritou novamente — esquecendo toda a calma profissional e tomada pela excitação, uma frenética e incontrolável excitação.

— *Há pulso! Há pulso! Senti uma pulsação!*

• • •

MINHA MÃE E EU FICAMOS lado a lado e observamos a ambulância acelerar pelo caminho, com sua sirene ensurdecadora pintando enormes espirais azuis no ar. Ainda estávamos ali, em pé, muito tempo após ela desaparecer, ambas sem palavras e imóveis.

Quando minha mãe finalmente se moveu e virou-se para entrar na casa, percebeu que os óculos do chantagista continuavam no chão, onde ela os posicionara. Os paramédicos não os viram ou os esqueceram ali em meio à excitação. Ela se ajoelhou e os pegou, observando-os. Um símbolo de seu plano cuidadosamente pensado e que se desenrolara tão desastrosamente mal.

Sua expressão ganhou um ar sombrio e, por um momento, pensei que ela atiraria os óculos contra a parede, mas a raiva passou e, em vez disso, ela dobrou as hastes abertas tão gentilmente quanto se fossem as asas machucadas de um passarinho.

MINHA MÃE E EU nos sentamos na sala de estar, atordoadas, estupefatas, como se houvéssemos passado por uma explosão e não conseguíssemos falar ou escutar uma à outra por causa do barulho em nossos tímpanos perfurados.

Afundamo-nos no sofá, incapazes de entender o que havia acontecido (*Há pulso! Há pulso! Senti uma pulsação!*), incapazes de acreditar que os paramédicos conseguiram ressuscitar o homem gordo após todo aquele tempo. Estivemos tão próximas, *tão próximas*, de um final feliz; tão próximas de uma solução brilhante que resolveria tudo tão ordenadamente, tão perfeitamente — apenas para que tudo nos fosse tirado no último instante.

Eu estava paralisada e emudecida, olhando fixamente para o tapete ricamente estampado sob o piano e balançando a cabeça, incrédula. Nós achamos que controlamos o curso de nossas vidas, acreditamos que somos os capitães do navio, com nossas mãos no leme, mas, na verdade, é a Sorte (ou o Destino ou Deus ou como você queira chamar) quem está no controle. Podemos, na realidade, tirar nossas mãos do leme, ir até o fundo do navio e adormecer, porque é essa *outra força* quem decidirá se chegaremos à costa ou se afundaremos sem deixar vestígios. Acreditamos ter todo o controle, mas, na verdade, não temos *nenhum*.

Como puderam ressuscitar o chantagista depois de tanto tempo? Era impossível, era contra toda a lógica, era contra todo o senso comum. Porém, essa *outra força* decretara que assim seria, e, então, assim aconteceu e pronto.

Minha mãe estava inconsolável. Ela se preocupara tanto em reduzir a diferença entre o horário real da “morte” e a chegada dos paramédicos que não pensara que poderia incentivar-lhes a pensar que tinham tempo suficiente para salvar a vida do homem gordo.

Ela folheou agitadamente os poucos livros de medicina que tínhamos na casa — um dicionário médico, um texto de referência para advogados especializados em lesões corporais, um livro de direito criminal intitulado *Evidência forense* — e, por

fim, encontrou um trecho relevante. Ele dizia que a ressuscitação após períodos de tempo maiores que uma hora era possível, mas eram grandes as chances de que a vítima tivesse graves danos cerebrais, tornando-se vegetativa, incapaz de pensar e de falar. Minha mãe se animou um pouco após ler isso, mas logo caiu novamente em uma autorrecriação ansiosa e em uma depressão sombria.

Incapaz de suportar essa tortura, ela telefonou para um dos hospitais locais em busca de informações. Ela encenou mais uma vez o papel da dona de casa ansiosa e recontou toda a história. *Estávamos em casa essa manhã quando um homem desconhecido abandonou o carro em nossa entrada e saiu dele com a mão no peito...* Ela foi transferida de um departamento a outro e, pacientemente, contou a história mais três vezes. Não, ela não sabia o nome do paciente. Não, não sabia em qual ala ele estava. Não, ele não era um parente. Após quase quinze minutos sendo transferida e esperando, ela finalmente foi informada que eles não receberam nenhum paciente que se encaixasse naquela descrição.

Minha mãe estava tão tensa quando finalmente desligou o telefone que desistira de ligar para os outros hospitais aos quais ele poderia ter sido levado.

• • •

APENAS NO FINAL DA tarde nossa agonia finalmente chegou ao fim.

O carro da polícia, cuja chegada eu imaginava há tanto tempo, sinalizando nossa prisão eminente e o fim de nossa tentativa de escapar às consequências da morte de Paul Hannigan, finalmente atravessou a entrada de nossa casa pouco antes das seis da tarde.

Diferentemente de minhas premonições, porém, as luzes azuis do carro da polícia não piscavam, e a batida na porta, quando chegou, foi tímida, quase como se pedisse desculpas. Tampouco fomos confrontadas pelos agentes em uniformes pretos com rádios barulhentos, como eu pensei. Em vez disso, quando minha mãe abriu a porta, vimos um jovem oficial, usando uma camisa branca de mangas curtas, balançando o quepe em

suas mãos, pois estava quente demais para usá-lo. Ele parecia um querubim da Renascença, com olhos azuis, bochechas rosadas e cabelos louros encaracolados, que circundavam a gola de sua camisa e eram certamente mais compridos do que a polícia permitia. Meu primeiro pensamento, quando o vi, foi: *Ele não pode estar aqui para nos prender. Eles não mandariam um anjo com notícias tão terríveis...*

— Sra. Rivers? — perguntou ele, gravemente.

Minha mãe assentiu, nervosa demais para confiar em sua fala, e mostrou a ele o caminho até a sala de estar. A atmosfera ao nosso redor era pesada, densa, como caminhar na água. Todos nos sentamos, e o policial retirou do bolso da camisa um pequeno caderno e um lápis verde-escuro em miniatura. Ele pulou algumas folhas, buscando uma em especial. (*Será que no caderno havia aquela fórmula que eles precisavam pronunciar sempre que prendiam alguém? Será que ele precisava ler o papel porque não conseguia se lembrar? “Tudo o que disser poderá ser usado contra você...”?*)

Esperamos em silêncio e tive a estranha sensação de o tempo se tornar mais lento, cada vez mais lento, até quase parar. Vi tudo ao meu redor em câmera lenta: o jovem policial virando uma página de seu pequeno caderno e a ponta de sua língua surgindo no canto da boca enquanto ele se concentrava na busca, minha mãe sentada na ponta de sua cadeira, com uma preocupação que produzia marcas parecidas com rasgos em sua testa e as mãos no rosto, como a figura na ponte no quadro *O grito*, de Munch.

Nos segundos seguintes, o jovem policial sentenciaria nosso destino. O homem gordo estava vivo, contara tudo o que sabia à polícia e estávamos presas; ou o homem gordo estava morto e nós estávamos salvas.

E, naquele momento, senti uma estranha calma me dominar, a calma que vem com a resignação diante do momento final. Era como se eu houvesse passado por tanta coisa que fora drenada de emoções, e, no lugar delas, a resignação caíra como um manto de neve, deixando-me anestesiada, protegendo-me da dor que estava por vir. Imaginei se as pessoas prestes a serem

executadas sentiam essa mesma calma, essa mesma doce resignação, e se ela vinha para protegê-las em seus momentos finais de agonia, quando a corda era amarrada ao redor de seus pescoços, quando suas mãos eram atadas atrás das costas, permitindo que morressem em paz...

O policial finalmente encontrou a página certa e olhou diretamente para minha mãe.

— Temo que seja meu dever informá-la — disse ele —, que o homem que foi levado daqui hoje, Sr... — ele olhou para suas anotações — ... Sr. Martin Craddock, morreu antes de chegar ao hospital.

— Oh, que horror — disse minha mãe, no momento perfeito e com a entonação perfeita de uma atriz talentosa. — Verdadeiramente triste, mas com um toque mínimo de estoicismo. — Isso é terrível. Isso é *realmente terrível*.

Senti uma onda de alegria e de alívio, que precisei me esforçar para controlar. Eu queria saltar pelo ar e dançar pela sala; queria abraçar o policial e cobrir suas bochechas de querubim com beijos.

*Ele estava morto! O homem gordo estava morto!*

O policial esboçou uma expressão de sofrimento, que deveria mostrar seu pesar pela morte repentina do Sr. Craddock naquela manhã, mas não teve muito sucesso. Eu o vi olhar disfarçadamente para seu relógio. Ele queria resolver logo aquilo. Queria estar em outro lugar.

Ele ouviu novamente a versão de minha mãe sobre os eventos daquela manhã, porém o fez mais por educação que por um interesse real por parte da polícia. Ele assentiu e concordou em alguns momentos, mas não escreveu nada em seu caderninho e já havia guardado cuidadosamente o lápis em miniatura em seu bolso. Ele olhava ao redor, como se esperasse que um cãozinho surgisse saltitando e desse a ele uma desculpa para mudar de assunto.

Quando minha mãe terminou, fez-se um silêncio longo e estranho. O policial, que estava claramente ansioso para partir, esforçou-se para encontrar algo apropriado para dizer:

— Ele tinha um longo histórico de cardiopatia, pelo que eu soube. Acabara de sair do hospital.

— É mesmo? — comentou minha mãe. — É muito triste.

Depois de mais uma pausa desconfortável, ele se aventurou em uma filosofia barata:

— Bem, é a vida. A cada minuto alguém nasce, a cada minuto alguém morre. O mundo é assim, certo?

Houve um momento embaraçoso após sua fala, enquanto ela pairava no ar, que minha mãe sensatamente interrompeu antes que uma de nós caísse na gargalhada. Ela se levantou rapidamente e disse:

— Sim... Bem, o senhor deve ser um homem muito ocupado. Agradecemos muito que tenha vindo até aqui nos informar como tudo terminou. É muita gentileza sua.

Levantei-me também e, ao me ver, o policial levantou-se com mais entusiasmo que o adequado para a situação. Todos ficamos ali, incertos sobre como agir, escondendo nosso alívio por aquela entrevista ter chegado ao fim.

— Ah, antes que eu me esqueça... — Minha mãe pegou os óculos do homem gordo, que estavam sobre o piano. — Os paramédicos deixaram isso para trás.

O policial segurou os grandes óculos e parecia prestes a fazer uma piada quando se lembrou das circunstâncias nas quais eles foram perdidos. Eles apenas foram colocados no bolso de sua camisa.

Levamos o policial até a porta, acompanhando-o até a entrada da casa.

— É o carro dele? — perguntou ele, apontando com seu quepe.

— S-sim — disse minha mãe, incapaz de esconder o nervosismo em sua voz.

Ele deu a volta até o lado do motorista e inclinou-se dentro do velho carro turquesa. O policial ficou ali por alguns minutos. Olhei para a minha mãe, em dúvida, e ela apenas sacudiu os ombros para mim, mas percebi que as marcas de preocupação voltaram à sua testa.

Por fim, o policial fechou a porta do motorista, deu a volta no carro e parou, colocando uma das mãos no quadril e, com a outra, coçando a têmpora.

— É estranho — disse ele, com um sorriso perplexo.

— O que é estranho, policial? — O comportamento de minha mãe tornou-se subitamente menos convincente. Sua expressão era tensa, frágil.

— Foi estacionado tão *bem*. — Finalmente, ele havia encontrado algo que o interessasse naquela simples tarefa tediosa que recebera. — Quero dizer, ele estava tendo um ataque do coração, mas consegui estacionar o carro perfeitamente atrás do seu. E, não apenas isso, colocou-o em ponto morto, puxou o freio de mão, desligou o motor e guardou as chaves no bolso... Enquanto devia sentir uma dor excruciante. É incrível!

Ele sorriu para minha mãe, mas ela parecia insegura sobre como responder; ela tinha uma grande dificuldade em encarar os olhos azuis dele.

— Força do hábito, suponho — disse ela, de modo seco.

— Deve ter sido. — Ele riu, enganchando o polegar no bolso da calça. — Deve ter sido. Mas é inacreditável, não é?

— Sim. — Minha mãe foi relutantemente forçada a concordar. — É difícil de acreditar.

O policial observou o carro, com grande espanto, por mais alguns instantes, e, então, balançando a cabeça como se indicasse que nunca se cansava de se surpreender com as coisas que via em seu trabalho, ele se virou e caminhou até a viatura.

— Pediremos a alguém que venha rebocar o veículo essa noite — disse ele, olhando para trás. — Tenho certeza de que vocês não querem esse carro bloqueando sua entrada por semanas!

Com isso, ele ligou o motor e, com um aceno casual, partiu.

NO DIA SEGUINTE, DOMINGO, minha mãe e eu dormimos até tarde. Quebramos nossa rotina e preparamos um farto café da manhã — ovos, bacon, cogumelos e tomates fritos —, que comemos sentadas à mesa da cozinha, folheando os numerosos suplementos do jornal.

Minha mãe parecia dez anos mais jovem; a exaustão e a terrível tensão da manhã anterior haviam desaparecido de seu rosto.

— Você dormiu bem? — perguntei.

Ela sorriu abertamente.

— Muito bem, obrigada, Shelley, muito bem mesmo. Como um bebê.

Eu também sorri. Minha mãe dormia novamente. Era um bom sinal.

Aquele dia tinha um ar especial, mágico, como um dia de Natal. Depois de tudo o que aconteceu no dia anterior, e de tudo o que enfrentamos desde as primeiras horas do dia onze de abril, a nauseante de montanha-russa que nossas vidas se tornaram, o alívio por tudo finalmente chegar ao fim era maravilhoso.

Eu estava em êxtase. Sentia-me como o sobrevivente de um naufrágio que, após ficar à deriva por semanas em um bote salva-vidas aberto, atacado por tempestades e por inúmeras ondas do tamanho de casas, é resgatado contra todas as probabilidades e subitamente se encontra sentado diante de uma lareira aconchegante, enrolado em cobertores e bebericando algo quente. Eu saboreava cada detalhe pequeno e mundano de tudo o que me cercava como se testemunhasse um milagre: a maneira com que o creme, como uma nuvem no formato de um cogumelo, lentamente estendia seus tentáculos curvilíneos nas profundezas mais escuras de meu café, os redemoinhos de poeira girando como miniaturas de sistemas solares à luz do sol, dançando através da janela da cozinha, as minúsculas veias arroxeadas nas pálpebras de minha mãe enquanto ela lia o jornal, os sinos distantes da igreja que se uniam em uma nota fraca e cristalina, que parecia falar sobre um passado idílico,

doce como uma caixa de chocolates. Eu saboreava tudo, eu amava todas as coisas apenas por existirem.

Não nos trocamos até as onze horas, e, ainda assim, apenas nos sentamos novamente à mesa da cozinha, continuamos lendo o jornal e preparamos mais uma jarra de café.

Não conversamos muito sobre os acontecimentos do dia anterior; mas ocasionalmente uma ideia passava por nossa cabeça e falávamos.

— Você acha que o chantagista disse a verdade? — perguntei. — Quando ele disse que não contara a ninguém que matamos Paul Hannigan.

Minha mãe pensou.

— Sim, acho que sim. Ele nos contou a verdade sobre seu problema no coração, afinal.

— E sobre Paul Hannigan não ter parentes próximos que o procurariam?

— Essa é uma pergunta mais difícil. É apenas o que Hannigan disse a ele. Tudo o que posso dizer é que a sensação ruim em meu estômago desapareceu. Realmente acredito que tudo acabou.

Um pouco depois, minha mãe exclamou:

— Imagine se eu tivesse atirado nele, Shelley! Precisáramos nos livrar do corpo e daquele carro velho. *Imagine!*

Eu balancei a cabeça, assustada ao pensar sobre o quão perto chegamos de adentrar aquela câmara dos horrores mais uma vez. O que faríamos com o corpo do homem gordo? Enterraríamos no quintal? Cavaríamos uma cova na horta? E o que faríamos com o carro? Abandonaríamos em algum outro lugar, com todos os riscos que isso envolvia, ou seria possível afundá-lo em um dos fossos do parque nacional, como eu sugeri? Era insuportável pensar...

— Ainda bem que você é tão ruim de mira — brinquei, mas minha mãe não riu como eu esperava.

— É como um *milagre* — disse ela. — Quer dizer... Como posso ter errado estando tão perto? A arma praticamente tocava a nuca dele. Não é possível, Shelley. Simplesmente não é possível.

Mais tarde ainda, pensando na conversa que tivemos no dia anterior (*Zugzwang. É um termo nos jogos de xadrez.*), falei:

— Foi um pouco como um jogo de xadrez, não foi?

— Suponho que sim, de certa forma. Certamente precisamos pensar bastante antes de cada movimento.

Pensei em todas as decisões que minha mãe havia tomado desde que golpeará a cabeça de Paul Hannigan com a tábua de mármore: enterrá-lo no jardim em vez de telefonar para a polícia, manter nossa rotina como se nada houvesse acontecido, jogar os sacos de lixo nas minas abandonadas, onde nunca seriam encontrados, guardar a arma, encenar a morte do homem gordo para os paramédicos quando percebeu que ele morrerá por causa de um ataque cardíaco. Tantas decisões difíceis, tantos movimentos certos.

— Você jogou de forma brilhante, mãe.

— Nós jogamos, Shelley. Nós jogamos.

Quando minhas costas começaram a doer por estar sentada por muito tempo na cadeira de madeira da cozinha e quando me cansei de ler sobre as novas tendências da moda, as novas dietas, os novos filmes e as novas celebridades, falei mais uma vez:

— Não me sinto culpada pelo que fizemos, mãe. Estou satisfeita que estejam mortos. Não sinto culpa por nada... Nem mesmo por ontem. Ele teve o que mereceu. Um bom destino para um lixo ruim, em minha opinião. Tudo o que fizemos, *tudo*, foi em legítima defesa. Incluindo ontem.

• • •

DEPOIS DO ALMOÇO, dirigimos pelas estradas do interior e fizemos uma longa caminhada pela margem do rio. Era mais um dia glorioso, e as cores da paisagem pareciam incrivelmente vibrantes. O amarelo das plantações de canola era tão intenso que eu mal conseguia olhar; era como encarar o centro do sol. O céu era azul profundo; as montanhas ao longe tinham um tom lilás; as pequenas árvores ao longo da margem do rio eram ao mesmo tempo verdes e amareladas; a grama alta e repleta de moitas era esmeralda e as flores silvestres que cresciam entre ela tinham o mais puro tom branco.

— É como estar em um quadro de Van Gogh — disse minha mãe. — É como se as cores não tivessem sido misturadas em uma paleta, e simplesmente saíssem do tubo dessa forma.

Quando chegamos a uma parte afastada do rio, onde as urtigas ardidas cresciam livremente, minha mãe olhou ao redor e teve certeza de que não havia pescadores ou pessoas caminhando por perto; e, então, pegou a arma em sua bolsa e jogou-a rapidamente no rio. O objeto desapareceu com um agradável *plosh*.

— Você não disse que a água sempre revela nossos segredos?

— Não importa. Eles nunca ligarão essa arma a nós. Eu apenas não a quero em casa por mais tempo.

— Você tem certeza de que não precisaremos dela?

Minha mãe me abraçou.

— Sim, Shelley, tenho certeza. Depois de tudo o que passamos, nunca mais terei medo de coisa alguma.

À sombra de um salgueiro, em um pequeno buraco na terra seca, queimamos a carteira de motorista de Paul Hannigan. Minha mãe aproximou um isqueiro do documento, que lentamente escureceu enquanto os cantos se curvavam em reação ao calor. O fogo produziu uma fumaça negra com um cheiro ácido, que pensei ser apenas adequada à cremação da alma tóxica de Paul Hannigan. Senti um imenso alívio ao observar o rosto dele se derreter e se tornar irreconhecível.

A revelação do homem gordo sobre a carteira de motorista de Paul Hannigan guardada em minha penteadeira não causara a horrível discussão com minha mãe que pensei ser inevitável — nem mesmo no dia anterior, quando passamos tantas horas miseráveis dentro de casa, esperando ansiosamente que nosso destino fosse decidido. E naquele momento, quando o documento se derretia na pequena cova seca entre nós duas, eu soube que aquela briga nunca aconteceria. Minha mãe nunca me questionaria, nunca me reprovava, nunca abordaria esse assunto novamente. Eu soube que ela havia me perdoado.

Minha mãe olhou para mim e sorriu com doçura:

— Nada de segredos?

— Nada de segredos — concordei sem hesitar.

Quando a chama se apagou e a temperatura das cinzas diminuiu, apertei o pequeno inseto preto que era tudo o que sobrara da carteira de identidade de Paul Hannigan, e ele se desmanchou.

• • •

MAIS TARDE, SENTIMOS vontade de nos sentar no jardim. Apesar de minhas cicatrizes melhorarem aos poucos, eu ainda precisava ter cuidado, e procuramos um ponto com uma boa sombra.

— O que acha de nos sentarmos ali? — perguntou minha mãe, apontando para o final do jardim.

Eu empalideci. Ela apontava para a roseira oval e para a farta exuberância de botões cor-de-rosa que jorravam dos arbustos como se ele fosse uma fonte inesgotável de flores.

Ela viu minha expressão e percebeu seu erro.

— Talvez seja melhor ali, perto da...

Porém, eu a interrompi.

— Não, podemos ficar perto da roseira.

Então, pegamos nossas cadeiras de plástico e nos sentamos à sombra fresca das rosas, a poucos metros da cova rasa de Paul Hannigan. Dominei minha repulsa, controlei-a, racionalizei-a. Independentemente de estar ou não perto do cadáver de Paul Hannigan, ele estaria sempre comigo. Na verdade, eu começara a acreditar que ele era *uma parte de mim*, da mesma maneira que os homens daquela tribo, que eu assistira na TV, acreditavam que os porcos selvagens e os macacos que matavam se tornavam parte deles. Não haveria como escapar dele, não haveria como correr dele. Paul Hannigan estaria comigo para sempre. Para o bem e para o mal.

A cena surreal deu-me até mesmo uma ideia para um quadro que pensei em pintar algum dia: duas finas moças vitorianas tomando chá em um gramado enquanto, no canteiro de flores atrás delas, seria possível ver um cadáver esverdeado nas roupas em que fora enterrado. Eu o chamaria de *No centro da vida, estamos na morte*, retirando o título da frase repetida nos serviços funerários da Igreja Anglicana. A mensagem seria

que não importa onde estejamos ou o que façamos, a Morte e o Horror estão sempre por perto. O desafio é seguir com nossas vidas e sermos felizes mesmo que sempre possamos vê-los, de relance e borrados, mas ainda reconhecíveis no fundo de cada cena.

Cochilamos e conversamos preguiçosamente e, quando todo jardim estava pintado em sombras violeta, toquei levemente o ombro de minha mãe.

— Hum? — Ela sorriu, sonolenta, sem abrir os olhos.

— Quero voltar à escola, mãe — falei.

Ela abriu os olhos e havia surpresa e ansiedade neles; as rugas voltaram à sua testa.

— Mas faltam apenas algumas semanas para seus exames, Shelley. As principais aulas já terminaram, certo?

— Sim, terminaram, mas há algumas aulas de revisão a que eu gostaria de assistir. A Sra. Harris tem todos os detalhes, e eu gostaria de rever alguns dos professores antes dos exames... Principalmente a Srta. Briggs.

Minha mãe não havia expressado sua real preocupação, portanto sua testa continuava franzida.

— E aquelas garotas... Teresa Watson e as outras duas? E se elas estiverem lá?

— Não acho que estarão, mãe; duvido que as aulas de revisão despertem algum interesse nelas. Mas, se estiverem...

Lembrei-me de como peguei a faca sobre a mesa da sala de jantar e apunhalei as costas de Paul Hannigan; lembrei-me de como persegui o homem gordo pela entrada da casa com sede de sangue em meu coração. Se Teresa Watson tocasse em mim, eu a pressionaria contra a parede, apertando sua garganta, antes que ela pudesse perceber o que estava acontecendo. Quando ela olhasse em meus olhos, quando ela visse do que sou capaz, correria desesperadamente. Eu havia matado dois homens; eu não teria medo de uma colegial.

— Não se preocupe — continuei. — Elas não farão nada comigo. Eu já não tenho medo delas. Aliás, *elas* devem ter medo de *mim*.

Eu sabia que aquelas palavras haviam saído de minha boca, mas o sentimento era tão pouco familiar aos meus ouvidos que era quase como se outra pessoa as houvesse dito. Não era um rato falando; eu não me esquivaria pelos cantos à procura de um lugar seguro onde me esconder, eu não ficaria completamente parada, esperando não ser vista. Eu me sentia mais forte, mais confiante, mais *capaz* do que nunca. A vida é brutal. A vida é selvagem. A vida é uma guerra. Eu compreendia isso agora. Eu aceitava isso. E eu disse: *pode vir*. Eu já não seria vítima de ninguém. Nunca mais.

— E tem mais uma coisa, mãe. Quero telefonar para o meu pai.

O braço dela se moveu como se houvesse sido picado por um mosquito; sua mandíbula se contraiu.

— Bem, essa decisão é sua — disse ela, com a voz seca e trêmula. — Não a impedirei.

Não, ela *não* me impediria, tampouco Zoe. Se Zoe atendesse ao telefone, eu não desistiria (*“Diga a ele que é a filha dele”*). Ele não me rejeitaria tão facilmente. Não sem uma explicação. Não sem ser cobrado. *Não sem escutar o que eu tinha a dizer*.

Minha mãe acariciou meus cabelos e colocou-os atrás da orelha, pousando sua mão em meu pescoço.

— Suas cicatrizes estão se curando maravilhosamente — disse ela.

— Eu sei, eu sei. Mais alguns meses e dificilmente poderemos notá-las.

Ela acariciou meu rosto gentilmente e sorriu.

— Nova em folha.

— Não — murmurei. — *Ainda melhor*.

## Sobre o autor



Gordon Reece nasceu no Reino Unido e estudou literatura inglesa no Keble College, em Oxford. Autor de graphic novels e de diversos livros infantis ilustrados, *Ratos* é seu primeiro romance.